

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Lílian Weber

PRODUZIR(-NOS) _{ponto} COM:
A constituição do coletivo “Rede HumanizaSUS” e a produção
cooperativa

Porto Alegre
2012

Lilian Weber

PRODUZIR(-NOS) ponto COM:
A constituição do coletivo “Rede HumanizaSUS” e a produção
cooperativa

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Carmem Ligia lochins Grisci

Porto Alegre

2012

CIP - Catalogação na Publicação

Weber, LÍlian

PRODUZIR(NOS) ponto COM: a constituição do coletivo \"Rede HumanizaSUS\" e a produção cooperativa / LÍlian Weber. -- 2012.
213 f.

Orientadora: Carmem Ligia Iochins Grisci.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. cooperação produtiva. 2. coletivo de trabalho. 3. redes sociais. 4. humanização em saúde. I. Grisci, Carmem Ligia Iochins, orient. II. Título.

Lilian Weber

PRODUZIR(-nos) _{ponto} COM:
A constituição do coletivo “Rede HumanizaSUS” e a produção
cooperativa

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Administração.

Conceito Final: Aprovada.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria José Tonelli – EAESP/FGV

Profa. Dra. Simone Mainieri Paulon – PPGPsi/Instituto de Psicologia/UFRGS

Profa. Dra. Claudia Simone Antonello – PPGA/EA/UFRGS

Orientadora: Profa. Dra. Carmem Ligia Iochins Grisci – PPGA/EA/UFRGS

Dedico esta tese à Regina Coeli, minha
mãe, por permitir a vida.

AGRADECIMENTOS

A escolha de temas de estudo e pesquisa respondem não apenas aos objetivos acadêmicos e à relevância de construção do conhecimento, mas fala de quem somos e do que nos afeta. Nesta tese não seria diferente e, mesmo sendo resultado de um processo individual de elaboração e escrita, ela seria inviável sem as muitas conexões estabelecidas. Por produzirem-viverem comigo, meu muito obrigada:

Ao Euler, cujo apoio foi (é) imprescindível;

À minha família: meus pais, irmãos, cunhadas e sobrinhos, pelo incentivo, pelos encontros reconfortantes e pela alegria;

À professora Carmem Grisci, por ter acreditado na possibilidade deste trabalho;

À professora Simone Paulon, pela experiência compartilhada, pelo apoio e amizade, na Intercessão de nossos múltiplos interesses e afazeres de trabalho-vida;

À professora Cláudia Simone Antonello, pelas trocas, pelo incentivo e por me incluir como agregada em sua “trupe”;

À professora Maria José Tonelli, por suas contribuições na banca de avaliação da tese;

Às professoras Jacqueline Tittoni e Gislei Lazzaroto, interlocutoras desde os tempos da graduação, pelo acolhimento em diferentes momentos neste percurso de formação permanente;

Ao Ricardo Teixeira pela disponibilidade dos encontros (presenciais e virtuais) em meio ao concorrido cotidiano e o conhecimento compartilhado, acreditando sempre nas vias de cooperação;

Aos membros da Rede HumanizaSUS que acolheram e estimularam a realização da pesquisa, entusiastas na construção conhecimento;

Às Gurizas cuja amizade sobrevive às distâncias geográficas em parte graças à ferramenta do grupo na internet;

Ao Leo e à Dea por permanecerem sempre por perto, na verdadeira afirmação de estar juntos;

Aos colegas de PPGA Luciano, Débora, Ionara, Mariana, Alexandra, Marcelo, Daniela e Mauro pela convivência durante este percurso; e aos colegas de outros programas de Pós, encontrados nos acasos das disciplinas, Eliane, Raquel e Valéria, que fizeram a diferença;

À CAPES, pelo apoio financeiro concedido na forma de bolsa de doutoramento.

Comum
Com um
Com dois
Com muitos
Com todos
Entre todos
Para todos

(ALVES, 2011¹)

RESUMO

Qual a produção possível a partir das conexões entre trabalhadores participantes de uma rede social na internet? Esta foi a questão norteadora desta tese que teve como objetivo apreender tais conexões e analisar suas possibilidades enquanto veículo de produção cooperativa do trabalho e de si em contexto de trabalho imaterial. A rede escolhida foi a Rede HumanizaSUS (RHS), um blog coletivo vinculado às propostas da Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do Sistema Único de Saúde (PNH). A RHS constitui-se como uma rede de cooperação e articulação da inteligência coletiva, reunindo trabalhadores, gestores ou não, usuários e demais interessados no tema da saúde. Acompanhei esta Rede em um percurso cartográfico, método que consiste no mapeamento de territórios psicossociais, seguindo as linhas de força que os constituem. Atenta aos processos que compõem a subjetividade e que se passam entre os estados instituídos, a cartografia busca abarcar a complexidade da vida, resistindo às tendências reducionistas de métodos simplificadores. Este processo teve início em uma leitura flutuante, de reconhecimento dos temas, dos participantes, das tendências, dos desvios etc. A partir daí, estabeleci dois movimentos. O primeiro consistiu na alteração da forma de ler. Menos despreendida do que no primeiro momento, esta foi realizada com a lupa do objetivo de pesquisa. Neste movimento, percorri todos os posts que figuraram na página principal da RHS desde seu início, em fevereiro de 2008, a julho de 2011. O segundo movimento consistiu no esquadrinhamento dos 630 posts publicados na página principal da RHS no ano de 2010. Estes dois movimentos possibilitaram a constatação da produção cooperativa que se evidenciou em dois planos complementares. O primeiro plano contempla a produção dos serviços de saúde, envolvendo os elementos que favorecem a realização do trabalho com relação aos conhecimentos, às experiências e aos modos de colocar o saber em prática, abrangendo comunicação, criatividade e afeto, aspectos típicos do trabalho imaterial. O segundo plano enfoca a produção do coletivo a partir dos laços estabelecidos na Rede, das interações favorecidas pelas tecnologias da informação e comunicação que produzem outros modos de subjetivação. Estes planos são sustentados em pontos de adensamento nas conexões, os nós da Rede, compreendidos mais pela sua força na composição de sentidos do que por uma rigidez. A partir de tais nós, encontrei a possibilidade de produção coletiva na Rede. Mais ainda, me deparei com a produção coletiva de um coletivo produtor, contrastando com o modo indivíduo valorizado contemporaneamente. Na RHS são estabelecidas novas relações com as práticas de saúde e com outros trabalhadores, afetando os sentidos atribuídos ao trabalho-vida, demonstrando potência do encontro na esfera online para produzir saúde, saudavelmente, reforçando as conquistas mas também reconhecendo os desafios.

Palavras-chave: cooperação produtiva; coletivo de trabalho; redes sociais; humanização em saúde.

ABSTRACT

What is the possible production from the connections between workers participating in a social network on the internet? This was the guiding question of this thesis aimed to grasp such connections and analyze its possibilities as a vehicle for cooperative production of the work itself and in the context of immaterial labor. The network chosen was “Rede HumanizaSUS” (RHS), a group blog linked to the proposals of the National Policy of Humanization of Care and Management of the Health System. The RHS is as a network of cooperation and coordination of collective intelligence, bringing together workers, managers or not, users and other stakeholders in the health theme. I followed this path in cartography, a method that consists in mapping psychosocial territories, following the lines of force that constitute them. Aware of the processes that form the subjectivity and that pass between the states established, mapping seeks to embrace the complexity of life, resisting the trends simplistic reductionist methods. This process began in an initial reading, recognition of the topics, participants, trends, deviations etc. From there, I established two movements. The first was the change of how to read. Less detached than the first time, this was accomplished with the magnifying glass of the research goal. In this movement, went through all the posts that figured in the RHS home page since its inception in February 2008 to July 2011. The second movement consisted in scrutinizing the 630 posts published on the homepage of the RHS in 2010. These two movements made possible the realization of cooperative production that was evident in two additional planes. The first plan includes the production of health services, involving the elements that favor the completion of work in relation to knowledge, experience and the ways to put knowledge into practice, including communication, creativity and affection, typical aspects of immaterial labor. The second plan focuses on the production of the collective from the links established in the network, the interactions favored by information and communication technologies that produce other modes of subjectivity. These plans are supported at points of density of connections, the nodes of the network, included more for its strength in the composition of the senses than by rigidity. From these I found the possibility of collective production in the Network. Moreover, I stumbled upon the collective production of a collective producer, contrasting with the way the individual valued contemporaneously. In the RHS are established new relationships with health practices and with other employees, affecting the meanings attributed to work-life, demonstrating the power of the online sphere meeting in order to produce health, healthy, reinforcing the achievements but also recognizing the challenges.

Key words: productive cooperation, collective of work, social networks, humane health care.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Conexões possíveis	16
Figura 2 -	Articulação na Rede – repercussão nas ruas	99
Figura 3 -	Escrever... ..	103
Figura 4 -	Os efeitos das palavras	106
Figura 5 -	Diálogos	114
Figura 6 -	RHS: estabelecendo pontes	126
Figura 7 -	A arte da afetação	130
Figura 8 -	Aprendizagens na e através da RHS	134
Figura 9 -	Outros cenários e outros modos de trabalhar	139
Figura 10 -	A Rede em Roda	146
Figura 11 -	Entre o que captura e o que escapa: a RHS	151
Figura 12 -	Composições híbridas	155

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Esquadrinhando a RHS (I) – categorias por assuntos dos posts publicados em sua página principal, no ano de 2010	109
Quadro 2 -	Esquadrinhando a RHS (II) – distribuição dos comentários por posts conforme categorias de assuntos	115
Quadro 3 -	Esquadrinhando a RHS (III) – a relação entre o assunto do post e o tipo de comentário	117

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior
FSM	Fórum Social Mundial
GTH	Grupo de Trabalho de Humanização
MS	Ministério da Saúde
PNH	Política Nacional de Humanização
RHS	Rede HumanizaSUS
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A REDE HUMANIZASUS	26
3	MAPEANDO O TERRITÓRIO, PRODUZINDO SENTIDOS: A CARTOGRAFIA NA REDE HUMANIZASUS	36
3.1	PISTAS DO MÉTODO CARTOGRÁFICO	40
3.1.1	Pista 1 - A indissociabilidade entre pesquisa e intervenção	40
3.1.2	Pista 2 - O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo....	41
3.1.3	Pista 3 - Cartografar é acompanhar processos	42
3.1.4	Pista 4 - Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia	42
3.1.5	Pista 5 - O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica.....	43
3.1.6	Pista 6 - Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador	44
3.1.7	Pista 7 - Cartografar é habitar um território existencial	44
3.1.8	Pista 8 - Cartografia exige uma mudança das práticas de narrar	45
3.2	A PESQUISA NA INTERNET	46
3.3	CARTOGRAFANDO A REDE HUMANIZASUS – ESTRATÉGIAS E PROCEDIMENTOS ADOTADOS NA PESQUISA	50
4	“PRODUZIR(-SE)”: A PRODUÇÃO NO PARADIGMA DO TRABALHO IMATERIAL.....	59
5	“PRODUZIR(-SE) COM”: A PRODUÇÃO COOPERATIVA NO PARADIGMA DO TRABALHO IMATERIAL	73
6	“PRODUZIR(-SE) PONTO COM”: A PRODUÇÃO COLETIVA EM CONEXÕES NA INTERNET.....	89
7	“PRODUZIR(-NOS) ponto COM”: A COMPOSIÇÃO DO COLETIVO REDE HUMANIZASUS	104
7.1	CONEXÕES DE COOPERAÇÃO PRODUTIVA NA RHS E OS NÓS QUE SUSTENTAM A PRODUÇÃO DE SERVIÇO DE SAÚDE	108
7.1.1	Nó posts (I): o lugar da escrita na produção de serviço de saúde ..	109
7.1.2.	Nó posts (II): conteúdos e efeitos	112

7.1.3. Nó comentários: promovendo diálogos	120
7.1.4. Nó online – off-line: as conexões estabelecidas	133
7.1.5. Nó estética: a potência de criação	137
7.1.7. Nó produção de conhecimentos: aprendizagens possíveis	141
7.2. CONEXÕES DE COOPERAÇÃO PRODUTIVA NA RHS E OS NÓS QUE SUSTENTAM A CONSTITUIÇÃO DO COLETIVO	144
7.2.1. Nó produzir-nos: a produção do coletivo RHS na internet	146
7.2.2. Nó cogestão: a gestão horizontal que faz a Rede rodar	153
7.2.3. Nó tensões dos contraditórios: a realidade híbrida de produzir(nos) <small>ponto</small> COM	159
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
REFERÊNCIAS	169
ANEXO 1 – Post “Cartografando a RHS”	179
ANEXO 2 – Post “O que significa a RHS para você?”	182
ANEXO 3 – Exemplos de posts por categorias	184
ANEXO 4 – Exemplos de comentários por categorias	202
Referências na RHS	205

1. INTRODUÇÃO

A elaboração de uma questão de pesquisa se faz por fluxos que nem sempre são perceptíveis desde seu início. A aprendizagem de novos conhecimentos e a curiosidade instigam a seguir determinadas pistas cujas conexões, por vezes, só depois de certo trecho percorrido é que são compreendidas. A consciência deste percurso é importante, pois não apenas explicita a implicação, a trajetória e as escolhas passadas, mas situa o caminho a seguir.

A questão que me instigou a elaboração desta tese, remonta ao interesse por grupos despertado ainda durante a graduação em Psicologia. Particularmente, os grupos no âmbito do trabalho, isto é, a produção realizada coletivamente e sua dinâmica. Este interesse focalizou-se na área da saúde, a partir da realização da Residência em Saúde Coletiva e da atuação como psicóloga do trabalho no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, quando houve a oportunidade para trabalhar com estes temas – grupos/trabalho/saúde – no cotidiano organizacional.

Esta experiência e a vontade de seguir estudando me levaram a realizar o mestrado na área de Gestão de Pessoas, mais especificamente na linha de pesquisa Trabalho, Gestão e Subjetividade. Contudo, à época, estava mais mobilizada pela experiência de assessoria direta às chefias intermediárias e pelas questões vivenciadas por elas no cotidiano de trabalho. Desta forma, sob o título “Gestão, subjetividade e trabalho em saúde: o gestor intermediário hospitalar em foco” (WEBER, 2008), minha dissertação de mestrado teve por objetivo compreender os modos de vivenciar e dar sentido à experiência de gestão de chefias intermediárias de um hospital universitário público (WEBER e GRISCI, 2010).

Na dissertação foram levantados diversos aspectos, dentre os quais a relevância das conexões para a produção – do trabalho e de si. No projeto piloto da pesquisa da dissertação, foi constituído um grupo visando incluir os gestores na formulação do problema. Naquele momento, propus uma atividade de recorte-colagem de figuras de revistas, de forma que os participantes pudessem elaborar cartazes sobre “o que entendiam por ser chefia no hospital”. Uma das figuras

escolhidas foi a apresentada a seguir (Figura 1). Ao falar sobre sua escolha, o gestor mencionou que no trabalho deles havia a necessidade de se relacionar bem com as pessoas, para “dar agilidade ao resultado”.

Figura 1: Conexões possíveis



Fonte: Recorte de revista escolhido por gestor intermediário hospitalar participante da pesquisa (Weber, 2008).

Posteriormente, no desenrolar da pesquisa, esta imagem adquiriu nova expressão. Fui constatando que as conexões eram requisitos não apenas para agilizar, mas para que o resultado fosse efetivamente alcançado. Assim, eram percebidas como essenciais para a “sobrevivência” no trabalho. E não se tratavam de relações no âmbito das equipes indicadas pelo organograma ou dos espaços formais de reunião. As conexões produtivas estabeleciam-se pelas articulações entre os mais diferentes setores, por escolhas próprias, por afinidades.

Tais relações facilitavam a realização do trabalho, o que ficou evidenciado na própria constituição do grupo da minha pesquisa. Os gestores participantes afirmaram que haviam aceito o convite porque entendiam que seria algo importante “para mim” e estavam presentes para “me ajudar”. A princípio, fiquei incomodada com tal motivação. Como pesquisadora, considerava que a construção do conhecimento deveria ser o motivo que os faria deixar suas atribuladas rotinas de trabalho para reunirem-se e discutir o tema proposto; como psicóloga, considerava que havia uma inversão, já que imaginava que “eu estaria ajudando” a explicitar os sentidos de seu trabalho, propiciando um espaço de análise. Com o decorrer da

pesquisa, fui entendendo que estes aspectos também estavam presentes e que não havia demérito na motivação pelo afeto. Ao contrário. Reconheci a potência dos vínculos afetivos e de confiança para a produção. Nos encontros do grupo, foi ficando claro que esta motivação era extensiva às outras práticas dos gestores em seu cotidiano de trabalho.

Assim, as conexões possibilitavam o estabelecimento de laços de solidariedade, de reconhecimento, de apoio mútuo e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento do trabalho. As conexões permitiam a produção dos serviços e a produção de sentidos, compondo linhas de subjetivação, afetando a produção de si. Porém, à época, esta questão, que agora já aparece sob uma nova leitura, não foi o foco da discussão. A oportunidade para fazê-lo, foi seguir o processo de pesquisa, numa perspectiva de continuidade e avanço do conhecimento, buscando compreender a dinâmica das conexões na interrelação com esta co-produção do trabalho e de si.

Desta forma, no doutorado, retornei aos dados e análises da dissertação, o que estimulou, em um primeiro momento, a problematização do discurso gerencial hegemônico acerca do trabalho em equipe. Este discurso, enaltecendo as relações de cooperação, confiança e valorização das diferenças individuais nas equipes organizacionais, mostrava-se contrário à experiência dos gestores participantes da pesquisa. Para estes, as equipes formais mostravam-se cercadas por ambivalências, em contexto de competitividade. Além disto, a afirmação de uma suposta superioridade da equipe frente ao grupo, considerado de forma limitada e desvalorizada, me inquietava. Estas questões instigaram a reflexão e a escrita do ensaio teórico: “Trabalho em equipe: percurso, discurso e outras possibilidades” (WEBER, 2009).

No ensaio tracei um breve percurso histórico, mostrando as tendências de gestão privilegiando ora o indivíduo ora a equipe conforme as demandas do sistema de produção. A partir daí, analisei o discurso sobre o trabalho em equipe, contrapondo-o a dados de pesquisa de alguns autores como Bernardo (2009), Nardi (2006), Mair (2005) e Heloani (2003). Esses aspectos me levaram a refletir sobre outras possibilidades de concepção de coletivos no contexto de trabalho, irredutíveis às prescrições. Ao concluir o ensaio, passei a me questionar acerca da utilização da internet como alternativa para efetivá-los, extrapolando o espaço-tempo das organizações. Partindo deste ponto é que formulei a seguinte questão de pesquisa

para esta tese: **qual a produção possível a partir das conexões entre trabalhadores participantes de uma rede social na internet?**

Com base nesta questão, o Projeto de Tese propunha o seguinte objetivo de pesquisa: apreender as conexões efetuadas em uma rede social na internet e analisar as possibilidades de cooperação na produção do trabalho e de si, concebidas em contexto do trabalho imaterial. No percurso de pesquisa, fui percebendo que a cooperação é constitutiva das redes sociais, ao menos da que foi meu objeto de pesquisa, de modo que a possibilidade de cooperação ficou evidenciada logo no início. Desta forma, me centrei em **apreender as conexões efetuadas em uma rede social na internet, analisando suas possibilidades enquanto veículo de produção cooperativa do trabalho e de si, concebida em contexto do trabalho imaterial.**

O título do projeto de tese “Produzir(-se) com: produção de subjetividades e construção de redes de cooperação na internet em contexto do trabalho imaterial” já indicava as dimensões que dariam os contornos da pesquisa. Parti do princípio de que produzir é imprescindível no âmbito das sociedades capitalistas. Na atualidade, o modelo produtivo que se destaca, acompanhando mudanças sociais, econômicas, tecnológicas, políticas, não é mais o industrial, mas o imaterial, com ênfase na informação, na comunicação, nas relações e nos afetos. O trabalho imaterial toma a vida integralmente, em sua criação e manutenção. A vitalidade torna-se o combustível do processo produtivo, estreitando a relação trabalho-subjetividade e ratificando a indissociabilidade da co-produção, enfatizada pelo uso da expressão “produzir(-se)”.

“Produzir(-se)” acontece por meio de relações, sempre “com”: com outras pessoas, com objetos, com artefatos etc. Estas relações, sobretudo as interpessoais, foram minimizadas por um período no qual se defendia a produção individualizada. Contudo, no paradigma do trabalho imaterial, a cooperação, a interação, as relações ganham destaque por constituírem matéria-prima, sem a qual a produção não se realiza. Desta forma, a cooperação e as interações passam a interessar ao capital, de forma que o trabalho em equipe, a participação, a inclusão configuram agora como estratégias de gestão. O trabalho passa a ser expresso, então, por “produzir(-se) com”.

As referidas estratégias de gestão, na atualidade, podem ser viabilizadas por recursos tecnológicos digitais que ofertam acesso a múltiplas conexões. Dentre

estes recursos, a internet mostra-se como uma ferramenta capaz de subsidiar a circulação ilimitada de informações, instigar a participação e a organização de coletivos diversos. A constituição de redes sociais via internet viabiliza novas formas de relacionar e cooperar. Portanto, ao “produzir(-se) com” indico o acréscimo do “ponto”, característico dos endereços da internet (ainda que sejam os comerciais), identificando o “produzir(-se) _{ponto} com”.

O mundo do trabalho-vida que se altera mediante a emergência do paradigma do trabalho imaterial, baseado na produção intelectual e informacional, nas relações e na cooperação, parece um “mundo perfeito”, se comparado à organização do trabalho de concepção taylorista-fordista. Embora os sistemas produtivos sejam caracterizados pela não eliminação de modos anteriores, observa-se que, gradualmente, em diferentes proporções conforme a localização no globo e estratos socioeconômicos, têm sido retirados de cena ambientes de confinamento, com problemas de iluminação, temperatura, ruídos. São resgatados e trazidos a primeiro plano os saberes, as emoções e a criatividade do trabalhador, que não se alienaria mais pela expropriação de sua força e de seu tempo de trabalho. Este é um contexto que se mostra, aparentemente, pleno de qualidades. Contudo, ele precisa ser detalhadamente observado, indo a fundo nas linhas e forças que o compõem.

Se produzir é imprescindível nas sociedades capitalistas, produzir é indissociável de produzir-se, todos os indivíduos deveriam estar envolvidos neste processo. Entretanto, constata-se que muitos estão excluídos ou fragilmente inseridos, precarizando a criação e a manutenção do trabalho-vida. Desta forma, encontram-se aliados do centro de interesse social hegemônico, com poucos atrativos para o estabelecimento das relações, de estar/ser/produzir “com”. A fragilidade dos laços não afeta apenas aos marginalizados. Os “inseridos” vivem uma luta constante para se sustentarem em seus lugares, como já afirmavam Castel (1998) e Bauman (1999). As relações de cooperação capturadas pelo capital através do discurso do trabalho em equipe, da inclusão da diversidade tornam o “produzir(-se) com” um recurso instrumental, por meio do qual as relações configuram-se como estratégias para o alcance de metas. Instaura-se, então, o dilema entre cooperar e competir, acarretando consequências significativas aos trabalhadores.

Nas conexões estabelecidas via internet, ao poder de divulgação, encontro e multiplicação aliam-se as possibilidades de pulverização, excesso e superficialidade. A liberdade coexiste com o controle. Neste espaço, compor coletivos é tão fácil

quanto desconectá-los. Com o simples apertar de botão, desresponsabiliza-se do compromisso mútuo.

Visto assim, pontuados os opostos que abarcam o “produzir(-se) ^{ponto} com”, pode parecer que se trata de uma realidade dicotomizada. No entanto, a característica do contexto no qual se insere o trabalho imaterial é mais de ambivalência. É uma realidade permeada pela tensão dos contraditórios, revelando-se híbrida e instável. Com esta perspectiva propus a presente tese, embasada nas proposições teóricas de Antonio Negri, Maurizio Lazzarato, Michael Hardt e André Gorz (HARDT e NEGRI, 2005, 2005a; LAZZARATO e NEGRI, 2001; NEGRI, 2003; GORZ, 2005) no que diz respeito ao trabalho imaterial. No campo da produção da subjetividade, os autores de referência foram Gilles Deleuze e Felix Guattari, Peter Pal Pelbart e Suely Rolnik (DELEUZE, 2000; DELEUZE e GUATTARI, 2009, 2008; PELBART, 2000, 2003; ROLNIK, 2000, 2006). E para subsidiar as análises das redes na internet foram consultados Manuel Castells, André Lemos, Pierre Lévy, Raquel Recuero, dentre outros (CASTELLS, 2003, 2009; LEMOS, 2008; LÉVY, 2007; RECUERO, 2009).

O campo escolhido para desenvolver a pesquisa foi a Rede HumanizaSUS (RHS), um blog coletivo na internet, inscrito no plano clínico-político da Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão no Sistema Único de Saúde (PNH). A PNH é concebida como política transversal às demais iniciativas existentes no Ministério da Saúde (MS), com objetivo de contribuir para efetivação do Sistema Único de Saúde, o SUS. Para tanto, a RHS, produzida por usuários, trabalhadores e demais interessados no sistema de saúde, investe na coletividade, na criação de interfaces e conexões para ampliar os graus de comunicação, no sentido de produzir autonomia, protagonismo, participação, compromisso e respeito. O objetivo da RHS é constituir uma rede de cooperação, como uma aposta na constituição de uma inteligência coletiva.

As propostas da Rede HumanizaSUS por si só justificaram sua escolha como campo empírico de pesquisa. É uma Rede que nasce com o objetivo de cooperação, inserida no âmbito da PNH, no qual coletivo, cogestão e produção em rede são pressupostos essenciais. A RHS está aberta aos diversos atores que compõem os serviços de saúde, possibilitando um olhar ampliado para as questões de trabalho e de produção de subjetividade a partir das conexões cooperativas efetuadas por intermédio da internet.

Tais características indicavam, portanto, um campo receptivo às discussões da produção em coletivo, no qual estavam envolvidos atores instigados pela perspectiva de um trabalho aberto ao diálogo, às trocas e à cooperação transdisciplinar. Sendo assim, constituía-se um blog diferenciado naquilo que interessava ao tema de pesquisa, contando com a motivação para aquilo que passei a expressar na forma “produzir(-se) _{ponto} com”. A intencionalidade desta escolha e seus critérios são/foram explícitos desde o início, pois constituem um importante analisador que perpassaria todo processo de pesquisa, bem como a construção da tese.

A escolha desta rede social, na área da saúde, também estava relacionada ao meu percurso profissional e de pesquisadora que, atuando na área da saúde, reconhecia as demandas e os desafios da área no que dizia respeito à possibilidade de articulação do trabalho coletivo, o trabalho em equipe.

Diversos estudos têm analisado o trabalho em equipe na área da saúde. Dentre eles estão os empreendidos por Campos e Cunha (2011); Campos (2005); Peduzzi, Carvalho, Mandú, Souza, Silva (2011); Peduzzi (2001, 1998), os estudos apresentados na coletânea organizada por Pinheiro, Barros e Mattos (2007), dentre inúmeros outros. O trabalho em saúde requisita a estratégia de ação multiprofissional por sua complexidade e pelo intenso processo de especialização ocorrido em sua conformação histórica (PEDUZZI, 2001). Desta forma, cada profissional complementaria a ação do outro, visando a integralidade, compondo uma “nova totalidade” (CAMPOS, 1997), construindo um conhecimento ampliado. Quanto melhor a interação, maior a possibilidade de uma ação efetiva. As equipes, contudo, dificilmente apresentam-se como a referida totalidade. Geralmente observa-se uma “justaposição alienada de trabalhos: cada parcela apresentando-se como exercício autônomo e independente” (CAMPOS, 1997, p.239). A questão de pesquisa proposta nesta tese visa avançar na compreensão dessa prática do trabalho desenvolvido coletivamente na saúde, agora analisando a cooperação a partir de um novo suporte, a rede tramada na internet, sob enfoque do trabalho imaterial.

Neste sentido, o trabalho em saúde é particularmente interessante porque sua produção é tipicamente imaterial, envolvendo contato, interação, comunicação, conhecimentos, afeto e promovendo sensação de conforto e bem-estar (HARDT e NEGRI, 2005). Contudo, ainda que portador destas características, o trabalho em

saúde também sofreu os impactos do taylorismo, acarretando uma produção fragmentada e serializada cuja centralização e o afã de controlar as incertezas afetaram as formas de comunicação e no estabelecimento de relações. Com isto, produziu alienação e quebra ou fragilização dos vínculos entre os trabalhadores e destes com os usuários. Cabe verificar, se dentre outras estratégias, a rede na internet possibilitaria novas vias de comunicação, bem como o resgate do afeto e da cooperação nos modos de organização e gestão do trabalho em saúde.

A justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa está centrada na relevância e atualidade do tema, que diz respeito a um modo de trabalhar que se configura, pelo referencial teórico adotado, como modo de viver. Este modo de trabalho-vida está imbricado com a emergência do paradigma do trabalho imaterial e com as mudanças decorrentes dos avanços nas tecnologias de informação e comunicação, que acarretam novas possibilidades. A cooperação constitui matéria-prima do trabalho imaterial e as conexões nas redes sociais na internet, a princípio, uma via oportuna para sua realização. Caberia não apenas confirmar, mas compreender de que modo isto se viabilizaria. Para tanto, seria preciso desnaturalizar as benesses da tecnologia, não me deixando seduzir pelo uso da ferramenta. Procurei não demonizá-la, nem idealizá-la, mas conhecer de perto suas possíveis contribuições.

Para responder à minha questão e alcançar o objetivo proposto, optei por desenvolver uma cartografia da RHS, orientada teoricamente nas proposições de Eduardo Passos, Regina Benevides de Barros, Virgínia Kastrup, dentre outros (BARROS, 2007; BARROS e PASSOS, 2005; BARROS e KASTRUP, 2009; PASSOS e BARROS, 2009, 2004; PASSOS e EIRADO, 2009; PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009; KASTRUP, 2009, 2003, 2000; KASTRUP e BARROS, 2009). A cartografia consiste no mapeamento de territórios psicossociais, acompanhando as linhas de força que os constituem. Atenta aos processos que compõem a subjetividade e que se passam entre os estados instituídos, busca abarcar a complexidade da vida, resistindo às tendências reducionistas de métodos simplificadores.

No processo de pesquisa, procurei vislumbrar as transversalidades operando no território constituído pela RHS, a partir do exercício de aproximações e afastamentos, naquilo que, sem reforçar dualismos, remetia aos pares: indivíduo – coletivo; horizontalidade – verticalidade; produção – produção de si; trabalho-vida

off-line – trabalho-vida online¹. O ingresso no território foi instigado por uma série de questões, que foram agrupadas em três blocos. O primeiro dizia respeito às possibilidades tecnológicas referentes à composição desse território. O segundo bloco referia-se aos processos de subjetivação a ele inerentes. E o terceiro bloco de questões remetia às possibilidades de cooperação. Tais questões configuraram-se como pistas iniciais, que ao longo do percurso foram defrontadas com imprevisibilidades e novas questões.

A utilização da cartografia mostrou-se, além de coerente com o objeto em estudo, uma alternativa a ser mais explorada na Administração. Esta área, segundo Vieira (2006), seria beneficiada pela inclusão de diferentes métodos, afinados com a complexificação do campo organizacional. Métodos consistentes que, adequadamente utilizados, permitissem avançar o conhecimento. No caso da cartografia, o rigor demandado passa pela explicitação da implicação com a realidade, com o compromisso ético e com interesse pela intervenção.

O exercício cartográfico coloca o pesquisador entre aquilo que já vinha acontecendo e aquilo que seguirá acontecendo depois. Há, então, a dificuldade de ingressar em um processo em andamento, bem como a dificuldade de inscrever as forças e os movimentos acompanhados sob a forma de texto. Desta forma, escrever esta tese representou a fixação em uma forma, entre tantas outras possíveis, os fluxos acompanhados na RHS. Meu esforço foi de apresentar um sentido, aquele que se destacou para mim, mas também permitir, através das descrições do campo e do percurso, que outras leituras possam ser feitas, estabelecendo novos fluxos.

A tese está organizada em sete capítulos, sendo que, após esta Introdução, no capítulo dois, será apresentada a Rede HumanizaSUS, com uma breve descrição que fornecerá elementos iniciais para compreender o território cartografado. Outros aspectos da RHS, referentes aos objetivos da tese, serão apresentados e discutidos ao longo dos demais capítulos.

A cartografia será o tópico do terceiro capítulo intitulado “Mapeando o território, produzindo sentidos: a cartografia na Rede HumanizaSUS” no qual apresentarei os aspectos teóricos que envolvem este método, bem como algumas considerações acerca da pesquisa na internet, um campo ainda pouco explorado,

¹ Alguns termos em inglês relacionados às tecnologias de informação sem correspondente em português, mas já incluídos ao nosso vocabulário, dentre eles, online, off-line, site, blog, web etc., não serão grafados em itálico de forma a não poluir visualmente o texto. Outros termos serão usados na forma aportuguesada, tais como: tageado, postado etc.

sobretudo através de pesquisas qualitativas. Neste capítulo, relatarei o percurso da pesquisa, os procedimentos escolhidos, as estratégias frustradas e os efeitos das minhas escolhas.

No quarto capítulo, “Produzir(-se): a produção de si no paradigma do trabalho imaterial” abordarei a relação trabalho e subjetividade, introduzindo elementos do trabalho imaterial que constituirão as bases para pensar o capítulo seguinte: “Produzir(-se) com”: a produção cooperativa no paradigma do trabalho imaterial”. Neste capítulo, o quinto, seguirei discutindo o trabalho imaterial, enfocando as características interativas e relacionais, particularmente, a constituição de redes.

No sexto capítulo, “Produzir(-se) _{ponto} com: a produção coletiva em conexões na internet”, o foco recairá sobre as relações mediadas pela internet, analisando a ampliação das vias comunicacionais e o estabelecimento das conexões como campo produtivo no contexto do trabalho imaterial.

A análise das conexões apreendidas na Rede HumanizaSUS sob enfoque do referencial teórico adotado será apresentada no sétimo capítulo: “Produzir(-NOS) _{ponto} com’: a composição de um coletivo produtor de saúde através da Rede HumanizaSUS”. No processo de pesquisa encontrei a possibilidade de produção coletiva. Mais ainda, me deparei com a possibilidade de produção coletiva de um coletivo produtor. A aparente redundância indica a constatação de um modo de subjetivação que contrasta com o modo indivíduo valorizado contemporaneamente. Analiso, neste capítulo, esta produção destacando os nós, os fixos da rede, que sustentam as conexões que a possibilitam. Trata-se de *uma* leitura-compreensão do processo de tecitura da cooperação produtiva na RHS, sob a perspectiva de dois planos que se atravessam continuamente. O primeiro plano é constituído pelo arranjo de nós que levam à produção em si, relacionado à possibilidade de produzir bens e serviços de saúde através das conexões da Rede. O segundo plano é composto pelo enodamento de elementos de produção de sujeitos e do coletivo.

A possibilidade de “produzir(-NOS) _{ponto} com” é a tese defendida, sustentada no referencial teórico escolhido e mapeada na cartografia da RHS. Encontro neste percurso um modo de trabalho-vida com potência para produzir saúde, saudavelmente, no qual são reforçadas as conquistas e reconhecidos os desafios.

2. A REDE HUMANIZASUS

Antes de qualquer outro passo neste percurso, faz-se necessário indicar algumas coordenadas para propiciar o acompanhamento da cartografia neste território, a Rede HumanizaSUS.

A **Rede HumanizaSUS** é a rede social das pessoas interessadas e/ou já envolvidas em processos de humanização da gestão e do cuidado no SUS. Nosso objetivo é criar uma *rede de colaboração*, que permita o encontro, a troca, a afetação recíproca, o afeto, o conhecimento, o aprendizado, a expressão livre, a escuta sensível, a polifonia, a arte da composição, o acolhimento, a multiplicidade de visões, a arte da conversa, a participação de qualquer um. [...] Uma aposta no *coletivo*. Uma aposta na *inteligência coletiva*. Uma aposta na constituição de *coletivos inteligentes* (REDE HUMANIZASUS, s/d.¹¹).

A Rede HumanizaSUS é uma aposta no apoio virtual aos serviços de saúde, considerando que este não se faz apenas “in loco” (BRASIL, s/d.). Ela foi criada como espaço de produção e compartilhamento de informações, integrando o conjunto das estratégias da Política Nacional de Humanização (PNH) do Ministério da Saúde (MS).

A PNH foi elaborada como resposta à crise do Sistema Único de Saúde (SUS)² que, a despeito de alguns avanços na oferta dos serviços de saúde, enfrenta desafios, como situações de fragmentação e verticalização dos serviços, o despreparo de equipes para lidar com as dimensões sociais e subjetivas nas práticas de trabalho e o baixo investimento em sua qualificação (BRASIL, 2008). Funciona como dispositivo que amplia a agenda e o temário da saúde no Brasil (CAMPOS, 2007).

Neste contexto, a PNH é proposta como um reforço aos princípios do SUS, partindo da verificação, escuta, análise e síntese de práticas que têm dado certo (PASCHE, 2009). A PNH, como política, dirige seus esforços a um panorama ampliado, abrangendo as diversas ações desenvolvidas pelo Ministério da Saúde

² O SUS é uma política pública que visa a universalidade, a equidade, a integralidade e o controle social, bem como a incorporação de novas tecnologias, saberes e práticas. Foi implantado na Constituição de 1988, como uma conquista no panorama da saúde no Brasil, fruto das lutas do Movimento Sanitário, que buscava superar a tradicional forma de organização dos serviços de saúde, pautada no modelo hospitalocêntrico, médico centrado (biomédico), privatista, no qual prevalecia a relação assimétrica entre profissional e paciente (BARROS e PASSOS, 2005).

(MS). Desta forma, a PNH caracteriza-se como uma proposta transversal, rompendo barreiras de saber/poder, capilarizando-se em micropolíticas no cotidiano dos serviços, de forma a aumentar o grau de comunicabilidade entre os diferentes núcleos (áreas de saber/disciplinas) que, na saúde, se encontram tradicionalmente fragmentados.

A PNH reforça o compromisso já estabelecido pelo SUS com a defesa da vida e com a ética da saúde, considerada não apenas como a ausência de doenças, mas abrangendo a qualidade de vida, o respeito aos direitos e o empoderamento dos sujeitos (BRASIL, 2004a). Neste sentido, produzir saúde não se resume em tratamento e cura, pressupõe também a prevenção, o incentivo do cuidar/cuidar-se, proteger/proteger-se. Nesta perspectiva, a produção de saúde é indissociável da produção de sujeitos considerados em sua singularidade e pelo coletivo que constituem.

A Humanização supõe um novo tipo de interação, baseada no diálogo entre usuários, trabalhadores e gestores (BRASIL, 2004). Benevides e Passos (2005) indicam que o fazer da PNH se concretiza nas “tecnologias relacionais”, ou seja, as almejadas alterações das práticas de saúde deverão ser alcançadas através da constituição de coletivos, com ênfase na corresponsabilização, na cogestão e na grupalização.

Em síntese, a PNH apresenta, como orientações gerais, a consideração das dimensões subjetiva e coletiva, fortalecendo o compromisso com direitos de cidadania; o trabalho em equipe, considerando a transversalidade e o fortalecimento do controle social e da participação. A Humanização estrutura-se a partir de Princípios, Método, Diretrizes e Dispositivos (BRASIL, 2008).

Os Princípios representam os disparadores do movimento no plano das políticas públicas. Na PNH, os Princípios assumidos são a transversalidade, que remete ao aumento no grau de comunicação e transformação no modo de produzir saúde, desestabilizando fronteiras de saberes, territórios de poder e relações de trabalho instituídas; a indissociabilidade entre atenção e gestão, que indica a inseparabilidade entre os modos de cuidar e de gerir, entre a clínica e a política; o protagonismo, a corresponsabilidade e a autonomia de sujeitos e coletivos, que afirmam o ganho em efetividade quando os atores envolvidos nos processos de gestão e atenção gozam de autonomia e pactuam responsabilidades entre si,

reconhecendo que neste trabalho co-produzem a si mesmos, a realidade social e o mundo.

Se os Princípios disparam o movimento, o Método diz respeito ao “modo de caminhar” (BRASIL, 2008, p.24), ao “como” acontecerá este movimento. A PNH postula que o Método na produção de saúde passa pela inclusão, ou melhor, pela tríplice inclusão: a) dos diferentes sujeitos, através do diálogo, das rodas de conversas; b) dos analisadores ou fenômenos que desestabilizam o modelo tradicional, através da análise coletiva dos conflitos, potencializando a força crítica da crise e c) inclusão do coletivo, pelo fomento de redes.

As Diretrizes traçam as orientações gerais deste processo de Humanização, que pode se efetivar guiando-se pela perspectiva da clínica ampliada; da co-gestão; do acolhimento; da valorização do trabalho e do trabalhador; da defesa dos direitos do usuário; do fomento das grupalidades, coletivos e redes e da construção da memória do SUS que dá certo.

Os Dispositivos, por sua vez, consistem na “atualização das diretrizes em arranjos de processos de trabalho” (BRASIL, 2008, p.26). Esses arranjos são múltiplos e devem estar de acordo com a realidade em questão, elaborados a partir das demandas e possibilidades locais. Alguns dispositivos abrangentes são sugeridos, tais como: o Grupo de Trabalho de Humanização (GTH) e a Câmara Técnica de Humanização (CTH); o Colegiado Gestor; o Contrato de Gestão; os sistemas de escuta qualificada para usuários e trabalhadores da saúde, por exemplo: gerência de “porta aberta”, ouvidorias, grupos focais e pesquisas de satisfação etc.; a Visita Aberta e Direito à Acompanhante; o Programa de Formação em Saúde do Trabalhador (PFST) e a Comunidade Ampliada de Pesquisa (CAP); a Equipe Transdisciplinar de Referência e de Apoio Matricial; os Projetos Co-Geridos de Ambiência; o Acolhimento com Classificação de Riscos; o Projeto Terapêutico Singular e o Projeto de Saúde Coletiva; o Projeto Memória do SUS que dá certo (BRASIL, 2008).

A partir dos Princípios, Método, Diretrizes e Dispositivos, percebe-se que as propostas da PNH operacionalizam-se, sobretudo, através do resgate dos fundamentos do SUS; da construção de diferentes espaços de encontro entre sujeitos (rodas, grupos, comitês); da construção e troca de saberes, na valorização do diálogo; do trabalho em rede e equipes, buscando sempre a transdisciplinaridade; da busca pelas demandas específicas em cada contexto, de cada grupo.

A Política Nacional de Humanização enfoca a reorganização da clínica, distribuição de poder, gestão participativa sem deixar de lado a saúde do trabalhador da saúde. Busca recolocar o humano como fator decisivo, reconstruindo “racionalidades, políticas e projetos que pensem e funcionem com base no desejo, interesse e valores dos seres humanos concretos” (CAMPOS, 2007, p.13).

A Rede HumanizaSUS (RHS) insere-se nessa política, apostando no aumento da potência de enfrentamento dos desafios pela efetivação do SUS a partir da experiência cooperativa. Desta forma, os propositores da RHS esclarecem que “não apenas os conteúdos, mas as próprias ferramentas e o design do portal resultam dessa prática colaborativa, já que o objetivo é que esta Rede, sob todos seus aspectos, se construa na mais estreita sintonia possível com as necessidades intelectuais e afetivas do coletivo” (REDE HUMANIZASUS, s/d.^{III}).

A RHS começou a ser planejada no final do ano de 2007, por um grupo de técnicos e consultores da PNH, no Ministério da Saúde (MS), em conjunto com outros colaboradores e entusiastas da Política. No início de 2008, a RHS foi lançada oficialmente, proposta como um site colaborativo, endereçado em <<http://www.redehumanizasus.net>>, com conteúdo inteiramente aberto na web, não sendo exigido nenhum tipo de cadastramento para que se possa conhecer o que é publicado em suas páginas. O cadastramento é requisitado apenas àqueles que desejarem configurar como membros da comunidade RHS com “direito” a adicionar seu perfil, publicar posts ou realizar comentários e utilizar alguns outros serviços disponíveis, como o envio e recebimento de mensagens (REDE HUMANIZASUS, s/d.^{IV}).

Os posts são exibidos, sem nenhuma seleção prévia, em uma área de votação. No início da RHS, eram necessários cinco votos para o post ser publicado na página principal. Com o crescimento da Rede³ e o aumento do número de membros, os cinco votos eram rapidamente alcançados, de modo que a página inicial girava muito rapidamente e, com isto, os posts ficavam pouco tempo em evidência. Então, o coletivo de membros da RHS decidiu ampliar para dez o número de votos necessários para alcançar a página principal e, assim, esta giraria mais devagar e cada post votado ficaria pelo menos 24 horas em destaque⁴. Os posts

³ O termo Rede, grafado em letra maiúscula, refere-se à Rede HumanizaSUS, a RHS.

⁴ Informação fornecida por membro do coletivo de editores-cuidadores da RHS, através da Lista de email do Coletivo Ampliado da RHS, em Julho de 2011.

permanecem por sete dias na área de votação aguardando os votos dos membros. Recebendo os dez votos necessários, passam a ser exibidos na página principal da RHS. Caso contrário, o post fica disponível no blog individual do seu autor.

Os membros que têm direito a voto são os participantes do coletivo moderador também chamado de coletivo HumanizaSUS. Inicialmente, este coletivo era composto por técnicos e consultores da PNH. A eles, uniram-se os apoiadores⁵ participantes dos cursos de formação promovidos pelo Ministério da Saúde/PNH, realizados em todo o Brasil⁶. Além destes, outros membros são agregados pela simples indicação de qualquer outro membro que já o componha.

A **RHS** é, portanto, um blog coletivo aberto à livre publicação de conteúdos por qualquer usuário cadastrado. Desde que respeitados os termos de uso de nossa comunidade, toda contribuição para o nosso tema de interesse é bem vinda! A moderação dos conteúdos que serão indexados na página principal é um cuidado necessário para evitar o uso indevido deste espaço aberto. Não há nenhum outro critério para fazer parte deste coletivo que modera (votando) os conteúdos que serão exibidos na página principal (**Coletivo RHS**), que não seja a competência e o compromisso de contribuir para o crescimento e a qualidade desta rede de produção colaborativa de conhecimentos. As indicações, como já foi dito, podem ser feitas por qualquer membro que já faça parte deste coletivo (REDE HUMANIZASUS, s/d.^v).

Mais recentemente, em 2011, foram discutidas formas para ampliar o acesso à condição de membro votante. Através de mensagens que circularam pela Lista de email redehumanizaus@googlegroups.com, que será apresentada mais adiante, o coletivo decidiu que todos os autores de posts, aprovados pelo Coletivo RHS, isto é, aqueles posts que receberam dez ou mais votos, seriam automaticamente

(Optei, para evitar qualquer tipo de constrangimento, não indicar a autoria das informações recebidas através de email, mesmo sendo da Lista. Compreendo que, embora a Lista conte com grande número de membros e a privacidade das informações seja comprometida pela abrangência de seu alcance, as mensagens enviadas através deste canal não são de caráter público. Diferente disto, são as informações publicadas na RHS, uma esfera aberta, que não pressupõe, a quem publica, o anonimato. Além disto, considero que a publicação na Rede constitui um ato de autoria, de modo que nestes casos será apresentada a referência completa, utilizando os nomes ou apelidos divulgados na própria Rede, como reconhecimento da produção. As indicações de autorias de posts e/ou comentários na RHS serão apresentadas em Notas de Fim, permitindo maior fluidez ao texto. A discussão sobre a questão ética na pesquisa na internet será aprofundada na seção 3.2. A pesquisa na internet, do capítulo 3: “Mapeando o território, produzindo sentidos: a cartografia na rede HumanizaSUS”).

⁵ Apoiadores são trabalhadores da área da saúde que desenvolvem “apoio institucional”, isto é, são agentes de propagação e capilarização das ações relacionadas à Política de Humanização em suas esferas de atuação.

⁶ Estes cursos de formação se propõem como curso-intervenção, com o objetivo de formar apoiadores institucionais capazes de compreender a dinâmica da produção do processo saúde-doença-atenção e intervir na gestão dos serviços e processos de trabalho em saúde com soluções criativas, tomando por referência os aportes teóricos e metodológicos da PNH.

promovidos à condição de votantes. Além disto, receberiam por email um convite para integrarem a referida Lista de email.

Além da função de votantes, alguns dos membros da RHS realizam funções diferenciadas de editores (chamados editores-cuidadores) e administradores (REDE HUMANIZASUS, s/d.^{VI}). Estes possuem algumas permissões adicionais, restritas aos aspectos técnicos e de suporte da Rede, sem interferir nos conteúdos. Eles acolhem novos participantes, respondem às solicitações, garantem a harmonia textual e visual na página, divulgam a ferramenta em seus estados, entre outras (BRASIL, s/d.). São eles também que administram o sistema em seus aspectos tecnológicos, desenvolvendo ferramentas e corrigindo seus problemas técnicos. Este grupo era composto, em fevereiro de 2012, por oito voluntários, três consultores da PNH e quatro componentes da equipe técnica (REDE HUMANIZASUS, s/d.^{VII}). Este grupo atua em parceria com o Núcleo de Difusão da Inteligência Coletiva da PNH-MS.

A RHS contava, em 26 de fevereiro de 2012, com 9624 membros cadastrados (REDE HUMANIZASUS, s/d.^{VIII}). Não há informação precisa sobre quem são esses membros porque não há obrigatoriedade de preenchimento do perfil completo no cadastro. É possível identificar, por aqueles que informaram, que abrangem trabalhadores, gestores ou não, usuários e interessados no SUS. É possível constatar, também, que são habitantes de todas as regiões do Brasil, embora com concentração de membros que vivem e atuam nas regiões Sul e Sudeste, e alguns focos no Nordeste.

Com relação especificamente aos trabalhadores, é possível afirmar⁷ que são de diversas áreas de formação, dentre elas enfermagem, medicina, nutrição, psicologia, fonoaudiologia, fisioterapia, serviço social. A RHS agrega professores-doutores e pesquisadores renomados na área da saúde; profissionais com escolaridade superior ou nível técnico que atuam nos diversos serviços de saúde; profissionais como agentes comunitários sem a obrigação de formação específica na área. Porém, independente da formação, o que conta para a participação na Rede é o interesse pelo saber-fazer na área da saúde e o desejo de colaboração.

⁷ Baseando-me nos autores de posts que alçaram a página principal da RHS ou que neles comentaram, no período de fevereiro de 2008 a julho de 2011, período abordado pela pesquisa desta tese.

Os movimentos da RHS têm sido estudados por sua equipe de editores-cuidadores a partir de mensurações (webometria) e estudos da estrutura da rede (sociometria) utilizando a ferramenta *Google Analytics* (http://www.google.com/intl/pt-BR_ALL/analytics/. Acesso em: 26 fev. 2012). Este trabalho tem sido efetuado com o objetivo de acompanhar a dinâmica e o alcance da Rede, no que diz respeito ao seu crescimento em termos de número de membros, de visitantes, de postagens e comentários; fluxo de visitas: origem, tempo na RHS, páginas visitadas; conectividade: densidade, centralidade etc. Na Rede estão disponíveis as Estatísticas referentes aos levantamentos efetuados em Setembro de 2008 (188 dias de funcionamento), Dezembro de 2009 (um ano e meio de funcionamento) e Junho de 2010 (dois anos e meio de funcionamento) em link específico em sua página inicial (REDE HUMANIZASUS, s/d.^{IX}).

As estatísticas são analisadas em alguns posts ampliando o alcance da compreensão de seus significados a um maior número de membros da Rede. O último post publicado com estes dados, no período da pesquisa, foi: “Rede HumanizaSUS: uma experiência de rede colaborativa como dispositivo de uma política pública”, em abril de 2011 (TEIXEIRA, 2011^X). No post, além de explicar o modo como as pesquisas são realizadas, são apresentados dados e análises. A respeito da visitação, o post informa que, nos três primeiros anos de existência, a RHS recebeu mais de meio milhão de visitantes, que realizaram mais de 700 mil visitas, visualizando mais de 1 milhão e 750 mil páginas. O comportamento geral da visitação está relacionado aos ritmos do trabalho, isto é, apresenta queda no número de visitas nos finais de semana e nos períodos de férias e feriados. Além disto, ao longo do tempo, as análises apresentadas no post indicaram uma variação do número de visitas na Rede, crescendo após eventos realizados pela PNH, como Seminários, Mostras de Humanização, Cursos de Especialização etc. Estes eventos são utilizados, portanto, como meio de divulgação da Rede e como oportunidade para capacitar apoiadores a usá-la favorecendo a ampliação do acesso. Entendo que o crescimento da Rede possibilita, por um lado, maior divulgação das propostas da PNH e do modo de fazer saúde a ela relacionado e, por outro lado, a inclusão de novos membros contribuindo com o debate.

Os dados da sociometria, conforme a análise no referido post, permitem considerar que existe um alto nível de conexão entre os diversos grupos da Rede o que indica a existência de um caminho curto de ligação entre os extremos da Rede,

ou seja, é relativamente fácil conseguir se conectar de um ponto a qualquer outro. Esta coesão é característica de uma rede articulada com baixa tendência à formação de “grupinhos”, conforme mencionado no post. A função dos editores-cuidadores é considerada essencial neste processo por estabelecer pontes entre os membros, colocando todos a conversar com todos. Facilitam também este processo as características conversacionais e afetivas e a existência de um eixo temático na RHS, conforme analisam na RHS Monteiro (2010^{XI}) e Teixeira (2010^{XII}).

A RHS, desde seu início, em fevereiro de 2008, até fevereiro de 2012, contava com 3240 posts e, neles, 10974 comentários. O tema central, fio condutor de todos eles, é a humanização da atenção e gestão da saúde, sob o mote do “SUS que dá certo”. O tema é abordado em relatos de experiências, comunicações sobre eventos, divulgações de publicações, reflexões e análises sobre o que acontece na saúde. Aparece, assim, uma ampla variedade de tópicos e abordagens que, por vezes, fazem algum visitante ou membro questionar: “isto é sobre saúde?” A perspectiva adotada de saúde é ampla, indo muito além da “ausência de doença”, de medidas curativas ou mesmo preventivas. Abarca a busca pelo bem-estar, por oportunidades de lazer, cultura, pela possibilidade de criação; a perspectiva de saúde integral, com sujeitos e coletivos autônomos e protagonistas. Assim, a vida social não raro também está na pauta, em textos que articulam política, economia, filosofia etc. O que é da vida interessa à Rede e repercute. Mas nem todos concordam com este enfoque, o que fica claro na lista de email do *Google Groups*, a *redehumanizaus@googlegroups.com*, a “Lista do Coletivo Ampliado da RHS”.

A lista de email agrupa muitos dos membros da RHS que têm este outro canal para a comunicação. O funcionamento e a relação da Lista com a Rede foram explicados, através da própria Lista, por duas editoras-cuidadoras que responderam ao meu questionamento⁸.

Segundo elas, a Lista foi criada ainda quando a RHS estava sendo planejada. Os mentores da RHS, agora editores-cuidadores, sentiram a necessidade de ter um canal de comunicação, no qual pudessem trocar informações. Na época, eles tinham

⁸ Elas alertaram que respondiam a partir do ponto de vista e da experiência delas. Uma delas disse: “vou responder só por mim, até porque imagino que estes espaços complementares atuem significativamente de diferentes modos, para as pessoas, certo?” Esta consideração às diferentes perspectivas aponta para o respeito às singularidades, que fará diferença no modo como o coletivo é constituído, conforme será analisado na seção “Produzir(-NOS) _{ponto} com”.

o compromisso de testar suas funcionalidades, propor novos recursos, acompanhar seus problemas técnicos e estimular a participação de novos membros. Com o tempo, consideraram importante abrir o espaço para que as conversas na Lista, avaliadas positivamente em termos de dinâmica afetiva e comunicativa, alcançassem novos participantes.

Os conteúdos da Lista não diferem daqueles apresentados na Rede. Eles abordam notícias e eventos no campo macro político e social da saúde em sua intersectorialidade. A temática é a mesma da RHS, distinguindo-se apenas pela urgência de mobilização, articulação ou tomada de decisão. Além disto, a Lista possibilita outras funções. Através dela, eles se conectam a outras listas das quais os participantes fazem parte. Também tecem novas ligações com a própria RHS, fomentando a visitação, a leitura de posts e a votação. Alguns temas que são discutidos nesta esfera impulsionam a publicação de posts, garantindo maior visibilidade, uma vez que a abrangência da RHS é muito mais ampla que a da Lista. Conformam-se, portanto, como espaços complementares.

No que se refere à discordância com relação à abrangência do tema, conforme anunciado anteriormente, na Lista fica mais visível, pois aqueles que não se interessam pelos temas enviam mensagens comentando ou solicitando sua desvinculação. Por exemplo, à época da campanha eleitoral para presidente, em 2010, eram trocadas muitas mensagens a este respeito e algumas pessoas manifestaram insatisfação com tal debate na Lista. Acontecia, ainda, como explicou uma das editoras-cuidadoras em seu email, uma grande diferença entre aqueles membros muito ativos e os que são pouco ativos. Segundo ela,

[...] há neste grupo, assim como na própria RHS, alguns companheiros muito ativos e uma grande massa pouco falante, não sei se necessariamente ouvinte. Já tivemos casos de pessoas que solicitaram seu descadastramento do grupo pelo volume de mensagens geradas em determinados momentos das conversas. Percebemos que algumas pessoas se irritavam ao receber mensagens que eram na verdade destinadas a determinadas pessoas do coletivo ou com demonstrações de afeto entre alguns sujeitos do grupo. Assim os mais participativos propuseram algumas regras de convivência em relação a isso, mas que com o passar do tempo vão se relaxando. Algumas pessoas deste coletivo chegaram a criar outro coletivo para dar conta de sua necessidade de comunicar-se de forma mais intensa, afetuosa extrapolando estas regras que foram combinadas no coletivo, sem ferir assim o direito dos demais de não receber estas mensagens⁹.

A partir destas coordenadas introdutórias, apresentei o território no qual acompanhei conexões e busquei compreender sua dinâmica, particularmente sua

⁹ Informação fornecida por uma editora-cuidadora através de email da Lista do Coletivo Ampliado da RHS, em julho de 2011.

capacidade de produção de saúde, de produção de si (para os trabalhadores) e de produção de um coletivo, através de um percurso cartográfico, que será discutido a seguir.

3. MAPEANDO O TERRITÓRIO, PRODUZINDO SENTIDOS: A CARTOGRAFIA NA REDE HUMANIZASUS

A cartografia, inspirada na filosofia de Deleuze e Guattari, tem sido utilizada como referência para o desenvolvimento de pesquisas voltadas para o estudo dos modos de subjetivação (OLIVEIRA, 2011; KIRST, 2010; PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009; ROMAGNOLI, 2009; ROLNIK, 2006; FONSECA e KIRST, 2003; MAIRESSE, 2003, dentre outros). Cartografar consiste, em linhas gerais, no acompanhamento de e na implicação com percursos e processos que se passam entre formas ou estados instituídos. Inscreve-se, portanto, no intermediário, através de planos, nas conexões de redes ou rizomas.

O rizoma, para Deleuze e Guattari (2009), caracteriza-se por ser meio, sem começo nem fim; por conectar um ponto qualquer a outro ponto qualquer, feito de dimensões, sem se reduzir nem à unidade nem à multiplicidade. A lógica do rizoma é aquela que privilegia as conexões e não as superfícies ou os limites externos (DELEUZE, 2000). O rizoma apresenta, dentre seus princípios, a cartografia e a decalcomania. A cartografia remete sempre à inventividade e às implicações do tempo, do perspectivismo e das contingências, atenta às multiplicidades e às diferenciações, sustentando uma postura ético-estética de acolhimento da vida em seus movimentos de expansão (KIRST, 2010). Em contraponto, a decalcomania marca sobre o mapa cartografado aquilo que está feito, auxiliando o entendimento pela criação temporária de estabilidade dos movimentos e neutralização das multiplicidades.

Para a cartografia, o real está em incessante processo de virtualização e atualização (DELEUZE e PARNET, 1998) e, por isto, o mapa pode ser percorrido através de suas múltiplas entradas, marcando caminhos e movimentos. Trata-se de uma (re)invenção, (re)configuração do território em um mapa que não é único nem reflete um estado real das coisas. Pode-se dizer, então, que o mapa é construído nesse percurso. Tal mapa que é “aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social” (DELEUZE e GUATTARI, 2009, p.22).

Cartografar consiste, então, na possibilidade de aproximação aos fluxos, linhas e forças que compõem o mapa de determinado território, registrando suas transformações. Por território, aqui, compreende-se as paisagens psicossociais nas quais o pesquisador está interessado. Tais paisagens, independente do foco e do referencial teórico escolhidos (ROLNIK, 2006), dizem respeito aos processos de produção social da subjetividade, abarcando-a em sua complexidade, resistindo às tendências reducionistas e rompendo com a lógica cartesiano-positivista, típica do paradigma moderno de ciência.

Esse paradigma caracteriza-se por reduzir a complexidade para compreender a realidade de forma ordenada (MORIN, 1983). Também é reconhecido por mitificar a racionalidade; promover a ênfase da consciência; estabelecer previamente regras para guiarem o percurso; valorizar a noção de totalidade e supervalorizar as evidências matemáticas, pressupondo neutralidade e imparcialidade do pesquisador. Embora tenha impulsionado descobertas, esse paradigma, quando assumido como único caminho possível a conduzir à verdade absoluta de uma realidade dada, tende à conservação e reduz inúmeras possibilidades de investigação, sobretudo no que diz respeito às ciências sociais e humanas.

Em contraponto a essa lógica linear, calcada no paradigma da simplificação, encontra-se a busca do conhecimento não-dualista, para o qual natureza/cultura, objetivo/subjetivo, quantitativo/qualitativo são dicotomizações artificiais que perdem significado frente à complexidade da vida. Para a cartografia, teoria e prática, pesquisa e intervenção, sujeito e objeto, produção do conhecimento e produção da realidade são aspectos indissociáveis. Considerado em sua transitoriedade, o conhecimento deve driblar certezas e reducionismos para instigar o questionamento contínuo. A abordagem não-dualista assume, então, a complexidade como desafio, com suas incertezas, com seus problemas e suas contradições (PAULON e ROMAGNOLI, 2010).

Assim é a proposta da cartografia, que rejeita a ideia de que conhecer é representar ou reconhecer a realidade e assume uma perspectiva construcionista. Construir o conhecimento, diferente de dominá-lo, implica em deixar-se guiar pelas contingências do campo, acompanhando o processo em questão (KASTRUP, 2009). Significa relativizar o conhecimento e dessacralizar a (suposta) verdade científica (FONSECA e KIRST, 2003). A cartografia propõe a problematização do conhecimento, abrangendo outros saberes e não apenas o convencionalizado como

científico, favorecendo, assim, a revisão de concepções hegemônicas (ROMAGNOLI, 2009). Para tanto, além do “olhar cortical”, aquele da sensibilidade do “olho-retina”, da razão, inclui a percepção do “corpo vibrátil” (ROLNIK, 2006). O corpo vibrátil, segundo esta autora,

permite apreender a alteridade em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações. [...] Com ela, o outro é uma presença que se integra à nossa textura sensível, tornando-se assim parte de nós mesmos. Dissolvem-se aqui as figuras de sujeito e objeto, e com elas aquilo que separa o corpo do mundo (ROLNIK, 2006, p.12).

Desta forma, a cartografia não pretende explicar, mas dar (outra) visibilidade às intensidades que estão em jogo. Incluindo o plano movente das coisas, isto é, seus processos de produção e sua dinâmica (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2009), promove a ampliação da concepção do mundo. Considerando, então, que o conhecimento é processual e indissociável do movimento da vida e dos afetos que o acompanham, cartografar pressupõe a inserção do pesquisador de modo comprometido e inventivo, fazendo um traçado singular daquilo que se propõe estudar.

Na cartografia não se estabelece um conjunto de regras ou procedimentos a serem aplicados, da mesma forma que não se determina um caminho para atingir um fim conforme um método tradicionalmente concebido. Enfatizando a experimentação na pesquisa, Passos, Kastrup e Escóssia (2009) propõem uma reversão metodológica: transformar o método ou *meta-hodos* em *hodos-meta*, aquilo que se constrói continuamente na caminhada da pesquisa. Etimologicamente, *metá-hodos* significa: *metá* = reflexão, raciocínio, verdade + *hodos* = caminho, direção. Com esta reversão metodológica, Passos e Barros (2009) propõem que a caminhada não seja apenas o meio para alcançar as metas, mas que haja relevância em si, que no caminhar sejam traçadas e retraçadas as metas, tornando-se *hodos-metá*.

Trata-se, portanto, de uma possibilidade de pesquisar que acolhe procedimentos mais abertos e inventivos, cujo rigor, imprescindível, passa pela explicitação da implicação com a realidade, com o compromisso ético e com interesse pela intervenção (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009).

Esta modalidade de pesquisa é pouco comum no campo da Administração, no qual o debate acerca da metodologia centraliza-se nas questões envolvendo pesquisa quantitativa versus qualitativa. Enquanto à primeira tradicionalmente

outorga-se o papel de representante do paradigma moderno, tornando-a hegemônica, a segunda, embora tenha conquistado algum espaço, ainda luta por sua legitimidade. Desta forma, nota-se que o esforço por desenvolver pesquisa qualitativa ainda mantém-se ligado a pressupostos positivistas, “desculpando-se” por não atendê-los completamente, como no caso da impossibilidade de generalização, questionada por Mattos (2011). Isto se deve ao fato de que, na Administração, a pesquisa qualitativa está associada à ausência de rigor e cientificidade, o que se deve mais ao uso inadequado do método e não a alguma limitação intrínseca (VIEIRA, 2006).

Mesmo em se tratando da área específica de Gestão de Pessoas, que poderia, por seu objeto de estudo, acolher maior diversidade, foram identificados, por Zanelli (2002), poucos estudos utilizando a abordagem qualitativa, a despeito de suas possibilidades. Resultado semelhante foi encontrado por Tonelli *et al.* (2003), que desenvolveram um balanço da produção acadêmica em Recursos Humanos no período de 1991 a 2000. Neste estudo, os autores constataram uma reduzida produção de conhecimento mais significativo e contributivo para a área, sobretudo uma limitada variabilidade com relação às escolhas metodológicas, a maior parte fundamentada em bases funcionalistas. Segundo eles, “a frágil base metodológica da área revelada na pesquisa é talvez a mais evidente e desconfortável de todas as constatações preocupantes observadas” (TONELLI *et al.*, 2003, p.120), que podem ser superadas pela revisão de desenho e pretensão metodológica.

Em tempos do clamor pela inclusão social, pela inclusão digital etc., parece ser tempo da área pensar também em inclusão. De outros temas. De outras bases epistemológicas e metodológicas. De outras regiões e de outros pensadores. Não em vez de, mas além de, aqueles que hoje para ela contribuem (*idem*).

Alguns anos se passaram após o referido levantamento. Hoje é possível afirmar que pesquisas com abordagem qualitativa têm sido reconhecidas na Administração¹⁰, ratificando que a dicotomia entre pesquisas quantitativa e qualitativa é uma falsa dicotomia. Isto é importante para romper com os “monopólios metodológicos”, tendo em vista o “evidente aumento da complexidade no campo dos estudos organizacionais e do fenômeno administrativo como fato social” (VIEIRA, 2006, p.14). Neste contexto, ainda de abertura a metodologias menos duras,

¹⁰ Tal afirmação sustenta-se em observação assistemática, a partir do que se encontra em periódicos e congressos da área. Em revisão efetuada, não foi encontrado nenhum estudo atualizado ou levantamento semelhante ao de Tonelli *et al.* (2003) referente à década 2001-2010.

considero importante explicitar com maior detalhamento algumas orientações, pistas que auxiliam o percurso cartográfico.

3.1. PISTAS DO MÉTODO CARTOGRÁFICO

Sem predeterminar procedimentos de pesquisa, regras ou protocolos, o método cartográfico pode ser balizado por pistas que “concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que se vai produzindo e de calibragem do caminhar no próprio caminhar no percurso da pesquisa” (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009, p. 13). Além disto, as pistas permitem descrever, discutir e coletivizar a experiência do cartógrafo (KASTRUP, 2009). Sendo assim, Passos, Kastrup e Escóssia (2009) apresentam oito pistas, independentes mas conectadas, para o trabalho cartográfico.

3.1.1. Pista 1 - A indissociabilidade entre pesquisa e intervenção

O trabalho cartográfico parte da consideração de que toda pesquisa é intervenção, que inclui uma dimensão política, isto é, que opera sobre a organização da realidade. A pesquisa, nesta lógica, concretiza-se na experiência, reagrupando saber-fazer, distanciados pela lógica cartesiano-positivista. Desta forma, instiga o pesquisador a não se fixar nos conhecimentos prévios ao ingresso em campo. Tal noção sustenta-se no princípio da análise institucional de transformar para conhecer e não conhecer para transformar (PASSOS e BARROS, 2009). Assim, é um trabalho que busca romper com formas instituídas para dar expressão a novos conhecimentos e práticas.

Este é um processo que opera por transversalidades, no sentido originalmente trabalhado por Guattari, explicado por Barros e Passos (2009, p.27) como sendo o acompanhamento dos planos e linhas que compõem o fenômeno não apenas de maneira vertical, com o foco no momento, como em uma fotografia, ou horizontal, no sentido histórico. Trata-se de acompanhar o traçado em um plano em que a realidade toda se comunica.

Além disto, ao indicar a indissociabilidade entre pesquisa e intervenção, os autores afirmam também a necessária implicação do pesquisador, que adquire outro sentido no conjunto de princípios da cartografia, como lembra Paulon (2005, n/p.):

não se trata tão somente de incluir o pesquisador no campo de suas observações (como já promulgado pela pesquisa-participante), como tampouco parece suficiente problematizar a relação pesquisador-campo de investigação (mote da pesquisa-ação), [mas de] aprofundar, também, as concepções de subjetividade e ciência com que se orienta a investigação.

3.1.2. Pista 2 - O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo

Kastrup (2009) trabalha a questão da atenção na cartografia. Importante aspecto visto que ao se deparar com campo amplo, é preciso dirigir a atenção a algo, porém ao se fixar em um aspecto, a tendência é negligenciar outros. Um caminho para solucionar tal questão encontra-se na adoção da “atenção à espreita” – flutuante, concentrada e aberta – que utiliza todos os sentidos (KASTRUP, 2009, p.48). Uma concentração sem focalização. Neste sentido, esta autora distingue quatro gestos da atenção cartográfica: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

O rastreio diz respeito à “varredura do campo” para localizar pistas, signos de processualidade. O toque, por sua vez, “é sentido como uma rápida sensação, um pequeno vislumbre, que aciona em primeira mão o processo de seleção” (KASTRUP, 2009, p.42). Não há um tempo ou uma intensidade definidos para que ocorra o toque, mas se revela como um alerta onde focalizar a atenção. O pouso, terceiro gesto atencional, indica o fechamento do campo, em uma parada da percepção (seja visual, auditiva ou outra), proporcionando a mudança de escala da atenção (ocorre uma espécie de zoom) e o campo reconfigura-se. Por fim, o reconhecimento atento. Este gesto, acionado pelo pouso, instiga à questão “o que está acontecendo?” e a partir daí efetuar uma aproximação ao processo. Através desta aproximação, os contornos singulares do objeto destacam-se, em um ponto de interseção entre percepção e a ativação da memória, não sendo um circuito fechado, como o reconhecimento automático do objeto, mas uma possibilidade de ampliação da percepção.

3.1.3. Pista 3 – Cartografar é acompanhar processos

Cartografar um campo é um convite a habitar um território que, a princípio, não se habita. Desde este ponto de vista, segundo Barros e Kastrup (2009), observa-se uma proximidade com a etnografia que ocorre através da observação e/ou observação participante. Intervir e implicar-se no/com o campo demanda, assim, acompanhar processos. Na maioria das vezes, “quando tem início uma pesquisa cujo objetivo é a investigação de processos de produção de subjetividade, já há [...] um processo em curso. Nessa medida, o cartógrafo se encontra sempre na situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações” (BARROS e KASTRUP, 2009, p.58).

Mas a processualidade da cartografia não se refere apenas a esse “ingressar no meio”. Refere-se a um modo de pesquisar. As etapas da pesquisa, tradicionalmente organizadas sequencialmente, não se separam na cartografia. Coleta, análise, discussão dos dados e escrita são ações que acontecem sem ordem predeterminada, em movimento espiralado conforme a dinâmica do pesquisar.

Neste contexto, uma prática recomendada é a manutenção de um diário de campo no qual, através da escrita e/ou de desenhos, sejam relatadas tanto informações objetivas quanto impressões despertadas na interação com o campo. Tais anotações “colaboram na produção de dados de uma pesquisa e têm a função de transformar observações e frases captadas na experiência de campo em conhecimento e modos de fazer” (BARROS e KASTRUP, 2009, p.70).

3.1.4. Pista 4 - Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia

A cartografia é praticada através das pistas, de estratégias e procedimentos concretos encarnados em dispositivos. Kastrup e Barros (2009, p.78) definem dispositivos seguindo Foucault e Deleuze, compreendendo-os como “máquinas de ver e falar”, como linhas de força que trazem a dimensão do poder-saber, bem como linhas de subjetivação que inventam modos de existir. “O dispositivo alia-se aos processos de criação e o trabalho do pesquisador, do cartógrafo, se dá no desembaraçamento das linhas que o compõem – linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação” (KASTRUP e BARROS, 2009, p.79). O

dispositivo caracteriza-se por sua força em romper o que estava bloqueado à criação.

As autoras propõem três movimentos-funções, no entendimento de que a função do dispositivo realiza-se através de movimentos. São eles: 1. “Movimento-função de referência”, no qual o dispositivo, com funcionamento mais regular, articula a variação e a repetição; 2. “Movimento-função de explicitação”, pelo qual o dispositivo promove visibilidade a linhas implícitas ou virtuais que participam do processo de produção em curso, percebidas pela exploração do território no qual opera a pesquisa-intervenção; e 3. “Movimento-função de produção e de transformação da realidade”, que, a partir do movimento-explicação, gera efeitos no território, alterando-o.

3.1.5. Pista 5 – O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica

Esta pista baseia-se na noção de que ao lado dos contornos estáveis, denominados formas, objetos ou sujeitos, coexistem planos de forças que os produzem o que leva à gênese constante das formas empíricas, dos objetos do mundo, dentre eles, os efeitos de subjetivação (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2009). A cartografia empenha-se, portanto, em incluir a dimensão processual, o plano coletivo de forças moventes que constituem os fenômenos.

As autoras assumem o coletivo diferentemente da perspectiva dicotômica que o situa em oposição ao indivíduo. Neste modo de compreender, o coletivo é composto pelo plano das formas e o plano das forças que, embora distintos, estabelecem relações. Este é um enfoque rechaçado pela pesquisa tradicional e que a cartografia busca reintegrar ao mostrar a indissociabilidade entre a investigação das formas e sua dimensão processual.

A pesquisa cartográfica, tendo em vista seu caráter de transversalidade, intensifica a comunicação e o estabelecimento de relações entre relações, ativa o plano coletivo de forças (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2009). Desta forma, conhecer é traçar seu processo constante de produção.

3.1.6. Pista 6 - Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador

A cartografia exige do pesquisador uma mudança de atitude daquela neutra e descritiva indicada no paradigma moderno. Como se viu, demanda dele a implicação. Requer a dissolução do distanciamento entre sujeito e objeto em um percurso de implicação recíproca. A dissolução do ponto de vista do observador coloca o cartógrafo na posição paradoxal de “habitar a experiência sem estar amarrado a nenhum ponto de vista e, por isso, sua tarefa principal é dissolver o ponto de vista do observador sem, no entanto, anular a observação” (PASSOS e EIRADO, 2009, p.123).

Assim, incluir a implicação do pesquisador não significa afirmar a participação de seus interesses, crenças e juízos sobrepondo-se àqueles aos quais acompanha. A cartografia constitui um método que assume uma perspectiva construcionista do conhecimento, evitando tanto o objetivismo quanto o subjetivismo.

3.1.7. Pista 7 - Cartografar é habitar um território existencial

A cartografia pressupõe a imersão do cartógrafo no território que deseja conhecer. “O trabalho da cartografia não pode se fazer como sobrevoo conceitual sobre a realidade investigada. Diferentemente, é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam” (ALVAREZ e PASSOS, 2009, p.131). Os autores seguem a definição de território de Deleuze e Guattari, que o compreendem não como formação, mas como expressividade, um lugar de passagem em constante processo de formação. Neste sentido, o modo de pesquisar indicado passa pela idéia de habitar o território, “compôr com o território existencial, engajando-se nele” (ALVAREZ e PASSOS, 2009, p.135), numa posição de aprendiz que cultiva sua disponibilidade à experiência e uma relação de “saber com” e não “saber sobre”, dizem os autores. Neste processo, o cartógrafo não ingressa o território conhecendo, de antemão, o que pretende compreender. O processo de habitar o território inicia com a receptividade afetiva, que não deve ser confundida com passividade (ALVAREZ e PASSOS, 2009, p.137).

Neste processo, afirmam os autores, menos do que execução de normas técnicas, é a disposição em compor com o território que possibilita habitá-lo.

3.1.8. Pista 8 - Cartografia exige uma mudança das práticas de narrar

A produção do conhecimento ocorre a partir de escolhas que o pesquisador faz. Tais escolhas, conforme Passos e Barros (2009), acontecem, invariavelmente, a partir de uma tomada de posição que o implica politicamente. A política é entendida, aqui, em sentido ampliado, referindo-se à “forma de atividade humana que, ligada ao poder, coloca em relação os sujeitos, articula-se segundo regras ou normas não necessariamente jurídicas e legais” (PASSOS e BARROS, 2009, p.151). Neste sentido, a narratividade do que é visto, ouvido, sentido assume também uma dimensão política, que está implícita na forma que o pesquisador escolhe para exprimir suas experiências.

O exercício cartográfico indica uma reinvenção da narrativa e a necessidade de resistir às redundâncias comuns nos relatos de caso padrão, nos quais a repetição gera a clareza do caso, em uma linearidade causal. A proposta cartográfica implica uma desmontagem, que remete à dissolvência do caso em si, de sua estrutura, permitindo que os microcasos e as microlutas que o permeiam, componham também a cena. A narrativa da desmontagem não fecha uma figura, mas destaca suas conexões, seus movimentos, seus contraditórios (PASSOS e BARROS, 2009).

Tais pistas orientam o pesquisador em campo, onde inventa seu fazer. A abertura e a inventividade com as quais se depara, não raro colocam o pesquisador diante de alguns desafios, por vezes desconcertantes por não poder se apoiar em padrões ou respostas prontas. É preciso, como salienta Baptista (s/d.), despertar a sensibilidade que anda aprisionada nas “ferramentas-técnicas” a partir das quais a vida é compreendida em espécies de engrenagens mecânicas. Despertar o corpo vibrátil (ROLNIK, 2006) para não sucumbir e utilizar a cartografia como um modelo, formatando-a conforme as práticas científicas, operando não para criação, mas para reprodução. É importante cuidar, ainda, para não situar a pesquisa em polo oposto, desenvolvendo um trabalho sem fundamentação, apresentando um aglomerado de saberes desconectados e com confusões conceituais. Atento a estes

aspectos, a cartografia pode auxiliar na compreensão dos fenômenos de interesse do pesquisador no campo da subjetividade. O fenômeno em questão, na presente tese, constitui um território em uma esfera particular: a internet.

3.2. A PESQUISA NA INTERNET

A pesquisa na internet¹¹ ainda pode ser considerada recente, sendo utilizada, mais comumente, como fonte para buscar literatura e publicar resultados. Pesquisas que não se restringem a essas esferas caracterizam-se, em sua maioria, como levantamentos quantitativos online, questionários ou experimentos. Contudo, a ampla utilização desse canal de comunicação e informação começa a impulsionar outras abordagens, dentre elas, o uso da internet com a finalidade de desenvolver pesquisa qualitativa (FLICK, 2009).

As pesquisas qualitativas na internet podem ser desenvolvidas por email ou via web. Suas vantagens estão geralmente associadas à multiplicidade de dados acessíveis, à não restrição geográfica, à amplitude de públicos com os quais se pode contatar e à redução de custos. Mais que isto, a internet propicia o encontro do pesquisador com o mundo social, ou parte dele, independente do espaço-tempo em que se encontre o que representa uma oportunidade ímpar. A internet, como campo de pesquisa, tem sido considerada de três modos: como objeto, isto é, aquilo que se estuda; local, ou seja, onde a pesquisa é desenvolvida e/ou instrumento através do qual a pesquisa é realizada.

A riqueza de possibilidades desse ambiente enquanto campo de pesquisa desperta alguns cuidados. Flick (2009) ressalta aqueles que se relacionam, principalmente, à confiabilidade dos dados, até mesmo os demográficos. Se sexo, idade, raça são aspectos cruciais para a pesquisa, esta pode ficar comprometida, restringindo-se aos aspectos alegados pelos participantes, o que, por outro lado, pode garantir maior anonimato ao participante. Outro aspecto a ser destacado é que, embora o alcance da internet seja amplo, não é universal. Há aqueles que não

¹¹ O termo geralmente é grafado com inicial maiúscula, sugerindo um nome próprio típico de seres ou lugares. Optei pela grafia com inicial minúscula, seguindo a proposta de Baym e Markham (2009), compreendendo que a ação e o poder não estão na internet em si, mas naqueles que a desenvolvem e a utilizam. O Sujeito não seria a internet, mas seu usuário.

podem ou não querem estar conectados. Além disto, nem sempre quem está conectado está interessado em fazer parte de alguma pesquisa.

Neste sentido, é importante considerar os aspectos éticos envolvidos na pesquisa na internet. A *Association of Internet Researchers* (AoIR) publicou um documento, sistematizado por Ess (2002), no qual são apresentadas algumas questões elaboradas por seu comitê de ética. Este comitê alerta aos pesquisadores sobre as especificidades que permeiam a internet como campo de pesquisa e sobre os cuidados redobrados diante de um contexto de maior exposição dos sujeitos e de facilidade de acesso a informações. Neste contexto, o pesquisador vê-se diante de novos dilemas, que demandam a problematização dos critérios éticos já estabelecidos para outros campos, mesmo em disciplinas consolidadas. O documento do comitê de ética da AoIR, situado entre o relativismo ético e o dogmatismo, não se propõe como um manual a ser seguido, mas enquanto um guia de reflexões a serem consideradas pelo pesquisador da/na internet.

Na pesquisa na internet, conforme as propostas da AoIR, o pesquisador deve considerar as características de seu objeto de estudo e onde ela é desenvolvida, se é em um blog, um site, uma sala de bate-papo, uma lista de email etc. Cada ambiente/ferramenta destes, por sua abrangência, implica em diferente expectativa de privacidade e anonimato, que muitas vezes são explícitos em suas normas de utilização ou recomendações aos usuários. Sendo assim, o comitê da AoIR considera que, quanto maior o reconhecimento da publicidade do ambiente, menor é a obrigação do pesquisador com relação à proteção de confidencialidade, privacidade e dever do consentimento informado. Neste sentido, Bruckman (2002) afirma ser dispensável o consentimento para pesquisas desenvolvidas em ambientes com as seguintes características: sites oficiais; ambientes que não solicitem senha de acesso a seu conteúdo, que não proíbam o uso de suas informações para pesquisas e cujo conteúdo não promova a suscetibilidade. Elm (2009) aprofunda esta discussão propondo a problematização do que se considera público e privado na internet. Segundo esta autora, a visão dicotomizada não é suficiente para dar conta da variedade de situações encontradas, devendo ser consideradas pelo menos duas situações intermediárias: o semi-público e o semi-privado, referindo-se a sites que requerem senhas a diferentes níveis de acesso.

Nesta perspectiva, a questão a ser feita em cada situação é: qual a privacidade esperada pelos envolvidos neste ambiente? (ESS, AoIR, 2002) Mesmo

em se tratando de ambientes públicos ou abertos, o comitê de ética recomenda que o pesquisador informe sua intenção de pesquisa, comunicando aos sujeitos seu objetivo e que tipo de informações pretende utilizar. No caso de buscar consentimento, o comitê da AoIR ressalta a importância do momento em que este é apresentado, considerando variações de enfoque que podem ocorrer ao longo do processo de pesquisa e das recombinações necessárias. Além disto, questiona sobre a possibilidade de buscar o consentimento nas pesquisas em grupos com alta rotatividade, indagando se seria suficiente o consentimento do moderador/coordenador/administrador. No documento não é apresentada uma resposta pronta, mas a recomendação que a mesma seja elaborada considerando cada contexto e suas características, sobretudo no aspecto já assinalado de expectativa de privacidade.

Ess (2002) e o comitê de ética da AoIR indicam que o pesquisador questione acerca de seu objeto de pesquisa e do seu público-alvo, recomendando cuidados redobrados quando se tratar de sujeitos vulneráveis, como crianças ou adolescentes. O pesquisador deve estar atento para não expor, de modo prejudicial, os sujeitos envolvidos em sua pesquisa. Também é importante considerar o foco da análise. Quando este recai sobre os sujeitos em si, suas características ou ações, o pesquisador deve estar mais atento à privacidade que difere dos casos em que o foco de análise são os textos publicados, ou seja, os sujeitos enquanto autores (ESS, AoIR, 2002). Segundo Bruckman (2002), os nomes dos sujeitos podem ser explicitados quando expressar a autoria de um pensamento, dando o devido crédito. Esta autora indica, contudo, que as demais informações sobre o autor, não relativas ao texto publicado, sejam omitidas.

Nesta tese, o processo cartográfico da RHS implicou uma pesquisa *sobre, na e com* a internet. A pesquisa foi sobre a internet, considerando-a objeto de estudo, não no que se refere à tecnologia e suas especificidades, mas investigando a viabilidade de suas conexões para a ocorrência da cooperação produtiva. A cartografia aconteceu na internet e com ela, que se constituiu um espaço-veículo de pesquisa, através das ferramentas ali disponíveis, seja na web¹² ou na Lista de e-mails.

¹² Embora internet e web sejam esferas diferentes, a web ocupa parte tão significativa da internet que, nesta tese, serão consideradas equivalentes, denominadas indiferenciadamente.

Embora a pesquisa desta tese tenha sido *sobre, na e com* a internet, ela não foi tomada como uma benesse de antemão. Diferentemente do que ocorre entre alguns estudiosos que tendem a idealizá-la ou rejeitá-la, desde o início o propósito foi conhecer mais de perto as possíveis contribuições da internet para a efetivação de conexões e seus reflexos nos modos de trabalhar-viver, mais especificamente, nos modos de trabalhar e produzir-se como trabalhador, ou coletivo, da saúde: nos modos de “produzir(-se) ^{ponto} com” outros trabalhadores no território da Rede HumanizaSUS, a RHS.

Neste processo, o que Flick (2009) refere como limitações da pesquisa qualitativa na internet não se mostrou relevante, tendo em vista que a cartografia desenvolvida não estava em busca da verdade ou da essência do fenômeno. O interesse da pesquisa recaía na Rede em si mesma e no movimento de suas conexões, seus fluxos e fixos.

A RHS é uma rede social aberta, sendo seu conteúdo considerado público. Ainda assim, havia algumas preocupações com relação ao desenvolvimento da pesquisa, sobretudo por considerar, conforme exposto anteriormente, que ser um espaço aberto não implica, necessariamente, o desejo ou a permissão para ser objeto de pesquisa. Desta forma, busquei o consentimento para a realização da pesquisa. Sabendo da impossibilidade de obter retorno de todos os membros, o primeiro contato foi feito através de mensagem por email ao coordenador da Rede. O retorno dele foi favorável, contudo sua posição pessoal não seria suficiente de modo que encaminhou a proposta para o coletivo através da Lista do Google. Nesta etapa, vários participantes manifestaram-se favoravelmente. Por fim, ainda antes de iniciar a pesquisa propriamente dita, publiquei um post, afirmando a intenção de realizar a pesquisa, seus objetivos, referenciais e abrindo a possibilidade de diálogo. Além destas iniciativas de explicitação do propósito de desenvolvimento da pesquisa, considero importante assinalar que na Rede, antes mesmo do meu ingresso, havia manifestações de interesse em que a experiência da RHS fosse estudada para compreender o que acontecia ali. Claro que esta compreensão poderia ter diversos enfoques, não necessariamente ligados ao que propus. Contudo, entendo que a composição dos diversos estudos com seus diferentes enfoques permitirá essa compreensão almejada.

Cabe ainda destacar a questão da divulgação dos nomes na referência de trechos citados. Novamente, o critério que sustenta esta opção não é apenas o fato

da Rede ser aberta e o acesso a seu conteúdo ser livre a qualquer internauta. Os sujeitos na presente pesquisa estão sendo indicados enquanto autores dos trechos citados, seguindo as proposições de Ess e do comitê da AoIR (2002), bem como de Bruckman (2002). Além disto, há na Rede diversas manifestações de liberação dos autores para o uso de seus textos, aludindo aos princípios de *copyleft*¹³. O uso de tais textos, contudo, requer o crédito da autoria, o que considero fundamental, particularmente, no contexto de trabalho imaterial, no qual as ideias, a criatividade e a cooperação constituem matérias-primas fundamentais.

3.3. CARTOGRAFANDO A REDE HUMANIZASUS – ESTRATÉGIAS E PROCEDIMENTOS ADOTADOS NA PESQUISA

Iniciei o contato com a RHS, de forma assistemática, como leitora de seu conteúdo, interessada pelas questões relativas à Humanização. Conheci a Rede por intermédio do curso de Especialização em Humanização da Atenção e Gestão do SUS¹⁴, em sua segunda edição, quando integrei a equipe pedagógica. Este curso aconteceu no período de agosto de 2008 a maio de 2009 e, neste período, foi promovida uma atividade de capacitação dos alunos-apoiadores para o acesso e a participação na RHS. Esta aproximação à RHS despertou meu interesse em explorá-la de forma sistematizada.

O contato inicial para discussão sobre o desenvolvimento da pesquisa aconteceu através de email dirigido ao Prof. Dr. Ricardo Teixeira, “membro-fundador” da RHS, um de seus editores-cuidadores e que responde como seu coordenador. No email enviado, explicava sobre a proposta de pesquisa, qual seria a possibilidade de inserção e acolhimento da ideia. Seu retorno foi imediato e positivo, demonstrando interesse pelo tema e pela possibilidade de composição com outras pesquisas que já vinham sendo realizadas na época (abril de 2010) por dois

¹³ *Copyleft* é uma inversão do princípio de *copyright*. Enquanto este marca as obras (música, texto, imagem etc.) protegidas por direitos autorais, aquele indica que a obra está livre para ser passada adiante, copiada, modificada, enfim, usada em diferentes contextos. A licença de *copyleft* busca garantir o amplo acesso aos conteúdos produzidos (LEMOS e BRANCO JÚNIOR, 2009).

¹⁴ Curso promovido em uma parceria estabelecida entre o Ministério da Saúde (MS), através da Política Nacional de Humanização (PNH), a Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul (SES-RS), através da Escola de Saúde Pública (ESP) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), através do Instituto de Psicologia.

grupos que atuavam conjuntamente, compostos por tecnólogos e pesquisadores de redes envolvidos com o desenvolvimento da RHS. Um dos grupos era o Laboratório de Inteligência Coletiva da PUC-SP (o LInC) e o outro grupo, o Weblab da Escola do Futuro da USP.

O coordenador acenou favoravelmente, mas, ao invés de dar uma resposta definitiva, encaminhou a proposta através da Lista de email aos demais membros do Coletivo apresentando a ideia. Esta atitude constituiu-se como analisador, demonstrando, desde então, o empenho para estabelecer as relações de modo horizontal e o esforço para produção do coletivo (produzir-nos) que acompanhei posteriormente. Sua mensagem disparou a manifestação de outros membros que, através de mensagens na mesma Lista, também se mostraram favoráveis à pesquisa, dispostos a colaborar.

A ideia de cooperação no trabalho já foi percebida neste momento. Os participantes que se manifestaram não apenas aceitaram, mas também já trouxeram elementos contribuindo com a proposta apresentada. As sensações de acolhimento e de reconhecimento despertaram satisfação e, ao mesmo tempo, um sentimento de responsabilidade intensificada pelas expectativas mobilizadas.

Assim foram os primeiros passos formais rumo ao território. Na bagagem, portava algumas ideias talhadas em experiências prévias de atuação profissional e de pesquisa e do contato com o referencial teórico escolhido. Na cartografia é assim. Somos incentivados a levar para o território os conhecimentos prévios, dispostos a dialogar com outros e formar novos saberes. Levava, mais do que conhecimentos, questões. Ou, talvez, tais questões é que me levavam, direcionando meu movimento ao encontro do território. Estas questões foram divididas em três blocos.

O primeiro bloco de questões dizia respeito às possibilidades tecnológicas, consideradas em seu sentido amplo, de composição do território, envolvendo técnica e lógica subjacente. Perguntava-me: que território é este? Quais linhas e forças o compõem, dando-lhe forma? Em que cenário ampliado (entre o online e o off-line) insere-se? Articula-se a outras redes? O que o mantém operando? Há trabalho? Há cooperação? Tem finalidade em si ou é um meio de divulgação da Política? Ambos?

O segundo bloco de questões referia-se aos processos de subjetivação produzidos nesse território. Perguntava-me: que modo de subjetivação é produzido a partir das conexões mediadas pela internet, particularmente na RHS? Quais atores compõem este território? Que implicações acarretam as diferenças de gênero;

geração; profissão; área de trabalho no campo da saúde? Quais suas motivações para integrarem? Participam de outras redes? Compõe-se um modo de subjetivação coletivo?

O terceiro bloco de questões remetia, então, às possibilidades de cooperação. Perguntava-me: as conexões deste blog constituem-se de modo cooperativo? Como se dinamizam as relações entre as esferas cooperativas on-line e off-line? O que (des)anima a cooperação? O coletivo da rede possibilita o arrefecimento das relações competitivas, constituindo laços de solidariedade? Que forma de poder se instaura? Configura-se como uma rede de autogestão? Como circulam (ou não) as noções de hierarquia? Seduções?

Tais questões configuraram-se como pistas iniciais. Não eram questões que pediam, necessariamente, respostas. Abriam-se, como previsto, às imprevisibilidades, às novas questões ou mesmo à mudança de perspectiva sobre o fenômeno estudado. De fato, como apresentado na Introdução, o próprio objetivo de pesquisa foi revisado. A ênfase inicial na questão da possibilidade de cooperação perdeu força quando, logo no início, esta foi constatada, ou melhor, vivenciada. Havendo cooperação, as demais questões e o interesse em compreender sua dinâmica ganharam destaque. Para tanto, passei a conviver com a RHS, adicionada à Barra de Favoritos da página de abertura de meu navegador da internet.

Os planos delineados inicialmente previam a leitura dos posts, a proposição de um diário coletivo, a confecção de posts, a realização de chats. A princípio, imaginava que seria necessário lançar mão de dispositivos para “fazer ver e falar”, mas que seriam delineados a partir da exploração inicial do território.

Iniciei, então, a leitura dos posts da Rede, disponíveis na página principal e não nos blogs individuais. Optei por este recorte considerando que o acesso dos posts à página principal ocorria pelos votos dos membros, sendo uma escolha do coletivo. A primeira ideia era fazer a leitura guiada pelas tags, iniciando pela tag: coletivo. Contudo, fui percebendo que seria um caminho difícil de trilhar, uma vez que o tagueamento, sob responsabilidade de cada autor, nem sempre era realizado, tampouco orientava-se pelos mesmos critérios. Havia, assim, a possibilidade de deixar de fora posts que não estavam tagueados ou não incluíam a tag de interesse, embora abordasse o assunto em questão. Além disto, um fator operacional, do ir e vir a cada vez que abria o site, procurando o post em que havia parado a leitura, passou a incomodar. Pode parecer banal, mas buscar o ponto de interrupção da

leitura dos posts daquele modo tomava tempo (pelo menos para mim que tenho habilidades intermediárias em informática) e, em tempos de imediatismo, requeria uma dose de paciência. Decidi, então, seguir uma leitura cronológica das postagens. Iniciei pelos posts de 2010, ano corrente nessa época, ainda sem muita certeza até onde iria (para frente e para trás na cronologia) tendo em vista o volume de publicações. Em 2010 encontraria as postagens mais atuais, contemporâneas ao período da pesquisa.

A princípio, fiz uma leitura flutuante, de “atenção à espreita” (KASTRUP, 2009) e reconhecimento dos temas, dos participantes, das tendências, dos desvios etc. A partir daí estabeleci dois movimentos. O primeiro, consistiu na alteração da forma de ler. Menos desprendida do que no primeiro momento, esta foi realizada com a lupa dos objetivos de pesquisa, mais focada, assumindo o inevitável viés que me levava ao campo. Procurei me sensibilizar àquilo que os próprios participantes afirmavam sobre a RHS, seu funcionamento, a troca de experiências, afetos despertados e aspectos que respondessem às minhas questões. Sem esperar expressões literais, buscava suas considerações sobre produzir(-se) no trabalho em saúde e possíveis manifestações acerca da RHS enquanto espaço de cooperação produtiva. A partir daí criei uma espécie de diário contendo os trechos referentes a estes tópicos, bem como as percepções e outras indagações que iam aparecendo.

O segundo movimento, que foi desencadeado alguns meses após o primeiro (já estava no começo do ano de 2011), consistiu na confecção de uma planilha com todos os 630 posts publicados na página principal da RHS no ano de 2010. Para cada post foram identificados: autor; cidade; data; título do post; resumo do conteúdo; se havia imagem associada (sim ou não); se havia ou não comentários e quantos e quem os postou; se havia ou não respostas aos comentários e quantas. No processo de organização destas informações, a dinâmica dos comentários foi dando indícios de que se tratava de algo relevante. Nesta direção, decidi categorizar os assuntos dos posts, com o intuito de verificar a existência ou não de alguma tendência ou tema mobilizador de maior participação em comentários, bem como o tipo de comentário efetuado.

Talvez este seja considerado um procedimento “duro” no âmbito da cartografia. Cabe, portanto, explicitar que não era meu interesse desenvolver uma sociometria nem aplicar técnicas estatísticas aos dados tabulados. O máximo que fiz foi ver o percentual para fazer comparações proporcionais. A confecção da planilha

foi motivada pela suposição que tal esquadrinhamento, o estudo cuidadoso, propiciaria uma visibilidade que me auxiliaria no percurso em campo tão aberto quanto a RHS – um blog coletivo na internet. E, de fato, este procedimento me ajudou na construção de significados acerca do modo de produzir da RHS, sobretudo a partir da categorização dos posts por assuntos e sua relação com os comentários. Comecei a perceber que determinados tipos de post geravam determinados tipos de comentários, produzindo diferentes situações: circulação de informações, acolhimento, ou ainda fomento a redes de conversação e reflexão, conforme analisarei na seção “produzir(-nos) ponto com”.

Enquanto estava no processo de leitura e categorização dos posts de 2010, considerei importante estabelecer contato com os participantes da RHS. Assim, publiquei o post “Cartografando a RHS”, no dia 29 jun. 2011 (Anexo 1). Tratava-se de um convite para a participação na pesquisa, explicitando seus objetivos e referenciais teóricos, ofertando a possibilidade de resolução de dúvidas, como um momento de contratação da pesquisa.

Este post obteve os 10 votos necessários para ingressar na página inicial no mesmo dia, o que não era muito comum, conforme minhas observações no período, mostrando-se um apoio significativo. Mas tal apoio foi expresso também explicitamente nos comentários que foram favoráveis à proposta. Alguns membros buscaram esclarecimento acerca do referencial teórico, pois, como indicado na apresentação da RHS, alguns membros são professores e pesquisadores sendo de seu interesse aprofundar este aspecto. Tal esclarecimento foi fornecido.

Após 10 dias, postei o segundo post (Anexo 2). Este trazia uma breve sistematização do levantamento realizado pela leitura dos posts de 2010, envolvendo as percepções expressas pelos participantes sobre a própria RHS. A questão inicial abordava “O que significa a RHS para você?”. Foram muitos comentários e, a cada um, novas questões foram surgindo. A intenção era justamente abrir um fórum de discussão sobre a RHS na RHS.

A intensidade das participações foi surpreendente. Este foi o post mais comentado até então na RHS¹⁵, com 61 participações, sem considerar as minhas intervenções. Além dos comentários no próprio post, a questão da pesquisa foi levada a outros posts, buscando incentivar o envolvimento de mais membros na

¹⁵ Segundo as estatísticas apresentadas na própria Rede, disponível em: <<http://www.redehumanizaus.net/node/1607>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

discussão proposta. Porém, a intensidade destacada refere-se não somente à quantidade dos comentários, mas à qualidade dos mesmos, no sentido de serem textos longos, elaborados, demonstrando envolvimento com a proposta e dedicação à reflexão e à escrita. Muitas vezes, os autores dos comentários inseriram músicas e imagens para acompanhar os textos e expressarem suas opiniões, formas para dar passagem às sensibilidades do corpo vibrátil. Reproduzia-se neste post, particularmente em seus comentários, a estética que permeava a RHS, de potência de criação, conforme estava constatando em meu percurso.

Contudo, a relação estabelecida ainda apresentava um caráter de “pesquisador-pesquisado”. Considerando o tema, o coletivo em questão e a proposta de pesquisa, imaginava que haveria maior entrosamento e, a partir das questões propostas depois dos comentários, o diálogo tivesse continuidade. Entretanto, essas questões tiveram pouca repercussão e um possível (imaginado) fórum ficou esvaziado. Ao analisar esta situação, me ocorreram várias hipóteses. Primeiro, pensei que o esvaziamento teria relação com sua saída da página inicial. Isto é, outros posts foram votados para página principal, “empurrando” os anteriores para páginas subsequentes. Assim, o post não estava mais visível logo ao abrir a página da RHS (embora aparecesse como link em Conversas Ativas). Desta forma, a solução seria fazer um novo post reeditando as questões, trazendo novamente para o primeiro plano. Contudo, me ocorreu que poderia haver outra razão. Os usuários não seguiram respondendo porque isto não seria do seu interesse e/ou por falta de tempo, já que as respostas iniciais poderiam ter criado a expectativa de que se seguisse o mesmo nível de elaboração. E/ou por algum outro motivo desconhecido. Considerando isto e sabendo que nem todos que estão circulando pela rede, em geral, e na RHS, em particular, têm vontade de participar de pesquisas, avaliei que escrever um novo post forçando o acesso à primeira página da RHS novamente, poderia ser uma insistência.

Insistência desnecessária, porque fui percebendo que a proposta de “pensar a RHS” em um post específico estava sendo artificial. Quanto mais a leitura dos posts avançava, mais percebia que, o que estava demandando, já vinha acontecendo espontaneamente, permeando os diversos textos e comentários. Optei, então, por seguir no território sem lançar mão de outros dispositivos, que se mostraram dispensáveis.

Os comentários e o diálogo estabelecido no post “O que significa a RHS para você?” foram considerados no processo de pesquisa como uma espécie de validação daquilo que se delineava no momento e uma provocação de explicitação do que a Rede significava para os membros. Com isto em mente, continuei a leitura dos posts, que se estendeu do primeiro post em fevereiro de 2008 aos publicados até julho de 2011. Esta leitura seguiu apenas o primeiro movimento, através do qual o material publicado em três anos e meio foi examinado sob a perspectiva de “produzir(-se) _{ponto} com”, e não mais visando a categorização de cada post, conforme o segundo movimento.

Resultou desta leitura sob a ótica do objetivo de pesquisa um recorte ainda extenso. Para dar uma noção de sua dimensão, ocupou 102 páginas de um documento do Word, fonte Arial, tamanho 10, espaçamento simples. O volume deste material, constituído por trechos de posts e comentários, confirmou que eram dispensáveis outros procedimentos para compreender a produção possível a partir das conexões em uma rede social. O desencontro entre o que imaginava propor e o que já estava na RHS serviu como indicador do exercício de autoanálise existente na RHS, em termos das produções de saúde e de subjetividades.

Percorrendo a RHS através da leitura dos posts e não mais com a intenção de instigar o debate a partir do post, fui surpreendida com alguns novos comentários no post: “O que significa a RHS para você?”, publicado em 10 julho 2011. Já considerava que o movimento-diálogo no mesmo havia esgotado, visto que os comentários foram postados logo após sua publicação, até algumas semanas depois, mas ainda no mês de julho. Então, no final de agosto, dia 29 para ser precisa, foi postado um comentário pedindo notícias sobre o andamento da pesquisa o que levou a outros comentários, ativando, por mais algum tempo, o diálogo estabelecido por ali. Isto foi importante, pois mostrou que, embora não houvesse manifestação acerca do post e da proposta da pesquisa, alguns membros permaneciam de alguma forma conectados a ela. O silêncio na Rede, embora seja diferente do que acontece na relação off-line, quando a presença física traz à cena outros elementos, também não significa, necessariamente, ausência. Fui compreendendo isto com o passar do tempo, habitando a RHS, que foi compreendida como um diário coletivo.

O diário coletivo, segundo Lazzarotto (2009), é composto pela livre escrita do grupo que o utiliza, compartilhado instantaneamente, conforme possibilita a internet,

constituindo um prolongamento do agenciamento do qual seus membros fazem parte. Esta autora observa que há uma expansão da escritura pela interação convocada de modo permanente pelo veículo (internet). Lazzarotto (2009, p.111) menciona, guiando-se no pensamento de Hess, que o diário busca “guardar uma memória de um pensamento que se forma no cotidiano de suas observações e reflexões, num exercício de captar o que se passa, o que se vê, o que se percebe”.

O conteúdo pode ser lido e relido, construindo uma memória das vivências e um suporte para um trabalho reflexivo de análise, como objeto de autoanálise, sobretudo na releitura. Conforme Hess (1988), saber mais sobre si mesmo passa por este domínio, a compreensão de quem se é e de quem se quer tornar. O diário não é o único método para esta finalidade, mas é um método privilegiado, na medida em que pode circular no espaço e no tempo, permitindo um distanciamento produtor de sentido. A escrita de um diário é também uma forma de analisar a articulação de diferentes dimensões: individual, interindividual, grupal, organizacional, institucional, comportando, assim, uma importante dimensão sociológica.

Tais dimensões vão compondo os sentidos do diário, produzidos nas diferentes leituras. Concebida como diário coletivo, a RHS foi acompanhada a partir da leitura dos posts seguindo a ordem cronológica das publicações. Contudo, o sentido não foi compondo uma narrativa linear, para não correr o risco de engessamento em *uma* história. A cartografia da RHS seguiu procedimento semelhante ao descrito por Oliveira (2011, p.89)

O procedimento de desmontagem aqui proposto implica “surfear” no fluxo de afetos produzido quando se entra em relação com a narrativa. Manobrar nos seus acidentes, saliências, dobras, diferentes velocidades, aquilo que denominamos cortes ou bifurcações. Habitar e explorar as forças que nos forcem a reagir (para sobrevivermos) e a pensar (dar passagem às forças ativas da natureza).

Um grande desafio neste processo foi a convivência com o “dilúvio informacional” (LÉVY, 2007). O ambiente da RHS, embora com grande volume de informações, era, por assim dizer, controlado. Isto porque o acesso à internet e às leituras se davam conforme minha disponibilidade. Contudo, a conexão ligada à RHS via Lista do Google habitou meu cotidiano. A cada abertura da caixa de entrada do meu email, diversas mensagens da Rede HumanizaSUS. Vivía, por um lado, uma satisfação de acompanhar a circulação de interessante material, pelos sentidos que iam se delineando, pelo conforto de trabalhar em casa. Por outro lado, uma angústia e uma ansiedade em “dar conta” do que estava sendo produzido e constantemente

disponibilizado gerava a sensação de intrusão, de hipersolicitação e até de desnorreamento. Vivenciava, assim, a ambivalência do processo de pesquisa na internet.

Neste contexto, as leituras, a categorização e os posts-fóruns foram procedimentos que auxiliaram e possibilitaram acompanhar movimentos e conexões na RHS e desta com outras redes. As diversas leituras propiciaram maior familiaridade com o campo, construindo um sentido naquilo que dizia respeito ao objetivo da pesquisa e compreendendo sua dinâmica. Aliás, mais do que compreender, foi possível vivenciá-la. A cada entrada, nas diversas leituras, no ir-e-vir dos procedimentos, novas facetas foram conhecidas, reconhecidas, formuladas e reformuladas. Elas proporcionaram diferentes sentidos que iam surgindo na própria relação com o território, permeados por conteúdos do cotidiano (reportagens, programas de televisão, propagandas, crônicas) e sustentados no referencial teórico adotado, a ser apresentado nos próximos capítulos.

4. “PRODUZIR(-SE)”: A PRODUÇÃO NO PARADIGMA DO TRABALHO IMATERIAL

Produzir(-se) indica a dupla ocorrência que permeia o âmbito do trabalho: a produção de valores, em bens e/ou serviços e a produção de si, do próprio sujeito que se constitui na relação com o trabalho. O trabalho, para além de garantir sobrevivência material, mostra-se importante na produção de subjetividades, de modo que a maneira como os sujeitos vivenciam e dão sentido às experiências de trabalho conformam seus modos de agir, conhecer, sentir, de viver.

A subjetividade é compreendida como um sistema complexo e heterogêneo, composto pelo sujeito e as inúmeras relações que ele estabelece. Guattari (2006, p.19) define a subjetividade como o “conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como *território existencial* auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva”. Trata-se, portanto, de uma construção social e histórica, assumida e vivida pelos sujeitos em suas existências particulares. É a construção da vida em si mesma, pois a subjetividade está nas “maneiras de sentir, de amar, de perceber, de imaginar, de sonhar, de fazer, mas também de habitar, de vestir-se, de se embelezar, de fruir etc.” (PELBART, 2000, p.37).

Atuam nesta composição, simultaneamente, múltiplos planos e linhas. As chamadas linhas de *segmentaridade duras* indicam as divisões mais facilmente identificáveis, determinações e lugares no mundo social. Por seu traçado finito e consciente, organizam-se territórios existenciais mais visíveis (ROLNIK, 2006). Atribui-se por estas linhas, as características como sexo, profissão, camada social, peculiaridades que se destacam de um conjunto regido por usos familiares e costumes locais. Estados mais ou menos estáveis que configuram cortes designáveis e implicam dispositivos de poder (DELEUZE e PARNET, 1998).

As linhas *flexíveis* modulam as diferenciações mais imperceptíveis, zonas de indeterminação, constituindo as mutações possíveis e desejáveis para os sujeitos em suas vidas. Configuram intensidades regidas mais pela lógica de afetos do que pela lógica de determinações bem circunscritas. Elas levam a uma destinação desconhecida, imprevisível. É o que Deleuze e Parnet (1998) denominam de linhas de fissura ou ruptura, pelas quais os fluxos movem-se gerando mutações

irremediáveis em pequenos estalos. O plano criado por estas linhas é feito de um estado de fuga (ROLNIK, 2006).

Elas traçam pequenas modificações, fazem desvios, delineiam quedas ou impulsos: não são, entretanto, menos precisas; elas dirigem até mesmo processos irreversíveis [...] Muitas coisas se passam sobre essa segunda espécie de linhas, devires, micro-devires, que não têm o mesmo ritmo que nossa “história” (DELEUZE e PARNET, 1998, p.146).

Existem ainda as linhas que promovem traçados entre as segmentaridades duras e as flexíveis, em um vai-e-vem constante. Tais linhas operam a negociação entre o plano constituído pela determinação e aquele constituído pelos afetos e estados de fuga, o que faz que elas tenham uma espécie de “ambiguidade congênita” (ROLNIK, 2006), um estado instável entre a sensação de angústia existencial e outro de alívio ao atribuir sentido.

Tais linhas atravessam-se continuamente, em um jogo de forças ora de fixação, ora de transformação, produzindo subjetividades, renunciando pretensões universalistas. Neste jogo, constituem-se sujeitos com elementos internos, de imanência relativa, compostos por estruturas biológicas, desejos e interesses relativamente independentes, e elementos externos, de transcendência relativa, conformados pelas relações sociais que alteram desejos, necessidades, interesses (CAMPOS, 2005). A configuração mais ou menos estável é fruto da cristalização existencial de agenciamentos destes múltiplos vetores. Expressa-se pelo jeito, gestos, procedimentos que se repetem, como em um ritual (ROLNIK, 2006).

Contudo, conforme Guattari (2006, p.11), não há “nenhuma instância dominante de determinação que guie as outras instâncias segundo uma causalidade unívoca”. Há um constante tensionamento entre a singularidade e os sistemas sociais e culturais, de modo que

o modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo [...] de singularização (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 33).

Esta noção de subjetividade supõe a ruptura das dicotomias entre indivíduo/coletivo, objetivo/subjetivo, interior/exterior, pois não se trata de objetos, de um mundo prévio ou uma realidade pré-social, mas das relações de forças e fluxos estabelecidas em movimento. Assim, a oposição entre sujeito e sociedade adquire contornos menos delimitados, borrando a imagem de um sujeito uno e

completamente autônomo. A riqueza, no campo da subjetividade, está justamente na composição, na polifonia. Entende-se que ela é plural, coletiva. Contudo, a complexificação que interessa está constantemente ameaçada por movimentos de captura estruturantes, fixação em linhas duras, em formas-funções rigidamente determinados. Em algumas circunstâncias isso se mostra mais presente, tal qual nas sociedades disciplinares.

As sociedades disciplinares, hegemônicas no período que vai do século XVIII até a Segunda Guerra Mundial, caracterizavam-se por suas instituições sociais rigidamente estruturadas, com fronteiras nítidas entre si. Nelas, a influência e o poder eram ao mesmo tempo massificantes e individuantes (DELEUZE, 2000). A arquitetura do panóptico corporificava sua lógica, observada em escolas, hospitais, prisões, fábricas. Muito além da estrutura, constituía uma lógica que permeava as relações e provocava a internalização da disciplina, que prescindia dos muros físicos. Assim, definia limites, conformando papéis de autoridade e subordinação entre homens e mulheres, pais e filhos, patrões e empregados, alunos e professores, profissionais e usuários/clientes etc. Os modos de subjetivação daí decorrentes eram deterministas, fixados em identidades rigidamente estruturadas.

As subjetividades produzidas nas instituições modernas eram como as peças de máquina padronizadas produzidas nas fábricas: o detento, a mãe, o operário, o estudante e assim por diante. Cada parte desempenhava um papel específico na máquina montada, mas era padronizada, produzida em massa, e portanto substituível por qualquer parte do seu tipo (HARDT e NEGRI, 2005, p.353).

Os padrões fixos que determinavam tais relações foram sendo modulados e, aos poucos, cederam espaço a relações e a linhas mais flexíveis nos processos de subjetivação (DELEUZE, 2000). Isto porque a disciplina, já internalizada, funcionava bem em campos mais abertos. Além disto, ao capitalismo, em fase mais competitiva, com possibilidade de produção mais diversificada e em contexto de maior circulação de informações e produtos, não interessava sujeitos confinados e robotizados. Interessava sujeitos com diferentes habilidades e capacidade de transitar em diversas instituições e, para tanto, foram derrubados os cercados que as definiam em espaços limitados. “A lógica que funcionava principalmente dentro das paredes institucionais agora se espalha por todo o terreno social” (HARDT e NEGRI, 2005, p.216).

Assim, as instituições têm operado com um pouco menos de visibilidade, uma vez que suas fronteiras foram borradas, desconfigurando os limites pelos quais eram

reconhecidas até então. Contudo isto não representa seu enfraquecimento. Ao contrário. As lógicas institucionais superam os espaços definidos bem como os tempos determinados. O espaço-tempo marcado pelas rupturas e ordenações abre-se a experiências de desenvolvimento contínuo, que transversalizam o ordenamento. Nas palavras de Deleuze e Guattari (2008), há um alisamento do estriado a partir do qual se tem a valorização do trajeto e não somente das paradas; dos processos e não somente dos produtos; de afetos imprecisos e não somente de composições definidas. É intensivo, mais do que extensivo.

Desta forma, “quando as fronteiras entre os espaços se apagam tudo é escola, e tudo é empresa, e tudo é família” (PELBART, 2000, p.30). Tais transformações indicam a passagem, ainda em trânsito, da sociedade tipicamente disciplinar para uma outra configuração, na qual ordenamento, em rede, quase imperceptível, se dá nas micro esferas do cotidiano social, configurando a chamada sociedade de controle.

Na esfera do trabalho, o centro de valor na sociedade disciplinar encontrava-se na fábrica e a lógica do trabalho fabril generalizava-se às demais esferas da vida, com as prerrogativas de concentração e propriedade. O trabalho restringia-se a um espaço delimitado e a uma jornada diária contratada, marcada pelo ritual do “passar o cartão” ou “bater o ponto” com o registro de início e término da jornada de trabalho.

A formalização desta proposta culminou com as propostas da Administração Científica do Trabalho. Este modelo de gestão visava à eficiência dos processos produtivos e um dos meios para alcançá-la passaria pelo controle do trabalho através do estudo dos tempos e movimentos dos trabalhadores. Assim, o trabalho foi medido, calculado, decomposto em parcelas especializadas, muitas vezes desqualificadas, e individualizadas. Este modelo consolidou-se de tal forma, transformado em *racionalidade gerencial hegemônica*, que passou a ser considerado natural, como única forma possível de organizar o trabalho.

A Administração Científica do Trabalho propunha a separação da produção de bens ou serviços da produção dos sujeitos trabalhadores. Considerava possível produzir, independente do produzir-se, artificializando uma separação entre vida pessoal e trabalho. Desta forma, a Administração Científica promovia a

serialização¹⁶ dos trabalhadores, seres equiparados a máquinas, respondendo a comandos externos a eles. A subjetivação decorrente caracterizava-se pelo esforço de sufocamento da singularidade. Dos trabalhadores-executores, conformados para o consenso, para o silêncio e a servidão, esperavam-se ordem, habilidade e obediência. Trabalhadores forçosamente desqualificados, separados de seus desejos e interesses, cumprindo tarefas sem sentido. A meta vigente estava em produzir consenso e dominação, abusando da autoridade hierárquica. Ser sujeito, autônomo, cabia apenas fora dos locais de trabalho.

Campos (2005, p.31) analisa que este modo de subjetivação permitiu que a ordem se mantivesse, “porque no cotidiano laboral foram reduzidas as possibilidades de exercício de uma subjetividade voltada para resistência à dominação, para a ousadia, para a criatividade, e para a composição de interesses com outros Sujeitos relativamente autônomos”.

A produção de subjetividade dos trabalhadores-dirigentes sofria outras influências, pois destes esperava-se iniciativa, audácia, criatividade e domínio da arte de comandar. Ao trabalhador-executor e ao trabalhador-dirigente recaíam distintas expectativas quanto à felicidade, à realização pessoal e profissional e ao acesso ao poder (CAMPOS, 2005).

Tais separações, precisas, foram perdendo força. Na sociedade do controle, a lógica do trabalho não é mais a da fábrica. Cedeu lugar à empresa. Empresa que é uma “alma, um gás”, como sugere Deleuze (2000). Não confina o trabalho. Este se propaga a outras esferas da vida, afetando-a em sua totalidade: está também na educação, que passa a ser permanente; nas relações, que se configuram em um constante *networking*; no lazer e no consumo, que pretendem definir o ser. As relações pré-estabelecidas na Administração Científica, dadas pela hierarquia (arborescente), são substituídas pela flexibilidade das conexões (rizomáticas) (DELEUZE e GUATTARI, 2009). As mudanças que impactaram a lógica da Administração Científica do Trabalho provocaram uma reestruturação no modo de produção capitalista, a partir da década de 1980, pela mundialização e financeirização da economia. Para tanto, foi preponderante a revolução das tecnologias de informação e comunicação (CASTELLS, 2009).

¹⁶ O conceito de serialidade, originalmente proposto por Sartre, diz respeito à homogeneização dos sujeitos, à padronização dos comportamentos e atitudes diante da vida, respondendo de modo pouco autônomo aos condicionantes do contexto (BAREMBLITT, 1996).

Nesse processo, tem-se a passagem do modelo centrado na indústria (material e energético) para o informacional (eletrônico-digital), exigindo uma nova organização sociotécnica do trabalho. Domina-se a natureza não apenas para transformá-la energética e materialmente, mas para traduzí-la em informação. E com essa tradução, “tudo, desde o comportamento de partículas até os formatos midiáticos, pode ser transformado em bits, processado em computadores e distribuído em redes telemáticas em tempo real para todo e qualquer lugar do planeta” (LEMOS e LÉVY, 2010, p.22). Esta sociedade de controle é chamada também de sociedade da informação. Nela, há abundância informacional, sendo a tecnologia o instrumento que permite potencializar a produção, o acesso e o uso da informação e conectar as pessoas aos processos e produtos subjetivos.

As mudanças produzidas pela intensificação tecnológica podem liberar capacidades humanas (CASTELLS, 2009). Desta forma, a sociedade informacional vem transformando a sociedade industrial em três dimensões fundamentais: “estrutura em rede (informação, comunicação), as redes sociais (o outro, as relações sociais, a comunicação) e a globalização (a desterritorialização, a mundialização)” (LEMOS e LÉVY, 2010, p.30). Observa-se a “liberação da palavra”, isto é, qualquer pessoa pode consumir, produzir e distribuir informação e não apenas os meios (empresas) de comunicação autorizadas; a partir daí constituem-se redes de conexão e conversação mundial, compondo a inteligência coletiva, que determina uma reconfiguração social, cultural e política (LEMOS e LÉVY, 2010).

Importante alteração que impacta em mudança no sistema produtivo global. A produção material é relegada às regiões menos desenvolvidas do globo. Desvaloriza-se diante da supervalorização da “sobre-produção”: o capital quer vender serviços e comprar ações. Se a produção material de outrora criava os meios, sem os quais a vida social não seria possível, a sobre-produção, caracterizada por sua imaterialidade, transforma o trabalho em gestão de fluxos contínuos de informações.

Estes eventos têm ameaçado o papel integrador do trabalho, principalmente pela fragilização dos vínculos trabalhistas (LIEDCKE, 2006) e a desregulamentação das relações de trabalho (NARDI, 2006). Neste contexto, surge debate acerca do fim do trabalho. Considera-se aqui, seguindo os argumentos de BEYNON (2003), TOLEDO (2000) e SCHNAPPER (1998), que houve mudanças significativas no mundo do trabalho, contudo estas não levariam ao seu *fim*. O trabalho pode não ser

considerado eixo central, mas segue sendo um importante elo para as diversas facetas da vida em sociedade, bem como elemento significativo na produção de si. Toledo (2000) lembra que na época da introdução mais intensa da automação nos processos de trabalho e da institucionalização das relações industriais, nos anos 1950, também havia um debate acerca do futuro do trabalho, com posições otimistas e pessimistas. Schnapper (1998) analisa que existe um movimento de desequilíbrio e reequilíbrio das possibilidades de inserção no mundo do trabalho, ao longo da história.

Em meio a esse constante movimento, o que se constata, na atualidade, é a instalação de um novo paradigma de trabalho, que se distingue dos anteriores: o da agricultura e extração de matérias-primas e o da industrialização e produção de bens duráveis (HARDT e NEGRI, 2005). Este novo paradigma coexiste com os demais nas redes do mercado mundial, variando apenas em grau por todos os países constituindo uma economia híbrida. Contudo, a valorização ocorre no sentido da informatização, impulsionando as sociedades a tornarem-se inteligentes, comunicativas e afetivas. O atual paradigma hegemônico refere-se à oferta de serviços, ao trato de informações e à informatização. O paradigma do trabalho imaterial.

O trabalho imaterial mostra-se hegemônico por suas qualidades, impondo-as como tendência inclusive aos paradigmas industrial e agrícola, ainda quantitativamente significativos. Isto é, a emergência do paradigma do trabalho imaterial não eliminou ou reduziu a produção industrial ou agrícola. A mudança de paradigma pode ser comparada, como o fazem Hardt e Negri (2005), Gorz (2005) e Castells (2009), ao início do trabalho industrial, quando este ainda era incipiente e ainda assim impulsionou as sociedades a industrializarem-se. Tal mudança introduziu alterações nos modos de trabalhar no campo sem eliminar o trabalho agrícola hegemônico preexistente.

Hardt e Negri (2005) afirmam que a transição para economia informacional não poderia ocorrer sem uma conseqüente alteração na qualidade e natureza do trabalho. O trabalho envolvido neste tipo de produção é definido como trabalho imaterial, ou seja, “trabalho que cria produtos imateriais, como o conhecimento, a informação, a comunicação, uma relação ou reação emocional” (HARDT e NEGRI, 2005a, p.149). Outras expressões usadas na mídia de negócios, como trabalho no setor de serviços, trabalho intelectual e trabalho cognitivo, remetem a aspectos do

trabalho imaterial e apontam para a mesma tendência, entretanto não abrangem a mesma generalidade que a proposta em trabalho imaterial.

O trabalho imaterial pode ser encontrado sob duas formas fundamentais. A primeira, relaciona-se ao trabalho interativo (intelectual ou linguístico), que concerne a tarefas analíticas, simbólicas e comunicativas, requeridas na identificação e resolução de problemas, bem como em atividades estratégicas. Este tipo de trabalho produz ideias, símbolos, códigos, textos, formas linguísticas, imagens etc. A segunda forma do trabalho imaterial diz respeito ao trabalho afetivo, que “envolve a produção e a manipulação de afetos [como sensação de bem-estar, tranquilidade, satisfação, excitação, paixão] e requer contato humano [seja virtual ou não]” (HARDT e NEGRI, 2005, p. 314). Estas formas aparecem em diversas combinações e também ligam-se a formas materiais, como no caso do trabalho em saúde: a tarefa afetiva, cognitiva e linguística aliada à ação que se efetiva no corpo.

O trabalho imaterial, na concepção desenvolvida por Lazzarato e Negri (2001) e Hardt e Negri (2005), envolve comunicação, criatividade, inteligência, imaginação, afetividade, interação, cooperação, demandando qualidades inerentes ao trabalhador, que não se delimitam pelo plano do saber. Pelo menos não o saber conforme considerado em épocas passadas: um saber *morto*, relacionado à instrução, emprestado às máquinas e aos processos. Valoriza-se agora o *saber vivo*, dinâmico, que requer investimento e comprometimento por parte do trabalhador. O saber *em prática*. Isto porque “a informatização revalorizou as formas de saber que não são substituíveis, que não são formalizáveis: o saber da experiência, o discernimento, a capacidade de coordenação, de auto-organização e de comunicação” (GORZ, 2005, p.9). O trabalho imaterial envolve flexibilidade e mobilidade, demandando capacidade de adaptação a contextos instáveis e indeterminados, ao contrário do trabalho fabril, repetitivo e valorizado pela especialização em atividades fixas.

O trabalho imaterial não se *enquadra* nos moldes das linhas de montagem, ele se favorece de arranjos comunitários e da produção em redes (HARDT e NEGRI, 2005a), tópico que será abordado mais detalhadamente no próximo capítulo. A valorização do trabalho imaterial impulsiona transformações na organização do trabalho, altera os modos de trabalhar, impactando nas relações sociais e, com isto, nos processos de subjetivação, nas formas de *ser*.

Nesse modo de produzir, com a impossibilidade de se prescreverem as tarefas, a formalização volta-se ao plano da subjetividade, àquilo que somente o trabalhador pode produzir ao dedicar-se à sua tarefa. O trabalho imaterial “repousa sobre as capacidades expressivas e cooperativas que não se podem ensinar, sobre uma vivacidade presente na utilização dos saberes e que faz parte da cultura do cotidiano” (GORZ, 2005, p.19). A relação entre a produção de bens e a produção de si, sempre existente, é elevada a uma *potência máxima*, com a superação dos limites que separavam a jornada de trabalho da vida pessoal.

Instala-se uma nova, e íntima, relação entre a subjetividade e o capital, que penetra nas esferas mais infinitesimais da existência, no corpo e na alma das pessoas (PELBART, 2003), dissipando barreiras que separavam e opunham economia, poder e saber. A fonte da produção imaterial passa a ser a própria *vitalidade* do trabalhador, por meio de sua força inventiva que, até pouco tempo atrás, era relegada ao domínio, exclusivamente, do pessoal e do privado, a uma dimensão subjetiva e extraeconômica, considerada um privilégio de artistas, ainda não requisitada como meta pela gestão. Na atualidade, entretanto, essa potência passou a ser considerada “condição geral e comum da produção” (NEGRI, 2003; PELBART, 2003) tendo em vista que “toda forma de trabalho que produz um bem imaterial, como uma relação ou um afeto, resolvendo problemas ou proporcionando informação, do trabalho de vendas aos serviços financeiros, é fundamentalmente uma *performance*: o produto é o próprio ato em si” (HARDT e NEGRI, 2005a, p.261).

Isto não quer dizer que a maioria dos trabalhadores estejam produzindo o imaterial. Como já foi dito, a hegemonia do trabalho imaterial é, ao menos até este momento histórico, de natureza qualitativa, envolvendo uma minoria do trabalho global e concentrada em algumas regiões, as mais ricas e dominantes (HARDT e NEGRI, 2005a). Sendo assim, a referida condição geral e comum da produção refere-se à produção de maior valor neste paradigma. E, para tanto, as capacidades cognitivo-afetivas que a organização do trabalho no modelo taylorista-fordista havia se esforçado por excluir, retornam ao mundo do trabalho como prioridades. “Viver e produzir tendem a ser coisas indistinguíveis. Na medida em que a vida tende a ser completamente investida por atos de produção e reprodução, a própria vida social torna-se uma máquina produtiva” (HARDT e NEGRI, 2005a, p.196).

Neste modo de trabalhar-viver, o desempenho repousa na implicação subjetiva, “chamada também ‘motivação’ no jargão administrativo, gerencial” (GORZ,

2005, p.18). Segundo Lazzarato e Negri (2001, p. 25), "... 'é a alma do operário que deve descer na oficina'. É a sua personalidade, a sua subjetividade, que deve ser organizada e comandada. Qualidade e quantidade do trabalho são reorganizadas em torno de sua imaterialidade". Neste cenário, "muitos jovens pedem estranhamente para serem 'motivados', e solicitam novos estágios e formação permanente; cabe a eles descobrir a que estão sendo levados a servir, assim como seus antecessores descobriram, não sem dor, a finalidade das disciplinas" (DELEUZE, 2000, p.226).

Uma tal produção extrapola regimes de espaço-tempo de contratos de trabalho típicos de uma sociedade disciplinar. A esfera capitalista, impulsionando a sociedade de controle, estendeu o tempo de trabalho à organização do tempo de vida e o capital penetrou no núcleo de sua vitalidade, mobilizando-a a trabalhar. O tempo livre e as atividades culturais, cognitivas, relacionais etc., não são mais considerados exterioridades ao capitalismo, mas o novo terreno de modulação dos modos de existir. Sem elas e a inventividade que as cercam, a produção imaterial seria impensável. "A vida já não é produzida nos ciclos de reprodução que estão subordinados ao dia de trabalho; ao contrário, a vida é que infunde e domina toda a produção" (HARDT e NEGRI, 2005, p.387).

Na linguagem gerencial, este paradigma é denominado por alguns autores, como Waters e Beruvides (2009), de paradigma do envolvimento. Isto porque o capitalismo contemporâneo, neoliberal, alimenta-se e reproduz-se de forças subjetivas, sobretudo de criação e conhecimento. Dispõe-se, hoje, de uma "subjetividade flexível, experimental e processual e nossa força de criação em sua liberdade de experimentação não é só bem percebida e recebida, mas ela é inclusive insuflada, celebrada e frequentemente glamurizada" (ROLNIK, 2006, p.18). Contudo, há um porém, conforme considera Rolnik (2006), que não deve ser negligenciado: o principal destino da força hoje não é a invenção de formas de expressividade para as emanações do corpo vibrátil. O capitalismo apropriou-se da potência da criação, colocando-a e fazendo-a agir em seu nome.

Desta forma, a sociedade de controle coincide com um modo de produção biopolítico, que envolve a produção de bens materiais assim como afeta outras esferas da vida. A biopolítica difere das antigas formas de soberania ("fazer morrer e deixar viver") e disciplina, mas não as exclui. Modifica-as em seu exercício de "fazer viver e deixar morrer" (NEGRI, 2003). O poder não é mais restritivo, punitivo,

disciplinar. Menos visível, infiltra-se por todas as esferas da vida, em um processo de intensificação da vida relacionado com processo produtivo que se materializa pelo “governo da natureza humana” (NEGRI, 2003).

Segundo Hardt e Negri (2005a), o adjetivo biopolítico sinaliza o rompimento da tradicional separação entre o econômico, o político, o social e o cultural. A produção biopolítica indica que estão sendo produzidos não apenas bens materiais em sentido estritamente econômico. Orienta-se para produção de formas de vida social, mobilizando força cultural, política e a criação e reprodução de novas subjetividades na sociedade, isto é, “quem somos, como encaramos o mundo, como interagimos uns com os outros: tudo isso é criado através dessa produção biopolítica e social” (HARDT e NEGRI, 2005a, p.101). A produção biopolítica cria não somente os meios, mas produz a própria vida social, através de relações e mobilização de ideias, conhecimentos e afetos de tal forma que “o trabalho precisa da vida como nunca e seu produto afeta a vida numa escala sem precedentes” (PELBART, 2000, p.37). No processo de produção biopolítica de subjetividade, máquinas interativas e cibernéticas tornaram-se novas próteses integradas aos corpos e mentes. Este modelo híbrido de trabalho-vida engloba homens-máquinas, material-imaterial, animado-inanimado, num processo contínuo de afetações recíprocas. Neste contexto, o homem mostra-se ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. É o homem transformado em senha, que marca o acesso ou a recusa à informação. “O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado” (DELEUZE, 2000, p.224), pois se na sociedade disciplinar não se parava de começar, no regime de controle nada termina. A sociedade de controle oferta liberdade e autonomia, mas articula uma política sobre as condutas. *Controla*.

O controle é exercido constantemente, nas ações cotidianas de assistir televisão, acessar a internet, usar cartões bancários. Controle a partir de perfis, dos interesses em comum. As informações a respeito do sujeito são armazenadas em bancos de dados, facilmente disponibilizadas, ao estilo do ironicamente proposto na crônica “Pedindo pizza em 2009”¹⁷. O controle caricaturado nesta crônica permite

¹⁷ Nesta crônica, um indivíduo-cliente liga para um serviço de tele entrega de pizza e faz seu pedido. Porém, cada demanda é rebatida pelo(a) atendente que possui acesso a um grande banco de dados contendo diversas informações sobre o cliente, devassando sua vida. O que parecia ser objeto de ficção, mostra-se hoje realidade, num mundo “Big Brother”. A autoria desta crônica é atribuída a Luis Fernando Veríssimo, embora, como muitos textos que circulam na internet, a mesma não pode ser confirmada.

questionar, com Deleuze (2000), se não seriam os rígidos sistemas de clausura, disciplinares, parte de um passado delicioso e agradável.

Talvez não tão delicioso, mas a eliminação do panóptico pode ser problematizada como uma “benção complicada” (BAUMAN, 2003). O controle passou de “gaiolas de ferro a meadas de algodão”, atualizado em um “*panopticon* virtual” (HARDT e NEGRI, 2005), invisibilizado e intensificado. Nas relações de trabalho, o registro do ponto foi substituído pelo controle por senhas e acessos informatizados, disponibilidade pessoal para atendimento ao celular e email fora do espaço-tempo do trabalho; a carga horária deu lugar ao controle por metas e resultados; assim, não há mais a separação entre horário de trabalho e horário de não-trabalho.

Quando nossas idéias e nossos afetos, nossas emoções, são postos para trabalhar, por exemplo, sujeitando-se assim, de uma nova maneira, às ordens do patrão, freqüentemente vivenciamos novas e intensas formas de violação ou alienação. Além disso, as condições contratuais e materiais do trabalho imaterial que tendem a se disseminar por todo o mercado de trabalho vêm tornando mais precária a posição do trabalho de maneira geral (HARDT e NEGRI, 2005a, p.100).

O trabalho imaterial na sociedade de controle anuncia ampliação da liberdade pela redução da alienação, das fronteiras e dos espaços de confinamento, entretanto vê-se diante de novas e mais sutis formas de controle (GRISCI, 2006, 2008). Neste contexto, observa-se o processo “fluido de geração e corrupção¹⁸ de subjetividade” (HARDT e NEGRI, 2005, p.217). Há uma tentativa de condicionar as possibilidades de subjetivação às capacidades de consumo, através de “fluxos de imagem, de informação, de conhecimento e de serviços que acessamos constantemente, absorvemos maneiras de viver, sentidos da vida, consumimos toneladas de subjetividade” (PELBART, 2003, p.20).

O que guia a subjetividade pós-fordista é a identificação com imagens veiculadas pela publicidade e pela cultura de massa. Trata-se de um modelo produtivo que, em nome da acumulação de capital, “transforma o planeta num gigantesco mercado e, seus habitantes, em zumbis hiperativos incluídos ou trapos humanos excluídos” (ROLNIK, 2006, p.18). Dois pólos nos quais situam aqueles que podem ou não comprar maneiras de trabalhar-viver.

¹⁸ Hardt e Negri (2005, p.221) assumem corrupção no sentido de decomposição, mutação, degeneração, “momento de metamorfose que potencialmente liberta espaço para mudanças”, sem implicação moral diferente do uso que se faz comumente do termo, referindo-se ao que é perverso, que se desvia do bom, do correto e do puro.

Mesmo reconhecendo a desterritorialização imposta pelo capitalismo contemporâneo à subjetividade, Pelbart (2000, 2003) não se deixa afetar por uma perspectiva determinista e apocalíptica. Para o autor, esta mesma subjetividade desterritorializada escapa às capturas nas mais insuspeitadas direções, produzindo incessantemente linhas de fuga, modalidades inéditas de sociabilidade e de implicação com o presente. Da mesma forma, Hardt e Negri (2005a) discutindo a noção de biopolítica, reconhecem que, se o poder sobre a vida atinge uma dimensão jamais vista, a potência da vida responde a ele igualmente de forma jamais vista.

Existe um panorama, que é apresentado como monolítico, totalizante, entretanto é preciso aguçar os sentidos e potencializar os agenciamentos para encontrar brechas, para resistir e para propor novos caminhos. O dominante, o hegemônico, não é o único modo de produção de subjetividades. Então, seguindo Pelbart (2003), quais seriam as novas forças para desfazer a forma-Homem vigente e produzir novas configurações? Que recursos uma pessoa ou um coletivo podem dispor para afirmar um modo próprio de ocupar o espaço e vivenciar o tempo? Como colocar em jogo a resistência àquilo que toma a vida como um todo?

Talvez, conforme propõe Deleuze (2000), uma via seja através de novos agenciamentos do desejo que atuem nas microesferas da vida. Para ele, as estratégias de resistência passariam por novos acontecimentos ou pelo engendramento de novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. “É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle” (DELEUZE, 2000, p.218). Nesta linha de pensamento, o autor considera que “não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas”.

Para Guattari (2006, p.115), a aposta está na potência do estético, não apenas dos artistas “patenteados”, mas em uma “subjetividade criativa” das minorias.

[...] todo descentramento estético dos pontos de vista, toda multiplicação polifônica dos componentes de expressão, passam pelo pré-requisito de uma desconstrução das estruturas e dos códigos em vigor e por um banho de vigor cósmico nas matérias de sensação, a partir das quais tornar-se-á possível uma recomposição, uma recriação, um enriquecimento do mundo [...], uma proliferação não apenas das formas mas das modalidades de ser. [...] É nas trincheiras da arte que se encontram os núcleos de resistência dos mais conseqüentes ao rolo compressor da subjetividade capitalística, a da unidimensionalidade, do equívoco generalizado, da segregação, da surdez para a verdadeira alteridade.

Guattari (2006) considera que a estética e os movimentos de criação operariam como *shifter* [aquele que muda], possibilitando processos de ressingularização. Para este autor, “existe uma escolha ética em favor da riqueza do possível, um ética e uma política do virtual que descorporifica, desterritorializa a contingência, a causalidade linear, o peso dos estados de coisas e das significações que nos assediam. Uma escolha da processualidade, da irreversibilidade e da re-singularização” (GUATTARI, 2006, p.42).

O trabalho, neste contexto,

[...] pode ser encurralado pelo capital e reduzido à força de trabalho que é comprada e vendida e que produz bens e capital, mas o trabalho vivo transcende isto. Nossas capacidades criativas e de inovação são sempre maiores que nosso trabalho produtivo – produtivos de capital, queremos dizer (HARDT e NEGRI, 2005a, p.195).

Esta forma de compreender o trabalho, em sua dupla produção no paradigma do trabalho imaterial, coloca em xeque, necessariamente, a produção individualizada. O novo contexto demanda interação, comunicação e cooperação, conforme será aprofundado a seguir.

5. “PRODUZIR(-SE) COM”: A PRODUÇÃO COOPERATIVA NO PARADIGMA DO TRABALHO IMATERIAL

A relação com o trabalho permite aos sujeitos um duplo movimento: a produção de valores de uso, bens ou serviços e a produção de si mesmos. E, no paradigma do trabalho imaterial, a produção de si mostra-se vital ao processo produtivo. Contudo, esta dupla produção não se faz de modo isolado. Ela é realizada, cada vez mais, pelas múltiplas interações estabelecidas. O trabalho, que sempre foi social, vê sua forma coletiva ser valorizada pelo capital, depois de um longo período no qual os modelos baseados no indivíduo foram hegemônicos e prevalentes, deixando fortes marcas presentes ainda hoje.

A individualização do trabalho foi exaltada nas proposições da Administração Científica do Trabalho. Na busca pela implementação de um sistema mais *eficiente*, os sujeitos foram considerados como unidade isolada¹⁹ e o trabalho em grupo, suprimido. A competição era (é) estimulada como forma de obter melhores resultados. Em consequência, o modo indivíduo de subjetivação passou a prevalecer, centrado na premissa do “salve-se quem puder” (ROLLO, 2007). Contudo, a emergência do trabalho imaterial impôs uma nova perspectiva. O processo produtivo neste paradigma gira em torno da troca de informações e conhecimentos, o que implica comunicação, criatividade, afetividade e cooperação.

No trabalho imaterial, todos, de agricultores a especialistas de software, dependem do conhecimento comum recebido de outros e por sua vez criam novos conhecimentos comuns (HARDT e NEGRI, 2005). O trabalho afetivo constrói diretamente um relacionamento; todo pensamento é produzido em colaboração com o pensamento passado e presente de outros; a produção de mensagem é colaborativa e cria novos meios de colaboração. A produção resultante do trabalho imaterial depende, portanto, do compartilhamento, sendo a cooperação imanente à própria atividade laboral, conforme descreve Negri (2003, p.96-97):

a cooperação produtiva não é, pois, imposta pelo capital, mas é, pelo contrário, uma habilidade da força-trabalho imaterial, do trabalho mental que só pode ser cooperativo, bem como do trabalho lingüístico que só pode

¹⁹ Taylor mudou o foco da “massa”, como antes eram considerados os trabalhadores, para o indivíduo, porém isto não significou movimento de singularização. Ele apenas alterou o nível em que a totalização seria realizada. Ao focar o indivíduo, buscava encontrar as “leis da espécie” (TAYLOR, 1990, p.87), as semelhanças fisiológicas, desconsiderando as diferenças pessoais, ou considerando-as apenas como variação de graus de habilidades, rapidez etc.

expressar-se de forma cooperativa. [...] o que é característico neste caso é o fato de que a força-trabalho, intelectualizada ou de qualquer modo desmaterializada, se expande (na acumulação originária) como uma epidemia, incluindo no desenvolvimento também aqueles que formalmente lhes são externos.

Por este paradigma, a riqueza reside no comum, na soma dos prazeres, desejos, capacidades e necessidades compartilhados. “Essa relação dual entre a produção e o comum [...] é a chave para entender toda atividade social e econômica” (HARDT e NEGRI, 2005a, p.257). O comum é concebido como a articulação de singularidades que, juntas, compõem possibilidades de inovação, envolvendo todas as etapas do processo produtivo. No trabalho imaterial, o comum produz-se através da linguagem, dos saberes, da inteligência, da memória, da imaginação, da inventividade, perpassados pela capacidade de comunicar, de cooperar, de partilhar, “de forjar novas conexões e fazer proliferar redes [...] pôr em comum o que é comum, colocar para circular o que já é patrimônio de todos, fazer proliferar o que está em todos e por toda parte, seja isto a linguagem, a vida, a inventividade” (PELBART, s/d., p.3).

Cabe destacar que o comum não constitui uma unidade, medida ou soberania. O agir comum, nesta perspectiva, consiste em produzir o comum nas diferenças, não propriamente a partir do que “temos em comum”, do que iguala e serializa (OLIVEIRA, 2011). Trata-se, segundo Pelbart (s/d., p.4), de “um reservatório de singularidades em variação contínua, uma matéria anorgânica, um corpo sem órgãos, um ilimitado [...] apto às individualizações as mais diversas”. Este agir comum se apresenta pela multidão²⁰, que representa, para Hardt e Negri (2005a), o sujeito comum, coletivo, do trabalho.

A multidão é composta de um conjunto de singularidades – e com singularidades queremos nos referir aqui a um sujeito social cuja diferença não pode ser reduzida à uniformidade [...] A multidão, contudo, embora se mantenha múltipla, não é fragmentada, anárquica ou incoerente [...]. A multidão é um sujeito social internamente diferente e múltiplo cuja constituição e ação não se baseiam na identidade ou na unidade (nem muito menos na indiferença), mas naquilo que tem em comum (HARDT e NEGRI, 2005a, p.139-140).

²⁰ Hardt e Negri constroem o conceito de multidão a partir da perspectiva socioeconômica de classe social, isto é, a multidão é o sujeito comum do trabalho, a classe daqueles que “trabalham sob o domínio do capital, e assim, potencialmente, como a classe daqueles que recusam o domínio do capital” (HARDT e NEGRI, 2005a, p.147). Segundo eles, outras perspectivas como a racial e de gênero têm sido bastante trabalhada por outros autores. Para eles, qualquer abordagem que exprima o desejo de um mundo no qual as diferenças não representem valores hierárquicos está exprimindo desejo de multidão, “para acabar com o caráter limitador, negativo e destrutivo das diferenças e transformá-las em nossa força” (HARDT e NEGRI, 2005a, p.141).

A multidão distingue-se de maciço e uniforme, características do povo, no qual há o primado da identidade e da massa ou população, que prima pela uniformidade. A multidão é o coletivo cujo primado é a pluralidade. Ainda assim, diferente da perspectiva tradicional (que assume que apenas o *uno*, seja povo ou indivíduo, pode governar), a multidão é capaz de agir em comum e de se governar.

Hardt e Negri (2005a, p.130) aproximam a potência da multidão com a “inteligência de enxame” que se caracteriza por “inúmeras forças independentes [atacando] de todas as direções num ponto específico, voltando em seguida a desaparecer no ambiente”²¹. À primeira vista, parece haver apenas espontaneísmo e anarquia, sobretudo em comparação com a perspectiva tradicional de organização. Contudo, uma análise cuidadosa revela que a inteligência do enxame é efetivamente organizada, racional e criativa.

Os enxames que vemos surgir nas novas organizações políticas em rede [...] são compostos por uma multidão de diferentes agentes criativos. O que acrescenta várias camadas de complexidade ao modelo. Os membros da multidão não precisam tornar-se o mesmo ou abdicar de sua criatividade para se comunicar e cooperar entre eles (HARDT e NEGRI, 2005a, p.132).

Nesta concepção, as diferenças devem descobrir, ou melhor, construir o comum, que permite a comunicação e o agir em conjunto, sem precisar renunciar à pluralidade. Neste caso, operariam vetores de intercessão, como ação de interferência (DELEUZE, 2000), de modo que as diferenças não fossem consideradas em forma de antagonismo ou oposição, mas na forma de composição, ligadas pela conjunção “e” (DELEUZE e PARNET, 1998).

Desta forma, a multidão constitui-se como elemento que é pura potência e essencialmente fugidia. Mostra-se, tal qual a inteligência de enxame, informe e desordenada, de modo que aos parâmetros modernos é considerada assustadora, monstruosa, descontrolada e incontrolável. A constituição da multidão aponta não apenas para a dissolução da velha sociedade, mas reivindica a construção de uma nova. Para Hardt e Negri (2005a), partindo da multidão é que será possível pensar em ações voltadas à transformação, isto porque implica em um processo de subjetivação social no qual as linhas de criatividade ou de fuga tornam-se mais híbridas, miscigenadas, escapando aos poderes fusionais e massificadores de controle.

²¹ A aproximação com a ideia de coletivos animais é recorrente em metáforas para explicar o trabalho em equipe. Aqui, contudo, os autores explicitam a maior complexidade observada no “enxame humano”, não podendo ser feita analogia direta com o reino animal.

A multidão, contudo, não está dada. Deve construir-se por movimentos no sentido da organização em rede, deslocando-se de relações baseadas em autoridades para as colaborativas. A multidão segue o fluxo de interferência em espaços particulares, pois as mudanças raramente começam pelo universal, visto que o estruturado tende à conservação e à repressão dos movimentos de caráter crítico (CAMPOS, 2005).

A constituição da multidão e a produção do comum são possíveis pela diluição de barreiras que separavam os diversos tipos de trabalho. Criam-se, assim, as condições necessárias para que os vários tipos de trabalho se comuniquem, colaborem e se tornem comuns (HARDT e NEGRI, 2005a). Condições essenciais para viabilizar o trabalho imaterial que só pode ser realizado em comum. E, para tanto, depende do deslocamento das divisões tradicionais e da invenção de novas redes de cooperação.

O trabalho imaterial, que cria e opera por coletivos, induz a substituição do valor antes atribuído à linha de montagem como produtor de riquezas pela produção em redes. A organização do trabalho em rede altera as relações de cooperação e comunicação, tanto nos espaços cotidianos de trabalho, quanto na esfera produtiva geral e transforma o trabalho em controle, gestão da informação e capacidade de decisão (HARDT e NEGRI, 2005).

A rede dissemina-se nas mais diversas manifestações sociais como modo privilegiado de organizar e entender a vida. Pode-se considerar que a rede é para a sociedade de controle o que a arquitetura foi para a sociedade disciplinar: veículo de transmissão de sua lógica, produzindo semelhanças que perpassam suas instituições, sejam fábricas, escolas, prisões, hospitais (HARDT e NEGRI, 2005a). Na atualidade, tudo está em rede e tudo comunica: pessoas, máquinas, objetos, cidades (LEMOS e LÉVY, 2010).

As redes não são novidades. Historicamente, os seres humanos têm se organizado em redes colaborativas, permitindo a transformação do mundo, criando conhecimento e cultura de maneira coletiva. Na atualidade, contudo, as redes podem ser consideradas decisivas. Por meio delas configuram-se a sociedade, o capital, o mercado, o trabalho, a arte, enfim, todas as esferas da vida. Conforme Parente (2004, p.9), “a rede se tornou uma dimensão, indissociavelmente ontológica e prática, de modelização do mundo e da subjetividade”.

As redes mostram-se aptas a dar vazão à circulação de fluxos, em alta velocidade, no contexto do capitalismo contemporâneo. A mobilidade propiciada pelas redes está relacionada à sua composição. Segundo Righi (2005), as redes são constituídas por fluxos e fixos, e, segundo Musso (2004), configuram-se como transições, passagens. As redes podem ser definidas como estruturas de “interconexão instável, compostas de elementos em interação e cuja variabilidade obedece a alguma regra de funcionamento” (MUSSO, 2004, p.31). Envolvem, pois, elementos em interação, uma dinâmica e um funcionamento, representados, respectivamente, por seus picos ou nós, sua interconexão instável no tempo e a base para modificações de suas estruturas. As redes são, por definição, acêntricas, simbolizando não mais a verticalidade típica das estruturas hierárquicas, mas a interconexão e a ligação sem limites (RIGHI, 2005; MUSSO, 2004). Operam por sentidos transversais, que se opõem ao hierarquizado, ao vertical e ao horizontal. “Seu poder não pode ser entendido de maneira precisa como algo emanando de uma fonte central ou sequer policêntrico, sendo na realidade distribuído de maneira variável, desigual e indefinida” (HARDT e NEGRI, 2005a, p.86).

As redes conectam termos, dando consistência ao espaço intermediário e aos atravessamentos que rompem incessantemente com as noções de causalidade, linearidade, finalismo, evolução e continuidade (BARROS, 2007). A lógica das redes é a das conexões e não a das superfícies (KASTRUP, 2003). São as conexões que as definem e não seus limites externos. “A rede está constantemente solapando os limites estáveis entre o interior e o exterior [...] A rede tende a transformar cada fronteira em um limiar. Neste sentido, as redes são essencialmente fugidias, efêmeras, estando constantemente em fuga” (HARDT e NEGRI, 2005a, p.86). Desta maneira, não podem ser caracterizadas como totalidades fechadas, mas “um todo aberto, sempre capaz de crescer através de seus nós, por todos os lados e em todas as direções” (KASTRUP, 2003, p.53), pressupondo articulação que demanda cooperação. As redes podem ser compreendidas como uma versão empírica e atualizada do rizoma, conceito evocado quando se trata do primado da linha sobre a forma (DELEUZE e GUATTARI, 2009).

As redes configuram, na proposta de Passos e Barros (2004), peculiaridades como “redes quentes” e “redes frias”. As redes quentes, descentralizadas,

[...] caracterizam-se por um funcionamento no qual a dinâmica conectiva ou de conjunção é geradora de efeitos de diferenciação, isto é, trata-se de uma rede heterogenética. É nesse sentido que a experiência do coletivo, do

público ou mesmo da multidão deve ser retomada como plano de produção de novas formas de existência que resistem às formas de equalização ou de serialização próprias do capitalismo (PASSOS e BARROS, 2004, n/p.).

A rede quente é marcada pela inclusão de sujeitos, de saberes, da diversidade numa relação de trocas e cooperação. Neste sentido, se reconhece que a rede está em constante transformação, permitindo laços e fluxos com maior autonomia. Teixeira (2004) aposta na rede quente e em sua relação com os afetos de confiança naquilo que torna os sujeitos semelhantes (“zona de comunidade”) e naquilo que os diferencia (“zona de singularidade”). Assim, ele afirma que na rede quente situa-se a possibilidade dos sujeitos efetuarem suas potências e, através delas, potencializarem os coletivos nos quais estão inseridos. A convivência com o diferente pode produzir conflito, mas também pode mobilizar ações que impedem, ou, pelo menos, dificultam o engessamento, a massificação e a indiferenciação.

Neste contexto,

a subjetividade é produzida através da cooperação e da comunicação, e por sua vez esta subjetividade produzida vem a produzir novas formas de cooperação e comunicação, que por sua vez produzem nova subjetividade, e assim por diante. Nessa espiral, cada movimento sucessivo da produção de subjetividade para produção do comum é uma inovação que resulta numa realidade mais rica (HARDT e NEGRI, 2005a, p.247-248).

Cabe porém, uma ressalva. Não se pode afirmar que o paradigma da produção imaterial seja uma espécie de paraíso no qual é possível produzir livremente em comum e igualmente compartilhar a riqueza social comum (HARDT e NEGRI, 2005a). A potência da noção de redes, que os movimentos de resistência já conheciam, passa a ser capturada em prol da “gestão gerencialista”²² (GAULEJAC, 2007), que se adapta às mudanças impulsionadas pela emergência do paradigma do trabalho imaterial. À gestão-gerencialista, contudo, não convém o modelo aberto, descentralizado e democrático das redes quentes. Transformam-nas, portanto, em algo parecido, mas diferente. A gestão-gerencialista estabelece redes centralizadas, formando as “redes frias”. A rede fria pode ser exemplificada pelo capitalismo, que apresenta caráter reticular, rizomático, porém configura um centro. Este centro é real, embora virtual e esvaziado, conferindo-lhe perversa potência.

A noção da rede fria representa, portanto, um paradoxo, pois comporta o absurdo de supor um funcionamento em rede onde insiste a função de um centro

²² A gestão gerencialista, conforme propõe Gaulejac (2007), caracteriza-se por ser uma mistura de regras racionais, prescrições, instrumentos de medida, visando a máxima eficiência, sobretudo, financeira. Sob uma aparência objetivista, operatória e pragmática, é uma ideologia que busca nas ciências exatas cientificidade para legitimar um pensamento utilitarista, funcionalista e positivista. O humano, nesta concepção, é considerado um recurso a serviço da organização.

(PASSOS e BARROS, 2004). Tal paradoxo, no entanto, mostra-se fundamental para explicitar a distinção significativa entre redes quentes e frias. A rede fria aciona princípios semelhantes aos da rede quente, no sentido de ampliação do alcance, do incentivo à participação e ao envolvimento, embora com lógicas e finalidades distintas, pois a rede fria, como mencionado anteriormente, tende à centralização e à exclusão. Noções e práticas comumente atreladas a movimentos sociais, libertários ou artísticos são adotadas como expressões nos novos discursos gerenciais e facilmente constatadas em uma série de exemplos correntes, até mesmo na mídia. Segue o caso de uma campanha publicitária para televisão, cujos textos aqui se reproduzem:

O mundo não precisa de mais um banco. E agora que o Banco Real e o Santander se uniram, não queremos propor um banco novo. Queremos propor uma ideia nova.

A ideia do juntos.

Porque juntos teremos mais gente perseguindo sua vocação.

Juntos mais negócios sustentáveis terão sucesso.

Juntos universitários terão mais perspectivas.

Juntos poderemos deixar sua relação com dinheiro mais harmônica.

Disso o mundo precisa. (JUNTOS!)

Nós queremos ser indispensáveis num mundo que não precisa de mais um banco. Vamos fazer juntos? Santander – valorizando ideias para um mundo melhor. Vem junto!

(Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=6GLyRmbbFAI>>. Acesso em: 16 fev. 2012)

Falando sério... esse negócio de cada um por si não está dando certo, né? Olha só: Uma empresa cresce acabando com os recursos naturais – isso é sozinho; agora a empresa faz do reflorestamento o seu negócio, isto é juntos.

Uma pessoa vive bem sem olhar para os problemas ao seu redor – isto é sozinho; alguém cresce fazendo a sociedade crescer, isto é juntos.

Um banco acha que o seu negócio é investir em si mesmo, isto é sozinho.

Um banco acha que seu negócio é investir nas ideias das pessoas. Isto é juntos.

Os melhores negócios do mundo são os melhores negócios para o mundo.

Santander – valorizando ideias para um mundo melhor. Vem junto!

(Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Vxdar0WxROI>>. Acesso em 16 fev. 2012).

O marketing é uma das vias de circulação do discurso que aciona a “rede cooperativa fria”, possibilitando sua disseminação. No caso apresentado, nota-se o exercício explícito de apreensão da lógica das redes cooperativas pelo capital, especificamente por uma de suas instituições emblemáticas: o banco. Fica claro o valor das ações cooperativas no contexto do trabalho imaterial, ou seja, torna-se objeto da economia política. Assim, além da possibilidade de gerar valores

vinculados à solidariedade e à inclusão, típicos do modelo de rede quente, a cooperação é requerida a produzir riquezas a serem apropriadas pelo capital.

Adaptando-se a este contexto, as organizações refazem suas estratégias de gestão. Assim, estabelecem alianças interorganizacionais, configurando redes, que visam superar a incapacidade de realização de determinadas atividades (CUNHA e MELO, 2005), sobreviver no mercado altamente competitivo e/ou fortalecer as operações a longo prazo. Além disto, como analisam Lopes e Baldi (2009), as redes interorganizacionais podem estabelecer-se como arranjos cooperativos em nome de interesses políticos e de legitimidade. Contudo, estes autores alertam para uma banalização do uso desta estratégia e chamam a atenção para o fato de que

a rede por si só não é sinônimo de inovação, eficiência, desenvolvimento local, entre outros [propagados] benefícios. Dependerá de como ela é concebida, de quem a integra, dos propósitos da sua formação, do contexto em que ela é formada, da sua extensão, dos recursos disponíveis para serem integrados ou trocados, dos mecanismos de coordenação empregados, da ação de outros atores diante de sua formação. A rede não pode ser assumida como uma panacéia para os problemas sociais de uma região ou local ou para resolução de problemas de gestão de organizações (LOPES e BALDI, 2009, p.1024-1025).

Internamente, novos modelos de gestão imprimem maior relevância aos setores de pesquisa e desenvolvimento (produção de conhecimento e inovação), assim como ampliam os canais de comunicação com seus clientes e fornecedores (produção de comunicação, informação, interação que leva ao conhecimento e a possíveis inovações), concedendo lugar estratégico ao marketing. A “cooperação produtiva” (LAZZARATO e NEGRI, 2001), típica da relação produção-consumo no trabalho imaterial, envolve tanto produtores quanto consumidores, que se deslocam de uma postura de interação passiva, para assumirem um papel mais ativo: escolhendo, definindo, sugerindo, reivindicando. O processo, as relações e o produto do trabalho imaterial caracterizam-se, assim, por serem produzidos coletivamente, sendo imediatamente social e comum. Para tanto, são fomentadas práticas como o *crowdsourcing*, que é definido como a possibilidade de produzir, baseando-se em contribuições da “multidão”, que nesta abordagem representa o conjunto de pessoas conectadas à internet. O *crowdsourcing* compõe-se por fontes diversas, descentralizadas e autônomas e é utilizado pelas organizações como meio de reduzir custos, acelerar processos e ampliar a possibilidade de geração de ideias (HOWE, 2009). Este modo de trabalhar já vem sendo usado por organizações como a Starbucks e a Procter and Gamble (HOWE, 2009), mostrando a eficiência da

cooperação produtiva, compatível com as demandas do capitalismo atual.

As estratégias de gestão, além de incluir os consumidores no processo produtivo, ampliam os sistemas de participação dos próprios trabalhadores, estabelecendo relações em que são considerados como clientes internos. Para tanto, reduzem os níveis hierárquicos, mobilizam o trabalho em equipes e estimulam as políticas de comunicação aberta, sobretudo no que diz respeito à possibilidade de sugestões. Os trabalhadores, antes alienados do processo produtivo, são convocados a participarem de modo mais ativo, contribuindo com seus conhecimentos e, na linguagem gerencial, suas competências.

Os atuais modelos de gestão enfatizam as práticas coletivas ou o trabalho em equipe, valorizando, portanto, a interação, a comunicação e o afeto. Neste contexto, os trabalhadores são demandados a ser um outro trabalhador. Esse trabalhador vê-se com a prerrogativa de pensar, criar, socializar. Virno (2005) ilustra esta situação comentando que há 30 anos atrás, os cartazes nos ambientes de trabalho alertavam: “Silêncio, aqui se trabalha!”, agora, a mensagem diz algo como: “Aqui se trabalha. Fale!”. Assim, o trabalhador deve mostrar-se polivalente, flexível, comunicativo, participativo, de modo que seu conhecimento e suas relações enriqueçam o processo produtivo. Jack (2005) considera que o uso e a popularidade do conceito de *network* por cientistas sociais intensificou-se recentemente com o reconhecimento da relevância das relações para as atividades de negócio.

O contexto atual do trabalho, à primeira vista, mostra-se cheio de qualidades ao novo trabalhador, rompendo com as características alienantes e com a fragmentação que separava o saber do fazer. As mutações do trabalho têm ampliado a possibilidade do indivíduo relacionar-se com o trabalho. A cooperação produtiva propicia interação, conhecimento, trocas afetivas e produz inovação e riqueza. De certa forma, a polivalência e o participacionismo, típicos do modelo toyotista, enriquecem o trabalho e o saber-fazer dos trabalhadores, mas não se deve ter ilusões, conforme alerta Toledo (2000). Juntamente com as benesses, são encontradas novas formas de controle, exploração e incoerências. Como já assinalado, o paradigma da produção imaterial não significa a possibilidade de produzir livremente em comum e igualmente compartilhar a riqueza social comum. O trabalho imaterial ainda é explorado sob as regras do capital, como o trabalho material. “A hegemonia do imaterial, portanto, não torna agradáveis ou compensadoras todas as formas de trabalho, nem diminui a hierarquia e o comando

no local de trabalho ou a polarização do mercado de trabalho” (HARDT e NEGRI, 2005a, p.153).

A sociedade não se torna livre nem democrática a partir da produção e da vida pela cooperação. Embora com traços positivos, não deixa de haver a apropriação das forças do trabalho social, aumentando as responsabilidades dos trabalhadores quanto aos bons resultados do processo produtivo, promovendo, por conseguinte, uma intensificação da exploração do trabalho (TOLEDO, 2000).

A exploração aqui não é a da expropriação do valor medida pelo tempo de trabalho individual ou coletivo, está na captura justamente do valor da produção cooperativa, que se torna cada vez mais comum através de sua circulação nas redes (HARDT e NEGRI, 2005a). A exploração está na apropriação privada de parte do valor produzido em comum, ou de todo ele. Os alvos serão o conhecimento, a criatividade, os modos de vida. As implicações subjetivas decorrentes nada têm de triviais, pois levam à falta de confiança, à dificuldade de estabelecimento de vínculos e, conseqüentemente, a vivências de solidão, insegurança, intranquilidade.

O mundo das redes frias incentiva a prevalência da lógica individualista e narcísica nas relações intersubjetivas, a exacerbação do mundo privado em relação à esfera pública, paradoxalmente ao discurso de cooperação e interação. Assim, os indivíduos vêem-se inseridos em uma sociedade que tem vivido uma “endêmica falta de confiança”, na qual “a sina de indivíduos que lutam em solidão pode ser dolorosa e pouco atraente, mas firmes compromissos a atuar em conjunto parecem comprometer mais perdas do que ganhos [...]” (BAUMAN, 2003, p.48). Isto porque, segundo o autor, o mundo atual apresenta-se impregnado de incerteza, medo e insegurança, no qual se observa o arrefecimento de uma perspectiva de futuro favorável e assim as relações a longo prazo, de vínculos sólidos e duradouros, cedem lugar a relacionamentos efêmeros e instantâneos. As antigas redes de solidariedade estariam se despedaçando e os atuais relacionamentos humanos poderiam ser descritos por uma tendência a apresentarem-se “inadequados, inválidos ou inviáveis, nascidos com a marca do descarte iminente” (BAUMAN, 2005, p. 15).

Os laços fragilmente estabelecidos assumem força, conforme analisa Granovetter (1983, 1973), mostrando-se úteis na medida em que estabelecem pontes entre grupos e/ou círculos sociais diferentes. Contatos mais superficiais, relações com baixo vínculo, possibilitariam maior circulação de informações do que

seria possível no grupo de convívio de pessoas muito próximas e com interesses comuns e que, geralmente, compartilham das mesmas informações. Para Granovetter (1983), os laços fracos não devem ser considerados superiores aos fortes. Ambos têm suas especificidades e auxiliam o indivíduo a integrarem-se no convívio social. Argumento que foi ratificado, posteriormente, por Jack (2005) em suas pesquisas sobre a influência das redes sociais para empreendedores. Seus resultados indicam que a efetividade de uma rede interpessoal depende tanto de laços fortes quanto de fracos por promoverem acessos a fontes diversas. Os contatos estabelecidos por laços fortes carregam grande motivação para auxiliar e são mais facilmente acionados, além de portarem credibilidade e influência. Estes, entretanto, têm sido relegados a segundo plano, na atualidade.

Os laços fracos têm recebido maior ênfase e se propagado mais intensamente, justificando e incentivando as relações passageiras e de baixo compromisso que se estabelecem nas modernas equipes de trabalho e entre organizações e indivíduos, cujas carreiras pautam-se pela intensa mobilidade. Sennett (2003) exemplifica com o conselho de John Kotter, professor da Escola de Comércio de Harvard, sugerindo aos jovens que trabalhem mais fora que dentro das organizações em consultorias ao invés de emprego a longo prazo, considerando a lealdade institucional uma armadilha.

Desta forma, as pretensas relações de cooperação demandadas nas organizações revelam-se instrumentais, dirigidas à extração do melhor da diversidade de conhecimentos e competências com a finalidade de intensificar a eficácia e ser um diferencial competitivo (FISCHER e NOVELLI, 2008). As equipes, exaltadas neste contexto, são caracterizadas pela artificialidade, com regras impostas, relacionamentos superficiais e em situações controladas. O trabalho realizado nesta configuração, artificialmente construída, estabelece um agrupamento, uma reunião de trabalhadores vivenciando uma agregação (mecânica) de responsabilidades, massificados, sem identidade coletiva. Bernardo (2009) considera que, o que modernamente se chama de equipe, encontra-se tão longe do que isto poderia representar, que os trabalhadores realmente não a identificam como tal.

O agregado constitui, nos novos modelos gerenciais, o “novo indivíduo”. À equipe, como totalidade ou unidade de trabalho, são estipuladas metas, normalmente mais elevadas que suas capacidades imediatas. Neste sentido,

excepcionalmente, a equipe dispõe de autonomia. Cada unidade tem “liberdade” para cumprir os objetivos. As equipes de trabalho passam a ser responsabilizadas pelos desempenhos individuais, de forma que recriminações mútuas e atribuição de culpa entram em cena quando a meta não é alcançada. O controle passa a operar entre colegas, seja em relação aos resultados, aos horários, à presença-ausência no trabalho ou à distribuição das tarefas. Não se trata de um sistema de co-gestão, mas de cobranças mútuas impulsionadas pela alta competitividade.

Considera-se que este modo de organizar o trabalho incentiva a “arte de fingir”, tornando as relações nas organizações um “teatro profundo” (SENNETT, 2003). Nele, os indivíduos são obrigados a manipular suas aparências, bem como seus comportamentos, usando máscaras de cooperação com sorrisos cativantes como parte da aptidão social. Nesse contexto, os trabalhadores são, ao mesmo tempo, convidados a integrar as equipes auxiliando-se mutuamente e a submeterem-se a critérios individualizados evidenciados na avaliação de desempenho, na remuneração, na premiação diferenciada das melhores ideias, no estímulo à delação de colegas que se oponham ao projeto organizacional. Disso resulta que, se há companheirismo entre trabalhadores, ele ocorre, muitas vezes, apenas pelo receio da demissão, para atingir as metas e, assim, evitar alguma punição individual ou coletiva. O fortalecimento dos laços entre membros da equipe é prejudicado também pelas mudanças constantes de equipes, quando organizadas por projetos; pela interação com trabalhadores autônomos, muitas vezes temporários de empresas terceirizadas. Os trabalhadores devem demonstrar adaptabilidade, passando de equipe em equipe, estabelecendo níveis “adequados” de aproximação-distanciamento, sabendo que a qualquer momento a equipe pode mudar, o projeto pode ser alterado e o resultado é o que interessa (SENNETT, 2003).

Neste contexto permeado de ambiguidades, não raro os trabalhadores percebem-se enfrentando dilemas entre cooperar e competir. Tonelli (2005, p.53) afirma que

por um lado, executivos e demais membros da organização precisam lutar para se destacarem e provarem que merecem seu lugar. Mas, ao fazê-lo, têm de competir entre si. Por outro lado, a complexidade do trabalho e das organizações exige coordenação de competências baseada na reciprocidade, na troca, na cooperação.

Esta contradição existente entre o estímulo à busca de satisfação dos interesses individuais, sobretudo àqueles relacionados ao desenvolvimento da

carreira, e a possibilidade de desenvolver o trabalho mais cooperativo também é apontada por Fischer e Novelli (2008). Eles constataram que se busca

no discurso o estímulo à cooperação, ao diálogo, eventualmente até à maior tolerância; todavia, não se abre mão de estabelecer, como contrapartida, um clima de competição interpessoal e interorganizacional com o pretexto de assegurar que sejam cumpridos os objetivos organizacionais, e satisfeitas as expectativas de rentabilidade do negócio (FISCHER e NOVELLI, 2008, p.75).

Berg (2010), por sua vez, acredita que a competição é um “modo automático” de relacionamento intraorganizacional, mas a cooperação não. Desta forma, a competição tende a se instalar sempre que encontra um ambiente hostil. Segundo esta autora, “mesmo quando inicialmente tendemos a cooperar, ao primeiro sinal de desafio ou ameaça às nossas crenças ou percepções de nós mesmos, nós automaticamente mudamos para um modo de comunicação e ação defensivas”²³ (BERG, 2010, p. 187). Ela propõe que a decisão de cooperar ou competir deva ser consciente, defendendo que as práticas cooperativas tendem a gerar melhores resultados. Para tanto, desenvolve um exercício baseado no Dilema do Prisioneiro²⁴, para que os grupos adquiram consciência acerca da importância da cooperação, sem a qual as partes envolvidas na solução do problema terminam prejudicadas.

Este exercício, da mesma forma que outras técnicas desenvolvidas nos espaços organizacionais com a finalidade de maximizar a cooperação, têm pouca força para minimizar os dilemas vivenciados nas práticas laborais, tampouco mudam ou implementam o que na linguagem gerencial chamariam de “cultura da cooperação”. Entende-se que o insucesso não se deve às técnicas em si, mas ao foco no qual têm recaído as intervenções. Ao focar a cooperação, as técnicas tendem a gerar padrões de conduta e a normatizar comportamentos. Mas a cooperação não se presta a tais enquadramentos. Ela não pode ser imposta, nem requisitada por uma solicitação específica exterior. Segundo Perrone (2003, p.133), “nenhuma organização científica do trabalho pode determinar antecipadamente esse

²³ Livre tradução. Trecho no original: “Even when we initially wish to be cooperative, at the first sign of challenge or threat to our strongly held beliefs or to our perceived images of ourselves, we automatically switch into defensive communication and action mode” (BERG, 2010, p.187).

²⁴ O Dilema do Prisioneiro tem sido usado para pensar a noção de cooperação. Este dilema, baseado em uma teoria matemática proposta por John Nash, consiste em colocar dois prisioneiros parceiros em salas separadas e fazê-los decidir entre confessar sua participação no crime ou incriminar o parceiro. Parte-se do pressuposto de que a decisão baseada apenas em si mesmo, sem levar o outro em consideração, gera resultado insatisfatório para ambos. Se ambos cooperam, eles podem chegar a resultados mutuamente satisfatórios.

saber fazer e esta criatividade produtiva social que constituem hoje a base de toda a capacidade de empreendimento”.

Desta forma, a cooperação possível à gestão-gerencialista, observada no cotidiano laboral, pode ser considerada um enxerto de cooperação nas práticas já consolidadas, pois, sendo idealizada, vai sendo usada como estratégia de harmonização e expansão da produtividade. Embora esta seja a cooperação possível, mostra-se incompatível à cooperação propriamente dita, intrínseca ao trabalho imaterial. Tais considerações impulsionam, necessariamente, à ressignificação da cooperação da forma como vem aparecendo no discurso gerencial.

A gestão gerencialista, ao buscar normatizar e predeterminar a cooperação, como uma prática ainda nos moldes da economia industrial, minimiza sua força e reduz sua almejada eficácia. O desenvolvimento da cooperação produtiva, necessária ao processo de acumulação que está centrado em conhecimento, relações e aprendizagem, não se adequa à estrutura da propriedade privada tal qual se configura na atualidade. A cooperação propriamente dita, para alcançar máximo de criatividade, inovação e produção do conhecimento, depende da colaboração aberta e do livre intercâmbio de idéias, técnicas e informações.

A crescente produtividade biopolítica da multidão está sendo solapada e bloqueada pelos processos da apropriação privada [privatização de conhecimentos, informação, redes de comunicação, relações afetivas, códigos genéticos, recursos naturais etc.] o trabalho que cria propriedade não pode ser identificado com qualquer indivíduo nem mesmo qualquer grupo de indivíduos. O trabalho imaterial torna-se cada vez mais uma atividade comum caracterizada pela cooperação contínua entre inúmeros produtores individuais (HARDT e NEGRI, 2005a, p.243).

Além disto, a privatização do que é comum mostra-se contraditória ao próprio capital. Embora precise tornar privado o que é social, tal processo imobiliza a circulação dos saberes e conhecimentos, tornando-se um obstáculo para a inovação (HARDT e NEGRI, 2005a). O excedente comum permite que as mudanças aconteçam, pois estas tendem a produzir-se a partir das riquezas (conhecimentos, ideias, experiências, desejos) que excedem aquilo que o capital pode expropriar e controlar (HARDT e NEGRI, 2005a).

A criatividade, a inovação e a produção do conhecimento dependem da colaboração aberta e do livre intercâmbio de ideias, técnicas e informações.

Nossa comunicação, colaboração e cooperação não se baseiam apenas no comum, elas também produzem o comum, numa espiral expansiva de relações. Esta produção do comum tende a ser central a todas as formas de

produção social, por mais acentuado que seja seu caráter local, construindo na realidade a característica básica das novas formas dominantes do trabalho hoje. Em outras palavras, o próprio trabalho, através das transformações da economia, tende a criar redes de cooperação e comunicação e a funcionar dentro delas. Todo aquele que trabalha com a informação ou o conhecimento [de agricultores a especialistas em *software*] dependem do conhecimento comum recebido de outros e por sua vez criam novos conhecimentos comuns [...] (HARDT e NEGRI, 2005a, p.14).

Nas práticas de trabalho, observam-se poucos espaços coletivos efetivos. As práticas gerenciais hegemônicas operam sob a lógica do matar ou morrer. A produção coletiva depende de um novo ambiente organizacional. Kujawski (2003, p.65) afirma, na particularidade da introdução de *softwares* cooperativos, que a implantação dessa nova forma de trabalhar, não apaga ranços gerenciais tradicionais e que “é preciso, antes de tudo, refletir sobre certos traços da cultura corporativa e rever os processos de trabalho”. O mesmo pode ser ampliado para a cooperação de modo geral, pois, ressignificada como valor central da nova racionalidade gerencial, a cooperação implica novos modos de organizar o trabalho.

A cooperação demanda espaços-relações efetivos de autonomia, redução da hierarquia formal e informal, transparência no que diz respeito aos objetivos a serem alcançados e clareza nas regras de operação e de ascensão nas carreiras, aspecto no qual a competitividade mostra-se acirrada. A cooperação demanda, ainda, estabelecimento de vínculos, de relações de confiança e proximidade que permitam e estimulem as trocas, diferente dos relacionamentos de curta duração, em equipes temporárias ou por projetos. Os laços estabelecidos, nesta perspectiva, precisam ser fortes (JACK, 2005; GRANOVETTER, 1983), propiciando sobretudo a confiança.

Fischer e Novelli (2008) analisam que a confiança é um dos pilares para que seja produzida coesão nos coletivos de trabalho, favorecendo o compartilhamento de conhecimentos e experiências. Para eles,

enfrentar a complexidade social por meio da confiança é solução que aumenta a capacidade de o sistema funcionar em um entorno cada vez mais repleto de fatos e circunstâncias. Embora a confiança não seja o único meio de lidar com situações complexas, sua ausência causa, no limite, desarmonia, impasse, imobilismo (FISCHER e NOVELLI, 2008, p.72).

A confiança pode ser estabelecida à medida em que as relações sejam sólidas e duradouras, que os objetivos sejam realmente comuns e que a competição seja minimizada. A confiança e a cooperação requerem que se opere em uma lógica diferente daquela em que competição e a sobrevivência individual configuram-se como elementos principais. A cooperação no trabalho imaterial não precisa ser

excludente: ou o laço é social ou é econômico. Em uma lógica não excludente, a cooperação produtiva pode operar sendo social e econômica.

Assim, a cooperação é compreendida como um processo político, que define e ordena as oposições e as afinidades no coletivo e se materializa na prática de uma ação coletiva, cujos princípios – autonomia, autogestão e ação direta - constituem um processo aberto e plural. A cooperação pressupõe a partilha de significados, a coexistência e a aceitação das diferenças e o esforço para atingir objetivos em comum. Cooperar envolve ambiguidade e contradição e pressupõe a existência de liberdade, diferença e igualdade – e não apenas, liberdade e igualdade, como pretende sua acepção mais simplista. Neste processo, é preciso que cada trabalhador insira-se de modo autônomo, respeitando singularidades que não se massifiquem nem desapareçam como ocorre nas redes frias. A cooperação pressupõe estar diante de desafios nos quais jogam interesses que se situam entre o indivíduo, os grupos e a organização; entre o respeito ao singular, o respeito ao plural e ao reconhecimento da reciprocidade.

6. “PRODUZIR(-SE) PONTO COM”: A PRODUÇÃO COLETIVA EM CONEXÕES NA INTERNET

A cooperação produtiva, no contexto do trabalho imaterial, beneficia-se e potencializa-se pelos recursos disponibilizados com as novas tecnologias digitais de informação e comunicação, os *dispositivos inteligentes*. Forja-se uma aliança que afeta a produção do conhecimento, da informação e dos bens culturais, especialmente quando deixam de ser dependentes da proximidade e desvencilham-se da centralização. As tecnologias digitais são ultra-rápidas, precisas, reduzem desperdícios e rejeições (LÉVY, 2007), dispensam a co-presença e possibilitam a cooperação intensa. Elas proporcionam o engajamento não apenas de indivíduos, mas de comunidades inteiras que projetam suas existências nas redes por meio de agenciamento coletivo.

As novidades tecnológicas criam um sistema aberto e dinâmico, em interconexão, que aumentam as conexões, as relações de interdependência e a complexidade da vida social (LEMOS e LEVY, 2010). Compõe-se, assim, uma cultura informatizada, que exerce grande influência no cotidiano de todos, mesmo daqueles que não têm nenhuma familiaridade com as tecnologias digitais. Se, antes, as relações se davam em um pequeno círculo de atores bem conhecidos, hoje, os contatos são ampliados, sobretudo na esfera do trabalho. E aquilo que antes era destinado apenas aos grandes (corporações, instituições) viabiliza-se como instrumento para descentralização e favorecimento da autonomia dos sujeitos.

As “tecnologias da cooperação” (RHEINGOLD, 1993) impulsionam a criação processada no diálogo, na heterocrítica e no hibridismo (SANTAELLA, 2007). Na análise de Hardt e Negri (2005, p.389), “este novo terreno de produção e vida abre para o trabalho um futuro de metamorfoses que a cooperação subjetiva pode e deve controlar ética, política e produtivamente”. Neste contexto, a internet adquire relevância ímpar.

Ícone da contemporaneidade, a internet pode ser considerada modelo ou imagem de multidão. É uma rede distributiva democrática, que possibilita a interconexão de um número ilimitado e diversificado de pontos nodais, através de diversas rotas, sem possuir um centro. Suas fronteiras externas permanecem abertas a novos pontos e relações e, além disto, cada pedaço pode operar de modo

autônomo, permitindo seu funcionamento mesmo se for destruída em parte (HARDT e NEGRI, 2005a). Na internet, à exemplo da multidão, a partilha e a produção do comum não acarretam a dissolução das singularidades. Assim, “muitos contribuem para muitos mas cada um tem a própria voz e espera uma resposta individualizada” (CASTELLS, 2009, p.441).

No amplo espectro de informações e possíveis conexões da internet encontra-se sua maior e mais conhecida parcela: *world wide web* (www), ou apenas *web*. A web é constituída por um sistema hipertextual, no qual páginas e sites conectam-se uns aos outros através de hiperlinks²⁵. Ela é concebida como a rede das redes (CASTELLS, 2009; LÉVY, 2007) que permite

acessar informações à distância em caminhos não lineares de hipertextos e ambientes hipermídia; enviar mensagens que ficam disponíveis sem valores hierárquicos; realizar ações colaborativas na rede; experimentar a telepresença; visualizar espaços distantes; agir em espaços remotos; coexistir em espaços reais e virtuais; circular em ambientes inteligentes através de sistemas de agentes; interagir em ambientes que simulam a vida e se auto-organizam; pertencer a comunidades virtuais com interação e, por imersão, em ambientes virtuais de múltiplos usuários (SANTAELLA, 2007, p.79).

A internet viabilizou a emergência do ciberespaço, um conjunto tecnocultural móvel, heterogêneo, transfronteiriço, habitado por cartografias plurais, no qual acontecem interações entre coletivos inteligentes desterritorializados (LÉVY, 2007). O ciberespaço promove a sociabilidade pós-moderna, modificando “hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social” (LEMOS, 2010, p.22). Na visão de Hardt e Negri (2005), o ciberespaço promove uma nova condição de ser humano. Ele apresenta viabilidade revolucionária para constituição de novos sujeitos e coletivos, para a produção, continuada, de novos modos de subjetivação. Cria-se, neste espaço, a viabilidade do que se tem considerado uma nova cultura: a cibercultura.

A cibercultura emerge a partir de tendências da interconexão, da criação de comunidade e da propensão à inteligência coletiva (LEMOS e LÉVY, 2010) e configura-se sob três princípios básicos. O primeiro é o da liberação da palavra, isto

²⁵ O hipertexto é a estrutura final do processo decorrente de conexões complexas e multidimensionais entre links, dificilmente representáveis em papel. Hiperlink, segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p.141), são “conexões automatizadas que, quando acionadas, dão acesso a outro módulo de informação, não necessariamente em ordem linear”. Embora de simples definição, a compreensão dos hiperlinks é complexa, tendo em vista a diversidade de significados atribuídos e a variedade de funções assumidas.

é, viabiliza-se a emissão de mensagens para um número muito maior de pessoas. A internet “dá voz” às pessoas, transformando-as em cidadãos, ao mesmo tempo que possibilita que sejam escutadas. O que leva ao segundo princípio, que é o da conexão e da conversação mundial. Se tudo está em rede e há conectividade generalizada, conforma-se uma inteligência coletiva. O computador pessoal transforma-se em computador coletivo, passa de PC a CC. A partir destes dois princípios, chega-se ao terceiro que diz respeito à conseqüente reconfiguração social, cultural e política, com a transformação das estruturas sociais e instituições, sem, contudo, haver substituição dos modelos precedentes (LEMOS e LÉVY, 2010).

Desta forma, o suporte da internet permite que se pense de modo mais aberto, plural e colaborativo. Há criação e recombinação de processos de inteligência, aprendizagem e produção coletivos participativos, em alcance inédito, configurando uma nova relação de espaço, que se desterritorializa e de tempo, que se imediatiza (LEMOS e LÉVY, 2010). Toda participação e conectividade, baseadas na livre produção, distribuição e compartilhamento de informações, atestam um vitalismo social, tornando as sociedades mais inteligentes e politicamente conscientes (LEMOS, 2010).

A internet possibilita a superação, ou, pelo menos, alternativa às mídias de massa. Estas, típicas da sociedade disciplinar, têm como objeto produzir cultura industrialmente. Um tipo de cultura homogeneizante, empobrecedora, ligada ao poder totalitário, à imposição do gosto, presa à lógica do capital e do marketing, nivelando por baixo as realizações do espírito humano (LEMOS e LÉVY, 2010). A mídia de massa porta mensagens simplificadas, não viabiliza interação significativa, impulsiona indiferenciação, estando ligada à produção de subjetividade à “fornadas” e à “venda de kits de subjetividade” (ROLNIK, 2000). A internet, por sua vez, abre maior espaço à mídia pós-massiva, vinculada à cultura digital, mais interativa, distributiva. Permite o luxo da escolha, da garimpagem, do excesso e da profusão de coisas para além do gosto médio (LEMOS e LÉVY, 2010). A mídia pós-massiva resgata aquilo que a mídia massiva havia considerado, artificialmente, como lixo e amplia a comunicação que passa de “um-todos” a “todos-todos”.

Nesta passagem, não há “superação, mas tensão entre sistemas centrados na massa de consumidores e os atuais, mais conversacionais e centrados na interação entre usuários, que são também produtores de informação” (LEMOS e LÉVY, 2010, p.47). Cabe destacar, inclusive, que nem toda produção na internet

pode ser considerada mídia pós-massiva, pois esta é uma função que depende de uma intenção e não um mecanismo automático da internet. Sendo assim, a função massiva ou a pós-massiva podem ser encontradas tanto em mídias analógicas quanto em digitais. Por exemplo: um site de notícias na internet pode ser centralizador, ter função massiva, operando na lógica “um-todos”, enquanto fanzines, *flyers* impressos e rádios comunitárias podem buscar desempenhar função pós-massiva (LEMOS e LÉVY, 2010).

De qualquer modo, ressalta-se o poder da internet em ampliar as condições para o exercício da função pós-massiva e esta passagem, constatada no campo comunicacional, é coerente com a lógica produtiva do paradigma do trabalho imaterial que supõe nova relação produção-consumo. Na mídia pós-massiva, o fluxo é mais próximo da conversação do que da informação. Por isto, Castells (2009) fala em “era da intercomunicação”.

A informação, no ciberespaço, desterritorializa-se e reterritorializa-se. Só assim adquire sentido. Isto significa dizer que, mesmo no contato com informações sobre qualquer lugar do mundo, “a produção de sentido se dá a partir do encontro com as perspectivas locais [de modo que] o contexto local é também ressignificado” (LEMOS e LÉVY, 2010, p.74-75). Além disto, o ciberespaço oferece liberdade de expressão, memória e navegação na esfera informacional infinitamente maior que as mídias anteriores (LEMOS e LÉVY, 2010). Desta forma, permite a formação de opinião com base em diferentes pontos de vista, recorrendo a diversas fontes informações, sejam do presente ou do passado. Os fatos apresentados na mídia clássica são ordenados na sequência escolhida por editores, nem sempre compreendida pelo receptor de modo que o conteúdo parece disperso. Na internet, a apresentação das informações também segue ordenação escolhida por editores, contudo, com um pouco de interesse e pequeno esforço, o receptor conta com a facilidade de transitar por diferentes sites, seguindo links e acessando diferentes materiais. Valendo-se de extenso banco de dados, amplia a possibilidade de significação e aprofundamento.

Além de facilitar o acesso à informação, democratizando-a, a internet rompe também com barreiras no que se refere à produção de informações e participação na emissão de mensagens. Interessa destacar, em particular, que as contribuições e os sujeitos são valorizados pelo saber-fazer, por suas habilidades, mais do que por categorias previamente determinadas, baseadas em antigas referências, tal como

títulos de escolaridade. Este é mais um traço que distingue sociedade disciplinar e do controle. O saber não está localizado apenas naquele oriundo da instituição escolar. A produção pelo *crowdsourcing*, por exemplo, é alimentada por amadores (HOWE, 2009). A origem e o status contam menos do que as possíveis intervenções/contribuições que cada um pode efetuar. “No clima intelectual da computação social, a avaliação, a crítica, a categorização não são mais reservadas aos mediadores culturais tradicionais (clero, professores, jornalistas, editores), mas retorna às mãos das multidões” (LEMOS e LÉVY, 2010, p.11). Os amadores, diferentemente dos profissionais, valem-se da liberdade pela ausência de compromissos com contratantes, com sua figura profissional, com prazos ou com a obrigação da tarefa. Agem pelo desejo.

Há diversas iniciativas de produção coletiva em todo mundo, fundadas em estruturas abertas como a do *software* livre, em que qualquer interessado pode participar. Gorz (2005) considera que a superioridade dos softwares livres comprova que a maior criatividade possível dos homens é obtida quando, livres da obrigação de tirar proveito e da disputa com a concorrência, eles podem desenvolver seus saberes e suas capacidades de modo livre e cooperativo. O saber não aparece como um saber objetivado, composto de conhecimentos e informações, mas sim como atividade social que constrói relações comunicativas. Isto representa *potência*.

As novas (atuais) tecnologias têm tornado o mundo “mais visível, mais audível, mais acessível, mais *transparente*” (LEMOS e LÉVY, 2010, p.60). Esta transparência se refere às pessoas, às instituições e aos fenômenos sociais. Lemos e Lévy (2010, p.13) afirmam que “o aumento da transparência e a multiplicação dos contatos implicam uma nova velocidade de circulação das ideias e dos comportamentos”, afetando a democracia, no que tange à “aquisição de informação, de expressão, de associação e de deliberação dos cidadãos. Em suma, a computação social aumenta as possibilidades da inteligência coletiva e, por sua vez, a potência do ‘povo’” (LEMOS e LÉVY, 2010, p.14).

Alcançar tal potência depende da cooperação entre as pessoas, da troca efetiva entre aqueles engajados em um objetivo comum. Diferentes formas de ativismo têm usado as tecnologias e redes informacionais como suporte, dando livre expressão a movimentos sociais e a diversos tipos de articulação, como no caso dos trabalhadores da saúde.

Entretanto, a internet não vive apenas de abertura, conexões e transparência.

A disseminação da informação na rede e tamanha transparência favorece, ao mesmo tempo, novas formas de controle e vigilância, que buscam saber que tipo de informação se produz e que tipo de informação se “acessa”, quando, como, por quanto tempo. Tal vigilância é útil, de algum modo, à capitalização. Todos os movimentos no espaço virtual deixam marcas, registros em uma memória que não se apaga.

Existem também ameaças de controle e privatização do ciberespaço por políticas de *privacy*, pela qual o curso da ampla comunicação seria interrompido pela concentração de empresas de comunicação. Lemos e Lévy (2010) consideram tal risco fraco. Mesmo que existam comunidades comerciais virtuais, isto não reduz, nas palavras deles, o “alcance poético, cognitivo ou denunciador de uma página pessoal ou associativa” (LEMOS e LÉVY, 2010, p.90). Além disto, tal apropriação limita o acesso a ideias e informações, bem como sufoca a criatividade e a inovação. “A privatização do ‘comum’ eletrônico tornou-se um obstáculo para inovação. Quando a comunicação é a base da produção, a privatização imediatamente impede a criatividade e a produtividade” (HARDT e NEGRI, 2005a, p.241). Não interessa aos meios privados a publicação do mesmo conteúdo, direcionado ao mesmo público. A vitalidade criativa das comunidades e redes sociais virtuais continua sendo um dos principais trunfos das empresas da nova economia (LEMOS e LÉVY, 2010).

Além do controle do fluxo de informações na internet pelo capital, ainda existem tentativas de controle justificadas por uma suposta necessidade de ordenar o caos informacional. Os conservadores consideram perigoso para o leigo estar em contato com tanta informação, muitas vezes de qualidade duvidosa, sem ter um filtro para suas pesquisas, que a mídia clássica, massiva, faria.

Dentre outras formas de cerceamento, estão os portais que possibilitam, concomitantemente, abertura e fechamento aos conteúdos disponibilizados nos primeiros contatos (LEMOS, 2000). Os portais, ou sites de busca, estruturam a informação e os conteúdos, forçando o internauta a passar por páginas pré-definidas, sob o argumento de que assim facilitam a navegação, evitando que se perca na rede. Este processo ocorre pela programação dos supostos interesses do internauta de modo que, ao inserir um termo para busca, o portal aciona aqueles que “julga” adequados ao seu perfil de acordo com as navegações prévias. Configuram-se, assim, como “portais-currais”, que tratam os internautas “como bois

digitais forçados a passar por suas cercas para serem aprisionados em seus calabouços interativos” (LEMOS, 2000, n/p.).

O risco de perder-se no caos e receber informações inverídicas existe. Entretanto, saindo dos primeiros retornos dos sites de busca, é possível ter acesso a diferentes informações de modo a realizar uma avaliação do conteúdo pesquisado. Isto implica um acréscimo de responsabilidade de quem busca a informação, que se adquire com a prática e o desenvolvimento da autonomia, ao contrário da infantilização que nivela por baixo a expectativa diante do receptor. Ademais, a internet, que nasceu como rede aberta, não se deixa aprisionar facilmente. Se há necessidade de organização, que seja efetuada pelos próprios produtores, isto é, operada via mediação coletiva, banindo o que não acham interessante ou pertinente (LEMOS e LÉVY, 2010).

Estes aspectos relacionados à transparência, à abertura, à permanência e ao controle são trabalhados por Musso (2004), que os considera intrínsecos à internet, ou à sua “biface”. A biface que contempla tanto o “paraíso da circulação” quanto o “inferno do controle”. A perspectiva de estar sempre lá, disponível, no princípio da irrelevância geográfica, pode estreitar relações e ser tranquilizador, possibilitando a criação de vínculos emocionais. Ou pode mobilizar sensação de intrusão, de hipersolicitação, de desnorteamento diante do dilúvio informacional.

Mas os riscos e os benefícios da internet e o acesso ao ciberespaço ainda são restritos. Embora a internet seja um espaço aberto, cujo índice de expansão mostra-se mais veloz que o de qualquer outro meio de comunicação na história, ela ainda está longe de ser uma ferramenta universalizada. Expressa-se, assim, uma importante desigualdade social, configurando um corte de inclusão/exclusão. O uso da internet centralizou-se nos países industrializados e nas áreas urbanas, privilegiando homens brancos, com maior escolaridade, ricos e os mais jovens (CASTELLS, 2009).

Castells constatava, na década de 1990, que

as redes eletrônicas em geral [...] apesar da possível utilidade para movimentos sociais, sua influência no domínio cultural pode muito bem ser a de reforçar o cosmopolitismo das novas classes profissionais e empresariais que simbolicamente moram em uma estrutura de referência global, ao contrário da maioria da população de qualquer país (CASTELLS, 2009, p.449).

Lévy (2007), mesmo sendo um otimista com relação aos efeitos positivos da internet para a “engenharia social”, também percebe o abismo que se instala nesta

esfera entre ricos e pobres, bem como constata a tentativa de apropriação de tal potencialidade criadora para o estímulo do consumo e do espetáculo. Ou, como percebe Santaella (2007), a internet pode prestar-se à proliferação de ideologias superficiais e obscuras, bem como ser uma aliada das manifestações de ódio e/ou enganação.

Justamente por ser um espaço democrático, que escapa aos esforços por regulá-la, a rede comporta usos e desusos, por assim dizer. Articula as “redes quentes”, da mesma forma que comporta as “redes frias”. As interações na internet podem ser tanto funcionais, especializadas, quanto solidárias, amplas. Também coabitam o mesmo (ciber)espaço forças integradoras e forças de separação, exclusão. Lemos e Lévy (2010) assinalam que entre as múltiplas possibilidades emancipatórias, encontram-se também neste (ciber)espaço materiais racistas, de incitação ao ódio, violência etc.

O sentido de uma ferramenta, portanto, não se encontra determinado no momento de sua criação, nem pode ser preestabelecido. Mas vai se fazendo ao usá-la, como ensinam Deleuze e Parnet (1998, p.84) ao afirmar que

as ferramentas pressupõem sempre uma máquina, e a máquina é sempre social antes de ser técnica. Há sempre uma máquina social que seleciona ou assimila os elementos técnicos empregados. Uma ferramenta permanece marginal ou pouco empregada enquanto não existir a máquina social ou o agenciamento coletivo capaz de tomá-la em seu *phylum*.

No caso da internet, considera-se que seu uso socialmente mais rico consiste em “fornecer aos grupos humanos os meios de reunir suas forças mentais para constituir coletivos inteligentes e dar vida a uma democracia em tempo real” (LÉVY, 2007, p.62). Para tanto, é preciso desenvolver e manter conexões, articular a multidão e agenciar a cooperação. Uma dessas vias pode ser através das comunidades virtuais.

Recuero (2009), Santaella (2007), Lemos (2002), Castells (2009), Rheingold (1993) analisam a existência de grupos sociais na internet com características de comunidade. São grupos de interesses, formalizados ou formados espontaneamente, nos quais a afinidade é o que conta e não a proximidade geográfica ou contato face-a-face, que pode ou não ocorrer, permitindo que as pessoas permaneçam conectadas.

Rheingold, um dos pioneiros no assunto, em seu livro *Virtual Community* (1993, n/p.), afirma que “todos os tipos de ambiente comunicacional na rede se

constituem em formas culturais e socializadoras”. Para Lemos (2002, p.93), “as comunidades virtuais eletrônicas são agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas”. Santaella (2007) destaca a importância de incluir a dimensão simbólica na definição da comunidade, pois as relações aí efetuadas são perpassadas por discursos, emoções, experiências sociais prévias, ritos e engajamento mútuo. Para esta autora, o importante para as comunidades virtuais “é o espaço criado pela comunicação, um espaço em que relações interpessoais de confiança, afinidade e reciprocidade são mantidas voluntariamente, e não simplesmente porque se está situado em um mesmo local físico” (SANTAELLA, 2007, p.244).

Nos anos 1990, foram travadas algumas discussões sobre a dimensão social da internet, se favoreceria a criação de novas comunidades ou induziria ao isolamento pessoal, cortando os laços das pessoas com o “mundo real” e a sociedade. Os otimistas, ou tecnófilos, apostavam nestas comunidades como novas formas de sociabilidade (online) e novas formas de vida, adaptadas ao meio ambiente tecnológico. Mesmo que efêmeras, as relações nestes espaços poderiam gerar a sensação de comunidade, que os sujeitos não estariam encontrando em outras esferas, por diversas razões, como o contexto de violência e redução dos demais laços sociais (RECUERO, 2009) ou por características pessoais etc.

Os críticos, ou tecnófobos, consideravam as relações sociais estabelecidas online desumanas, apenas um escape diante de dificuldades da vida off-line. Muitas destas críticas, conforme já analisava Castells (2009), apegavam-se ao conceito idílico de comunidade, que muito provavelmente já não existia mais na esfera off-line, mesmo antes do advento da internet.

Tal oposição tem acompanhado o advento e a evolução das tecnologias. Desde o nascimento da informática, particularmente com o advento dos computadores pessoais, detectam-se reações de, por um lado, apaixonamento e, por outro, repulsa e evitação. Em meio ao debate, Kastrup (2000) afirma que não se deve pretender retornar a antigos modos de vida, mas examinar o que surge de novo e suas possibilidades e procurar compor novos territórios existenciais, porque “a resistência frente às novas tecnologias, a tecnofobia, nada traz em si de positivo, não assegura a continuidade da criação e a singularização da subjetividade” (KASTRUP, 2000, p.23). Argumentação semelhante é proposta por Guattari (2006, p.15)

as transformações tecnológicas nos obrigam a considerar simultaneamente uma tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade e uma tendência heterogenética e da singularização de seus componentes. [...] é preciso evitar qualquer ilusão progressista ou qualquer visão sistematicamente pessimista. A produção maquínica de subjetividade pode trabalhar tanto para o melhor como para o pior [...] tudo depende de como for sua articulação com os agenciamentos coletivos de enunciação.

As interações via internet criam complexos de subjetivação do tipo “indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas” (GUATTARI, 2006, p.17) e podem trabalhar para a criação, a invenção tanto quanto para a captura, o embrutecimento, respectivamente o que se poderia considerar de melhor e pior no que tange a produção de subjetividades singulares. Tais complexos promovem processo de criação, da alçada de um paradigma estético. Para Guattari (2006), o problema não é a tecnologia, pois ela opera como reflexo de um determinado modo de organização da sociedade, da produção e da repartição de bens. Para encontrar relações ditas mais humanas na internet é preciso encontrá-las na sociedade.

Neste sentido, o mundo virtual funciona como suporte para processos cognitivos, sociais e afetivos que ocorrem entre indivíduos reais (LÉVY, 2007). O uso da internet pode ampliar a constituição de vínculos sociais, inclusive físicos, mesmo que a princípio tenham sido motivados por finalidades instrumentais e especializadas (CASTELLS, 2009). Além disto, Castells (2009) acrescenta que a comunidade virtual consiste em uma forma de sociabilidade real, embora funcione em outro plano da realidade, com outros modelos de interação. As primeiras pesquisas sobre as interações sociais online consideravam-nas como algo totalmente separado do real. Pesquisas posteriores foram mostrando que as interações online raramente são exclusivas do mundo online, muito pouco separa o real do virtual (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011).

As comunidades virtuais, hoje chamadas de redes sociais (LEMOS e LÉVY, 2010), crescem a despeito do debate entre os tecnófobos e os tecnófilos. Nelas, os internautas

estabelecem contatos, participam de clubes, instauram grupos de trabalho, trocam mensagens, compartilham suas paixões, tagarelam, negociam coletivamente suas reputações, gerenciam conhecimentos, realizam encontros amorosos ou profissionais, desenvolvem operações de *marketing* e entregam-se a todo tipo de jogos coletivos (LEMOS e LÉVY, 2010, p.12).

As redes sociais são, em grande parte, usadas para trocas de amenidades do cotidiano. Mas a tendência é o aumento na qualidade do conteúdo gerado de tal forma que possam criar e compor “uma reserva de inteligência e de informações que

podem contribuir para alimentar o conteúdo de um sitio em texto, em som ou em imagens” (LEMOS e LÉVY, 2010, p.75). Além disto, as

redes sociais *on-line* tornam-se cada vez mais “tácteis”, no sentido em que é doravante possível sentir continuamente o pulso de um conjunto de relações. [...] Permanecer em contato não é mais uma metáfora. Os indivíduos implicados nas atividades de colaboração e interativas da *Web 2.0* participam geralmente de várias comunidades, navegam entre vários *blogs*, mantêm vários endereços eletrônicos para diferentes usos e são, em certa medida, os nós principais, os cruzamentos, os comutadores da computação social, recolhendo, filtrando, redistribuindo, fazendo circular a informação, a influência, a opinião, a atenção e a reputação de um dispositivo a outro (LEMOS e LÉVY, 2010, p.12).

Recuero (2009) ratifica o grande impacto das redes digitais de comunicação sobre as relações contemporâneas. Ela afirma que a sociabilidade mediada se institui na intersecção entre aspectos humanos e tecnológicos e que para compreendê-la é necessário considerar que está em jogo um conjunto de múltiplos e complexos fatores. Recuero (2009, p.24) considera que rede social é o “conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”.

Esta autora analisa, ainda, a dinâmica entre os elementos constitutivos das redes sociais. Sobre os atores, considera a necessidade de apresentarem a si mesmos, construindo elementos identitários, reais ou fictícios; sobre as conexões, constituem-se de laços formados pela interação social e que permanecem, deixam rastros na navegação na internet (como característica de uma sociedade de controle). Os laços formados em geral são fracos, analisa Castells (2009) baseando-se na proposta de Granovetter (1983, 1973), contudo há espaço nas redes sociais para maior envolvimento e estabelecimento de vínculos fortes. A diferença está não na ferramenta em si, mas em seus usos e propósitos.

A Rede é especialmente apropriada para a geração de laços fracos múltiplos. Os laços fracos são úteis no fornecimento de informações e na abertura de novas oportunidades a baixo custo. A vantagem da Rede é que ela permite a criação de laços fracos com desconhecidos, num modelo igualitário de interação, no qual as características sociais são menos influentes na estruturação, ou mesmo no bloqueio, da comunicação. De fato, tanto off-line quanto on-line, os laços fracos facilitam a ligação de pessoas com diversas características sociais [no limite da acessibilidade a esta tecnologia], expandindo assim a sociabilidade para além dos limites socialmente definidos do auto-reconhecimento. Nesse sentido, a Internet pode contribuir para a expansão dos vínculos sociais numa sociedade que parece estar passando por uma rápida individualização e uma ruptura cívica. Parece que as comunidades virtuais são mais fortes que os observadores em geral acreditam. Existem indícios substanciais de solidariedade recíproca na Rede, mesmo entre usuários com laços fracos entre si. De fato, a comunicação on-line incentiva discussões desinibidas, permitindo assim a sinceridade. O preço, porém, é o alto índice de

mortalidade das relações on-line, pois um palpite infeliz pode ser sancionado pelo clique na desconexão – eterna (CASTELLS, 2009, p.445).

Um tipo particular de rede social é constituído pelos weblogs ou, simplesmente, blogs. Os blogs foram criados como sistemas de publicação facilitada na internet, sendo que os primeiros tinham como objetivo possibilitar a expressão individual, como “cadernetas pessoais”, na síntese de Lemos e Lévy (2010). Contudo, novos usos foram alterando este sistema. Os blogs passaram de indexadores de informação a ferramentas de interação social e outros usos, os mais variados. Alguns são utilizados como diários pessoais, outros como revista eletrônica, outros ainda como espaço para escrever ficção etc. (PRIMO e RECUERO, 2003).

Os blogs apresentam vantagens diante dos sites, como a rapidez para inserção e alteração de conteúdos, agilidade em sua dinâmica. Desta forma, mantêm o grupo de internautas leitores retornando constantemente (CAMPBELL, FOUCHÉ e WEISS, s/d). Além disto, a possibilidade de interação através da ferramenta de comentários, que inicialmente era acessória do sistema, mostrou-se muito interessante, tornando-se essencial a todos os blogs. Em geral, o espaço para comentários é menos visível do que o espaço de autoria do proprietário do blog.

Os blogs possuem, ainda, os blogrolls que também foram ganhando destaque com a popularização de seu uso. A princípio, tratava-se apenas da lista de weblogs lidos e passaram a ser compreendidos como lista de laços sociais do blogueiro (RECUERO, 2006). Os blogs possuem também ferramenta *trackback* que “permite que outros *posts*, em outros *blogs*, que fizeram referência a um texto sejam *linkados* junto dele, de modo a mostrar ao internauta a discussão que está sendo realizada em torno do assunto também por outros *blogs*” (PRIMO e RECUERO, 2003, p.3-4). Os autores analisam a interação através dos comentários e o sistema de “linkagem” supera fronteiras e proporciona uma *conversa*. Desta forma, os blogs propiciam a criação de *webring*s, que são círculos de blogueiros em interação, realizando trocas e divulgações.

Mais do que seguir *links* e trilhas pré-estabelecidos nos *websites*, o *blog* permite ao blogueiro e aos internautas criar novas trilhas, criar novos nós e *links*. A ação do internauta aqui, portanto, não se restringe a percorrer trilhas entre os *links* na *Web*, a simplesmente navegar. Ela é construída de forma conjunta, modificando a estrutura da própria *Web*. Trata-se de uma ação coletiva e construída de complexificação e transformação da rede hipertextual pela ação de blogueiros e leitores, que terminam por participar também como autores (PRIMO e RECUERO, 2003, p.4).

Cada vez mais os blogs configuram espaços de interação, sendo um dos

sistemas mais populares de publicação na internet (PRIMO e RECUERO, 2003) e através dos quais é possível constituir e manter laços sociais, além de ser um espaço de expressão e constituição de si. Amizades e laços formam-se a partir de interesses em comum, critério que supera a localização geográfica ou a aparência, já que pesquisas indicam que poucos internautas têm fotografia no perfil (CAMPBELL, FOUCHÉ e WEISS, s/d). De modo geral, há nos blogs um esforço em instigar a interação, conquistar o leitor. “É preciso ser ‘visto’ para existir no ciberespaço. Um blog que não tem leitores, não gera comentários ou reflexos na rede, perde sua motivação. Dentro desta perspectiva, publicar uma informação em um weblog é um ato com motivações e reflexos sociais” (RECUERO, 2006, p.6). Segundo Sibila (2003), trata-se do “imperativo da visibilidade”, algo imprescindível na era da performance.

Neste contexto, o blog mostra-se como valioso instrumento para o capital social, constituído por um conjunto de recursos de um grupo, obtido através da comunhão dos recursos individuais, que pode ser usufruído por todos os membros do grupo e que está baseado na reciprocidade (RECUERO, 2006). Postagens que geram mais comentários são valiosas para este capital e a maioria dos blogueiros gosta de ler os comentários.

Além disto, o capital social constrói-se com base na reputação do blog e/ou do blogueiro. “A reputação, em termos de capital social nos weblogs, pode ser baseada na confiança que alguns depositam em alguém, seja porque esta pessoa divulga informações que são interessantes, seja porque lhe dão crédito” (RECUERO, 2006, p.9). A reputação depende de ações coletivas para ser construída. Muitos blogueiros mantêm blog para construir uma reputação, porque gostam de escrever e compartilhar os temas e assuntos de seu interesse. A maioria tem como conteúdo de seus blogs cópias de materiais de outros sites ou outras fontes. Algumas vezes acontece da mesma notícia ser replicada em vários blogs, gerando uma discussão e produzindo diferentes visões sobre o mesmo assunto (RECUERO, 2006).

“A *blogosfera* é um imenso troca-troca de comentários e *links*. As pessoas que freqüentam várias comunidades virtuais encaminham, de uma a outra, as informações que julgam pertinentes a outras redes sociais” (LEMOS e LÉVY, 2010, p.86). Desta forma, a dinâmica dos blogs tem desorganizado os mecanismos de busca de rede, subvertendo a programação que não contava com tamanha

interatividade. Com isto, desestabilizam o sistema de controle e manipulação do acesso à informação.

Neste processo, observa-se a reconstituição de singularidades de determinados espaços semânticos (que podem morrer em seguida ou se propagar de modo impensável), demonstrando o “caráter fractal da conversação coletiva ou da inteligência coletiva no ciberespaço” (LEMOS e LÉVY, 2010, p.87). Mostra assim sua não linearidade, o fluxo que corre em diferentes níveis e escalas, de maneira imprevisível.

A formação de redes sociais constituem-se, assim, como potência à organização de coletivos e à possibilidade de produção do comum e da cooperação, resultando novos modos de subjetivação. No panorama dos estudos sobre as redes sociais, segue-se uma recomendação de Pelbart (2003, p.41) que incentiva

descobrirmos comunidade lá onde não se via comunidade, e não necessariamente reconhecer comunidade lá onde todos vêem comunidade, não por um gosto de ser esquisito, mas por uma ética que contemple também a esquisitice e as linhas de fuga, novos desejos de comunidade emergentes, novas formas de associar-se e dissociar-se que estão surgindo, nos contextos mais auspiciosos ou desesperadores.

Neste campo, é importante mencionar especificamente o estudo de Eidelwein (2001). Na pesquisa intitulada “Ciberidéias: construindo modos de conhecer-trabalhar”, ela buscou resposta à indagação “como trabalhadores desempregados ou na eminência de perda de emprego, independente do nível de escolaridade, apropriam o ciberespaço na direção de outros modos de conhecer-trabalhar mais críticos, criativos e solidários?” (EDELWEIN, 2001, p.71). A autora questionava se as relações no ciberespaço poderiam promover agenciamentos abrindo caminhos para outros modos de conhecer-trabalhar.

Através da criação de um *site* para discussão do tema, pretendia interligar trabalhadores (desempregados ou em relações de trabalho fragilizadas e de baixa escolaridade) de lugares diversos, com o objetivo de fomentar a troca de ideias, experiências, informações e a construção coletiva de alternativas às questões pertinentes à realidade dos sujeitos integrantes do grupo. Nesta experiência, o site não atingiu a “população” inicialmente planejada revelando, na análise da autora, o distanciamento ou a restrição ao acesso à internet. Conectaram-se através do site profissionais com formação superior e interessados no tema do desemprego.

Desta forma, a internet, de modo geral, e as redes sociais, em particular, têm se mostrado úteis enquanto ferramentas de trabalho. No âmbito do trabalho em

saúde, a internet tem sido utilizada como canal de discussão de casos, compartilhamento de informações tanto no processo de atenção quanto da gestão de saúde. É uma estratégia para minimizar reconhecidos desafios nesta área que dizem respeito à centralização nos processos decisórios, à alienação do trabalhador, a práticas burocratizadas e desumanas, a locais de trabalho impróprios, ao descaso, enfim, a questões ligadas a processos de gestão inadequados à produção de saúde e à saúde de seus trabalhadores. Contudo, nem sempre esta ferramenta tem possibilitado novos modos de produzir saúde e sujeitos. Reforçam, algumas vezes, situações de alienação e exclusão. Usar a internet para produzir de modo diferente requer o desejo de fazê-lo. A cartografia da RHS, uma rede social colaborativa, buscou, com base no referencial apresentado, apreender as conexões ali efetuadas, seus efeitos e a possibilidade de produção delas decorrentes.

7. “PRODUZIR(-NOS) PONTO COM”: A COMPOSIÇÃO DO COLETIVO REDE HUMANIZASUS

A cooperação produtiva configura-se como uma demanda do trabalho imaterial e encontra nas novas tecnologias de informação e comunicação ferramentas para sua viabilização. As redes sociais apresentam viabilidade para esta finalidade, permitindo ampliação da comunicação, das trocas e da interação. Neste contexto, procurei, com a cartografia na Rede HumanizaSUS, compreender qual a produção possível, de serviço e de sujeitos, a partir da conexão de trabalhadores em uma rede social na internet.

A RHS é uma rede social, caracterizada como blog coletivo ou uma “comunidade de blogs”, constituída por textos e links situados em uma face comum, a página principal, e por blogs individuais, nos quais todos os posts de cada membro permanecem disponíveis. A RHS proporciona o encontro entre interessados no sistema de saúde articulando conexões que visam efetivar a Política Nacional de Humanização (PNH) e fortalecer a ideia de saúde como um bem público. Embora a PNH e o SUS gozem de legitimidade legal, o modo de fazer saúde a elas relacionado requer um exercício constante (trabalho) para escapar do jugo do capital e sua prática mercadológica que transforma a saúde em negócio. Este modo de fazer sustenta-se em uma postura ética-política e acontece por meio de uma rede de relações, que pressupõe diálogo, interatividade, cooperação, trocas solidárias, respeito, enfim, trata-se de um fazer com grupalidade e implicação (ALVES, 2010^{XIII}). É um modo de refundar os eixos de valores, as finalidades fundamentais das relações humanas e das atividades produtivas, uma vez que as bússolas econômicas, sociais, políticas, morais, tradicionais se desorientaram, umas após outras, conforme assinala Guattari (2006).

Desta forma, a RHS soma-se a outras estratégias na direção da continuidade do movimento da Reforma Sanitária, processo histórico que assegurou a constitucionalidade do SUS, sem, contudo, garantir sua plena efetividade (TEIXEIRA, 2009^{XIV}). Sendo assim, a RHS constitui-se como movimento instituinte²⁶

²⁶ A noção de instituinte está ligada ao cabedal teórico da Análise Institucional. Na definição de Barembliitt (1996, p.178), refere-se ao “processo mobilizado por forças produtivo-desejante-revolucionárias, que tende a fundar instituições ou a transformá-las, como parte do devir das

na esfera produtiva da saúde, buscando romper com engessamentos na lógica privatista, hospitalocêntrica e médico-centrada, sinalizando os desvios da proposta de saúde pública conforme preconizado pela Constituição Federal de 1988.

O caráter instituinte é traço comum de diversos movimentos sociais articulados na internet, denominados de ciberativistas. O ciberativismo traduz a biopolítica na rede, excedendo controles, bloqueios e hierarquias. As ações políticas são potencializadas pelos ambientes descentralizados da internet (CASTELLS, 2009), uma praça pública virtual, ou ágora, conforme propõe Lévy (2007). Um espaço democrático, no limite da possibilidade de acesso, de compartilhamento de ideias e fomento de ações, que acontecem também na esfera off-line. A RHS pode ser entendida como movimento ciberativista, pois busca a ampliação de horizontes, estabelece vínculos, vence distâncias geográficas e/ou de acesso à informação, sobretudo para aqueles que moram e atuam fora das regiões metropolitanas.

As trocas e articulações na RHS apresentam, de modo geral, um caráter contestatório em oposição ao desmonte da coletividade, da privatização do saber, da produção de conhecimento e do bem comum. Os movimentos nascem e crescem como ideias e viabilizam-se no plano concreto. Um exemplo de ação pontual que foi articulada na Rede e ganhou vida nas ruas foi a confecção de adesivos: “Em defesa do SUS, contra a privatização”.

Figura 2: Articulação na Rede – repercussão nas ruas



Fonte: REDE HUMANIZASUS. <<http://www.redehumanizasus.net/11629-a-dupla-fila-no-incor-estado-politicas-publicas-e-cidadania>>. Acesso em 15 Fev. 2012.

potências e materialidades sociais”. No caso da RHS, sua ação instituinte visa impedir a consolidação e a naturalização de uma visão mercadológica de saúde como a única ou a melhor possível.

O movimento nasceu da indignação relacionada ao aumento de contratações privadas para a prestação de serviços de saúde na rede pública. O desejo de desenvolver uma manifestação foi debatido na Lista de email, a criação do layout foi feita coletivamente e os adesivos foram reproduzidos e distribuídos. Posteriormente, foram divulgadas na Rede as ações em que os adesivos foram utilizados. Este exemplo ilustra apenas uma situação de articulação do coletivo em/na Rede, que, em seu conjunto, permite considerá-la como veículo apropriado para disseminação de ideias, organização política e planejamento de ações. Os efeitos de tais movimentos nem sempre alcançam o que se poderia considerar sua “meta máxima”. Contudo, repercutem no estado de estagnação e imobilidade, de aceitação passiva. Promovem efeitos de resistência.

Resistir é perceber que a transformação se faz necessária, que o intolerável está presente e que, portanto, é preciso construir novas possibilidades de vida. Não possibilidades previamente imaginadas que deveriam simplesmente ser efetivadas, mas possibilidades que são inauguradas no próprio processo de mutação (LEVY, 2011, p.100).

A (ciber)resistência na RHS indica o engajamento frente a situações de indiferença e omissão no que seus membros percebem como precarização e injustiças no sistema de saúde. O propósito do ativismo que acontece na e através da RHS é instituir os princípios da PNH, divulgando-os e consolidando-os. Desta forma, promove sua visibilidade, ampliando seus canais de propagação, bem como oportuniza o debate conceitual e metodológico, evitando as distorções e a paralisia no que Barros e Passos (2005) denominaram de conceito-sintoma²⁷. Neste caso, instituir a PNH significa manter ativa a reflexão acerca do que se considera humanizar e sua ligação com as práticas concretas e o compromisso com a transformação da realidade.

O incentivo à “defesa da vida” em um “SUS que dá certo” comporta diferentes modos de fazer saúde. A RHS visa impulsionar práticas reflexivas e culturalmente contextualizadas, coerentes com o método de inclusão da PNH. A RHS, enquanto rede social aberta, dá espaço à luta pública por um bem que seus membros desejam que continue sendo público, em um movimento contra a atual tendência econômica

²⁷ Conceito-sintoma indica a reprodução do conceito em uma forma instituída, restringindo-o a uma visão limitada e desconectada do movimento que o produziu, muitas vezes capturado em marcas, *slogans* e práticas esvaziadas. A fragilização do conceito-sintoma é, no caso da Humanização, expressa em ações fragmentadas, de cunho assistencialista, voluntarista, sustentadas na racionalidade administrativa e na qualidade total (BARROS e PASSOS, 2005).

de tornar tudo privado e todos sujeitos aos direitos de propriedade (HARDT e NEGRI, 2005).

Ao cartografar a RHS, guiando-me pelo foco da produção cooperativa, constatei que suas conexões são de trabalho-vida; produzem saúde, sujeitos e um coletivo. Esta constatação baseou-se na compreensão de seus fluxos e fixos, que analisei sob a perspectiva de dois planos, artificialmente separados, uma vez que são indissociáveis. O primeiro plano contemplou a produção do serviço, envolvendo os elementos da Rede que favorecem a realização do trabalho com relação aos conhecimentos, às experiências e aos modos de colocar o saber em prática, abrangendo comunicação, criatividade e afeto, aspectos típicos do trabalho imaterial.

O segundo plano enfocou a produção de sujeitos e do coletivo a partir dos laços estabelecidos na Rede, nas conexões no “ponto com”. As interações favorecidas pelas tecnologias da informação e comunicação produzem outros modos de subjetivação para aqueles que delas se utilizam. No caso da RHS, são (re)inventadas relações com as práticas de saúde e com outros trabalhadores, afetando os sentidos atribuídos ao trabalho-vida.

Na análise destes planos, destacaram-se alguns pontos de adensamento nas conexões, nós que se mostraram relevantes para a sustentação da cooperação produtiva na RHS. Estes nós que fixei, a partir do meu percurso e das questões que portava, são paradas temporárias. Eles situam uma forma possível de produzir cooperativamente, mas uma forma sempre fugidia. Como afirmam Deleuze e Parnet (1998), o interessante está justamente no meio, nunca no início ou no fim. Portanto, os fixos aos quais me refiro devem ser compreendidos mais por sua força na composição de sentidos no contexto em questão do que por uma rigidez imobilizante, ou um modelo finalístico a ser seguido.

Os nós situados no primeiro plano, que denominei “Conexões de cooperação produtiva na RHS e os nós que sustentam a produção de serviço de saúde”, foram os seguintes:

- a) Nó posts (I): o lugar da escrita na produção de serviço de saúde
- b) Nó posts (II): conteúdos e efeitos
- c) Nó comentários: promovendo diálogos
- d) Nó online – off-line: as conexões estabelecidas
- e) Nó estética: a potência de criação

f) Nó produção de conhecimentos: aprendizagens possíveis

O segundo plano, “Conexões da cooperação produtiva na RHS e os nós que sustentam a constituição do coletivo”, foi composto pelos seguintes nós:

a) Nó produzir-nos: a produção do coletivo RHS na internet

b) Nó cogestão: a gestão horizontal que faz a Rede rodar

c) Nó tensões dos contraditórios: a realidade híbrida de produzir(nos) ^{ponto} com

Tais planos e seus nós serão apresentados e analisados a seguir.

7.1. CONEXÕES DE COOPERAÇÃO PRODUTIVA NA RHS E OS NÓS QUE SUSTENTAM A PRODUÇÃO DE SERVIÇOS DE SAÚDE

As práticas relativas à atenção e à gestão da saúde têm beneficiado-se das ferramentas tecnológicas que impulsionam descobertas, trocas de informações, agilização no transporte de dados; beneficiam diagnósticos e tratamentos; ofertam meios para maior transparência e ampliação da participação nos processos de gestão etc. Neste contexto, percorri a Rede HumanizaSUS procurando entender a viabilidade de uma rede social, enquanto uma tecnologia leve²⁸, contribuir neste processo e de que maneira isto se daria.

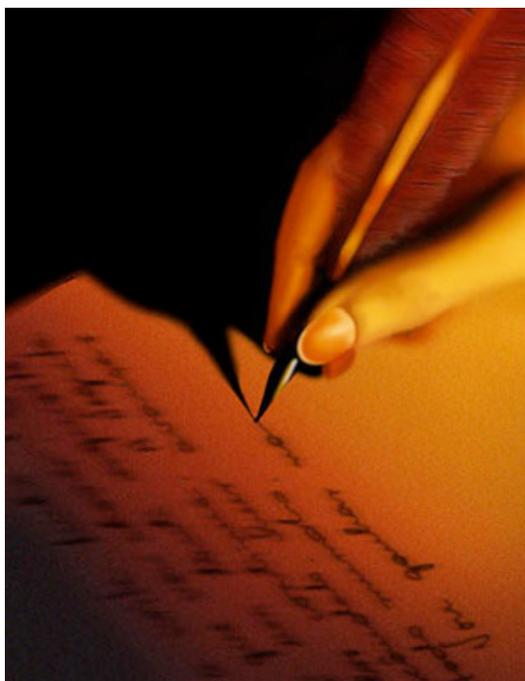
Os posts são o ponto de partida, a matéria-prima essencial, sem os quais a própria Rede não existiria. No ato da escrita dos mesmos há uma importante elaboração que permite, a quem escreve, ressignificar as práticas de saúde (Nó posts I). A quem os lê, os efeitos são produzidos por seu conteúdo, a partir das reflexões propostas ou informações divulgadas em cada post (Nó posts II). O diálogo entre quem escreveu e quem leu ganha espaço nos comentários, oportunidade para trocas de ideias, aprofundando-as ou modificando seu curso, produzindo linhas de fuga (Nó comentários).

²⁸ Por tecnologias leves, no trabalho em saúde, são entendidas as tecnologias relacionais: a produção de vínculos, acolhimento, autonomização, a gestão dos processos de trabalho. São consideradas tecnologias duras as normas, as estruturas organizacionais e os equipamentos (máquinas). Entre ambas, situam-se as tecnologias leve-duras que abarcam os saberes especializados no processo de trabalho, tais como a clínica médica, a clínica psicanalítica, o taylorismo etc. (MERHY, 2002).

Há, neste processo de escrita-leitura-comentário, um tempo próprio que remete à instantaneidade da circulação de informações ao mesmo tempo que possibilita, paradoxalmente, um tempo de vagar, de assimilação e apreciação daquilo que se registra na Rede e produz memória. O trabalho-vida na Rede reinventa a noção do tempo e também a de espaço. Cria-se uma relação entre as esferas on e off-line, que se alimentam mutuamente. Na dinâmica online-off-line (Nó online-off-line), veiculam-se a ação-escrita e a ação-prática. A potência deste processo, na RHS, é intensificada por uma estética própria, que privilegia a criação e a singularização (Nó estética), marcada pelo desejo de compartilhar e de aprender (Nó aprendizagem).

7.1.1. Nó posts (I): o lugar da escrita na produção de serviços de saúde

Figura 3: Escrever...



Fonte: REDE HUMANIZASUS. <<http://www.redehumanizausus.net/5756-quando-o-poeta-abdicou-da-poesia>>. Acesso em 15 fev. 2012.

Para uma rede social acontecer, é preciso que sejam publicados posts. As conexões passam, portanto, por um processo de escrita²⁹. Considero importante

²⁹ Exceto quando o post resume-se apenas a um vídeo. Na RHS, são poucos os casos em que o post é publicado desta forma. Os vídeos postados geralmente são acompanhados por algum texto.

destacar esta ação pois ela, em si, pode ser considerada um mecanismo produtivo, seguindo a perspectiva de “diário institucional”, proposta por Hess (1988). Escrever ajuda a objetivar e, desta forma, a compreender o mundo social no qual se está inserido. O ato de colocar em palavras ressignifica a experiência. Escrever um post, no caso da RHS, permite reafirmar o envolvimento no território e, ao mesmo tempo, construir um distanciamento em relação ao que é vivido.

A escrita permite uma ligação com o real, mas não necessariamente como uma repetição. Através dela, o interior se faz exterior (LEVY, 2011), sendo um ato de invenção que possibilita se fazer outro, traduzindo pensamentos e compondo novas paisagens. Nas palavras de Mairesse e Fonseca (2002, p.115),

escrever está na ordem do desejo, da paixão pelo conhecimento e descobrimento de novos horizontes que só a elaboração produzida no próprio ato é capaz de revelar. Não se pode explicar o escrever, pois este só o entende o escritor, aquele que vive a experiência da transmutação pela arte de reinventar-se na palavra escrita.

Neste sentido, a escrita pode operar como mecanismo de reflexão e autoanálise, sendo um modo de produzir uma diferença. A autoanálise possibilita ao sujeito ou ao coletivo a elaboração e a reapropriação de um saber sobre si mesmo(s), revisitando desejos, necessidades, problemas, soluções, limites (BAREMBLITT, 1996). A autoanálise permite o rompimento com o que está naturalizado e com os processos de alienação, promovendo potencialização do sujeito e/ou do coletivo. Nas organizações de trabalho-vida sustentadas na submissão e no controle, a produção deste saber tende a ser desqualificada, julgada por critérios científico-disciplinatórios. A Rede mostra-se, então, como alternativa a estes cenários burocratizados e alienantes, permitindo o encontro e o reconhecimento dos desejos e necessidades, legitimando e construindo saberes e sujeitos.

A autoanálise propiciada pelo encontro na RHS afeta transversalmente o trabalho-vida de cada um e de todos. As práticas locais são revisitadas no ato da escrita, reforçadas ou problematizadas pelos comentários. Práticas que se replicam em outras localidades ou incentivam a criação de novas estratégias de ação. As trocas fortalecem os sujeitos a inventarem outros modos de trabalhar e de enfrentar as dificuldades, o sofrimento constituinte do trabalho.

O espaço da RHS, além de propiciar a (auto)análise relativa às experiências no trabalho em saúde, fomenta também a autoanálise da própria Rede. Este não é

um movimento constante, mas também não é raro o questionamento ou a publicação de alguma reflexão, em post ou comentários (por exemplo: PIRES, 2010^{XV}; TEIXEIRA, 2011^{XVI}), sobre o próprio funcionamento e os efeitos da RHS. Tal fato indica preocupação em manter-se alerta com relação aos propósitos da Rede, sustentando sua missão instituinte.

O exercício de reflexão adquire outras proporções quando se considera a abrangência desta produção (que muito difere da escrita aludida pela imagem com que inicio este nó). Tal como outros diários escritos e compartilhados na internet, a RHS está imediatamente disponível, não demandando outra condição prévia a não ser este acesso. Há um público-leitor esperado para os textos nesta Rede, composto pelos membros assíduos e demais interessados no temática abordada. Contudo, a dinâmica da internet permite a ampla circulação tornando os textos públicos, no presente e no futuro, pelo menos enquanto a tecnologia persistir e a página da RHS estiver ativa. O alvo da escrita é, portanto, desconhecido. Esta realidade é um aspecto a ser considerado, pois afeta a maneira de escrever que, segundo Hess (1988), estrutura-se de acordo com o modo de difusão.

É preciso considerar que há a possibilidade de uma leitura rápida, no próprio monitor do computador, assim como há a possibilidade de imprimir o post para (re)ler com calma, para divulgar e compartilhar, geralmente nos locais de trabalho, mas também entre amigos e na família, como indicam os membros da RHS. Esta iniciativa revela-se um esforço destes para ampliar o alcance dos conteúdos em questão, considerando a diversidade no domínio da leitura-escrita e o acesso à internet não ser universal.

A RHS pode ser entendida, então, como um “extratexto”, no sentido de um espaço-ação que rompe as fronteiras dos estabelecimentos de trabalho nos quais cada um se insere. A RHS possibilita e incentiva a liberação da palavra, pautada por uma proposta democrática, situada no terreno das novas (atuais) tecnologias de informação e comunicação, que têm tornado o mundo “mais visível, mais audível, mais acessível, mais *transparente*” (LEMOS e LÉVY, 2010, p.60).

Neste contexto, a RHS funciona como uma possibilidade de mostrar um lado do sistema de saúde que a *mass media*, em geral, não tem mostrado. Esta possibilidade de produzir saúde e capilarizar a proposta da PNH rompe com a lógica de organização estruturada e permite a formação de opiniões visto que amplia o leque de pessoas que podem consumir, produzir e distribuir informação, em

qualquer formato, sem movimentar grandes volumes financeiros. Sob o mote “o SUS que dá certo”, os membros da RHS lançam luzes sobre histórias que têm sido marcadas pela invisibilidade e dão publicidade ao que há de bom no SUS sem deixar de sinalizar as fragilidades e discutir os desafios ainda a serem enfrentados, (re)afirmando o direito à saúde pública. A inclusão das diferentes linhas de força, as que movem e as que paralisam, constitui a marca da PNH e distingue a RHS da *mass mídia*, que enfatiza as fragilidades do Sistema sem considerar alternativas que escapem à privatização.

Neste sentido, a RHS aumenta a potência para “fazer dar certo”: estar na internet rompe as fronteiras do espaço-tempo ampliando o trânsito entre os grandes e os pequenos centros, entre pesquisadores e equipes da linha de frente. Revela profissionais, ideias, práticas que ficam escondidos nos estabelecimentos ou abafados nos afazeres do dia-a-dia. A atenção ao ato de escrever e ao compartilhamento do texto na internet mostram que o próprio veículo já contribui com a produção – da saúde e dos sujeitos. Esta contribuição está relacionada também com o que é escrito e publicado nos posts. Desta forma, este nó conecta-se ao próximo, que trata dos conteúdos e dos efeitos produzidos.

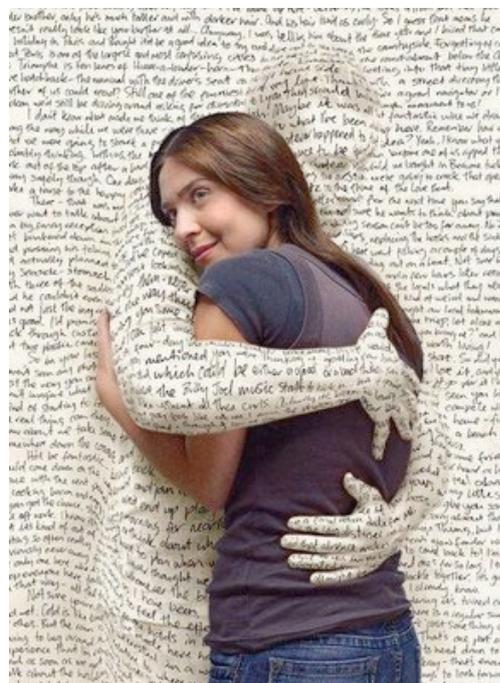
7.1.2. Nó posts (II): conteúdos e efeitos

Os posts publicados na RHS têm como temática a humanização da atenção e gestão da saúde. A noção de saúde integral, que fundamenta a PNH, contempla aspectos bio-psico-sociais. Conforme relatei na apresentação da Rede, no capítulo 2, esta é uma temática extensa, que permite uma ampla gama de tópicos e abordagens. Os posts na RHS abordam as práticas de saúde, as concepções a elas relacionadas e as implicações recíprocas destas com aspectos políticos, econômicos, sociais, filosóficos etc.

A proposta de saúde que circula na RHS escapa, então, tal qual um rizoma, da linearidade típica do modo cartesiano de pensar. Esta maneira de conceber a temática resulta no afastamento de membros e visitantes que julgam que tais conexões não são pertinentes segundo sua perspectiva e interesse no âmbito da saúde. Ainda assim, a amplitude de visões e associações é incentivada na RHS, conforme fica explícito em alguns trechos, tal qual o que segue:

[...] Que beleza de discussão que você suscitou, alimentando e reafirmando a vocação pluralista de nossa Rede. [...] O intuito é, como sempre, esconjurar (termo ótimo, nesse contexto, não?) qualquer sectarismo (outro termo pertinente) ou tendência a organizarmos "torcidas" contra ou a favor desta ou daquela posição, sempre insistindo na complexidade, na sutileza, no surpreendente... (TEIXEIRA, 2009^{XVII}).

Figura 4: Os efeitos das palavras



Fonte: REDE HUMANIZASUS. <<http://www.redehumanizaus.net/4404-palavras-desgastadas>>. Acesso em: 15 fev. 2012.

Desta forma, oportuniza o encontro de “muitas visões de mundo que se entrelaçam e podem ser expressas, complementadas, questionadas, ampliadas” (GUEDES, 2010^{XVIII}), permitindo a inclusão dos sentidos construídos com base em diferentes realidades, sem uma definição prévia e totalizadora do que pode ou não ser considerado válido. Ao recusar uma visão universalista de saúde e temas correlatos, até mesmo da fixação da humanização em conceito-sintoma, a RHS abre-se ao pensamento, às experiências contextualizadas, aos novos sentidos. Promove, assim, movimentos de singularização, de criação existencial (ROLNIK, 2000), rompendo com processos de alienação e submissão.

Aberto à pluralidade de ideias e perspectivas, o coletivo da RHS rejeita, contudo, a publicação de textos publicitários, particularmente de oferta de “cursos e consultoria a serviços de saúde”. A questão levantada não é a venda de serviços que se relacionem à saúde, visto que o trabalho também nesta área deve ser remunerado. A questão que mobiliza o desconforto relaciona-se ao fato de que tais

propagandas, filiadas à perspectiva mercadológica de saúde, indo em direção oposta àquilo que é defendido na RHS em termos de saúde pública, aparecem sutilmente disfarçadas em comentários, carregando algo do que poderia ser considerado má-fé. Ainda assim, o modo de lidar com tais publicações não é de exclusão sumária, com a deleção da mensagem. A resposta vem através do silêncio, ignorando, ou chamando o autor ao debate, à exposição explícita de suas ideias e não apenas seu produto.

A diversidade de abordagens e a amplitude na forma de considerar a temática da saúde faz com que a associação entre os assuntos nem sempre seja explícita ou óbvia. Algumas ponderações a este respeito são feitas na RHS por membros ao lerem algum post cujo assunto ou enfoque cause estranheza, ou mesmo o próprio autor do post assinala o percurso “tortuoso” para discutir alguma questão. Mas na Rede são acolhidas as associações que cada um é capaz de fazer ao costurar os inúmeros fatores que interferem na construção e manutenção da saúde. Na RHS, o termo *transbordar* (tr@nsbordar) é usado com frequência para designar aquilo que extravasa os supostos limites à perspectiva do trabalho em saúde, conforme aparece no excerto a seguir, trecho de um comentário em um post cujo ponto de partida foram textos do Harry Potter e a “literatura fantástica” (PIRES, 2011^{XIX}).

[...] Ouvi (ou será que li?), certa vez, as palavras de um participante da rede que sugeria que nós deveríamos nos ater a discutir os assuntos ligados ao sistema único de saúde (SUS). Que os tr@nsbordamentos não cabiam no coletivo. Na época engoli o que ouvi e as submeti ao processo de 'digestão'. Hoje posso ousar dizer que: Na RHS tudo é SUS, pois o SUS é VIDA. Vida de pessoas, vida de processos de trabalho, Vida de instituições, vida de memórias, vida de idéias (GUEDES, 2011^{XX}).

No processo da cartografia, a leitura mais fluída dos posts, no que chamei de primeiro movimento, promoveu uma constante desterritorialização de sentidos, levando-me a navegar por ricas discussões, dificultando, contudo, focar as conexões propostas na pesquisa. Senti a necessidade, então, de vislumbrar algumas linhas que me auxiliassem a apreender as possíveis conexões de cooperação produtiva na RHS. Desta forma, lancei mão do que chamei de segundo movimento na leitura dos posts, isto é, o esquadrinhamento da Rede com relação às publicações do ano de 2010. Foi um processo de estriamento do liso (DELEUZE e GUATTARI, 2008) através de uma ordenação dos posts em categorias conforme seu assunto e abordagem. É importante destacar que este esquadrinhamento deve ser entendido como um exame minucioso mas temporário e contextualizado no objetivo desta

pesquisa. Os fluxos e as conexões na RHS comportam outras leituras e interpretações. Outros tr@nsbordamentos.

No segundo movimento, os posts foram agrupados, por seus assuntos e abordagens, em duas grandes categorias: Compartilhamento de experiências e informações e Posts de reflexão, com as sub-divisões. Nestas categorias foram situados a maioria dos posts. Contudo, alguns outros abordavam assuntos que não eram pertinentes a elas e foram, então, considerados em categorias separadas e referiam-se aos seguintes tópicos: apresentação de si no ingresso à RHS; homenagens a pessoas significativas, membros ou não da RHS; e posts trazendo uma questão pontual a ser respondida. A distribuição dos posts nas categorias é apresentada no Quadro 1 e no Anexo 3 encontram-se exemplos de cada categoria. As informações sintetizadas no Quadro 1 auxiliam a fazer uma leitura sobre a possibilidade de produzir saúde via RHS.

Quadro 1 – Esquadrinhando a RHS (I): categorias por assuntos dos posts publicados em sua página principal, no ano de 2010

Categoria por assunto do post		Número de posts	Percentual (Relativo ao total)
Compartilhamento experiências e informações	Comunicações sobre eventos	178	399 63,5%
	Divulgação de publicações	136	
	Relatos de experiências	85	
Posts de reflexão	SUS e PNH	79	203 32%
	Vida em sociedade	48	
	Práticas de saúde	13	
	Teóricos	13	
	RHS	11	
	Crônicas e poesias	39	
Ingressando na RHS		15	2,4%
Homenagens		10	1,6%
Questionamentos		3	0,5%
Total		630	100%

Fonte: Elaborado a partir da pesquisa na Rede HumanizaSUS (www.redehumanizasus.net)

A categoria *Compartilhamento de experiências e informações* englobou os posts que abordavam os seguintes tópicos:

- a) Comunicação sobre eventos: divulgação ou relatos de encontros, seminários, congressos envolvendo temas diversos. Nestes eventos estão incluídas,

também, os movimentos e ações de militância referentes à PNH, ao SUS ou de interesse geral, tais como mobilizações políticas;

- b) Divulgação de publicações: compartilhamento de matérias publicadas na mídia, relatórios de pesquisas, artigos científicos;
- c) Relatos de experiências: posts compartilhando práticas realizadas nos serviços de saúde.

Na categoria *Posts de reflexão* foram agrupados os posts que envolviam algum tipo de análise. Eles foram distribuídos nos seguintes tópicos:

- a) SUS e PNH: posts considerando seus princípios de atenção e gestão em saúde;
- b) Vida em sociedade: posts abordando temas relacionados ao contexto social, local, nacional ou internacional;
- c) Práticas de saúde: reflexão crítica ou elogiosa sobre alguma prática específica;
- d) Teóricos: posts que apresentavam e discutiam ideias de outros autores, muitos pertencentes ao âmbito acadêmico;
- e) RHS: reflexões sobre a própria Rede;
- f) Crônicas e poesias: por seu conteúdo, poderiam ser categorizados em algum dos tópicos anteriores, sobretudo em: (a) Vida em Sociedade e (d) Práticas de Saúde. Contudo, sua forma literária revelou-se particularmente mobilizadora e, por isto, foram agrupados em tópico separado.

Os posts da primeira categoria, *Compartilhamento de experiências e informações*, apresentam em comum o intuito de promover trocas e dar visibilidade às ações. Os textos destes posts, mais objetivos, diretos, colocam a informação a circular, sem, contudo, estimular o diálogo. Os posts dos dois primeiros tópicos (Comunicação sobre eventos e Divulgação de publicações), em especial, poderiam ser caracterizados por exercerem função massiva, estabelecendo uma comunicação do tipo “um-todos”. Desta forma, acionaram poucos comentários, dos quais, a maioria, era de agradecimento pela informação disponibilizada. Além disto, em tais posts, os autores não retornavam para responder aos (poucos) comentários recebidos. Entendo que os posts portam uma intenção e cumprem uma função. Neste caso, ela restringe-se à informação, o que não quer dizer que seja pouco relevante, sobretudo no atual paradigma produtivo.

Na mesma categoria, *Compartilhamento de experiências e informações*, os posts do tópico Relatos de Experiências apresentam algumas particularidades. Os Relatos de Experiências abordam práticas exitosas no âmbito da produção de saúde, na lógica do “SUS que dá certo”: práticas inclusivas, incentivando protagonismo dos diferentes atores implicados e atenção à organização do trabalho saudável; momentos de superação das dificuldades por ações pontuais. Os Relatos também apresentam, em tom de denúncia, experiências identificadas na Rede como “anti-SUS”, relativas a movimentos de privatizações, a práticas tidas como “desumanas” e de descaso. São registros dos movimentos, dos desejos, da resistência. O relato das experiências, em uma Rede instituinte, permite aos membros o estabelecimento de vínculos entre si, fortalecendo os princípios que regem as suas ações e evita a naturalização de uma ideia fatalista de impossibilidade de produzir saúde como bem público. Os Relatos de Experiências remetem ao plano concreto das ações de saúde no qual as propostas da PNH são praticadas, saindo do plano apenas do desejo ou das teorias. Tais posts explicitam uma dimensão real do trabalho e do que é possível fazer apesar das limitações e dos desafios.

[...] A experiência de outros Municípios nos motivam e inspiram para seguir em frente, qualificando e humanizando a assistência em saúde (ANDRADE, 2009^{XXI}).

[...] Em cada relato... sinto-me convidada e envolvida a entrar na luta! (CONCY, 2010^{XXII}).

[...] É uma satisfação imensa pensarmos que nossa ação pode ser motivadora de outras, pois com certeza foram outras experiências ricas que contribuíram com a concretização da nossa (ROSA, 2011^{XXIII}).

Os Relatos de Experiências estimulam novos relatos e, com isto, intensificam o compartilhamento, oportunizando revisão de processos, bem como a elaboração por parte de outros sujeitos e/ou grupos de sua própria vivência, no processo de escrita. Uma das experiências muito comentadas na RHS é a “Tenda do Conto”, uma proposta desenvolvida em unidades de saúde de Natal/RN. A Tenda simula uma sala de estar “à moda antiga”, repleta de objetos que instigam afetos e memórias, com cadeiras dispostas em círculo e uma, em destaque, para os contadores de histórias do dia.

[...] A Tenda do Conto nos surpreende sempre. Impossível prever o que vai acontecer no decorrer de cada encontro. A construção é ali e agora - puro “trabalho vivo em ato”. Cada história traz o poder de nos re-ligar ao universo da alma humana. [...] Por fim, convido todos da rede para entrar nessa roda de histórias. Afinal, como fazer uma tenda do conto? É simples. Com uma grande caixa repleta de objetos velhos, uma cadeira de balanço, uma equipe que acredite na construção coletiva e esteja disposta a “co-mover-se” exercitando a arte de ouvir (GADELHA, 2008^{XXIV}).

A Tenda do Conto, considerada uma experiência sensível à produção de saúde-vida, tem inspirado novas experiências, em diferentes lugares do Brasil, que retornam à Rede na forma de novos posts. Assim, ocorre também com outras vivências relatadas na RHS, movimentando a esfera online e o trabalho-vida off-line.

[...] Re-encantamento... é isto que seu texto produz em mim: uma vontade de compartilhar mais e mais histórias, experiências que vem sendo construídas coletivamente em tantos cantos, que nos fazem mais que resistir, nos impulsionam, nos fazem vibrar, apostar neste SUS, nas possibilidades de tecer redes de solidariedade (MARTINS, 2008^{xxv}).

[...] É incrível como um relato simples do cotidiano pode suscitar tantas ideias, sensibilidades, paixões (GADELHA, 2009^{xxvi}).

O contágio à reflexão, à escrita e à publicação de novos posts é um efeito produtivo da Rede. As trocas e a produção de conhecimento mantêm o trabalho vivo, renovando-se constantemente em oposição às práticas embrutecidas e emburrecedoras, típicas da organização do trabalho taylorizadas, ainda comuns nos serviços de saúde.

Os posts compreendidos como Relatos de Experiências, embora também tenham cunho mais descritivo e com objetivo de divulgar experiências, tendem à maior mobilização de diálogo instigado por processos de identificação com a situação narrada e pela curiosidade despertada. Os comentários nestes posts consistem em reconhecimento ao autor e/ou provocações à continuidade do relato, explorando alguns detalhes tanto da Experiência quanto do processo que a propiciou. Nem sempre, contudo, tais provocações surtem efeito com de continuidade do diálogo, de modo que os posts de Relatos de Experiências seguem com a característica principal de divulgação. Mas, neste caso, os posts cumprem a função não apenas de informar, mas de compartilhar ideias, constituindo-se como referências de práticas e estratégias a serem pensadas e, talvez, implementadas em outros locais. A criatividade circulante nos Relatos de Experiências se mostra produtiva no contexto do trabalho imaterial.

Informação, colaboração e criação são os principais aspectos que emergem dos posts compreendidos por *Compartilhamento de experiências e informações*. O exercício mais analítico nos escritos na RHS é desenvolvido a partir dos posts que agrupei na segunda categoria, *Posts de reflexão*. Nos textos situados nesta categoria, os autores examinam a vida em sociedade; analisam processos de atenção e gestão em saúde, de modo geral, bem como práticas específicas; tecem considerações sobre o SUS, a PNH e a própria RHS. Em outros posts, apresentam conceitos teóricos, fazendo referências a autores, muitos pertencentes ao âmbito

acadêmico. Tais posts partem, geralmente, de uma questão que inquieta o autor, que busca nas propostas teóricas de autores renomados respondê-la. Desta forma, traz para a RHS saberes que nem sempre estão disponíveis nas práticas de quem se situa afastado do meio acadêmico.

Estes posts têm em comum uma abordagem mais analítica, cuja associação nos tópicos deu-se pelos conteúdos discutidos. O tópico Crônicas e poesia foi uma exceção nesta lógica. Os posts considerados neste tópico versam sobre os mesmos conteúdos que os demais tópicos, sobretudo a Vida em sociedade ou as Práticas de saúde. O que os difere é que a reflexão proposta toma forma literária de crônica ou poesia. Este aspecto mostrou-se distintivo, pois não apenas o conteúdo era relevante, mas a estética do post produzia efeitos em sua repercussão. Textos que demonstravam capacidade de análise aliados à sensibilidade perceptiva e uma hábil transposição por meio de palavras, afetavam o corpo vibrátil, ampliando seu alcance, mobilizando os leitores a expressarem suas opiniões. Os *Posts de reflexão* instigam o pensamento e a vontade de saber, tal como afirma Guedes (2011^{XXVII}):

[...] seus posts são presentes para o pensamento. Ativam conexões de idéias e nos ajudam a 'desobvializar-nos'.

Configuram um tipo de comunicação “todos-todos”, pois, instigando a participação através de comentários, permitem avançar as análises propostas, aprofundando-as ou tomando novos rumos. A partir do diálogo entre aquele que publicou o post e aqueles que comentam, borra-se a propriedade da autoria e o conteúdo mostra-se fruto de uma produção coletiva, cooperativa, típico do uso da rede social como mídia pós-massiva.

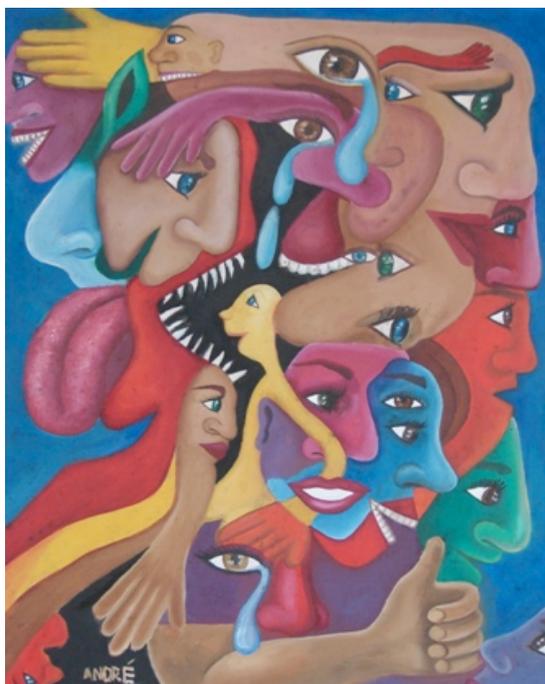
A diferença assinalada entre os posts *Compartilhamento de experiências e informações* e os *Posts de reflexão*, no que tange aos aspectos informativos e analíticos, refere-se a características que se sobressaíram na interpretação dos mesmos. Não é uma divisão rígida, mas permite vislumbrar uma tendência na Rede que privilegia os relatos e a divulgação (em 63,5% das publicações), enfatizando as ações deixando a reflexão e a análise em segundo plano. Observa-se, então, traços da separação entre saber(pensar)-fazer herdados das proposições da Administração Científica. Mas observa-se, também, um empenho em romper com esta tradição, conforme analisarei no nó comentários e o estabelecimento de diálogos.

Os posts mostraram-se uma via de produção no próprio processo de escrita, pelo exercício de pensamento e da transposição das informações e das vivências

em texto, bem como do esforço de reflexão e autoanálise propiciados neste exercício. Ao escrever, o sujeito (re)elabora seu conhecimento e ressignifica sua experiência. Publicando seu texto, na forma de post na RHS, o autor faz circular a informação, promove trocas de experiências, estimula novos relatos; tece uma rede de colaboração e criação. Os efeitos do compartilhamento das ideias através dos posts estão relacionados aos conteúdos abordados e à forma como estes são apresentados. Aqueles que geram comentários, aos quais o autor do post responde, produzem um debate, aprofundando o conteúdo proposto no texto inicial, colocando a Rede a pensar na própria Rede. Os comentários revelaram-se, portanto, elementos imprescindíveis para a produção da/na RHS.

7.1.3. Nó comentários: promovendo diálogos

Figura 5: Diálogos



Fonte: REDE HUMANIZASUS. <<http://www.redehumanizasus.net/7016-saude-define-prioridades-de-pesquisa.>> 15 Fev. 2012.

Na Rede, os comentários dispõem de um espaço ilimitado, ratificando o valor conferido à interação, diferente de outras redes, nas quais a ênfase é dada ao post, conforme assinalam Recuero (2006) e Campbell, Fouché e Weiss (s/d.). A princípio, a dinâmica entre posts e comentários me intrigava porque alguns posts que me

pareciam interessantes, considerando a proposta da RHS e não apenas o meu gosto/interesse pessoal, não recebiam nenhum comentário. Outros posts, não tão instigantes, na minha percepção, estimulavam comentários.

Além da presença/ausência de comentários, também me chamou a atenção os diferentes “tipos” de comentários. Isto é, da mesma forma que os posts, os comentários tinham enfoques que podiam instigar a continuidade do diálogo ou representar um *feedback* de solidariedade, reconhecimento e/ou agradecimento, encerrando-se em si mesmo. Esta relação entre os posts e os tipos de comentários disparados também foi se configurando significativa.

Buscando compreender esta dinâmica de presença/ausência de comentários e qual tipo de comentário, é que classifiquei os posts por assuntos e abordagens, que posteriormente se tornaram as categorias, e verifiquei a quantidade de comentários mobilizados e seus enfoques (estes também categorizados). Procurava entender não apenas que assunto de post gerava mais comentários, mas, também, que tipo de comentário. Isto se mostrou relevante porque fui percebendo que a possibilidade de produção cooperativa passaria pelo diálogo estabelecido na RHS. Sendo assim, os comentários seriam a via privilegiada, valorizados tanto pela participação e os retornos ao autor do post, tal qual aparece na literatura sobre redes sociais (RECUERO, 2006), quanto pela problematização e aprofundamento dos temas em questão, aspecto ainda pouco destacado na literatura da área.

Na página principal da RHS, em 2010, foram publicados 630 posts. Destes, 439 receberam 1558 comentários. Em 191 posts, representando 30%, não foram publicados nenhum comentário. Os posts que não foram comentados tinham como assunto a divulgação de publicações (matérias em jornais, artigos em periódicos, reportagens na televisão), pesquisas, canais de comunicação (junto ao Ministério da Saúde, por exemplo) e comunicações sobre eventos a se realizarem ou já realizados. As características destes posts, mais objetivos e diretos, conforme analisei anteriormente, é de serem centrados na informação, estabelecendo a comunicação “um-todos”, sem visar o retorno ou estabelecer diálogo. Sendo assim, a ausência de comentários não causou estranhamento.

A distribuição dos 1558 comentários por categorias dos posts é apresentada no Quadro 2, a seguir. Ressalto que nesta análise considere apenas os comentários que não fossem do próprio autor.

Quadro 2 – Esquadrinhando a RHS (II): distribuição dos comentários por categorias dos posts publicados na página principal, no ano de 2010

Posts distribuídos por categorias e tópicos		Número de posts	Total	Posts sem comentários	Total de comentários no tópico	Total de comentários na categoria
Compartilhamento de experiências e informações	Comunicações sobre eventos	178	399	65	363	819
	Divulgação de publicações	136		58	245	
	Relatos de experiências	85		24	211	
Posts de reflexão	Vida em sociedade	48	203	10	126	636
	SUS e PNH	44		11	138	
	Atenção e gestão em saúde	35		5	128	
	Práticas de saúde	13		2	26	
	Teóricos	13		2	34	
	RHS	11		2	55	
	Crônicas e poesias	39		8	129	
Ingressando na RHS		15	15	2	53	53
Homenagens		10	10	2	44	44
Questionamentos		3	3	0	6	6
Total		630	630	191	1558	1558

Fonte: Elaborado a partir da pesquisa na Rede HumanizaSUS (www.redehumanizaus.net)

Conforme explicitiei anteriormente, fiz esta opção porque meu interesse, ao focalizar os comentários, era analisar o diálogo estabelecido e a inserção de outros, além do autor, na discussão do assunto proposto.

Os dados sistematizados no Quadro 2 possibilitam vislumbrar a distribuição de comentários com relação à categoria do post. Sua análise permite constatar que, proporcionalmente, os *Posts de reflexão* estimularam maior volume de comentários e os posts relacionados à divulgação de eventos, notícias etc. foram os que menos comentários tiveram, conforme sinalizei nas considerações sobre os conteúdos e abordagens dos posts. Atribuo esta relação à intenção implícita no próprio ato da escrita do post. Esta escrita indica intuito de transmitir uma informação ou propor uma reflexão, compartilhar uma ideia, representando um convite ao envolvimento na questão levantada. Nem sempre a intenção se efetivava, contudo, já consistia em ponto de partida diferenciado.

Mas conhecer a relação numérica entre posts e comentários não parecia suficiente. Era preciso considerar as diferenças entre os tipos de comentários para

entender melhor a dinâmica post-comentários. Para tanto, o exercício foi o de agrupar os comentários conforme seu conteúdo, o que resultou na constituição de três categorias: *Incentivo*, *Efeitos do post* e os de *Continuidade à Reflexão*. Estas categorias não eram excludentes, ou seja, um comentário podia apresentar elementos de Incentivo, de Efeitos do post e Continuidade à Reflexão. Exemplos de comentários de cada categoria encontram-se no Anexo 4.

Foram considerados comentários de *Incentivo* aqueles cuja mensagem consiste na parabenização pela experiência ou ideia apresentada, encorajamento à manutenção dos esforços e/ou manifestação de afeto. Estes comentários operam como reforço e impulsionam a socialização, importantes para garantir as interações e a afetividade na Rede.

Os comentários designados de *Efeitos do post* correspondem às mensagens que mencionam as sensações e os sentimentos despertados a partir da leitura do post ou práticas inspiradas por ele. Estes comentários também favorecem a interação e a afetividade, demonstrando a ligação entre as esferas online-off-line, isto é, o impacto no “corpo e na alma” e na mobilização de ações.

A categoria *Continuidade à Reflexão*, por sua vez, agrupou mensagens que, partindo da proposta post, seguiam elaborando o tema apresentado, relacionando a outras experiências, outros pontos de vista, outros materiais para análise, na mesma linha de pensamento evocado no post ou contrapondo-a, introduzindo uma perspectiva diferente a partir de outros elementos (teorias, experiências, opiniões etc.), impulsionando o debate. Tais comentários caracterizam-se por serem mais reflexivos, fruto de uma análise mais elaborada. Em alguns casos, o comentário apresenta-se tão (ou mais) trabalhado quanto o próprio post. Estes comentários favoreciam a interação, sobretudo com relação à produção do conhecimento, em um plano mais cognitivo, sem deixar de serem perpassados por afetos.

As três categorias apresentadas, que comportaram os sentidos da maioria dos comentários, não abrigaram, contudo, alguns deles. Estes comentários eram de ordem Técnica, isto é, os editores-cuidadores passando alguma informação ao autor do post com relação à inserção de imagem, de vídeo ou ao tagueamento; ou comentário para divulgação de um curso (publicidade), que foi considerado como Outro.

No Quadro 3, a seguir, apresento os tipos de comentários publicados nos posts que figuraram na página principal da RHS, no ano de 2010.

Quadro 3 – Esquadrinhando a RHS (III): a relação entre o assunto do post e o tipo de comentário

Categoria por assunto	Número de posts	Tipo de Comentário	Quantidade
Compartilhamento de experiências e informações	399	Incentivo	112
		Reflexão	56
		Incentivo + Reflexão	51
		Incentivo + Reflexão + Efeitos	11
		Incentivo + Efeitos	8
		Reflexão + Efeitos	4
		Efeitos	5
		Técnica	2
		Incentivo + Reflexão + Técnica	1
		Incentivo + Técnica	1
		Outro	1
		Nenhum	147
		Total	399
Posts de reflexão	203	Incentivo	28
		Reflexão	50
		Incentivo + Reflexão	44
		Incentivo + Reflexão + Efeitos	14
		Incentivo + Efeitos	11
		Reflexão + Efeitos	9
		Efeitos	5
		Técnica	0
		Incentivo + Reflexão + Técnica	1
		Incentivo + Técnica	1
		Outro	0
		Nenhum	40
		Total	203
Total	602	Total geral	602

Fonte: Elaborado a partir da pesquisa na Rede HumanizaSUS (www.redehumanizasus.net)

Neste Quadro, estão discriminados apenas os posts das duas categorias que mostraram maior expressividade numérica. Portanto, são considerados 602 posts e não os 630. Os posts *Ingressando na RHS* receberam comentários de Incentivo, em quase a totalidade. Apenas em dois posts deste tipo não tiveram nenhum comentário. Algo raro, pois os comentários nestes posts acolhem o novo membro e favorecem a conexão deste com o “grupo do agito”³⁰, estabelecendo as pontes para

³⁰ “Grupo do agito” refere-se aos membros com participação mais ativa na Rede, conforme autodenominam-se. O grupo do agito é constituído pelos editores-cuidadores e alguns outros membros que frequentemente publicam posts e/ou comentários na RHS. Não se trata, contudo, de um grupo fechado, “uma panelinha”. Ao contrário, é o grupo que busca estabelecer as pontes entre os diversos membros.

a interação. Os posts categorizados como *Homenagem* receberam comentários de Incentivo e Reflexão. E os posts de *Questionamento* estimularam comentário de Incentivo e Reflexão.

A partir dos dados do Quadro 3 é possível constatar que 282 posts receberam algum comentário de *Incentivo*; 241 posts mobilizaram comentários de *Reflexão*; e 67 posts estimularam comentários sobre seus *Efeitos*. Os comentários de *Incentivo*, sendo a maioria, concentraram-se nos posts da categoria *Compartilhamento de experiências e informação*. Depreende-se desta informação que as interações na Rede favorecem o reconhecimento e a valorização do trabalho, a acolhida de novos membros e o estímulo à continuidade de participação. Reforçam, portanto, a sociabilidade e o fortalecimento dos laços entre si.

Os comentários de *Continuidade à reflexão* e *Efeitos* concentraram-se nos *Posts de Reflexão*. Tais comentários operam em outro plano e distinguem a RHS da esfera puramente social, introduzindo sua característica produtiva e afetiva. Os comentários de *Continuidade à reflexão* possibilitam a expressão de diferentes interpretações acerca do tema, abrindo perspectivas ora como contraponto ora como reforço da ideia inicial e impulsionam a produção do serviço de saúde, contribuindo com novos elementos, instigando estudos e o desenvolvimento de pesquisas, como no exemplo a seguir:

[...] agradeço os seus toques. Foi seu comentário que me mobilizou a trazer para esse espaço um conjunto maior de informações e de dar vozes para o debate. Até o seu comentário surgir, eu só tinha assistido aos programas. Os outros vídeos fui buscar depois! E podemos agora ver outro tom na mobilização das pessoas. É isso aí meu "amigo virtual" vc agenciou a parada toda aqui. Esse post já é mais seu do que meu, alcançou uma dimensão de coletivo! (OLIVEIRA, 2010^{xxviii}).

Este trecho revela a indissociabilidade dos planos que mencionei anteriormente, explicitando sua dupla produção: da reflexão, do “produto-post” e do coletivo. Neste caso, remete à autoria coletiva, que será discutida mais adiante, no nó “produzir(-nos)”. A composição coletiva propiciada pelo diálogo assume rumos inesperados. Neste sentido, a noção do contraponto é interessante, pois, no início da cartografia, tinha a impressão que todos os comentários eram “favoráveis” à proposição do post. Me perguntava se haveria espaço na Rede para o debate de diferentes opiniões. Com o avanço da leitura, fui percebendo que havia sim este espaço e em diversos posts encontrei divergências de opiniões que se expressavam através de argumentos e contra-argumentos. De modo geral, a manifestação ante as diferenças era de respeito e de inclusão, conforme ilustram os trechos a seguir:

[...] Obrigado pela observação [problematizando o que o autor estava propondo] que me permite dialogar com vários apoiadores que possam ter concordado contigo sem ter explicitado a posição como tu fizeste (PIRES, 2010^{xxix}).

[...] Agradeço imensamente a troca de experiências, agradeço as objeções valorosas e desejo que possamos continuar nossos debates para construir este caminho juntos... (COSTA, 2010^{xxx}).

[...] que belas (des)construções [vocês] propõem e assim finalmente encontramos novos olhares sobre a mesma causa. O que importa sem dúvida é esse pensar coletivo e que constrói e (des)constrói coletivamente encruzilhadas. Amei suas colocações porque realmente me fazem diferença.... e mostram que minha rota.... precisa ser reorientada... (MATTHES, 2009^{xxxi}).

O acolhimento das diferenças instiga o pensamento, propiciando mudanças de opiniões, em alguns casos, ou fortalecimento dos argumentos na abertura ao questionamento. Contudo, observei também a existência de limites para o debate, assim como aconteceu com o post que publiquei “O que significa a RHS para você?” que pretendia constituir um Fórum e que não avançou. O diálogo encerrava pelo afastamento, pelo silêncio, pela não-resposta. Foram poucos os casos em que, já tendo dito o que gostariam, os participantes explicitavam o encerramento da conversa. Esta é uma situação propiciada pelas relações mediadas pela internet em que estar ou não conectado é uma opção. Entendo que esta opção, que pode ser concebida como fragilidade das relações, que em um “clic” desfaz-se, oferece também uma leveza aos relacionamentos, no sentido da não obrigatoriedade da interação ou da necessidade do esgotamento do debate. Algumas vezes isto que chamo de leveza é tomado como “laço fraco” (GRANOVETTER, 1983), mas que não é o que se observa na RHS. Trata-se, conforme entendo, da possibilidade de escolha, da liberdade em seguir adiante o diálogo ou interromper. Comparando com a esfera off-line, no que se refere ao trabalho, alguns desgastes entre equipes acontecem pela dificuldade ou impossibilidade de efetuar tais escolhas.

No caso da RHS, que apresenta um posicionamento ético-estético-político bem delimitado com relação à compreensão de saúde, autores com opiniões e interesses muito divergentes não se interessam por lançar seu ponto de vista neste espaço. Mas a publicação de algum post ou comentário de natureza divergente não é rejeitada, sumariamente deletada, conforme mencionei na situação de publicidade. Isto demonstra que o desejo de inclusão e abertura expressos como princípios da PNH e da RHS não se situam apenas na esfera discursiva, mas se concretizam em práticas:

[...] Antes de mais nada, felicito-o por ousar expor suas opiniões neste espaço, mesmo sendo claramente um espaço onde seu ponto de vista é tendencialmente minoritário. Isso estimula um exercício de contrastar posições e pensar na diferença que é extremamente necessário e vai além do mero exercício de reforço mútuo de posições já bem sedimentadas dentro de uma comunidade de interesses e visões comuns. Pena, entretanto, que não tenha sustentado o debate e após publicar o

post não tenha mais voltado para exercitar o pensamento na diferença. Ainda tenho esperanças de que venha a fazê-lo... (TEIXEIRA, 2009^{xxxii}).

É difícil para quem publica um post imaginar a repercussão que trará, sobretudo porque o diálogo que se estabelece a partir dos comentários pode tomar rumos inesperados. Desta forma, a dinâmica post-comentários coloca a Rede a pensar, intensificando a inteligência coletiva e aproveitando sua característica rizomática.

Os quadros 2 e 3 permitem vislumbrar alguns aspectos da dinâmica posts-comentários. Além destes, outros elementos chamam a atenção a este respeito. A publicação de uma experiência estimulava, em muitos casos, a participação de outros atores envolvidos na mesma experiência ou conhecidos do autor. Isto apareceu com maior relevância nos casos em que o autor era um membro que não publicava muito. Seu post era comentado por membros que o conheciam da esfera off-line, também com baixa frequência de postagens. Exemplos significativos são os posts de alunos dos cursos de formação da Especialização em Humanização ou de outros cursos que utilizam a RHS como uma referência. Quando um aluno publica um post, seus colegas e/ou professores comentam o mesmo trazendo para a Rede as discussões de sala de aula (VOLZ, 2011^{xxxiii}; DUTRA, 2011^{xxxiv}; BORGES, 2009^{xxxv}; dentre outros) e as reflexões do processo de formação (NASCIMENTO, 2010^{xxxvi}; dentre outros).

Desta forma, compreendo que existem modos diferentes de estabelecer as interações na Rede. Algumas são ativadas por assuntos e (ou) outras são mobilizadas pelas pessoas. Os tipos de comentários constroem linhas distintas. Os comentários de *Incentivo* tendem a promover a sociabilidade; os comentários de *Continuidade à Reflexão* exploram o plano de argumentos, conhecimento e informações, enquanto aqueles que envolvem a expressão de *Efeitos* do post explicitam os afetos. Configuram-se, assim, os principais elementos produtivos na esfera do trabalho imaterial.

A força produtiva dos comentários pode ser observada por sua potência de levar o post para além do imaginado por seu autor, mesmo quando o post é apenas informativo. A princípio, poderia ser uma mensagem do tipo “um-todos”, mas basta um comentário provocativo e o post transforma-se em veículo de comunicação do tipo “todos-todos”. No caso dos *Relatos de Experiências*, comentários provocativos (*Continuidade à Reflexão*) instigam o autor a contar mais sobre o caso apresentado,

indagando acerca de detalhes que não foram mencionados a princípio como, por exemplo, as dificuldades encontradas no processo e de que forma elas foram superadas. O exemplo a seguir é ilustrativo desta provocação em ir além do resultado obtido, o que interessa no âmbito da produção cooperativa porque questiona sobre o processo, esmiuçando a narrativa. Desta forma, fornece elementos que inspiram outras ações.

[...] Acho que muita gente quando lê este post se pergunta: como vocês conseguiram abrir essa roda no interior do serviço? Tenho algumas curiosidades bem comezinhas a esse respeito: qual espaço? reunião de equipe? como se deu o convite? como a idéia surgiu e se consolidou? Acho importante que, de uma experiência tão fascinante, seja compartilhado não apenas o que ela é e os efeitos que produz, mas como se produziu, como chegou a se constituir uma tal experiência na vida concreta e no cotidiano de um serviço... (TEIXEIRA, 2009^{xxxvii}).

Neste caso, especificamente, a resposta da autora do post incluiu os elementos “solicitados” e foi além. As questões efetuadas no comentário estimularam a autora a conversar com os usuários participantes da experiência em questão e, em sua resposta, são transcritas as palavras dos mesmos (GADELHA, 2009^{xxxviii}). Os comentários têm a potência, portanto, de desmontar as narrativas (PASSOS e BARROS, 2009) impulsionando o autor a trazer à cena as microlutas, os contraditórios que permeiam as vivências. Revela-se, assim, a importância dos comentários que na RHS têm espaço privilegiado de reconhecimento, diálogo e análise:

[...] Também me sinto com muito gás a cada vez que passo aqui e vejo um novo comentário, uma afirmação de parceria (PENA, 2009^{xxxix}).

[...] Vamos conversando e colocando em análise estas diferentes práticas e concepções, isto é fundamental!!! (TRAJANO, 2008^{xl}).

[...] a rede embala melhor quando o recheio é diferente, quando mostra encruzilhadas. Novos caminhos para olhar (MATTHES, 2009^{xli}).

Na Rede, os comentários têm a função de possibilitar a interação. Receber o comentário no seu post repercute significativamente naqueles que escrevem produzindo sensação de acolhimento e valorização; de colaboração e de aprendizagem. Vivenciei esta experiência nos posts que publiquei no percurso da cartografia. Os comentários eram esperados e cada um gerava uma boa reação, como possibilidade de interlocução. O estabelecimento de laços colaborativos desta forma sustenta a vida da Rede, conforme explicitado nos seguintes trechos:

[...] Fiquei emocionada com seu comentário, pois um dos sentidos de nossos movimentos e implicação, é criar formas e compartilhar o que vamos produzindo e ao mesmo tempo nos produzindo nos encontros da PNH para contribuirmos uns com os outros (GOMES, 2009^{xlii}).

[...] O post torna-se mais belo, porque provoca estes desdobramentos e encontros de subjetividades singulares, e falo aqui da entrada do Marco, Pablo e demais. Fico então, percebendo como ele toca a cada um: Trabalhadores de Saúde, mas ANTES, também humanos que já acompanharam entes

queridos nas internações hospitalares, sempre trazendo marcantes histórias, gravadas nos cantinhos reservados às emoções profundas. A beleza dos encontros, e de termos estes espaços de Redes humanas virtuais, alimentadas por afetos, reflexões e desafios reais do cotidiano... (MONTEIRO, 2010^{XLIII}).

Por seus atributos positivos, não receber comentário gera frustração. Uma frustração que mistura o não reconhecimento de seu post aliado à uma frustração pela desmobilização na/pela Causa (ERASMO, 2010^{XLIV}; PIRES, 2010^{XLV}), que se relaciona com a perspectiva de militância assumida na RHS.

[...] Tenho estranhado a falta de comentários sobre os posts do FSM [Fórum Social Mundial]. É um debate que precisamos aprofundar mais, seria ótimo se os participantes deste movimento social, em suas diferentes edições, em especial a de Belém, entrassem na roda... (TRAJANO, 2009^{XLVI}).

[...] Com certeza há muitas opiniões interessantíssimas, mas estou impressionada com o silêncio por aqui... (GUEDES, 2011^{XLVII}).

[...] Quando vi esse post pensei que ele estaria aquecendo um debate intenso. Estamos precisando assumir um posicionamento. O silêncio é terrível, tão terrível que vejo em nosso silêncio uma possível resposta do "Cale-se" do CREMESP e da (in)Justiça. Estamos atendendo à ordem desse "Cale-se"? (RUIZ, 2008^{XLVIII}).

A ausência de comentários, contudo, não quer dizer, necessariamente desmobilização. Fui entendendo que outros fatores intervêm, acarretando a ausência de escrita de comentários. Um destes fatores diz respeito, paradoxalmente, à qualidade dos posts. Textos bem escritos e/ou com análises articuladas, produzem naqueles que lêem uma sensação de que se deve manter o mesmo nível de análise. Na admiração pelo texto escrito, há um sentimento de impossibilidade de contribuição para além do que já foi dito. Este sentimento é expresso em algumas passagens e é algo que também vivenciei enquanto acompanhava a RHS.

[...] difícil tecer comentários nos teus posts. Eles são lindos, complexos, e fundamentais para que a gente não pare num ponto final de qualquer linha (MATTHES, 2008^{XLIX}).

[...] Quero ser igual a vcs quando crescer, com essa eloquência e poder de verbalizar o que muitas vezes essa "mortal" não consegue expressar (ADEMARINA, 2009^L).

[...] Assumo minha incapacidade para comentar esse post, mas sinto que preciso dizer algo [...] Cada vez que leio o texto sou inundada por *tsunamis* de suposições, de constatações, de inquietações, mas ainda não encontrei o fio da meada para articular a 'voz'. Vocês podem estar pensando: - Se não sabe o que dizer, porque está aqui 'dizendo' algo? Ouso responder: Porque parece que o silêncio precisa ser incomodado com os ruídos que pensamos não existir ou não queremos ouvir. Saudações barulhentas em meu deserto (aparentemente) silencioso (GUEDES, 2011^{LI}).

[...] demorei a responder seu comentário porque não é fácil encontrar uma resposta para tudo que você fez jorrar de questionamentos e problematização (SILVA, 2009^{LI}).

A sensação de incapacidade para comentar, que entendo que acontece também com relação à publicação de posts, acontece mas não se justifica no modo como as trocas acontecem na Rede. Não existem discriminações diante de conteúdos menos articulados ou expressos em linguagem mais simples. Ao

contrário, percebe-se o esforço do acolhimento e a valorização de cada contribuição. Compreendo, então, que esta “inibição” decorre da convivência de um grupo muito heterogêneo com relação à formação e à inserção no mundo literário, que é a via de expressão na Rede. Uma reprodução daquilo que marca as organizações do trabalho que hierarquizam os trabalhadores através destes critérios. Há um caminho a percorrer de liberação neste sentido, no qual o exercício nas redes sociais, de modo geral, e na RHS, em particular, favorece. As interações mediadas pela internet tendem a promover a abertura à participação, pautada em diferentes critérios daqueles que ainda regem a vida off-line, oportunizando vivências mais democráticas.

Outro fator a ser considerado no que tange a ausência de comentários, que também se relaciona à dinâmica online – off-line, diz respeito à exposição dos textos publicados na Rede. Muitos canais da internet estão abertos a todos que a acessam, sendo que aquele que posta seu texto desconhece quem será seu leitor. A informação ficará disponível podendo repercutir, favorável ou desfavoravelmente, trazendo consequências para o trabalho-vida na esfera off-line. Para dizer/escrever algo numa rede virtual, assim como nos encontros presenciais é preciso, como assinala Guedes (2011^{LIII}), ter a coragem de se expor.

A vantagem, portanto, da visibilidade dos textos publicados na internet pode constituir-se também em desvantagem, fator de cautela na hora de publicar. A amplitude do público a ser alcançado gera incerteza com relação aos leitores. Em situações anti-democráticas de trabalho na esfera off-line, algumas ideias podem ter repercussão negativa, com consequências àquele que se expôs. Além disto, a internet fixa o texto, um registro que perdura ao passar do tempo, como uma memória. Novamente, isto pode ser considerado uma vantagem, ao contar uma história, mas também uma desvantagem, já que as pessoas mudam de opiniões e podem ser julgadas ou taxadas por aquilo que se registrou há muito tempo. Isto acontece também no âmbito de outras publicações, mas ganham relevância com a internet pela facilidade de divulgação e registro.

Ainda acerca da ausência de comentário, acontecem situações em que ao invés de comentar o texto, o membro da RHS opta por escrever um novo post. Nestes casos, há uma continuidade no debate das ideias propostas, contudo, ele acontece em um plano paralelo. Retira a ideia central e reelabora em outra parte. Esta prática torna necessário o acesso mais frequente à Rede e atenção às diversas

publicações se o desejo é acompanhar as discussões, o que requer atenção especial sobretudo se o autor não faz menção direta ou insere o link ao texto inspirador. Esta costura de ideias em paralelo estimula, por um lado, o acompanhamento dos diversos posts e uma navegação mais autoral, isto é, com a busca ativa dos temas de interesse e não apenas seguindo a ordem dada, possibilidade dada pelos recursos da internet. A leitura das publicações na Rede, seguindo temas de interesse, feita de forma transversalizada, coloca os leitores em uma posição mais ativa no processo de construção de sentidos. Por outro lado, seguir a ideia de um post em outro post ao invés de debater nos comentários promove certo distanciamento. Concordo com a afirmativa de Martins (2010^{LIV}), que diz que seguir a argumentação comentando no próprio post representa estar “junto com”.

A ausência de comentários não representa, portanto, necessariamente desmobilização, tampouco representa ausência de produção. A RHS já recebeu o acesso de 700 mil visitas até o período que estive em campo (julho de 2011). Em tais acessos é impossível dizer dos efeitos produzidos. Há, como é comum na esfera da internet, a audiência de uma maioria que não se manifesta, mas nem por isto menos afetada pelas diversas reflexões e discussões.

[...] sinto que faço parte de uma maioria silenciosa (apesar de atuante!) na maior parte do tempo nesta RHS. Ainda assim, hoje estou navegando em busca de informações para um artigo... e me deparei com este post. Achei o tema muito interessante, mas li e acabei navegando para outro lugar (MATIELO, 2011^{LV}).

[...] Não posto muito na Rede mas estou sempre acompanhando, quietinha do lado de cá, as belas trocas que tem acontecido nesse espaço (ELINIMAR, 2009^{LVI}).

[...] Nestas virtualidades as presenças podem ser sutis. Sem nunca deixar de ler e votar nos posts, minha presença silenciosa foi sentida como ausência. Há muitas intensidades para repartirmos na conta das parcas horas do dia. As que me absorveram em outras direções neste últimos tempos são as mesmas que me fazem mais presentes nesta localidade não-local que é a RHS: - Artes em defesa do SUS! (PIRES, 2011^{LVII}).

O reconhecimento da sutileza das presenças não prescinde o desejo da presença, que é marcada pela manifestação explícita nos comentários ou mesmo na publicação de posts. As publicações são relevantes no contexto da Rede porque, como dito no início deste capítulo, são elas que fazem a Rede acontecer, em um duplo sentido: na existência do blog e nas conexões entre seus membros.

[...] Estava com saudades, embora saiba que a turma toda está sempre atenta e fomentando as conexões na RHS, é sempre gratificante ler um comentário. [...] As leituras são incentivos, mas os comentários são nutrientes energéticos que fazem a máquina de ver, continuar pensando, apesar do forte apelo a apatia e a resignação... (PIRES, 2011^{LVIII}).

[...] Fiquei a me perguntar o porque dos poucos comentários nos últimos dias aqui na RHS. Não satisfeita com as hipóteses usuais da falta de tempo, da correria do fim de semestre, das múltiplas

atividades que se sobrepõem no cotidiano, busquei a resposta em minha 'reação' a esse seu post. [...] Isso me faz muito bem. Tira as teias dos porões e desencrosta as camadas endurecidas ou entorpecidas. Mas, faltam-me palavras para comentar na devida profundidade que o texto merece. Desse modo, fico aqui no plano do sentir, esperando que as idéias metabolizem-se (GUEDES, 2011^{LIX}).

O tempo necessário para cada um apropriar-se da discussão e envolver-se nela pode promover, a curto prazo, uma frustração em quem não recebe o comentário, contudo, permite que tempos depois, ela seja reaberta, surpreendendo ao autor e reacendendo o debate. Vivenciei situação como esta no post “O que significa a RHS para você?”. O deslocamento temporal recoloca a questão na página principal da RHS e resgata assuntos que poderiam ser deixados em segundo plano. Isto marca uma diferença com relação à produção da *mass mídia*, cujos assuntos, após saírem da pauta, tendem a ser relegados ao esquecimento. No trecho a seguir o autor explicita sua admiração pela ressonância que seu texto teve na rede passado algum tempo dos debates mais acirrados.

[...] Essa coisa de blog é legal né? Quando recebi o email que citei no início deste post [...] dei passagem a uma certa empolgação ao perceber que a pauta da Lei do Ato Médico voltara a cena política (pois andava meio apagada ultimamente). Ainda dá tempo de me manifestar! Pensei... Como? O blog da rede. Escrevi o post. Enviei. E imediatamente pensei comigo mesmo: “Pô cara! Tu tá feito aquele que chega atrasado prá tentar dar palpite...” Mas já tinha enviado e assim ficou. No dia seguinte fui ver o blog e... Que surpresa! Um monte de leituras! Comentários! Senti um alívio e uma felicidade enorme! (OLIVEIRA, 2009^{LX}).

O trecho acima permite compreender que as redes conectam pessoas e costumam assuntos diferentes, também em tempos diferentes, sendo acompanhados não necessariamente em sequência cronológica pelos membros. As ações de publicar e comentar na Rede estão atreladas, inevitavelmente, às condições de trabalho-vida na esfera off-line, particularmente no que se refere ao tempo disponível para tanto.

Assim, a defasagem entre a publicação do post e o registro dos comentários promove desconforto em quem publicou, considerando sua expectativa de retornos e, a partir disto, o tempo de espera mostra-se diferente do tempo daquele que, embora tenha algo a contribuir, não consegue estar diante do computador para fazê-lo. A produção na Rede vive o paradoxo da aceleração, a “velocidade assustadora”, conforme testemunha Patrnutri (2008^{LXI}), típica da atualidade, da disseminação de ideias produzidas e divulgadas em tempo real, em contraponto à necessidade de reflexão e assimilação dos conteúdos apresentados. Acompanhá-la, como eu fiz com objetivo de pesquisa, é um exercício de estar sempre “correndo atrás”. Há sempre alguém, dos seus quase 10 mil membros, que se conecta, que posta, que

comenta. Selecionar os textos para ler e comentar é inevitável. O imediatismo e a aceleração possibilitados na esfera online competem com cotidianos de hipersolicitação e múltiplas demandas na esfera off-line. Muitos membros comentam que seguem a Rede por tópicos, ou por autores dos posts e buscam estratégias para ter mais tempo para reflexão:

[...] Imprimi o teu post prá ler com calma. Há muita coisa importante ali e preciso de tempo prá comentar (SARDENBERG, 2010^{LXII}).

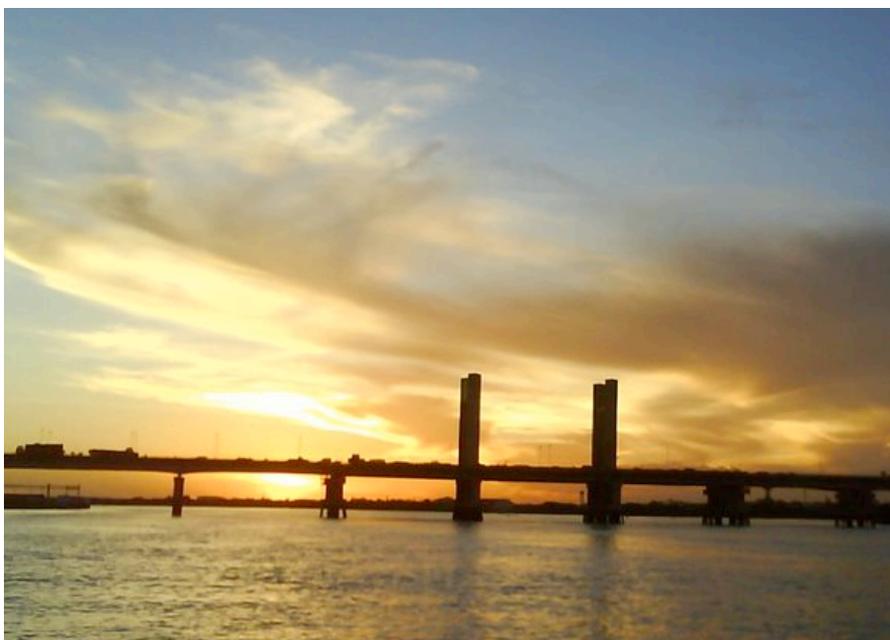
[Nesta Rede] as "bordas" de acompanhamento têm tempos peculiares. Ou seja, por razões muito diversas, o acompanhamento de uma discussão: postagem e comentários - se dilata ao longo das semanas dias, meses e anos [...] Pelos andares da vida de cada um, os temas mobilizam e se dispersam em padrões de contágio que tem tempos diferentes [...] Nas minhas ausências cíclicas, leio e voto porque acho que é um dever de quem tem o privilégio. Comento menos do que posto e gosto de transformar comentários em posts. [Falo com] os leitores silenciosos que nos incluem em suas vidas conforme o fluxo de compromissos lhes permite [...] (PIRES, 2011^{LXIII}).

[...] Estava com essa problemática meio que atravessada na garganta. Nesse momento estou com muitas demandas na minha Universidade mais processos da PNH e sem tempo para responder aos comentários. Em breve estarei respondendo a tod@s para amplificar essa conversa (RUIZ, 2010^{LXIV}).

O movimento produtivo na Rede depende das circunstâncias de trabalho-vida off-line de seus membros, condicionando os tempos de leitura, reflexão e escrita na RHS. Mas a dinâmica entre estas esferas não se restringe à possibilidade de interação, conforme tratarei no nó a seguir.

7.1.4. Nó online – off-line: as conexões estabelecidas

Figura 6: RHS: estabelecendo pontes entre...



Fonte: REDE HUMANIZASUS. <<http://www.redehumanizadasus.net/5289-um-desafio-as-margens-de-um-rio>>. Acesso em: 15 fev. 2012.

A Rede constitui-se, como afirmei anteriormente, uma esfera produtiva por si mesma. As interações online, pelo ato de escrita e reflexão que a precede, pelas associações e conexões ali estabelecidas, constituem-se como uma Obra, no sentido proposto por Campos (2005)³¹. O que aparece na RHS não é virtual, considerando a acepção comum do termo, que indica o “que não se realizou, mas é suscetível de realizar-se”. A participação produz sentidos e a noção que percorre a RHS é de que “aqui se faz”.

A obra acontece porque “toda rede pressupõe uma tessitura, um entrelaçamento que se faz durante o processo” (PATRINUTRI, 2008^{LXV}). São reflexões, inquietações do trabalho-vida que ganham repercussão, amplificam-se na RHS. Neste sentido, a Rede é produto do trabalho imaterial, da ação dos membros que cooperam para sua construção. Este é um trabalho que demanda tempo para ler, refletir, elaborar e escrever. Como o uso da Rede está atrelado às condições de trabalho-vida na esfera off-line, as estatísticas oferecidas pela equipe de editores-cuidadores da Rede indicam que o maior movimento na RHS segue o padrão das jornadas de trabalho – os dias úteis, no horário comercial (TEIXEIRA, 2011^{LXVI}). Ou seja, estar na Rede estaria atrelado ao tempo de trabalho. Contudo, acompanhando a Rede durante estes dois anos, percebi que, mesmo que em menor número (escapando das estatísticas), havia atividade de madrugada, nos finais de semana, nos feriados e nas férias – tanto no blog quanto na Lista.

Isto marca o engajamento com o trabalho-Rede, possibilitado pelas inovações tecnológicas que rompem com a cronologia analógica, propiciando uma nova configuração de espaço-tempo, típicas da sociedade de controle. Assim, flexibiliza o acesso à informação e à produção de conhecimento, oportunizando, por um lado, a participação daqueles que de outro modo não poderiam se envolver. Por outro lado, caracteriza-se pelo rompimento das barreiras trabalho-não trabalho e estende-se pelas 24 horas do dia, em qualquer lugar onde haja acesso à internet.

A RHS situa-se em um tempo-espaço intermediário, no “entre”, em trânsito constante do online para o off-line e vice-versa. Neste trânsito, a produção adquire outros sentidos quando a Obra repercute em ação na esfera off-line. Aliás, é próprio

³¹ Campos (2005, p.235) define Obra como “o resultado do trabalho sempre que se logre articular (aproximar) Objeto de investimento do trabalhador com Objeto de trabalho e com a produção de valores de uso”. Contextos de trabalho alienantes, despersonalizados e repetitivos afastam o trabalhador da Obra, representando perda de sentido do ato de trabalhar.

da PNH instigar a prática, sair do discurso e agir no cotidiano, atentar ao “SUS concreto”.

[...] não posso deixar de concordar com quem escreveu "...de que serve a discussão, se ela não chegar concretamente a um posto de saúde? De que serve esta rede se a nossa discussão não se tornar prática e cheia de atitudes eficazes para, concretamente, realizar mudanças?... "É isso mesmo. São as atitudes que fazem a diferença na prática concreta dos serviços de saúde, na porta de entrada, no acolhimento "nas boas vindas" ao SUS. Sem mudança de atitude? Não rola e nosso esforço ficará preso num emaranhado de palavras sem efeito na prática (ADEMARINA, 2008^{LXVII}).

[...] Para uma coisa as tecnologias da comunicação e da informação servem bem: gerar processos de mobilização em nível planetário em defesa do que pode ser mais justo entre as pessoas, entre os povos. Claro que na prática esse é um desafio bem maior. A questão é como fazer com que as palavras prenunciem atitudes transformadoras para melhorar o estado de coisas atual (LIMA, 2008^{LXVIII}).

As provocações disparadas nos comentários acima convocam a colocar em análise o papel da RHS e sua potência de promover ações, influenciando a esfera off-line, no cotidiano daqueles que dela participam. A proposta que circula na RHS é de fortalecer os membros para o enfrentamento dos desafios locais e, para tanto, é preciso ir além da descrição e colocar em análise. Isto representa, sobretudo, incluir nos posts de *Relato de Experiências* as dificuldades, as negociações, as estratégias, expondo o processo, as microlutas. As informações precisam constituir objeto de análise e de aprendizagem, capacitando os sujeitos a saírem de situações de bloqueio e alcançarem seus objetivos, conforme consideram alguns membros como se pode observar nos trechos a seguir.

[É preciso] dizer o que se passa por dentro dos processos, e não olhá-los apenas de cima (PENA, 2009^{LXIX}).

[...] Quais problemas queremos superar? O que queremos mudar? Que saídas oferecemos? Todo os dias me defronto com estes questionamentos (RUIZ, 2009^{LXX}).

[...] importante para a RHS é podermos compartilhar a experiência em seus detalhes metodológicos (quem inclui? como incluiu? que dificuldades enfrentou? que estratégias foram inventadas?). A experiência que cada grupo de humanização estiver vivendo, se compartilhada analítica e criticamente, ganha um enorme potencial multiplicador (PASSOS, 2009^{LXXI}).

Entendo que há um esforço no sentido de colocar em análise as práticas, bem como de “lapidar” os próprios conceitos, os pressupostos da PNH, de modo a “afiar” os instrumentos de ação no cotidiano dos serviços. Um exemplo do trabalho conceitual-metodológico através da RHS pode ser encontrado no post de Ruiz (2008^{LXXII}) que instiga refletir sobre as atividades dos Grupos de Trabalho em Humanização, os GTHs³². Em diversos posts, são celebradas ações dos GTHs

³² O GTH é um dispositivo proposto pela PNH, constituído nos serviços de saúde (hospitais, unidades básicas, centros de saúde etc.), por interessados em discutir as condições de trabalho e propor intervenções no processo de produção de saúde, visando sua qualificação. “O GTH pode ser entendido [...] como um espaço vivo de leitura e ação do SUS, atuando como um motor que “faz pensar”, que “faz propor”, em cada serviço, em cada instância gestora [...]” (BRASIL, 2006, p.15).

como promotor de festas, encontros recreativos, gincanas etc., e, em alguns destes casos, a perspectiva de humanização gera uma conotação de assistencialismo, paternalismo e outros sentidos que a fixam no conceito-sintoma. O que é questionado não é a festividade, que tem lugar na produção de saúde, mas chama-se a atenção para não resumir a Humanização e a ação dos GTHs a atividades pontuais, que não afetem a organização do serviço de modo mais amplo. Problematizam-se as posturas de “oba-oba”, reafirmando o sentido de político da humanização. Desta forma, a RHS apresenta-se como veículo de institucionalização dos princípios e diretrizes da PNH e um canal para a militância por um sistema de saúde que preze pela integralidade, universalidade e equidade, conforme os princípios do SUS. Neste sentido, a RHS tem buscado aprender com outros movimentos ciberativistas melhores formas ou “táticas” para transformar a informação em ação.

A passagem da escrita a outras formas de ação depende da mobilização daqueles que leem e/ou comentam. A primeira via de mobilização passa pela afetação dos leitores, ao despertá-los para possibilidade de atuar conforme acreditam. A rede social, na esfera online, desperta sensações na esfera off-line. Há um efeito que não é apenas cognitivo, no plano das ideias, mas se manifesta no corpo, com reações sinestésicas. Na RHS, os relatos de tais efeitos são inúmeros tais quais: senti vibrar em mim; senti um arrepio; me transbordou; alimenta meus dias; palavras que gritam, pulsam, cortam, doem; leva às lágrimas; acorda/desperta, não deixa acomodar...

[...] Mais um relato primoroso com sua engenhosa e bela arte de escrever; posso quase sentir esse cheiro do tecido novo que vc descreve. Os buracos na parede... eu fiz a imagem na cabeça à medida que lia (CAVALCANTI, 2008^{LXXIII}).

[...] Palavras que reviram as entranhas / feito raio / despindo a onipotência / a in-capacidade do humano / de "ser" sem destruir / palavras raios desnudando a indiferença / provocando a dor / pesando sobre nossos ombros (GADELHA, 2009^{LXXIV}).

[...] Adorei te ver, fiquei feliz e alegre com o teu sorriso contagiante. Não telefonei, mas o meu coração ouviu a tua voz alegre, ao ler o post vendo a tua imagem... Muito mágico isso não é?? (MONTEIRO, 2011^{LXXV}).

Esses efeitos são prolongados e/ou compartilhados na esfera off-line. Conforme já mencionei, muitos membros relatam a prática de imprimir os textos para compartilhar com usuários ou com outros trabalhadores. Mesmo quando não são impressos, há esforço de ampliar o poder de alcance das considerações da RHS através de relatos. Assim, os usuários que não têm acesso a computador são

convidados a lerem os posts no próprio serviço de saúde, conforme ilustrado no trecho a seguir:

[...] Ontem, reunimo-nos em frente ao computador da unidade para ler o post da rede e nos divertimos com a reação de cada um vendo suas imagens na tela: foi tanto orgulho que decidimos repetir a sessão amanhã! A maioria deles nunca havia visto um computador! (ABRANTES, 2010^{LXXVI}).

[...] Acredito que você gostaria de ver a turma do Panatis correr para a sala da direção da unidade para ver os nossos posts! É muito interessante como todos gostam de "se ver" na rede. Por aqui, a rede tem funcionado como um "dispositivo" que impulsiona nosso fazer de forma muito mais prazerosa (GADELHA, 2008^{LXXVII}).

[...] Adotei a estratégia de mostrar os posts aos colegas do Hospital. O efeito é interessante, pois muitos desconheciam a dimensão do SUS, mesmo trabalhando nele (GUEDES, 2011^{LXXVIII}).

[...] Muitas questões importantes são reveladas em tuas palavras. **Teu post merece ser impresso e discutido em muitas rodas.** (GUEDES, 2011^{LXXIX}. Grifo da autora).

[...] hoje conversando na comunidade, surgiram demandas e o teu comentário [...] caiu como uma luva para as demandas locais (MATTHES, 2011^{LXXX}).

Nesta dinâmica, os trabalhadores deparam-se com diferentes modos de acessar, produzir e distribuir informação. As estratégias utilizadas enriquecem a possibilidade de produzir saúde, estimulando intervenções on e off-line. Na RHS, é estimulado o uso de imagens e vídeos, além dos relatos escritos, como forma de sensibilização para os conteúdos propostos. Há, na Rede, o incentivo à criação, ao uso de vias singulares para os relatos e reflexões. Configura-se, assim, um espaço de valorização estética.

7.1.5. Nó estética: a potência de criação

Figura 7: A arte da afetação



Fonte: REDE HUMANIZASUS. <<http://www.redehumanizasus.net/10831-saude-com-amor>>. Acesso em: 15 fev. 2012.

A estética na RHS, seguindo referencial que sustenta a PNH, refere-se à tudo o que evoca criação, multiplicidade, singularização. Refere-se àquilo que afeta, que desperta o corpo vibrátil. A estética está relacionada ao que Rolnik (2006) chama de “fator de a(fe)tivação”. Segundo esta autora, fator de a(fe)tivação “pode ser um passeio solitário, um poema, uma música, um filme, um cheiro ou um gosto... Pode ser a escrita, a dança, um alucinógeno, um encontro amoroso – ou, ao contrário, um desencontro...” (ROLNIK, 2006, p.39). O fator de a(fe)tivação é a via que, para cada sujeito, permite “habitar o ilocalizável, aguçando sua sensibilidade”.

Entre a vibratibilidade do corpo e sua capacidade de percepção há uma relação paradoxal que instiga a criação, isto é, a tensão mobilizada demanda o desenvolvimento de novas formas de expressão para as “sensações intransmissíveis por meio das representações de que dispomos” (ROLNIK, 2006, p.13). As conexões feitas entre a manifestação artística e a produção de saúde rompem a lógica comum, tecnicista, convocando o processo indissociável de pensar, sentir, agir. Na RHS, a sensibilidade é aguçada através da arte, expressa sob a forma de músicas, fotografias, filmes, pinturas, poesias, literatura etc. Os recursos artísticos são explicitamente valorizados, conforme exemplificado nos trechos que seguem:

[...] Outro dia ainda comentava sobre como a pintura, o teatro, a literatura e o cinema nos ajudam a conhecer a realidade, aprendendo-a por vezes de modo muito imediato (e o quanto isto também requer atenção, e crítica contextualizadora...). Que legal que este recurso se tornou viável para na RHS! (MATIAS, 2008^{LXXXI}).

[...] Ah, a rede voltou a ser o espaço do modo lírico de fazer saúde. Liberdade de associar, com muita competência, mundos diferentes. Obrigada pela degustação estética com conteúdo! Às vezes posso passar por hedonista, me deliciando com as coisas, fazendo a apologia do prazer mas não é isso! É que me alegro com a beleza das idéias verdadeiras (SARDENBERG, 2011^{LXXXII}).

Os relatos de experiências e análises escritos na forma de crônicas ou poesias despertam, conforme as manifestações nos comentários de Efeitos do post, a sensação de “estar lá”. Proporcionam “escapes poéticos” (ROLLO, 2007, p.43). A estética e o estilo literário afetam e criam identidades, singularizam os autores. Estes são reconhecidos pela temática abordada e/ou pela capacidade de análise e literária e angariam admiradores, bem como produzem uma sensação de orgulho por pertencer à mesma Rede.

[...] É com esses cuidados, maravilhosamente projetados nos textos, no cuidado de cada um com o texto, no cuidado na forma de inserir o outro em sua própria rede de palavras, em sua rede de idéias, em sua rede de afetos, é nessa composição cuidadosa (atualização, ao mesmo tempo, ética, estética e política), que a Rede efetivamente se faz, que ela existe enquanto campo de forças [...] (TEIXEIRA, 2008^{LXXXIII}).

[...] Sabias o quanto teus textos martelam a cabeça da gente? Mas as marteladas não causam dor não, inspiram. Fiz agora [um poema] ao ler o seu post! (RUIZ, 2008^{LXXXIV}).

A preocupação com as formas de expressão dos conteúdos contribui para a dinâmica e as produções da RHS, coerente com o desejo de utopia, que, segundo Sousa (2007, p.35) “precisa colocar em cena novas metáforas. [Precisa] cada vez mais de um pensamento poético que, uma vez instaurado, produza efetivamente um fazer político no sentido pleno da palavra”. Coerente também com as táticas dos movimentos ativistas na internet. Estas indicam que a transmissão da informação e sua transformação em ação adquirem maior potência quando exploram alternativas ao texto escrito. Metáforas e outros veículos de transmissão das mensagens são valorizados na Rede, conforme assinalado nos trechos a seguir:

[...] Uma imagem vale mais que mil palavras, disse alguém. Provavelmente um publicitário. Amo as palavras, mas confesso que o vídeo me pegou de jeito. [Penso] que se trata de instrumento de expansão do campo da luta. Virtualização de um outro modo de ver que pede passagem. CONTÁGIO pela afetabilidade! (SARDENBERG, 2011^{LXXXV}).

[...] Palavras são boas para PENSAR, já dizia Claude Lévi-Strauss. Nessa contemporaneidade de tantas palavras peço licença para registrar que esse vídeo é um oceano de pensamentos sem palavras (GUEDES, 2011^{LXXXVI}).

[...] Tenho este hábito de colorir as páginas da rede [editora-cuidadora que incluiu imagem no post em questão], não para me intrometer no espaço das pessoas, mas para demonstrar meu carinho com cada um que compartilha conosco este sonho realizado de dar publicidade que o SUS dá certo! (PATRINUTRI, 2010^{LXXXVII}).

A maioria dos posts (no esquadramento feito nos posts de 2010 que alçaram a página principal, era de 70%) é ilustrada por algum tipo de imagem: reproduções de obras de arte; desenhos; fotografias de paisagens desconhecidas e fotografias das paisagens locais; fotografias também dos eventos relatados e das pessoas envolvidas. Algumas destas imagens são reproduzidas nesta tese, que tomo de empréstimo para, inspirada nos posts da RHS, ilustrar cada nó e abrir os sentidos. A inclusão de imagens é uma prática que visa dar destaque ao post, de modo que quando o próprio autor não a insere, algum editor-cuidador o faz, conforme assinalado no terceiro trecho acima. As imagens são convidativas e, por seu caráter heterogêneo, não comportam significações fechadas. Elas transportam o leitor, sobretudo no caso das fotografias, às cenas do cotidiano, favorecendo a dinâmica online – off-line.

A liberdade de criação e o exercício da autoria auxiliam a lidar com o cotidiano de trabalho da esfera off-line, bem como ressignificá-lo. A RHS configura-se como ambiente de renovação para lidar com as dificuldades típicas dos serviços de saúde, nos quais a repetição, o estresse e o risco são frequentes. As formas de

expressão que passam pela criação estimulam a autonomia e o protagonismo, o que nem sempre é fácil, conforme assinala o autor no trecho a seguir, e, por isto mesmo, configura-se como um exercício de resistência contra a lógica determinista ou fatalista.

[...] é o caso de se afirmar assim, poeticamente, sem perder de vista que as relações duras e tensas nos ambientes de trabalho dificultam o ser poético que reside em todos nós (SILVA, 2009^{LXXXVIII}).

Neste sentido, Campos (2005) assinala que as experiências inovadoras entre os trabalhadores têm ocorrido mais fora do que dentro do ambiente de trabalho. A organização do trabalho movida pela máquina administrativa sufoca a espontaneidade e a iniciativa da maioria. Esta lógica tende a ser rompida pela tendência ao trabalho imaterial, mas, como se viu, esta ainda afeta uma minoria quantitativa de trabalhadores. Na RHS, observei que as manifestações criadoras que aparecem nos posts traduzem também o desejo e o desafio de criação também na esfera off-line, sejam nas unidades básicas, nos hospitais, nos CAPS, ou mesmo enquanto professores, no trabalho de formação de novos profissionais da saúde.

A estética da RHS que envolve criação, autonomia, afetos quentes, pode ser sintetizada na alegria enquanto combustível para o trabalho-vida. A potência do humor também é reconhecida como tática na transformação da informação em ação e, na RHS, ele se manifesta através de expressões típicas na linguagem da internet, como o “rsrsrsrsrs...”, as carinhas de alegria (☺) e pelo grito de celebração típico desta Rede, o “uHUUUUUUUU!” A RHS impulsiona “paixões alegres” de modo a restituir condição de ação no trabalho em saúde tão permeado pelas “paixões tristes”.

[...] É tão bom abrir a rede e deparar com histórias descontraídas [...] retirando do nosso rosto o ar, às vezes pesado, triste, por ler tantas histórias de sofrimento, em busca de solução (HEINDERICH, 2010^{LXXXIX}).

[...] humanizar os espaços de produção de saúde implica necessariamente em criar o espaço estético da alegria, seja porque reencontramos o prazer de viver e de ajudar a viver no trabalho, seja porque parece ser da condição humana buscar criar a alegria onde reinava a tristeza (RUIZ, 2008^{XC}).

[...] Na prática estar atento para as vitórias e a potência da vida (e celebrar estas vitórias e este viver) é fundamentam para que a luta política seja "alegre". Mas isto é mais fácil falar do que fazer... com certeza já aprendemos muito e esta rede é um exemplo (GUSTAVO T., 2009^{XCI}).

A inventividade é valorizada na Rede como uma faculdade a ser exercitada. A arte valorizada no contexto produtivo, que já não se sustenta mais no saber-morto. O saber vivo, que revigora nas redes colaborativas, é mais um elemento constitutivo do paradigma do trabalho imaterial. No nó a seguir tratarei das possibilidades de produção de conhecimento na RHS.

7.1.7. Nó produção de conhecimentos: aprendizagens possíveis

Figura 8: Aprendizagens na e através da Rede

The screenshot shows the homepage of Rede Humaniza SUS. At the top, there is a navigation bar with links for 'início', 'sua conta', 'termos de uso', 'ajuda', 'contato', and 'entrar'. A search bar is located on the right. The main content area features two posts. The first post, titled 'Estágio de Psicologia na Área da Saúde', is dated 14/07/2011 and has 12 comments. The second post, titled 'II Congresso de Humanização', is also dated 14/07/2011 and includes a link to 'www.pucpr.br/congressodehumanizacao'. On the left side, there is a sidebar with links for 'o que é a rede hs', 'participantes', 'estatísticas', 'cadastre-se', 'glossário', 'fotos', and 'vídeos'. Below this is a 'login do usuário' section with fields for 'USUÁRIO:' and 'SENHA:'. On the right side, there is a 'Google' search box, a 'nuvem de tags' (tag cloud) with terms like 'acolhimento gth', 'hospital', 'humanização', 'notícias da pnh', 'notícias do sus', 'redes saúde', 'mental saúde SUS', and 'vídeos', and a 'estado/cidade' dropdown menu.

Fonte: REDE HUMANIZASUS. <<http://www.redehumanizasus.net/hsushome?page=148>>. Acesso em: 12 fev. 2012.

A RHS, com seus posts permeados de imagens e vídeos, discussões, criação e alegria, torna-se uma fonte de dados, constituindo-se um acervo para pesquisas sobre o tema. Além da produção própria, oferece links ao material de referência sobre o SUS e a PNH. Este sentido reafirma a conformação da RHS como uma Obra, em constante construção.

A Rede é um instrumento para aprendizagem no processo de participação através das trocas de experiências e afetos. Isto é possível por contar com a disponibilidade de seus membros em cooperar, socializando seus conhecimentos e vivências. A aprendizagem via internet tem se estabelecido como uma realidade em cursos de educação a distância. Situo a RHS neste contexto. Não enquanto curso formalizado, obviamente, mas pelo conteúdo disponível e pela possibilidade de participação, incluindo e envolvendo a todos como “ensinantes-aprendentes” (FERNÁNDEZ, 2001³³). A RHS beneficia-se, assim como todo processo de

³³ A noção de aprendizagem, nesta concepção, considera que a produção do conhecimento é processual e, para que se efetive, demanda, além das capacidades cognitivas, aspectos desejantes e afetivos. Neste processo, ensinar e aprender são esferas indissociáveis (FERNÁNDEZ, 2001).

educação a distância, da superação das barreiras geográficas, por possibilitar o encontro de sujeitos de diversas localidades e por prescindir da presença. Na Rede, além dos posts, existe uma ferramenta de bate-papo e uma Sala de Eventos, na qual é possível a transmissão de seminários, palestras etc.

[...] Esta rede possibilita romper o isolamento geográfico entre os estados, as pessoas de diferentes regiões podem ter acesso ao que está sendo realizado e produzido cientificamente de humanização no país. Hoje a rede é muito utilizada para pesquisa nas universidades por alunos e professores. Então esta rede dá certo também por que permite formação de rede de redes, conexões para além de nós (GOMES, 2010^{XCII}).

[...] Que legal! Então quer dizer que poderemos acompanhar muitos eventos online pela RHS! Isso sim é vencer fronteiras geográficas, agregar... Estaremos participando "junto com", virtualmente, aqui do RS! (MARTINS, 2009^{XCIII}).

A RHS torna-se, assim, uma esfera de Educação Continuada, de aprendizagem permanente. E esta realidade tem se intensificado com a utilização da RHS como recurso didático em cursos de graduação e pós-graduação, conforme o exemplo da proposta disparada por Casarotto (2011^{XCIV}). Este professor propôs que seus alunos do curso de Psicologia publicassem na Rede seus textos para a avaliação da disciplina, permitindo o compartilhamento das reflexões com outros interlocutores e inserindo os alunos nas discussões com outros profissionais.

A RHS agrega um conjunto heterogêneo de membros, considerando sua relação com o Sistema de Saúde, bem como o grau de formação acadêmica. Nesta Rede, concebe-se que cada um, a seu modo, traz para o coletivo diferentes perspectivas, fazendo avançar o conhecimento. É possível afirmar que a aprendizagem na Rede também é favorecida por um ambiente no qual as hierarquias são, tanto quanto possível, aplainadas e é possível “conversar” com professores e pesquisadores renomados e consultores da PNH, que de outro modo seria inviável. Esta convivência pode gerar intimidação, conforme mencionei ao tratar da ausência de comentários, e uma retração na participação de alguns por sentirem-se menos qualificados para o debate ou para a escrita. Permanecem traços do suposto lugar do saber. Romper com esta concepção arraigada dos lugares do saber é algo que precisará tempo, mas apenas exercitando novas relações é que se instituirão novas concepções sobre os saberes e seus valores.

[...] nossa contribuição tem sido buscar aproximar o saber acadêmico do popular. E a Rede Humaniza SUS facilita esta busca, uma vez que a rede propicia a troca de experiências das coisas que as pessoas estão desenvolvendo nos territórios. Aqui sem dúvida tem sido um encontro de saberes, práticas e a formulação de pensamento. Por isso que eu digo assim: UMA REDE DE CUIDADO, UMA REDE DE ATENÇÃO, TRILHAS DO APRENDIZADO, MÍSTICA DA HUMANIZAÇÃO. E TODOS AQUI DA SAÚDE APLIAM O OLHAR, NESTA METODOLOGIA DE APRENDER E ENSINAR... (SILVA, 2010^{XCV}. Grifos do autor).

O autor explicita a prática inclusiva na RHS, com a combinação de saberes acadêmicos, autores e teóricos legitimados, com o saber popular, que pulsa no dia-a-dia dos serviços de saúde. Com relação às teorias e aos laços com a esfera acadêmica, são referidos autores como Foucault, Deleuze, Guattari, Serres, Latour, Espinosa, Freire, Pelbart dentre outros. Também são apresentados autores que discutem a saúde coletiva e os princípios da PNH, sendo que, muitos destes, membros da RHS, por vezes comentam e publicam na mesma e constituem referências no estabelecimento desta ponte-conexão produção acadêmica-RHS. Além disto, são indicadas leituras para aprimorar conceitos e textos para pensar o SUS e o que significa “dar certo” nesta concepção de serviço de saúde, bem como são divulgadas novas publicações na área da saúde concebida em forma ampliada. Ainda com relação ao saber acadêmico, circulam pela Rede, com grande frequência, notícias sobre congressos e seminários (apresentação de resenhas e anotações sobre eventos assistidos), além dos eventos transmitidos na RHS.

[...] Bacana essa iniciativa de postar seu trabalho aqui. Aos poucos, vamos ampliando a base de inteligência da Rede sobre o diverso e complexo escopo de questões a ela referidas! (FORTE, 2010^{XCVI}).

[...] Fiquei feliz em receber notícias da capacitação através deste espaço. É mais uma alternativa de disseminar informação e manter o pessoal atualizado com as ações que envolvem a PNH. (BALTAZAR, 2009^{XCVII}).

O saber acadêmico é apresentado, divulgado e incentivado, mas também é problematizado, sobretudo com relação às posturas herméticas e de desvalorização daquilo que escapa às suas delimitações. Em contraposição à esta forma de conceber o saber, a RHS adota uma perspectiva aberta, onde são incluídos os saberes oriundos da cultura popular, compondo uma perspectiva integrada sobre fazer saúde.

[...] É claro que há muita porcaria na internet. Mas há também muita porcaria nos periódicos acadêmicos. Desse modo, caso tenhamos experiências significativas e pessoas interessadas em contá-las, discuti-las, avaliá-las, submetê-las à outros olhares e outras leituras, qual o problema? Somos incapazes de distinguir o "bom" de tudo isso? É uma falácia a afirmação de que o conteúdo dos periódicos acadêmicos é "mais seguro" do que o conteúdo geral das outras mídias. Inclusive, as consideradas "boas universidades" têm ensinado aos seus alunos como "se proteger" dos conteúdos "desqualificados", publicados nos periódicos científicos. Então, qual a justificativa para o trabalhador, o gestor, o usuário e até mesmo o acadêmico, submeterem a produção de saber APENAS aos veículos tidos como adequados pelos órgãos reguladores do saber oficial? O SUS deve criar sua maneira de alimentar-se do conhecimento que brota no cotidiano dos serviços, valorizando os protagonistas de sua produção! Utilizem os espaços como as mostras de experiências, como a Rede HumanizaSUS, para publicar suas produções. Sejam elas tidas como exitosas ou não. Tem o que dizer? Diga na reunião de equipe, no colegiado, no conselho, na rua, por e-mail, escreva um livro, um artigo, diga ao amigo, mande para a lista, abra um blog! Não se prenda a formatos e a outros tipos de censuras... Existem muitos caminhos! (OLIVEIRA, 2009^{XCVIII}. Grifo do autor).

[...] Que a academia reconheça sua fonte na sabedoria do povo e nas inovações de suas práticas e que o acesso às tecnologias sistematizadas sejam cada vez mais facilitadas e, se isso precisar ser

feito através da nossa militância e atuação no sistema de saúde, que seja!!! (QUADROS, 2008^{XCI^X}).

A RHS constitui uma referência para consultas e também um campo de produção de conhecimento, *in loco*, estimulando pesquisas e o aprofundamento de conceitos. Conceitos estes que aliam a imaginação ao saber, destituindo o cientificismo e o cognitivismo enquanto formas hipervalorizadas de conhecimento. Também instiga a aprendizagem do próprio uso do computador, a inclusão digital, e da internet enquanto ferramentas de trabalho e compartilhamento. Alguns membros ingressaram na “vida internáutica” pelo interesse em se manter vinculados à RHS. A todos a RHS tem propiciado a experiência de aprender-ensinar “juntos”, através da produção de conhecimentos na esfera “_{ponto} com”. Neste processo, a participação na Rede constitui-se como exercício de estar e fazer “juntos”. Toda a produção focalizada nos nós até aqui são produzidas pelo coletivo ao mesmo tempo que o produzem. A forma como este coletivo produtor é produzido na RHS será discutida a seguir.

7.2. CONEXÕES DE COOPERAÇÃO PRODUTIVA NA RHS E OS NÓS QUE SUSTENTAM A CONSTITUIÇÃO DO COLETIVO

A RHS funda-se na premissa da produção coletiva, característica que já se renunciava ao indicar sua filiação aos princípios do SUS e da PNH, para os quais a saúde é produzida por e produz coletivos, envolvendo não apenas a técnica, mas também aspectos sociais e subjetivos. A proposição da PNH como política transversal visa, justamente, interferir nos processos fragmentados e verticalizados de produção da saúde, particularmente nos processos decisórios, defendendo a inclusão dos trabalhadores e usuários como participantes ativos, fomentando o trabalho em equipe e a constituição de redes. Tal proposição não é de fácil operacionalização, sobretudo nos dias que correm,

[uma] época em que quase tudo se volta para maximizar as relações de desconfiança [...] não podemos esquecer da mídia, irradiando todos estes discursos sobre a desconfiança no mais alto volume, deixando-nos surdos e incapazes de perceber os canais de circulação de solidariedade, de confiança (no outro e na vida) e de alegria consistente. Nesse sentido, conquistar a confiança, por si só, já é um logro (TEIXEIRA, 2004, p.5-6).

Os efeitos de uma cultura individualista e de organizações pautadas na competição contaminam, inevitavelmente, a esfera da saúde. De modo geral, a

formação profissional privilegia as competências técnicas, a racionalização e o desempenho individual. Desta maneira, reforça a lógica de cada um por si, embrutecendo afetos (ROLLO, 2007) e demonstrando que ainda prevalece o modelo centrado nos pressupostos da Administração Científica. Alguns relatos na Rede retratam esta situação, conforme os exemplos a seguir.

[Seu post] me fez pensar nas ações isoladas, fragmentadas que ainda existem em muitos dos nossos locais de trabalho e o quanto isso é complicado (BERNARDI, 2008^C).

[...] Onde existe a palavra COM existe trabalho coletivo, existe socialização e amizade. Mentalizemos que as vezes, na prática dos nossos processos de trabalho, a gente está assim: de costas uns para os outros. No plano das idéias e até no desejo de fazer a gente está de mãos dadas. Mas só que, em muitos casos, a gente está fazendo de costas. Imaginemos uma repartição qualquer dos setores de saúde e educação: as pessoas estão perto umas das outras, apertadas numa mesma sala, sufocadas pelos mesmos afazeres burocráticos. Muitas vezes, as tarefas que uma executa estão diretamente ligadas aos afazeres da pessoa que está no birô ao lado, só que o cotidiano – ah, o cotidiano, a rotina, o estresse! – faz com que estas pessoas, no sentido do trabalho, na relação e no convívio estejam de costas (SILVA, 2009^{Cl}).

O trabalho em saúde, contudo, depende da ação articulada entre diversos profissionais e de diversos serviços. O coletivo é necessário à produção de saúde que encontra em saberes complementares sua perspectiva integral.

[...] No SUS encontramos muitas experiências onde o “compartilhar” e o “pensar conjuntamente” promovem um ambiente de trabalho mais saudável. Se tratar de saúde é tratar também de nossas relações (em todas as instâncias – trabalhadores, usuários e trabalhadores gestores/diretores/coordenadores/gerentes/secretários – sem que uma seja considerada mais importante que a outra), começamos, assim, por tecer uma rede viva que sustenta nossas ações. Nesse caminhar vamos substituindo o esforço individual de algumas pessoas, que logo, logo desistem por estarem doentes pelo trabalho desgastante, por uma outra forma de trabalho em rede (BARROS, 2008^{CII}).

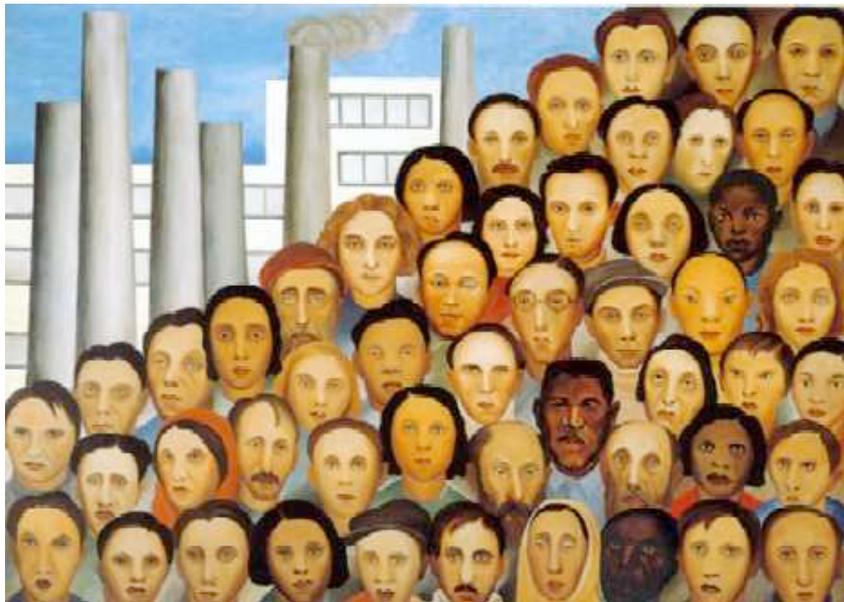
Na RHS seus membros empenham-se em sustentar a perspectiva da saúde integral, universal e equânime que passa pelo rompimento de fronteiras de saber/poder e do sistema fragmentado e individualizado. A relevância do coletivo que funda e perpassa a RHS fica explícita desde sua apresentação e o conjunto de publicações e comentários na RHS reforça esta compreensão, ratificando que a produção de si está associada à relação *com* o trabalho e *com* os vínculos estabelecidos neste processo. Vê-se a constituição do coletivo, pela articulação de conexões em uma “rede-equipe”. A produção de saúde, para aqueles que trabalham em uma perspectiva de “saúde integral e ampliada”, se faz pelo coletivo, por “nós”, que inclui: trabalhadores, gestores ou não, e usuários; atenção e gestão em saúde; e o contexto.

As conexões de cooperação produtiva constituem o coletivo RHS (nó produzir-nos), ao mesmo tempo em que o coletivo RHS produz conexões de cooperação produtiva, particularmente por seu modo de fazer (nó cogestão). Neste

processo bidirecional, de dupla produção, tensionam-se alguns contraditórios, entre forças de liberação e as de captura (nó tensões dos contraditórios).

7.2.1. Nó produzir-nos: a produção do coletivo RHS na internet

Figura 9: Outros cenários e outros modos de produzir



Fonte: REDE HUMANIZASUS. <<http://www.redehumanizasus.net/10459-valorizacao-dos-trabalhadores-no-hut>>. Acesso em: 15 Fev. 2012.

Produzir(-nos) diz respeito a um modo de subjetivação que não é a simples soma de cada um dos sujeitos criando *um* novo “ser”. Produzir(-nos) expressa o comum construído na intensidade dos encontros, a partir das experiências de (com)partilhar, de (com)-fiar as tramas simbólicas que perpassam as relações. Tal como afirma Gorz (2005), não é a soma do trabalho dos sujeitos que conta, mas a qualidade e a pertinência das comunicações amarradas em torno do sistema produtivo. Conta sua conectividade.

Nos princípios da PNH, estar conectado em rede implica processos de troca, de interferência, de contágio. A noção de rede está comprometida com a defesa da vida, lidando com a complexidade sempre diferenciadora do viver (BRASIL, 2004). A rede é concebida em conjunto com as noções de transversalidade e grupalidade e indica a

participação ativa e criativa de uma série de atores, saberes e instituições, voltados para o enfrentamento de problemas que nascem ou se expressam

numa dimensão humana de fronteira, articulando a representação subjetiva com a prática objetiva dos indivíduos (BRASIL, 2008, p.7).

O coletivo concebido em rede está em constante processo de construção, não podendo ser delimitado a priori, o que o difere das frequentes prescrições no âmbito da gestão gerencialista quando se refere ao trabalho em equipe. O coletivo é composto pela expressão, complementação, questionamento e ampliação das diferentes visões de mundo, no encontro das diversidades subjetivas. Nesta perspectiva, ele está associado à uma ideia de rede, não enquanto metáfora de rede, uma coisa ou estrutura, mas enquanto rede-acontecimento (TEIXEIRA, 2009^{CIII}), que diz respeito a seus efeitos. É uma forma-funcionamento que se abre ao invés de fechar-se.

O coletivo que se forma nesta rede-acontecimento é mutável, disforme, rizomático. É multidão, integrada pelo que lhe excede. O coletivo RHS é agenciado pelo desejo e pelo objetivo comuns sintetizados no fortalecimento da saúde pública, conforme expresso nos trechos abaixo:

[...] Estou na rede porque acredito no SUS que dá certo!! (SUREKE, 2009^{CIV}).

[...] Desculpem o clichê, mas se um mais um é sempre mais que dois, muitos mais muitos potencializam demais a inteligência coletiva, ainda mais quando se fala a mesma língua, se faz o mesmo trabalho (ANDUEZA, 2010^{CV}).

A composição do coletivo RHS, enquanto um “coro polifônico” (LÉVY, 2007), é reconhecida por seus membros, que se identificam como “nós, a RHS”. Então, a RHS já não é mais um local, site na internet, mas designa um conjunto composto pelo blog, pelos membros, pelos visitantes, por usuários etc. Um coletivo híbrido que envolve homem/mulher-máquina-trabalho-vida. É comum encontrar na Rede relatos que permitem afirmar que a Rede faz parte da vida de seus membros (ao menos daqueles mais ativos). Eles lembram da Rede quando encontram algo do interesse coletivo ou de algum membro em particular; eles recorrem à Rede quando precisam de algum auxílio em alguma tarefa específica; eles compartilham com a Rede as dificuldades encontradas; eles celebram na Rede as vitórias alcançadas. E cada um é lembrado por outros membros; prontifica-se a auxiliar; solidariza-se com as situações enfrentadas pelo outro; comemora junto, como uma vitória de todos, as conquistas de cada um. A relação entre cada um e o coletivo, em uma afetação recíproca, aparece em expressões tais como: “*sua* sensibilidade *nos* fortalece”; “*sua* experiência *nos* enche de ânimo”; “*suas* reflexões amenizam *minhas* dúvidas”; “*suas* reflexões mostram quanto *nós* estamos avançando”.

Rolnik (2006) afirma que a vulnerabilidade ao outro depende de uma potência específica do sensível, que tem sido recalcada no modo moderno de subjetivação. A afirmação da separação entre o individual e o social está atrelada à uma perspectiva racionalista, que Rolnik (2006) chama de perspectiva do “olho-retina”. Esta perspectiva, fixada na concretude e objetividade, nos princípios mais positivistas e cartesianos, relega a segundo plano outras perspectivas, tais como a capacidade subcortical, denominada de corpo vibrátil, que

permite apreender a alteridade em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações. O exercício desta capacidade está desvinculado da história do sujeito e da linguagem. Com ela, o outro é uma presença que se integra à nossa textura sensível, tornando-se assim parte de nós mesmos (ROLNIK, 2006, p.12).

A apreensão da alteridade tem sido exercitada na RHS de diversas maneiras, demonstrando empenho em despertar esta sensibilidade. É ela que provoca as manifestações que, saindo do escopo do olho retina, têm sido consideradas transbordamentos.

A construção do coletivo RHS acontece através do compartilhamento das experiências, que produzem identificação entre os membros e com as situações. Passam, então, a imaginar e refletir juntos, em uma “mente coletiva”. O conjunto da produção desta Rede explicita o objetivo comum e também um certo estilo que, segundo Hardt e Negri (2005a, p.276), é “apenas sintoma dos sonhos, desejos, estilos de vida e potenciais comuns que são mobilizados num movimento”.

A publicação de um post parte de um membro, mas no diálogo com os comentários, o texto ganha novos contornos, sentidos, de modo que a produção que teve o post como ponto de partida já não pertence mais ao autor, conforme mencionei ao tratar dos diálogos instigados pelos comentários. Esta dinâmica marca a constituição do coletivo. Neste caso, do coletivo que produz. Uma produção que supera o que seria da capacidade de cada um. O resultado desta produção é aquele almejado pela gestão para aprimorar e amplificar sua produtividade. Mas, no caso da gestão gerencialista, ele lhe escapa quando busca conformar o funcionamento de seus coletivos-equipes aos mecanismos de controle dos quais não consegue se liberar. A potência de produção do coletivo produtor depende da autonomia e dos laços estabelecidos.

As identificações recíprocas marcam o coletivo em questão, mas, como é próprio da multidão, as linhas de segmentarização não suplantam as singularidades

que o compõem. A singularidade, valorizada na RHS, manifesta-se na liberdade de expressão, na aceitação da diversidade e das consequências desta forma de atuar. O coletivo é perpassado pelos desejos, afetos, cognições, histórias e contextos que cada um coloca em cena para se conectar com os desejos, afetos, cognições, histórias e contextos dos outros.

[...] Esta rede tem nos mostrado o quanto somos semelhantes e diferentes; ricos em nossa diversidade, próximos nos interesses semelhantes trazendo a constatação de que somos partes de um todo. Juntos somos muitos... Todos somos um (GADELHA, 2008^{CVI}).

[...] acho que é esta mesma a questão de identificar os pontos que nos conectam e ao mesmo tempo mantém nossa singularidade. Onde somos um todo indivisível e onde somos protagonistas. Uma coisa não invalida a outra, mas é importante que possamos respeitar as diferenças e as críticas para seguir tecendo os coletivos (PATRINUTRI, 2008^{CVII}).

Nesta composição, o coletivo instiga a revisão de conceitos, sentimentos, sonhos, proporcionando, assim, a transformação dos sujeitos, impelidos por provocações que levam a estados de inquietação e desassossego, conforme expressões de alguns de seus membros. Do nós nasce algo que não pertence a ninguém, e que moleculariza o eu (KIRST, 2010). Os excertos abaixo indicam como podem ser percebidas estas relações na Rede.

[...] Suas palavras são intensas e nos induzem a questionar os nossos próprios valores. Esse exercício é imprescindível para nos tornarmos melhores (GADELHA, 2008^{CVIII}).

[...] Opa! Esse texto [post] eu não conhecia, deixa eu ler [...] e mais e me transformo a cada nova leitura... (PAIVA, 2008^{CIX}).

[...] muito bem vindo a este espaço [...] onde novas possibilidades vão se abrindo, mudando, nos transformando (MARTINS, 2008^{CX}).

É construída uma faceta do coletivo de identificações recíprocas, na qual entretanto, os sujeitos não se dissolvem. Cada um é percebido em sua contribuição para o todo, de modo que quando algum membro se afasta, particularmente aqueles com postagens mais frequentes, os demais sentem sua ausência. São criados vínculos que ultrapassam a tela do computador e vão além da conexão online.

[...] por um tempo você não se apresentava na RHS, senti falta de tuas análises, comentários... e, sim, das fotografias, das ilustrações, sempre impecáveis (PASCHE, 2009^{CXI}).

A construção do coletivo RHS na internet demonstra esta viabilidade e mostra a passagem do computador frio à rede de afetos. A rede quente instiga a participação pela satisfação pessoal de participar. Os membros são motivados pelo desejo de agir conjuntamente, de socializar, tal qual acontece com os programadores de software livre (GORZ, 2005). A construção do coletivo RHS é tramada nos nós e conexões abordados no primeiro plano, na vivência de publicar,

ler, refletir, comentar, votar. A rede social, na experiência RHS, mostra-se, assim, viável tanto ao encontro quanto à produção: de saúde, de sujeitos e do coletivo.

[...] a relação em rede promove encontros muito mais fortes do que imaginamos. Quem está por aqui sabe que é fácil e prazeroso cair no vício da conexão. Não queremos nos desplugar [...] Estamos juntos em ondulações de frequências variadas que repercutem em nossos modos de pensar, de agir, de resignificar. O apoio em momentos difíceis, a soma de alegrias, o compartilhamento de descobertas, a degustação de momentos, de risos e de lágrimas, produz efeitos multiplicadores, efeitos polifônicos, efeitos desterritorializantes e reterritorializantes, nessa seara 'geofilosófica' que expandimos para o cotidiano de nossas práticas em saúde e nossos universos familiares (GUEDES, 2010^{CXII}).

[...] Mais um post que funciona como uma provocação da intensidade em nós. E esse "nós" não fala de sujeitos, mas de ENODAR-SE. Enodar-se com multiplicidades, deixá-las passar por tudo, um crescimento de muitas dimensões (SARDENBERG, 2011^{CXIII}).

[...] Hoje fazemos parte do que seria o mais democrático veículo de comunicação que existe, a internet, lugar onde cada qual que a usa, tem o poder de explorá-la como bem entender, pode divulgar idéias, ações, sentimentos.. dos mais variados assuntos que lhe vier a cabeça, aqui tal qual terá esta liberdade.. e para quem ler o clique será o objeto definidor desta ação, escolher ou não?! ... Todos aqui na internet tem seu direito a comunicação, das mais diversas formas ... Viva a modernidade! (PAIVA, 2009^{CXIV}).

O coletivo RHS mobiliza apoio e reconhecimento, com seriedade e consistência. Ele parte de um princípio norteador, seu modo de conceber e agir em saúde, e funda aí seu objetivo comum. Entretanto, não opera em plano apenas cognitivo. A carga afetiva, essencial a organizações comunitárias, perpassa suas relações. O afeto, exorcizado nas esteiras industriais, mostra-se, como nunca deixou de ser, produtivo. Há, com ele, a vontade, o desejo de se fazer coletivo. Da mesma forma que o afeto, a implicação e o engajamento são imprescindíveis para o fortalecimento das conexões, tanto com o trabalho quanto com o coletivo. Há, portanto, possibilidade de encontro na RHS. Encontro não apenas com pessoas, mas com movimentos, ideias, acontecimentos, entidades (DELEUZE e PARNET, 1998). As interações na RHS permitem a existência na coexistência.

[...] Desta vez, agora que te conheço mais, e que a trajetória nesta Rede já é mais longa, entre todos nós Coletivo, a sensação e o sentimento na leitura do teu texto é ainda mais profunda e significativa: Digo, o sentimento de cumplicidade e de ser parte deste acolhimento grandioso que é a convivência nesta rede, na compreensão desta trajetória e seus significados, ainda mais exaltados quando você junta os retalhos das trocas aqui existentes... (MONTEIRO, 2011^{CXV}).

[...] De certa maneira compomos um grupo apoiador, principalmente no âmbito da afetividade solidária. Quando algum de nós fica 'bisonho', 'sorumbático', ou entra em crise existencial, os demais adensam o espaço de apoio. Há uma mobilização de intenções, de criatividade, de gestos que transbordam para outros recursos (telefone, skype, msn, cartas, pequenos gestos 'mimosos' e encontros presenciais) (GUEDES, 2010^{CXVI}).

A constituição do coletivo é possível porque há o estabelecimento de laços de confiança, apontado por Fischer e Novelli (2008) e Tonelli (2005) como atributo desejável à produção. Nos princípios do SUS e da PNH, afirma-se a confiança como indispensável à ação terapêutica e o "reconhecimento do outro com legítimo outro"

(ROLLO, 2007), tanto nas relações entre trabalhadores como destes com os usuários. Nos cotidianos dos serviços de saúde nem sempre ela está presente, de modo que Rollo (2007, p. 22) convoca a reflexão, questionando:

é possível nos nossos fazeres na saúde reconhecer o outro como legítimo outro em sua singularidade e diferenças, produzindo encontros em que o nosso comum esteja presente e o compartilhar (com o outro trilhar um caminho) de uma vida digna se faça? É possível e desejável que nosso conhecimento não seja utilizado para o controle e exploração e sim para o entendimento e compreensão no compartilhar de nossa sobrevivência com os outros humanos na produção de saúde?

Entendo que este tem sido o esforço da RHS, que estimula o acolhimento e o respeito, fortalecendo os laços de confiança. Na Rede, isto se manifesta no compartilhamento não apenas de vivências relacionadas aos serviços, mas também as de cunho mais íntimo, as experiências de vida como a perda de alguém importante, situações com filhos e/ou pais, as trajetórias pessoais etc. (GUEDES, 2011^{CXVII}; ALMEIDA, 2011^{CXVIII}; SARDENBERG, 2009^{CXIX}). A RHS exerce, assim, a função Apoio, que para PNH tem significado específico relacionado à

função de arrancar o apoiador de sua solidão e o colocá-lo de novo em contato com o sentimento de pertença a um grupo solidário. Exerce, portanto, um suporte que protege o apoiador do adoecimento, ao mesmo tempo em que se configura em espaço de formação permanente, sem o qual, a função apoio corre o risco de esgotamento [...] Um *ethos* constituído no esforço por interferir nos processos de subjetivação e escapar da personalização identitária dos conflitos (OLIVEIRA, 2011, p.161).

Esta produção coletiva e solidária destaca-se no contexto atual que enfatiza o individualismo. O efeito imediato da participação (pertencimento) na Rede fortalece individualmente seus membros que, assim, instrumentalizam-se para o trabalho-vida na esfera off-line. A produção do coletivo instaura um modo de subjetivação que promove a ampliação da vida, enfrentando a tendência contemporânea à redução da existência ao mínimo biológico (PELBART, s/d.) e ao modo indivíduo, uma artificialidade que havia sido útil aos propósitos do capital. Tal resistência é perpassada, seguindo a proposta de Pelbart (s/d.), pelas (re)composições que perfazem o comum e pela (re)distribuição do afeto que elas propiciam, propiciando a (re)invenção de possíveis.

A criação e a manutenção da RHS visam, portanto, minimizar a sensação de solidão manifesta na Rede relacionada às práticas de saúde fragmentadas, ainda fruto de uma organização taylorizada, produtoras de sensação de incapacidade e impotência. A construção de um coletivo como a RHS responde à necessidade de

discutir os problemas e compartilhar as inovações, de colocar em análise também a vida das instituições.

[...] Às vezes somos surpreendidos por forças (nada ocultas) que tentam nos desanimar, mas é importante se juntar aos que acreditam e apostam no SUS como um sistema de inclusão social que deve ser fortalecido todos os dias. Nesse espaço, temos muitas pessoas que alimentam nossa vontade afastando o desânimo e nos impulsionando a continuar na luta agregando pessoas, tecendo redes, tornando possíveis os sonhos! (CASSEB, 2008^{CXX}).

[...] Compartilhar a dor nos ajuda a tomar nossas vidas nas mãos de outro modo (HECKERT, 2009^{CXXI}).

[...] Lembro que agora não somos apenas 465, ou meu pequeno grupo de amigos, mas milhares de companheiros e companheiras desse imenso país. Todos conectados, solidários, lutando, amando, brigando, quebrando regras indevidas, visando sempre o comum, a defesa da vida e do viver de cada ser. Será que a vida tem outro sentido? (MARIA, 2009^{CXXII}).

A potência deste coletivo intensifica-se na medida em que ele não se restringe a si mesmo, mas estabelece conexões com outras redes, tanto na esfera online quanto na off-line. Assim, a própria RHS é colocada em movimento, através do movimento de seus membros. Este movimento não se refere a uma agitação decorrente da aceleração de cotidianos de hipersolicitação. Movimento, aqui, assinala os processos de reflexão e autoanálise, de abertura e atenção ao novo e ao diferente, permitindo que a Rede siga atenta à sua missão instituinte.

Desta forma, a produção coletiva do coletivo é produtora de saúde para os próprios membros da Rede. Eles afirmam que ela é “anti-burnout”; é terapêutica. Participando (pertencendo) na RHS, os membros encontram reconhecimento, a sensação de inclusão, (re)constroem sentidos para o trabalho-vida, rompendo com rotinas tarefas e com as consequências daí advindas.

[...] sinto que estamos tão comprometidos [sobrecarregados] por todos os lados que acabamos por não fazer nossa parte... acabamos por responder, responder e não falamos dos nossos sentimentos, das nossas dificuldades e dos nossos problemas que é produzir saúde apesar abalar até nossa saúde (MATTHES, 2009^{CXXIII}).

Ao instigar reflexão sobre a própria relação com o trabalho-vida e abrir espaço para colocar em análise esta implicação no coletivo, a Rede exerce, além da função-apoio, uma função clínica, conforme concebida por Barros e Passos (n/d., s/p.), isto é, uma “experiência de desvio, do *clinamen* que faz bifurcar um percurso de vida na criação de novos territórios existenciais”. Uma clínica concebida como política. Uma biopolítica.

Uma experiência clínica considerada de forma ampliada, uma das diretrizes da PNH, cujo compromisso em “tratar a doença” inclui as demais dimensões da vida e a responsabilização de todos os envolvidos em uma postura ética. No caso da RHS, não se trata de doença propriamente dita, mas do acolhimento das questões,

das insatisfações, dos sentimentos despertados na relação de trabalho-vida. Assim, a RHS torna-se um espaço de escuta. Neste contexto, o coletivo, embora fora da situação do trabalho em si, permite a elaboração compartilhada de sentidos e de projetos. As estratégias de ampliação da condição de direitos e de cidadania dos trabalhadores são produtoras de saúde para os mesmos, compreendendo o outro como sujeito de saber, possibilitando espaço de: mobilização, crescimento, autonomia, protagonismo, satisfação (SANTOS-FILHO, 2007).

A possibilidade de produção de saúde do próprio trabalhador está ligada à organização do trabalho e às estratégias de gestão. A produção do coletivo RHS, com as características descritas, é fruto da ação de seus membros e do modo como ela é gerida. Como afirma Guattari (2006, p.22), “cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, quer dizer, uma certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também míticas, rituais, sintomatológicas, a partir da qual [...] se posiciona em relação a seus afetos, suas angústias e tenta gerir suas inibições e suas pulsões”.

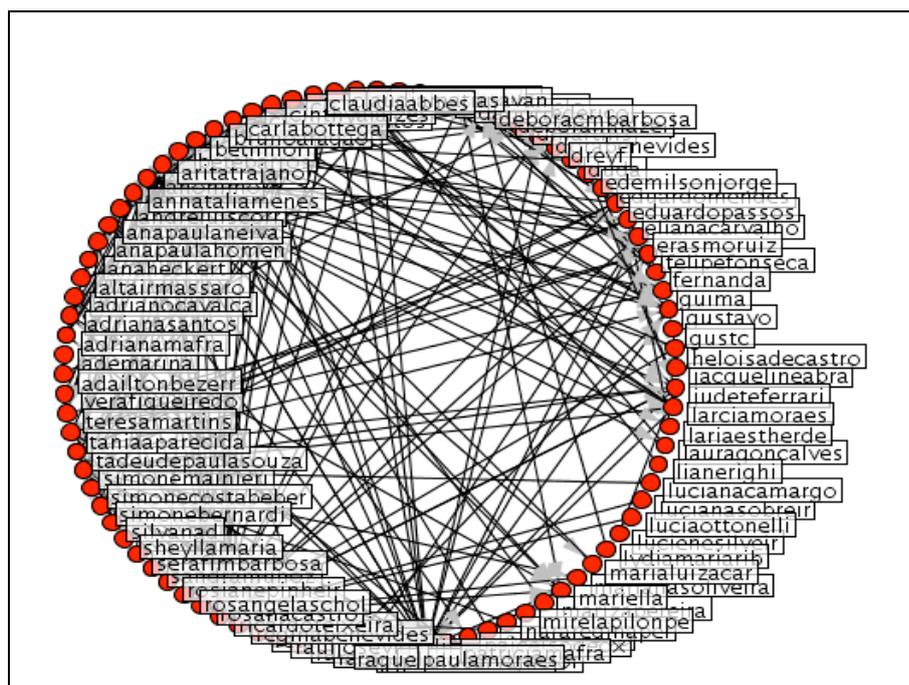
Preciso explicitar, portanto, que a constituição do coletivo produtor não é um atributo da rede social, em si mesma, mas é produto do uso que faz dela, do modo como são concebidas as interações. No contexto da RHS, a prática de cogestão mostra-se um elemento chave.

7.2.2. Nó cogestão: a gestão horizontal que faz a Rede rodar

A participação na RHS tem favorecido o reforço dos princípios da PNH, não apenas nos relatos, mas enquanto vivência, particularmente no que tange ao modo de organizar-se, na operacionalização de sua missão, no que se refere à gestão. O conceito de gestão, na perspectiva da PNH, afasta-se daquele concebido na gestão gerencialista.

A gestão, nesta perspectiva, não pode ser substancializada, nem confundida com um lugar. Ela é considerada como um conector, “como elemento-passageiro entre fluxos de trabalho/saberes; fluxos de subjetivação/sujeito; fluxos de relação/poder” (BARROS e BARROS, 2007, p.64), indissociável das outras dobras que permeiam o trabalho, isto é, as relações, os sujeitos e os poderes.

Figura 10: A Rede em Roda



Fonte: REDE HUMANIZASUS. <<http://redehumanizaus.net/node/1580>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

O Método da Roda (CAMPOS, 2005) é uma inspiração de modelo de gestão que circula na RHS. Para este Método, a gestão não é uma atribuição de uma minoria, com o encargo de controlar e comandar. A ela são atribuídas três funções. A primeira função, de cunho mais tradicional e amplamente divulgado, diz respeito à administrar e planejar a produção do valor de uso. Em geral, esta função sintetiza o que se pensa acerca da gestão. Campos (2005) propõe ir além, incumbindo a gestão de outras duas funções. A segunda função remete ao seu caráter político, sendo a gestão responsável por alterar relações de poder e construir democracia nas instituições. E a terceira função da gestão, no Método da Roda, implica uma dimensão pedagógica e terapêutica, que remete à influência sobre a constituição de sujeitos, o que demanda a constante reflexão crítica. Esta concepção ampliada de gestão é incompatível, portanto, com modelos centralizadores e piramidalmente estruturados. Por isto, Método da Roda.

A roda está presente em espaços coletivos, de cunho mais democráticos, que permitem a circulação de saberes-poderes, nos quais “cada um entra com sua disposição e habilidade sem desrespeitar o ritmo coletivo” (CAMPOS, 2005, p.14). Na roda, a autonomia é fundamental, enquanto “compromisso social com liberdade” (CAMPOS, 2005, p.34). Nos processos produtivos do trabalho imaterial, a autonomia

constitui uma condição, o que tem demandado grande esforço da gestão gerencialista, uma vez que a autonomia não foi do interesse de nenhuma das escolas da administração. Quase todas as metodologias de gestão ou planejamento basearam-se na premissa do controle e, na atualidade, encontram-se alguns esforços por romper com esta lógica. Contudo, muitos resultam em pseudo-autonomia ou autonomia outorgada (ROSENFELD, 2004). A Administração, de modo geral, ainda segue operando com conceito de organização equivalendo à estrutura e funcionamento ordenados segundo uma racionalidade rígida e com limites bem definidos. “O Método da Roda, ao contrário, privilegia as pessoas, o sujeito, e por isso aplica-se a equipes ou a coletivos. O objeto básico com que o Método opera é Coletivo Organizado para a Produção e não, como na administração tradicional, com a coisa ‘Organização’” (CAMPOS, 2005, p.35).

O Coletivo Organizado referido por Campos (2005) representa o agrupamento, em arranjos concretos de tempo e lugar, que tem como objetivo e como tarefa a produção de algum bem ou serviço, a articulação com alguma finalidade produtiva. Nele, os problemas e as deliberações devem ser analisados, mobilizando também a circulação de papéis e de poderes, em processos de cogestão.

A cogestão é a gestão participativa, realizada por todos os envolvidos nos processos de produção. No caso da saúde, por trabalhadores e usuários. Nos estabelecimentos de saúde, a cogestão tem um espaço formalizado em Colegiados Gestores e nos municípios, nos Conselhos Locais e Municipais de Saúde. A gestão participativa é importante nesta proposta porque para a PNH uma das tarefas da gestão é construir coincidências entre os interesses e necessidades dos trabalhadores, a disposição de meios e os fins da organização (BRASIL, 2009).

Na RHS, o tema da cogestão é recorrente nas reflexões e no relato de experiências, nas quais ela acontece e nas quais ela não se viabiliza.

[...] O trabalho coletivo a meu ver pressupõe antes de qualquer coisa um "fazer com", mas também um fazer autônomo, não dependente [...] Como avaliar então os contratos de gestão coletiva? Penso que a primeira condição é cultivar no coletivo a maturidade crítica, de fazer e receber críticas. Para isso será necessário lateralizar as relações, colocar para girar as emoções e as falas. Não existe trabalho coletivo sem roda, sem mobilizar emoções, sem mover as pessoas de seus lugares cristalizados. Este desafio que se coloca em roda, o da avaliação se torna muito mais aguerrido quando estamos transpassados por um fazer verticalizado que nos desafia a cada momento. Como viver a roda dentro de uma pirâmide? Será que a saída é inverter a pirâmide? Quebrar a pirâmide? (PATRINUTRI, 2008^{CXXIV}).

Mas a cogestão aparece na Rede não apenas na forma de discurso sobre ela. A RHS vivencia o exercício da cogestão. Isto me chamou a atenção desde o primeiro contato com o coordenador, quando enviei o email questionando sobre a possibilidade de desenvolver a pesquisa neste território. Conforme explicitiei anteriormente, o coordenador sinalizou seu interesse, mas antes de um retorno definitivo remeteu a proposta ao coletivo, através da Lista de mail. Os retornos de outros participantes suprimiram a necessidade de uma resposta específica do coordenador. Nos processos de cogestão, vale o que se decide na “assembléia”.

Outros indicativos do exercício da cogestão na RHS apareceram em sua apresentação inicial, no capítulo 2. Um deles remete à decisão com relação aos votos necessários para o post ir para página principal e outro à decisão sobre a composição do coletivo votante. Foram situações pontuais, nas quais havia a necessidade de estabelecer um procedimento. As discussões aconteceram por email, através da Lista, durante um período em que os membros trocaram opiniões sobre o caminho a seguir. A própria identificação da demanda por modificar o procedimento já estabelecido aconteceu de forma coletiva. A dinâmica da RHS tem acompanhado seu crescimento, adequando-se a novas demandas e exercitando a prática da cogestão.

Desta forma, a RHS se presta ao empoderamento e (ao exercício de) autonomia dos trabalhadores atuando na linha indicada pela PNH, bem como de outros movimentos dos trabalhadores que assinalam ampliação da participação, co-responsabilização e o compromisso de lateralizar as trocas, aumentar o grau de abertura (SANTOS-FILHO, 2007). A ação na RHS, nesta perspectiva, é uma forma de aumentar o poder do trabalhador sobre uma parte do processo de trabalho e, com isto, ampliar a capacidade de se defender contra a exploração. A RHS funciona como ferramenta para produzir um trabalho-vida mais (saudavelmente) potente, uma vez que a atuação em ambientes que seguem o modelo gerencialista de gestão tende a sufocar as possibilidades de criação, de aprendizagem, de produção de saúde, de participação. Deste modo, interfere em alguns dos problemas observados na área da saúde relacionados aos trabalhadores, como a desvalorização, o baixo investimento em formação, a fraca participação na gestão, além do despreparo dos trabalhadores para lidar com a dimensão subjetiva requerida na prática de saúde (BRASIL, 2008).

[...] A rede aberta torna aparentemente o sistema mais vulnerável do ponto de vista de quem ainda crê ou defende processos centralizados ou sob o controle absoluto de um grupo (centralizador) ou de alguém. Porém, a rede-roda aberta potencializa-se quando abre novas frentes de relações, tornando-se um sistema imprevisivelmente criativo e (autorregenerável?) em oposição aquele caracterizado pela repetição, pelo divisionismo próprio de estruturas fechadas, dominadoras, burocráticas, hierarquizadas. [...] saber se soma sempre, infinitamente, humanidade adentro, mas não deve ser cumulativo senão circulante, compartilhado, democratizado; que o poder coletivo é sempre maior e mais belo que o arrogante e mesquinho poder isolado de um só (LIMA, 2009^{CXXV}).

A Rede apresenta características que a singularizam enquanto coletivo, mas também segue alguns princípios que regem os movimentos libertários que acontecem na internet, caracterizados pela recomposição permanente, em vias de diferenciação, cuja matriz seriam as redes livres, descrita por Gorz (2005, p.70) da seguinte forma:

estrutura não-hierárquica em redes horizontais descentradas em vias de se auto-produzir e de se auto-organizar, fundadas no princípio da “democracia consensual”, segundo a qual toda proposição é levada em consideração, debatida, enriquecida e elaborada com as contribuições de todos.

Esta forma de atuar pressupõe um coletivo de indivíduos interdependentes, porém autônomos, e capazes de autorregular o comportamento relativo à tarefa; reduz necessidade de comando hierárquico e controle de liderança; ajuda a aumentar o desempenho e o bem-estar dos trabalhadores. A RHS mostra-se como um espaço coletivo, visando a democratização institucional e seu fortalecimento, enquanto coletivo e dos seus membros, e tem estimulado movimentos, ações, saindo de uma postura de espera, constituindo-se como ferramenta para enfrentar o desafio assinalado por Rollo (2007, p.35): “será que temos potencial para colaborar com a recuperação/construção/ativação de territórios vivenciais com novos padrões de civilidade?” A cidadania que se produz no contexto de trabalho é uma produção biopolítica.

As relações na RHS enfatizam a transversalidade, na dinâmica entre individual e coletivo, observada, operacionalmente, no trânsito do blog individual ao coletivo, e a horizontalidade, observada no esforço do compartilhamento coletivo das decisões e para desfazer hierarquias relacionada a cargos na esfera off-line e à formação. Refiro-me a um esforço pois, mesmo com a intenção de promover o estabelecimento das relações em critérios mais inclusivos, trata-se de romper formas de poder há muito instituídas.

[...] Acho que está implícito no transbordar, que cada um o faz a sua maneira, e a partir de Si-mesmo, DE SUAS ÍNTIMAS peculiaridades, singularidades..., e histórias pessoais que se reavivam de potencia, ao poder se espalhar (*como emoção líquida, trans-bordando, é esta a imagem*) por um continente coletivo, para nós seguro de ser acolhido. [...] Não exclui, por outro lado, elementos de poder inconscientes certamente; mas acho que a potência se faz mais presente que o poder (MONTEIRO, 2011^{CXXVI}).

As relações de poder estabelecidas na esfera off-line respingam na Rede, na qual se sobressaem aqueles com melhores capacidades de expressão e/ou de análise. Também há reflexo dos cargos ocupados, até mesmo no âmbito da PNH, sendo valorizada, de modo diferenciado, a participação de quem está na Coordenação Geral da Política; dos consultores da PNH (cuja ausência é (re)sentida) e assim por diante. Não é algo reforçado, mas ainda assim, presente. Romper com estas heranças demanda o exercício constante de autoanálise para não cair no fetiche da roda que não é problematizada.

A produção coletiva nem sempre é fácil, sobretudo a abertura para lidar com as diferenças (GOMES, 2011^{CXXVII}). A produção dos adesivos “Em defesa do SUS, contra a privatização”, que mencionei anteriormente, envolveu diversos membros, de diferentes estados e um grande volume de mensagens trocadas na Lista (120). Cada um tinha uma opinião, uma sugestão. Os modelos iam e vinham, madrugada a dentro, às vezes com pequenas alterações. Lembro que estava ingressando na Rede nesta época e pensei: “como é difícil produzir em coletivo... seria mais fácil propor alguns modelos e partir para a votação...”. De fato, fazer coincidir diversos e, por vezes, divergentes, interesses não é fácil. Como diz Campos (2005, p.79), “em geral, é difícil concertar Desejos e Interesses em Coletivos. Dificuldade frequentemente utilizada pela Racionalidade Gerencial Dominante como pretexto para ignorá-los ou mesmo esmagá-los”.

Nas atuais estratégias de trabalho em equipe da gestão gerencialista fica clara a existência de fronteiras que limitam a ação do coletivo que deve focar-se estritamente na tarefa, devendo entregar, em geral em curtos prazos, sua produção. Assim, a interação estimulada segue o rumo dos consensos superficiais, como via rápida de resolução dos problemas. Assuntos tangenciais, abordagens diferenciadas, tr@nsbordamentos, não são incluídos. O exercício na RHS busca, portanto, a inclusão ativa dos membros que, de modo geral, não estão acostumados a participarem, muito menos enquanto atores de gestão. É necessário persistência, mas o resultado, até aqui, tem se mostrado favorável.

[...] Penso que, para haver novos arranjos institucionais é preciso haver abertura para isso. Muitas vezes percebemos que os próprios trabalhadores não têm interesse em trabalho em equipe, pois significa ter que parar, planejar ações em conjunto... O que dá mais trabalho do que cada um fazer a sua parte. Mas, sabemos que dá mais resultado também (BERNARDI, 2008^{CXXVIII}).

Os elementos apresentados nos nós anteriores, permitiram-me evidenciar a possibilidade de cooperação produtiva na RHS, compreendida como um processo

político que se materializa na prática de uma ação coletiva, que resulta na existência da RHS e em reflexos na esfera off-line, respeitando seus princípios fundamentais de autonomia, cogestão e ação direta. A partilha de significados, também imanente à noção de cooperação, assim como a coexistência e a aceitação das diferenças e o esforço para atingir objetivos em comum são encontrados na RHS. Tal cooperação, contudo, não é isenta de ambiguidade e contradição, de tensionamentos que também circulam no processo de produzir(-nos) ponto com.

7.2.3. Nó tensões dos contraditórios: a realidade híbrida de produzir(-nos) ponto com

Figura 11: Entre o que captura e o que escapa: a RHS



Fonte: REDE HUMANIZASUS. <<http://www.redehumanizasus.net/11540-a-heranca-que-nos-aprisiona>>. Acesso em: 15 fev. 2012.

O processo produtivo do trabalho imaterial carrega em si ambivalências. Ao mesmo tempo que comporta ampliação da liberdade pela redução da alienação, das fronteiras e dos espaços de confinamento, estabelece novas, sutis e potentes formas de controle. O trabalho imaterial, que envolve produção biopolítica, não se restringe a espaços-tempos de jornadas pré-estabelecidas de trabalho, mas toma a vida em sua totalidade. Assim, as ambivalências que permeiam a esfera produtiva perpassam, com inédita intensidade, também a constituição dos sujeitos.

Algumas tensões que permeiam a produção na RHS já foram assinaladas ao longo dos nós. Uma delas refere-se à não universalidade da internet e o desejo de alcançar o maior número de pessoas, sendo um dos objetivos da RHS a capilarização da PNH nos diversos serviços. A basear-se por esta limitação, a Rede seguiria beneficiando ainda o grupo com maior acesso aos bens culturais. Há, contudo, o esforço para ampliar o compartilhamento através de estratégias como a impressão dos posts e o incentivo aos usuários usarem os computadores dos centros de saúde. Outra tensão coloca-se no meio privilegiado de comunicação na internet, isto é, a linguagem escrita. Também no mesmo empenho em ampliar a abrangência, incentiva-se o uso de recursos variados, incluindo vídeos e imagens.

Assinalei ainda as vantagens e desvantagens decorrentes da exposição mediante a publicação na internet. Se, por um lado, o amplo alcance é desejável, por outro, considerando a coexistência da RHS com ambientes controladores, burocratizados, arrisca-se a uma vulnerabilização que pode impactar até mesmo na permanência no emprego. Além disto, diz-se que a internet não esquece. Os textos publicados nela, a menos que o autor tenha permissão para deletar o que publicou, ficam registrados por muito tempo. Esta permanência em canal de amplo acesso por um público desconhecido interfere na decisão de publicar ou não. Outra tensão que encontrei (e vivenciei enquanto pesquisadora) situa-se na facilidade de acesso a informações, de participação e pertencimento ao coletivo, rompendo limitações de espaço e tempo. Ao mesmo tempo que representa conforto, inclusão, possibilidade de aprendizagem, instaura novas solicitações e novos controles.

Neste “entre”, zona cinzenta entre um pólo e outro do que pode significar vantagem ou desvantagem das interações na rede, constato na RHS a potência do encontro na esfera online, que não suprime a vontade do encontro pessoal, da presença física e dos afetos que se fortalecem depois do encontro em congressos, por exemplo. Mas cabe pensar, seguindo a proposta que segue no comentário a seguir, se a convivência deste mesmo coletivo, na esfera off-line, apresentaria a mesma potência.

[...] Em que medida a cumplicidade sem medida do mundo virtual aconteceria se fôssemos conviver cotidianamente? [...] Concordo com a constatação de que na contemporaneidade há uma tendência à exacerbação do medo do comunal e incentivo ao isolacionismo egóico. O vazio causado pela ausência da convivialidade das cadeiras nas calçadas, talvez, esteja sendo preenchido pelas conversas virtuais. Isso é uma 'suposição' que procuro compreender em várias instâncias. Desconfio que a riqueza dos diálogos 'tr@ns' em nosso grupo virtual seja produto de 'permissões' individuais, potencializadas pelo respeito grupal. De certa maneira compomos um grupo apoiador, principalmente no âmbito da afetividade solidária. Quando algum de nós fica 'bisonho', 'sorumbático', ou entra em

crise existencial, os demais adensam o espaço de apoio. Há uma mobilização de intenções, de criatividade, de gestos que transbordam para outros recursos (telefone, skype, msn, cartas, pequenos gestos 'mimosos' e encontros presenciais) (GUEDES, 2010^{CXXIX}).

As discussões teóricas a este respeito dividem aqueles que são considerados otimistas, que consideram a internet como veículo para criação de novas comunidades, dos pessimistas, para os quais ela induziria ao isolamento pessoal, com o afastamento do “mundo real”. Keen (2009) considera que a internet reflete a cultura social. Assim, se o modo indivíduo prevalece na esfera off-line, o mesmo seria reproduzido no online. Para ele, ao invés de unir, a internet está separando, em um contexto que ele chama de “vertigem digital”, aliado à ansiedade e solidão. Adesivado em um ônibus em Porto Alegre, encontrei o seguinte poema que traduz este ponto de vista:

Web
msn
orkut
scrap
blogs
emails...
mesmo assim,
solidão em mim (ALBERCHE, 2010).

Outros autores, como Lemos (2010), Lévy (2007) e Recuero (2009), apostam nas possibilidades da socialização na esfera online. Entendo que as configurações da ferramenta estão na dependência de seus usuários, não sendo possível, a priori, determinar uma ou outra posição. As interações na internet relacionam-se a complexos de subjetivação do tipo “indivíduo – grupo – máquina – trocas múltiplas” (GUATTARI, 2006). Desta forma, a produção coletiva da RHS está atrelada ao uso que se faz dela, ao trabalho de seus membros e ao esforço por mantê-la como espaço de colaboração e solidariedade. Assim como alguns membros podem conceber sua dimensão social, outros podem considerá-la apenas um canal de comunicação e informação. Por isto, a produção do coletivo RHS que analiso refere-se a um possível, que se mostra viável e real considerando as manifestações daqueles que interagem desta forma com a Rede.

No trânsito entre as esfera on e off-line, os membros situam-se em um “entre-lugares”, e convivem em espaços de trabalho-vida, por vezes muito diferenciados. No que diz respeito aos processo de gestão, por exemplo, é comum a situação de passagem da vivência da pirâmide na esfera off-line, enquanto experimentam a rede-roda no online. Por um lado, no trabalho-vida *off-line*, encontram-se muitas vezes presos a estruturas rígidas, verticalizadas,

compartimentadas nas especialidades (núcleos de saber) nas quais a circulação da informação atrela-se ao poder, à antiguidade, ao cargo, em uma vida ainda tipicamente disciplinar (CAMPOS, 2005). No trabalho-vida online, os membros têm acesso, produzem e distribuem informação livremente, independente do espaço físico e da localização geográfica.

Neste contexto, é preciso pensar se os “benefícios” obtidos nos encontros na Rede, pela vivência da roda, não poderiam acarretar certa acomodação na esfera off-line, isto é, se a minimização dos incômodos no compartilhamento na RHS, a alegria dos encontros não desmobilizaria a ação na esfera off-line. Por exemplo, deixar de buscar o estabelecimento das interações com a equipe de seu serviço por ter no coletivo RHS as conexões necessárias de sustentação subjetiva para o enfrentamento das demandas do trabalho-vida. Entendo como uma possibilidade, mas considero também que algumas práticas do coletivo amenizam este que poderia ser considerado um efeito adverso. Uma delas consiste no esforço de ampliar a ação da RHS conectando-se a outras redes, tanto da esfera online quanto da off-line, propiciando a capilarização das propostas e, com isto, buscando impactar o cotidiano laboral.

Por fim, outro tensionamento que perpassa a RHS, neste jogo entre captura e fuga, refere à apropriação de sua produção. A Rede consiste em um espaço-movimento de produção instituinte, contudo, ao mesmo tempo em que busca escapar do modelo mercadológico de produção e das relações típicas do capitalismo, a atuação e a produção na e pela RHS são novamente capturadas em prol do capital. No engajamento com a RHS, produzindo-se, produzindo coletivo e produzindo novos modos de fazer saúde, os membros ficam pessoalmente responsabilizados pela qualificação do Sistema de Saúde, que passa pelo trabalho voluntário, de trabalhadores em sua maioria mal remunerados, de construção de conhecimento e inovação em práticas. Tal produção dá-se de modo quase permanente, pela disponibilização no ciberespaço. A lógica que permeia este contexto é desobrigação das organizações, que delega a gestão de si ao trabalhador, como “empresário da força de trabalho” (GORZ, 2005, p.10).

Esta é uma característica do trabalho imaterial em contexto de produção biopolítica, de modo que tudo que produz a vida interessa ao capital. Assim, resistir ao biopoder mostra-se um desafio, já que não se dá em uma esfera de “fora”. A resistência, neste caso, diferente dos movimentos em greves, operação tartaruga ou

operações de sabotagem em outros cenários, mostra-se uma “resistência produtiva”.
É assim que

a potência de vida da multidão, no seu misto de inteligência coletiva, de afetação recíproca, de produção de laço, de capacidade de invenção de novos desejos e novas crenças, de novas associações e novas formas de cooperação [torna-se] fonte primordial de riqueza do próprio capitalismo. Por isso mesmo este comum é o visado pelas capturas e seqüestros capitalísticos, mas é esse comum igualmente que os extrapola, fugindo-lhe por todos os lados e todos os poros (PELBART, s/d., p.4).

Portanto, “produzir(-nos) _{ponto} com” situa-se neste jogo entre controle e liberdade, individualismos e inteligência coletiva, entre a captura e a satisfação pelo engajamento e a produção de sentido – que é o que acaba prevalecendo na RHS.

Figura 12: Composições híbridas



Fonte: REDE HUMANIZASUS. <<http://www.redehumanizadasus.net/9350-o-que-nao-e-natural>>. Acesso em: 15 Fev. 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crescente importância do trabalho imaterial no sistema produtivo tem acarretado mudanças na organização do trabalho, na qual os aspectos cognitivos, linguísticos e afetivos passam a ser privilegiados. Desta forma, componentes cooperativos, relações de colaboração e confiança são incluídos nas modernas estratégias de gestão. O objetivo almejado é a melhoria da qualidade do trabalho, o crescimento da produtividade e a rapidez de respostas frente a um cenário instável, de mudanças aceleradas e alta competitividade. Neste contexto, o trabalho em equipe é incentivado por apresentar a possibilidade para elevar os resultados, a partir do comprometimento e do envolvimento dos sujeitos com o trabalho e a solução de problemas.

O discurso que sustenta este modo de trabalhar nas organizações ressalta as características de diversidade, democracia, solidariedade, afeto e participação. Constitui-se um conjunto favorável tanto à produção quanto à satisfação dos trabalhadores. Entretanto, há pouco espaço no cotidiano laboral para o exercício efetivo da autonomia e da responsabilidade, necessários ao desenvolvimento do trabalho realizado em conjunto. Por um lado, esta proposta confronta-se com ambientes de trabalho altamente competitivos e individualistas. Por outro, restringe a atuação das equipes a fórmulas prescritas, com temas delimitados, submetidas a sistemas de controle bem arranjados. Desta forma, a atuação das equipes limita-se ao somatório das capacidades dos envolvidos, em exercício constante de adaptação, sob a tutela da organização.

O trabalho realizado conjuntamente apresenta potência de criação e mobilização coletiva da inteligência, mas para que se efetive, demanda espaços autônomos, no qual os envolvidos possam cooperar mais livremente. Nas organizações, nem sempre são as equipes formalmente constituídas que conferem laços de solidariedade, trocas, criação. Tais conexões são efetuadas de modo espontâneo em diversas direções. No atual contexto de desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, cabe pensar que esta possibilidade chega através da virtualidade da internet, na composição de “comunidades” e outros

modos de se relacionar. Jeff Howe (2009) introduziu a noção de *crowdsourcing*, que postula o trabalho em comunidades auto-organizadas de voluntários que têm, segundo ele, superado as capacidades corporativas como até aqui têm sido conduzidas.

As novas (atuais) tecnologias, de modo geral, e a internet, em particular, têm possibilitado uma série de transformações nos modos de produzir e compartilhar informações, de ensinar e aprender, de trabalhar, de se relacionar, enfim, de viver. Estas tecnologias, em contexto de trabalho imaterial, mostram-se produtivas, muitas vezes consideradas como meio para alcançar determinados fins. A partir da percepção deste cenário é que surgiu a questão que me motivou a realizar esta tese, indagando sobre a possibilidade de produção a partir das conexões entre trabalhadores participantes de uma rede social na internet.

Das transformações que o homem vai fazendo das tecnologias, observa-se que na RHS seu uso desperta e renova a sensibilidade de trabalhadores-usuários-gestores da saúde. A internet, especificamente, a rede social, pode ser produtiva. As conexões da RHS, sustentadas em seus nós, permitem a dupla produção: da produção em si, de atenção à saúde, e a produção de sujeitos e do coletivo. A RHS opera como meio de produção cooperativa de um coletivo produtor.

Esta constatação de pesquisa e o percurso cartográfico elucidaram as questões organizadas em três blocos que me levaram a campo. O *primeiro bloco de questões* dizia respeito às possibilidades tecnológicas, consideradas em seu sentido amplo, de composição do território, envolvendo técnica e lógica subjacente. A RHS constitui um território aberto, plural, mobilizando a inteligência de enxame, a inteligência coletiva. Constitui uma produção em si própria, enquanto uma Obra, mas repercute e instiga ações no âmbito off-line. A dinâmica online – off-line é condição para sua manutenção e sentido de ser, assim como sua articulação a outras redes, que também ocorre em ambas as esferas. A RHS é fruto de trabalho cooperativo e tem se sustentado pelo desejo do encontro com pessoas em torno de um objetivo comum, que consiste no compartilhamento do ideal e das práticas correspondentes à defesa da vida, fortalecimento do SUS e capilarização dos princípios da PNH.

Compondo este território, encontram-se sujeitos, trabalhadores, usuários e demais interessados na questão da saúde. Estes sujeitos são afetados pelas relações estabelecidas nas conexões da RHS, produzindo modos de ver a vida, de pensar, de sentir. A RHS produz, assim, processos de subjetivação particulares, o

que remete ao *segundo bloco de questões*. A produção cooperativa na Rede busca desfazer o modo indivíduo como soberano, valorizando a singularidade no encontro com o coletivo. As diferenças hierarquizadas de gênero, geração, profissão, área de trabalho no campo da saúde são aplainadas, valendo a inclusão de diferentes pontos de vista e da contribuição de cada ao conjunto das discussões, da construção da Obra. Estar (pertencer) na Rede representa potencialização para o trabalho-vida.

A constituição do coletivo leva ao *terceiro bloco de questões* que remetia às possibilidades de cooperação, que se mostrou viável, produzindo através dos nós assinalados. Cabe considerar que produzir cooperativamente demanda esforço, empenho. Não é algo que é dado. Há um zelo, na RHS, pela manutenção do respeito e da solidariedade e do exercício constante da cogestão, buscando produzir relações horizontalizadas.

A RHS pode ser pensada como uma estratégia para enfrentar os desafios do cotidiano do trabalho em saúde ou um dispositivo com força para transformar a rotina institucional. Afastada da obrigação produtivista, a RHS produz. Produz pesquisa, pensamento, sentimentos, sonhos, protagonismo, criatividade, autonomia, multiplicidade; trabalho-vida. Sem, ou, pelo menos, com menos amarras, permite outra relação com o mundo. A liberação das prescrições permite o acesso a outros modos de ver e compreender, que tornam possível outro modo de fazer. A inclusão e a abertura da RHS “amplificam sua dimensão pública”, instaurando sua ação na formação de cidadania.

Na RHS, há uma condensação de fatores “em defesa da vida”: a lógica do SUS e da PNH na qual ela se funda; dos autores e vertentes teóricas que se afiliam os participantes; do próprio uso da internet que carrega em si uma história de produção coletiva e de subversão (hackers) pela liberdade. A tecnologia, de modo geral, e a internet, particularmente, podem ser usadas como ferramentas para aprimorar a vida “natural” e não suplantá-la, o que também pode ser considerado com relação ao trabalho.

O percurso na RHS marca um aspecto que pouco tem sido considerado nos estudos que enfocam as relações de trabalho, que é o da saúde e do prazer, daquilo que é construtivo no trabalho. Grande parte dos estudos tem focado aquilo que faz adoecer, que causa sofrimento. Certamente, estes estudos visam compreender para alterar tais situações. Contudo, é preciso olhar para experiências que sejam

satisfatórias também, de modo a aprender com elas e replicar o que for possível. Mais que isto, tais experiências desnaturalizam ideias generalizadas da condição de trabalho penosa e adoecedora, que acaba por imobilizar as estratégias de ação.

Entretanto, isto não deve ser tomado de forma ingênua ou solução mágica. A produção cooperativa da RHS é fruto de esforço e trabalho, não isentos de sofrimento, de jogos de poder, de influências institucionais. São múltiplas as interferências que procurei sintetizar na arte da capa³⁴. Trata-se, portanto, de abordar os diversos aspectos que compõem a cena do trabalho de modo inclusivo, considerando que o trabalho é constitutivo dos sujeitos, é construtivo apesar do que há de difícil e penoso que também o compõe.

Acompanhar a RHS me ensinou muito, em termos acadêmicos, mas também me fez refletir sobre minha implicação com o trabalho-vida. Muitas vezes, pesquisadores justificam-se por um “excesso” de envolvimento ao tema proposto. Percebi algo diferente. Convivi com um coletivo militante, para os quais o trabalho em saúde e suas repercussões constitui uma causa à qual dedicam sua alma. Tal dedicação transfere-se para a Rede, em uma declaração constante – talvez necessária – de seu significado para o trabalho-vida. Os membros mais ativos da RHS vivem a Rede a mais tempo, de modo mais intrínseco, do que pude vivenciar. O que pude acompanhar, portanto, é de quem estive na borda, mesmo buscando uma aproximação maior. Desde este lugar, foi possível uma compreensão do processo, sobretudo naquilo que propus com a pesquisa, contudo será sempre diferente de quem está imerso. Diferente. Na linha da inclusão das perspectivas, esta diferença pode ser interessante, lançando luzes a novos ângulos.

Sendo assim, reafirmo que o mapa traçado é parcial. O percurso cartográfico que realizei, com os movimentos que segui, guiada pela bússola do referencial teórico escolhido, mostrou uma paisagem dentre tantas outras possíveis. Esta tese é fruto da minha leitura e compreensão dos processos, encontros, produções que perpassam a RHS. Leitura e compreensão também perpassadas, possibilitadas e limitadas, por encontros, fixos e fluxos. No processo de escrita, firmaram-se algumas

³⁴ A capa da versão impressa é composta por três lâminas transparentes (usadas em retroprojeter). Na primeira lâmina estão impressos nomes próprios. Nomes de membros da RHS e nomes de pessoas que participam da minha vida. Na segunda lâmina estão impressos os nós da cooperação produtiva na RHS que identifiquei em minha pesquisa. E na terceira lâmina, organizações principais que tiveram lugar em meu percurso de doutorado (Ministério da Saúde; PNH; RHS; PPGA; CAPES). A sobreposição destas transparências mostra um entrecruzamento, uma rede entre aspectos que sustentam a presente tese que traz como pano de fundo um papel no qual estão impressos os nomes de instituições que sustentam as tramas acima: Educação, Saúde, Trabalho-Vida.

linhas que, a partir das outras leituras, seguirão fazendo rizoma. A cartografia mostra-se um agenciamento, que não se fecha, mas se abre para futuras conexões a serem feitas por cada leitor. Neste sentido, há espaço para novos questionamentos acerca desta relação e trabalho-vida mais individualizada, isto é, em uma perspectiva verticalizada a partir do ponto de vista de seus membros. Este caminho poderá mostrar com maior profundidade a dinâmica on e off-line e suas repercussões. Da mesma forma que considero que há possibilidade de desdobramentos em cada nó que fixei. Há um caminho de investigação desatando os nós, buscando compreender as conexões dentro das conexões, sobretudo buscando as interferências institucionais nos agenciamentos da Rede.

REFERÊNCIAS

- ALBERCHE, E. Modernidades. Poemas no Ônibus. Porto Alegre. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?reg=18&p_secao=57>. Acesso em 05 abr. 2010.
- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.131-149.
- BAPTISTA, M. L. C. *A cartografia de processos de escrita: uma experiência com a metodologia da sensibilidade*. Mimeo. s/d. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/teses_geografia2008/artigomarialuizacardinalebaptista.pdf>. Acesso em 14 dez. 2011.
- BAREMBLITT, G. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. 3a. Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.
- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.52-75.
- BARROS, R. B. *Grupo: a afirmação de um simulacro*. Porto Alegre: Sulina Editora/Editora da UFRGS, 2007.
- _____; PASSOS, Eduardo. Humanização na saúde: um novo modismo? *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, V.9, N.17, p. 389-406, mar./ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n17/v9n17a14.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2012.
- _____. Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo. n/d. Disponível em: <<http://www.slab.uff.br/textos/texto3.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2011.
- _____; BARROS, M. E. B. Da dor ao prazer no trabalho. In: SANTOS-FILHO, S. B.; BARROS, M. E. B. (Orgs.). *Trabalhador da saúde: muito prazer!* Ijuí: Editora Unijui, 2007. p.61-71.
- _____; SANTOS-FILHO, S. B. Câmara Técnica de Humanização como dispositivo de co-gestão: experimentando o conceito de rede. In: SANTOS-FILHO, S. B.; BARROS, M. E. B. (Orgs.). *Trabalhador da saúde: muito prazer!* Ijuí: Editora Unijui, 2007a. p.203-232.
- BAUMAN, Zigmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005
- _____. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.
- _____. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- BERG, R. W. Competition and cooperation: the wisdom to know when. *Business Communication Quarterly*, v. 73, n.2, p. 176-189, Jun. 2010.
- BERNARDO, M. H. *Trabalho duro, discurso flexível: uma análise das contradições do toyotismo a partir da vivência de trabalhadores*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

BEYNON, H. O sindicalismo tem futuro no século XXI?. In: SANTANA, M. A.; RAMALHO, J. R. (Orgs.). *Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social*. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 44 – 71.

BRASIL. Portal da Saúde. http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=38507 Acesso em: 20 fev. 2012.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. *HumanizaSUS: Gestão participativa e cogestão* / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/gestao_participativa_cogestao.pdf. Acesso em: 24 set. 2011.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. *HumanizaSUS: Documento base para gestores e trabalhadores do SUS* / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização.– 4. ed. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_gestores_trabalhadores_sus_4ed.pdf. Acesso em: 25 mar. 2012.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. *Grupo de Trabalho de Humanização*. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. 2a. Ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/grupo_trabalho.pdf. Acesso em: 15 nov. 2011.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. *HumanizaSUS: Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS* / Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_2004.pdf. Acesso em: 25 mar. 2012.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. *HumanizaSUS: política nacional de humanização: relatório de atividades 2003* / Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização – Brasília: Ministério da Saúde, 2004a. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus2004.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2012.

BRUCKMAN, A. Ethical guidelines for research online. 2002. Disponível em: <http://www.cc.gatech.edu/%7Easb/ethics/>. Acesso em: 03 fev. 2012.

CAMPBELL, S.; FOUCHÉ, S.; WEISS, K. Blogscape: cartography on social networks. Disponível em: <http://terpconnect.umd.edu/~susanc/blogscape/BlogScape2.pdf>. 2005. Acesso em 04 out. 2011.

CAMPOS, G. W. S. Apresentação. In: SANTOS-FILHO, S. B.; BARROS, M. E. B. (Orgs.). *Trabalhador da saúde: muito prazer!* Ijuí: Editora Unijui, 2007. p.11-15.

_____. *Um método para análise e co-gestão de coletivos: A constituição do sujeito, a produção do valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda*. 2ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 2005.

_____. Subjetividade e administração de pessoal: considerações sobre modos de gerenciar o trabalho em equipe de saúde. In: MERHY, E. E.; ONOCKO, R. (Orgs.). *Práxis en salud: desafio para lo público*. São Paulo: Hucitec, 1997. p.229-266.

_____. CUNHA, G. T. Apoio matricial e atenção primária em saúde. *Saúde soc.* São Paulo, v.20, n.4, Dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000400013&lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2012.

CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. 3ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTELLS, M. *A galáxia de internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. *A sociedade em rede*. 12a. Reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

CUNHA, C. R. da; MELO, M. C. de O. Cooperação tecnológica em empresas mineiras de biotecnologia. *RAE Eletrônica*, v.45, edição especial, Nov./Dez. 2005. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S0034-75902005000000006.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2012.

DELEUZE, G. *Conversações*. 3a. Reimpressão. Rio de Janeiro: Ed.34, 2000.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

_____; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1. 6a. Reimpressão. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.5. 4a. Reimpressão. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

EIDELWEIN, K. *Ciberidéia – construindo modos de conhecer-trabalhar*. 2001. 173f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

ELM, M. S. How do various notions of privacy influence decisions in qualitative research? In: MARKHAM, A. N.; BAYM, N. K. *Internet inquiry: conversations about method*. Thousand Oaks: Sage, 2009. p.69-87.

ESCÓSSIA, L.; TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.92-108.

ESS, C.; ASSOCIATION OF INTERNET RESEARCHERS (AoIR). *Ethical decision-making and internet research: recommendations from the Aoir ethics working committee*. 2002. Disponível em: <<http://aoir.org/reports/ethics.pdf>>. Acesso em 15 jan. 2012.

- FERNÁNDEZ, A. *Os idiomas do aprendente: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FISCHER, R. M.; NOVELLI, J. G. N. Confiança como fator de redução da vulnerabilidade humana no ambiente de trabalho. *RAE Eletrônica*, v.48, n.2, p.67-78, Abr./Jun. 2008. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S0034-5902008000200006.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2012.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FONSECA, T. M. G.; KIRST P. G. (Orgs.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GAULEJAC, V. *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.
- GORZ, A. *O imaterial*. Conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.
- GRANOVETTER, M. The strength of weak ties: a network theory revisited. *Sociological Theory*, v. 1, p.201-233, 1983.
- _____. The strenght of weak ties. *American Journal of Sociology*, v.78, n.1, p.1360-1380, 1973.
- GRISCI, C. L. I. Trabalho imaterial, controle rizomático e subjetividade no novo paradigma tecnológico. *RAE Eletrônica*, vol.7, n. 1, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/raeel/v7n1/a05v7n1.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2012.
- _____. Trabalho Imaterial. In: CATTANI, D.; HOLZMANN, L. (Orgs.). *Dicionário de Trabalho e Tecnologia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. p. 327-329.
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 4a. Reimp. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- _____; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HARDT, M.; NEGRI, A. *Império*. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- _____. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005a.
- HELOANI, J. R. *Gestão e organização no capitalismo globalizado: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho*. São Paulo: Atlas, 2003.
- HESS, R. Uma técnica de formação e de intervenção: o diário institucional (DI). In: HESS, R.; SAVOYE, A. (Orgs.) *Perspectives de l'analyse institutionelle*. Paris: Méridiens klincksieck, 1988, p. 119-138. Tradução de Ana Lúcia Abrahão da Silva e Lucia Cardoso Mourão-Colin. Revisão de Solange L'Abbate. (mimeo)
- HOWE, J. *O poder das multidões: por que a força da coletividade está remodelando o futuro dos negócios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- JACK, S. L. The role, use and activation of strong and weak network ties: a qualitative analysis. *Journal of Management Studies*, v.42, n.6, Set. 2005. p. 1233-1259.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.32-51.

_____. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G. (Orgs.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p.53-62.

_____. A psicologia na rede e os novos intercessores. In: FONSECA, T. M. G.; FRANCISCO, D. J. (Orgs.) *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 2000. p.13-26.

_____; BARROS, R. B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.76-91

KEEN, A. Profeta do apocalipse tecnológico. Entrevista. *Portal Exame*. Disponível em: <http://portalexame.abril.com.br/blogs/zeroseuns/20090915_listar_dia.shtml?permalink=196357>. Acesso em: 19 set. 2010.

KIRST, P. G. *Transfotografia: o pixel em multidão*. 2010. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

KUJAWSKI, G. Tropeços colaborativos. *RAE Executivo*, v.2, n. 1, p.61 – 65, Fev./Abr. 2003. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/1770.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2012.

LAZZARATO, M.; NEGRI, A. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

LAZZAROTTO, G. D. R. Pragmática de uma língua menor na formação em Psicologia: um diário coletivo e políticas juvenis. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRGS. 2009. 147p.

LEMOS, A. Morte aos portais. 2000. Disponível em: <<http://www.andrelemos.info/artigos/portais.htm>>. Acesso em: 04 out. 2011.

_____. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 4ª.Ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. In: LEMOS, A.; LÉVY, P. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*. São Paulo: Paulus, 2010.

_____; LÉVY, P. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, R.; BRANCO JÚNIOR, S. V. Copyleft, software livre e Creative Commons: a nova feição dos direitos autorais e as obras colaborativas. 2009. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/2796>>. Acesso em 10 mar. 2012.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 5ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

LEVY, T. S. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LIEDKE, E. R. Trabalho. In: CATTANI, D.; HOLZMANN, L. (Orgs). *Dicionário de Trabalho e Tecnologia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. p. 319-325.

LOPES, F. D.; BALDI, M. Redes como perspectiva de análise e como estrutura de governança: uma análise das diferentes contribuições. *RAP*, v.43, n.5, Set./Out., 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v43n5/v43n5a03.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

MAIRESSE, D. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G. *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 259 – 272.

_____; FONSECA, T. M. G. Dizer, escutar, escrever: redes de tradução impressas na arte de cartografar. *Psicologia em Estudo*, v.7, n.2, p.11-116, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n2/v7n2a13.pdf>>. Acesso em 07 jan. 2012.

MARKHAM, A. N.; BAYM, N. K. *Internet inquiry: conversations about method*. Thousand Oaks: Sage, 2009.

MATTOS, P. L. C. L. “Os resultados desta pesquisa (qualitativa) não podem ser generalizados”: pondo os pingos nos is de tal ressalva. *Cadernos EBAPE.BR*, v.9, Edição Especial, artigo 1, Rio de Janeiro. Jul. 2011. p. 450-468. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v9nspe1/v9nspe1a02.pdf>>. Acesso em 27 mar. 2012.

MERHY, E. E. Em busca do tempo perdido: a micropolítica do trabalho vivo em saúde. In: MERHY, E. E.; ONOCKO, R. (Orgs.). *Agir em saúde: um desafio para o público*. 2a. Ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p.71-112.

MORIN, E. *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.

MUSSO, P. A filosofia da rede. In: PARENTE, A. (Org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p.17 – 38.

NARDI, H. C. *Ética, trabalho e subjetividade: trajetórias de vida no contexto das transformações no capitalismo contemporâneo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

NEGRI, A. *5 lições sobre Império*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, G. N. Devir apoiador: uma cartografia da função apoio. Tese Doutorado (Saúde Coletiva). Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. 2011. 175p.

PARENTE, A. (Org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PASCHE, D. F. Política Nacional de Humanização como aposta na produção coletiva de mudanças nos modos de gerir e cuidar. *Interface: Comunicação Saúde Educação*, v.13, supl.I, p.401-408, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v13s1/a21v13s1.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2012.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da*

cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

_____. Clínica, política e as modulações do capitalismo. *Lugar Comum*, n.19-20, jan./jun., 2004. Disponível em: <<http://www.slab.uff.br/exibetexto2.php>>. Acesso em 08 dez. 2008.

PASSOS, E.; EIRADO, A. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.109-130.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PAULON, S. M. A análise de implicação com ferramenta na pesquisa-intervenção. *Psicologia & Sociedade*, v.17, n.3, Porto Alegre, Set./Dec., 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n3/a03v17n3.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

_____. ROMAGNOLI, R. C. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p.85-102, 1o. Quadrimestre, 2010. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a07.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2012.

PEDUZZI, M. Equipe multiprofissional de saúde: conceito e tipologia. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v.35, n.1, p. 103-109, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v35n1/4144.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2012.

_____. *Equipe multiprofissional de saúde: a interface entre trabalho e interação*. Campinas, 1998, Tese (Doutorado) Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

_____. CARVALHO, B. G.; MANDÚ, E. N.; SOUZA, G. C.; SILVA, J. A. M. Trabalho em equipe na perspectiva da gerencia de serviços de saúde: instrumentos para a construção da prática interprofissional. *Physis*. Rio de Janeiro, v.21, n.2, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312011000200015&lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2012.

PELBART, P. P. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo, Iluminuras, 2000.

_____. Elementos para uma cartografia da grupalidade. Mimeo. S/d. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/proximoato/pdf/textos/textopeterpelbart.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2011.

PERRONE, C. Novos coletivos sociais: a multidão e o amor ao tempo a constituir. In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G. (Orgs.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p.129-135.

PINHEIRO, R.; BARROS, M. E. B.; MATTOS, R. A. *Trabalho em equipe sob o eixo da integralidade: valores, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ: CEPESC: ABRASCO, 2007.

PRIMO, A. F. T.; RECUERO, R. C. Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da Wikipédia. *Revista da FAMECUS*, n.23, p.54-63, Dez. 2003. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/hipertexto_cooperativo.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2012.

RECUERO, R. C. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. Memes e dinâmicas sociais em weblogs: informação, capital social e interação em redes sociais na Internet. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v.2, n.15, p.1-16, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4265/4427>>. Acesso em: 26 mar. 2012.

RHEINGOLD, H. *The virtual community*. 1993. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book/intro.html>>. Acesso em: 28 mar. 2010.

RIGHI, L. B. Produção de redes de atenção à saúde: acordos, confrontos e reparos. In: PASCHE, D. F.; CRUZ, I. B. M. (Org.). *A saúde coletiva: diálogos contemporâneos*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005. p.73 – 92.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômade*. 2ª. Ed. Campinas: Papirus, 2000.

_____. *Cartografia sentimental: as transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

ROLLO, A. A. É possível valorizar o trabalho na saúde num mundo globalizado? In: SANTOS-FILHO, S. B.; BARROS, M. E. B. (Orgs.). *Trabalhador da saúde: muito prazer!* Ijuí: Editora Unijui, 2007. p.19-59.

ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n.2, 2009. p.166-173. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n2/v21n2a03.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

ROSENFELD, C. Autonomia outorgada e apropriação do trabalho. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 6, n. 12, jul./dez. 2004. p. 202-227. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n12/22261.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

SANTAELLA, L. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS-FILHO, S. B. Um olhar sobre o trabalho em saúde nos marcos teórico-políticos da saúde do trabalhador e do Humanizamus: o contexto do trabalho no cotidiano dos serviços de saúde. In: SANTOS-FILHO, S. B.; BARROS, M. E. B. (Orgs.). *Trabalhador da saúde: muito prazer!* Ijuí: Editora Unijui, 2007. p.73-96.

_____. Indicadores de valorização do trabalho e trabalhadores da saúde: construindo o conceito de valorização a partir de uma perspectiva analítica. In: SANTOS-FILHO, S. B.; BARROS, M. E. B. (Orgs.). *Trabalhador da saúde: muito prazer!* Ijuí: Editora Unijui, 2007a. p.143-171.

SCHNAPPER, D. *Contra o fim do trabalho: conversa com Philippe Petit*. Lisboa: Terramar, 1998.

SENNETT, R. *O artífice*. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SIBILIA, Paula. *Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica*

do sujeito. Trabalho apresentado no Grupo de Tecnologias Informacionais da Comunicação e Sociedade XII COMPOS, 2003. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2003>>. Acesso em: 07 jan. 2012.

SOUSA, E. L. A. *Um invenção da utopia*. São Paulo: Lumme, 2007.

TAYLOR, F. W. *Princípios de Administração Científica*. 8ª. Ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1990.

TEIXEIRA, R. R. As redes de trabalho afetivo e a contribuição da saúde para a emergência de uma outra concepção de público. Working-paper apresentado na Research Conference on: Rethinking “the Public” in Public Health: Neoliberalism, Structural Violence, and Epidemics of Inequality in Latin America. Center for Iberian and Latin American Studies. University of Califórnia, San Diego. Abril, 2004. Disponível em: <<http://www.corposem.org/rizoma/redeafetiva.htm>>. Acesso em 05 set. 2011.

_____. *As redes de trabalho afetivo e a contribuição da saúde para a emergência de uma outra concepção de público*. 2004. Disponível em: <<http://www.corposem.org/rizoma/redeafetiva.htm>>. Acesso em: 08 dez. 2008.

TOLEDO, E. G. (Org.) *Tratado latinoamericano de sociología del trabajo*. México: FLACSO, 2000.

TONELLI, M. J. Executivos e redes. *GV Executivo*. Vol.4, n.2, Maio/Jul., 2005. p.49-53. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/3802.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

_____; CALDAS, M.P.; LACOMBE, B.M.B.; TINOCO, T. Produção acadêmica em Recursos Humanos no Brasil: 1991-2000. *RAE*, v.3, n.1, Jan./Fev./Mar, 2003. p. 105-122. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v43n1/v43n1a11.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

VIEIRA, M. M. F. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D.M. (Orgs.) *Pesquisa qualitativa em administração*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.13-28.

VIRNO, P. O cérebro social como interação direta entre sujeitos de carne e osso. *IHU On-Line*, ano 4, n. 161, p. 4-10, 2005.

WATERS, N. M.; BERUVIDES, M. G. An empirical study analyzing traditional work schemes versus work teams. *Engineering Management Journal*, V.21, N.4, Dec. 2009.

WEBER, L. *Trabalho e subjetividade: chefias intermediárias em contexto hospitalar*. 2008. 176f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

_____. *Trabalho em equipe: percurso, discurso e outras possibilidades*. Ensaio teórico. Programa de Pós-Graduação em Administração. Mimeo, 2009.

_____; GRISCI, C. L. I. Trabalho, gestão e subjetividade: dilemas de chefias intermediárias em contexto hospitalar. *Cadernos EBAPE.BR* (FGV), v. VIII, p. 54-70, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v8n1/a04v8n1.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

ZANELLI, J.C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. *Estudos de Psicologia*, v.7, número especial, 2002, p.79-88. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7nspe/a09v7esp.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

ANEXO 1

Post: “Cartografando a RHS...”

Publicado em 29 jun. 2011

Disponível em: <<http://www.redehumanizaus.net/11906-cartografando-a-rhs>>.

Acesso em 24 mar. 2012

Cartografando a RHS...

Enviado por Lílian, qua, 29/06/2011 - 10:46 -- 15 votos



Caros participantes da RHS!

Há um tempo, o Ricardo Teixeira me apresentou à RHS falando sobre minha proposta de tese, que estava sendo qualificada no doutorado em Administração, na UFRGS.

De lá até aqui, estive envolvida mapeando esta Rede, naquilo que tem sido produzido nestes 3 anos de sua existência – o que não é pouca coisa! Li posts e comentários e, agora, mais familiarizada, gostaria de abrir um canal de diálogo com vocês.

Antes, contudo, apresento a vocês a proposta de pesquisa. Sob o título: **"Produzir(-se) com": produção de subjetividades e construção de redes de cooperação na Internet em contexto do trabalho imaterial**, proponho compreender as conexões efetuadas na RHS e analisar as possibilidades de cooperação na produção do trabalho e de si.

Parto da ideia que “produzir” e “produzir a si mesmo” são aspectos indissociáveis nos processos de trabalho e que, considerando as características do “trabalho imaterial” (conforme conceito de Negri, Lazzarato e Hardt), tal indissociabilidade é trazida ao centro da esfera produtiva. A vitalidade torna-se a matéria-prima por excelência, traduzida na expressão **“produzir(-se)”**.

Produzir(-se) acontece por meio de relações, sempre “com”: com outras pessoas, com objetos, com saberes, etc. Fala-se, assim, em **“produzir(-se) com”**. Nesta perspectiva, destaca-se a cooperação como inerente ao trabalho imaterial, mostrando-se pertinente perguntar: é possível encontrar um coletivo produtor de trabalho-vida que permita configurar um modo de subjetivação **“produzir(-NOS) com”**?

Na atualidade, a possibilidade desta configuração pode ser agenciada por recursos tecnológicos digitais. Dentre eles, a Internet mostra-se como uma ferramenta capaz de subsidiar a circulação ilimitada de informações, instigar a participação e a organização de coletivos diversos. A constituição de redes sociais via Internet viabiliza novas formas de relacionamento e de produção. À expressão inicial do título do projeto poder-se-ia, talvez, acrescentar o “ponto”, característico de endereços da Internet (ainda que sejam os comerciais), identificando-o “produzir(-se) . com”.

Este é o “ponto” de partida, mesmo reconhecendo que tais considerações não são

absolutas, pois se trata de um campo permeado por tensões e por ambivalências. Cabe, portanto, navegar por esse mar virtual da RHS, cartografar, com vocês, as relações que aqui se estabelecem, conhecer como se faz esta Rede, por que se faz e o que ela produz para quem aqui “habita”. Fica o convite para participarem comigo deste percurso. Topam?

(Em seguida trarei novo post com proposta inicial para nossa discussão!)

A imagem utilizada foi escolhida por um gestor da saúde, em um outro projeto, para ilustrar as necessárias conexões para o desenvolvimento do trabalho em saúde...

Tags: RHS pesquisa cooperação Cartografia

ANEXO 2

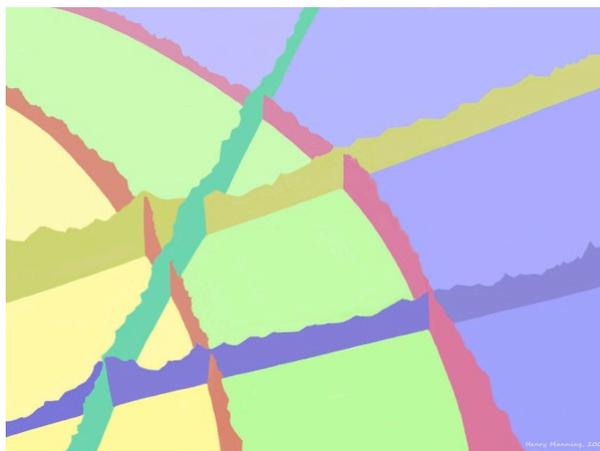
Post: “O que significa a RHS para você?”

Publicado em 10 jul. 2011

Disponível em: <<http://www.redehumanizaus.net/11926-o-que-significa-a-rhs-para-voce>>. Acesso em: 24 mar. 2012

O que significa a RHS para você?

Enviado por Lílian, dom, 10/07/2011 - 22:34 – 14 votos



Olá!

No post Cartografando a RHS fiz uma breve apresentação do projeto de pesquisa para pensarmos sobre a RHS. Lanço agora algumas reflexões para iniciarmos (de modo mais sistematizado) este trabalho!

(As expressões que seguirão em negrito foram utilizadas em outros textos já postados aqui na Rede e em comentários e são reproduzidas aqui.)

Na época de criação da RHS apareceram algumas perguntas como: “**o que esperar da RHS? O que apostar? O que temer? O que sonhar?**” [no post "Ainda nem completou nove meses"] Passaram-se 3 anos e pode-se observar maior apropriação deste **espaço de colaboração** por seus participantes. Muito embora os relatos deixem a entender que a Rede não deixa de **surpreender**, as dúvidas e receios iniciais vêm dando lugar a outras sensações.

Pela leitura dos posts, constata-se que a RHS tem sido percebida, por seus participantes, como um espaço-função de **vida, união, conexão, encontro, memória coletiva, inclusão, democracia, sintonia, esperança, construção coletiva, aproximação de parceiros, respeito, aprendizagem, fortalecimento, experimentações, compartilhamento, acolhimento, colaboração, afinidade, cumplicidade**.

Aqui se encontra um **grupo-apoiador** que, através de **comunicação horizontal** e **ausência de hierarquia**, produz **brechas** para fazer diferença, **escapar da solidão, discutir dificuldades** e **inventar soluções**. Aqui, fazem-se **redes com outras redes** e **amplia-se a base de inteligência**, opera-se um **dispositivo de inclusão**, produzem-se **novos modos de relacionamento** e **produção de sentido** para, sobretudo, **construir e reconstruir o SUS** e atuar em **defesa da vida!**

Participar da RHS tem despertado **emoção, alegria, reflexão; orgulho por fazer parte, modificando a experiência do cotidiano, fazendo repensar, potencializando, contagiando**, enchendo de **esperança**. A RHS **produz efeitos multiplicadores, efeitos polifônicos, efeitos desterritorializantes e reterritorializantes**. É um **espaço virtual que produz efeitos reais** – das trocas de experiências e produzindo sensações físicas que assim se expressam: “**li e senti**”: **arrepio, carinho vibrar em mim; o afeto que circula nesta rede alimenta meus dias!** Assim, desperta **vida, saúde, afeto (“afetividade solidária”), admiração, capacidade inventiva, criativa**.

A RHS é a comunidade que foge à **tendência de exacerbação do medo do comunal e incentivo ao isolacionismo egóico**. Preenche o **vazio causado pela ausência da convivialidade das cadeiras nas calçadas**, que **só vivendo mesmo a potência desses links afetivos** para saber.

A RHS funciona de modo **transversalizado** (entre os blogs individuais e os debates coletivos) mostrando um entrelaçamento de “**semelhantes e diferentes**”, constituindo-se como um “**entre-lugares**”. A RHS mantém-se com **delicadeza, seriedade e consistência**, constituindo uma **mente coletiva em composição**. É a **rede-roda**...

Isto é tudo?

São recortes de algumas, dentre muitas!, coisas (análises, sensações, opiniões) ditas-escritas pelos participantes sobre a RHS e como é fazer parte dela. Para seguir compreendendo as conexões que aqui se estabelecem, gostaria de perguntar sobre como é, para cada um de vocês, fazer parte da RHS.

Qual o lugar da RHS em suas vidas? O que os faz participar dela?

Peço que cada um que fosse respondendo pudesse se apresentar um pouco, dizendo nome, em que área atua, onde, há quanto tempo (tendo em vista que nem todos têm perfil completo) e o que mais julgar importante neste momento para conhecê-los um pouco mais...

Desde já agradeço a participação e desejo que este diálogo possa ser interessante para todos!

(Imagem: Social Interaction Explained, de Henry Manning)

Tags: RHS pesquisa cooperação Cartografia

ANEXO 3

DISTRIBUIÇÃO DOS POSTS POR ASSUNTOS

Exemplos em cada categoria

CATEGORIA 1: *Compartilhar experiências e informações*

TÓPICO 1: Comunicações sobre eventos: divulgação ou relatos de encontros, seminários, congressos envolvendo temas diversos. Nestes eventos estão incluídas, também, as mobilizações, movimentos e ações de militância referentes à PNH, ao SUS ou de interesse geral, tais como mobilizações políticas.

Exemplos:

Congresso Brasileiro Interdisciplinar de Atenção Domiciliar está com inscrições abertas

Enviado por Mariella, qua, 06/10/2010 - 14:31 – 11 votos^{CXXX}

De 19 a 21 de novembro acontece o CIAD 2010, Congresso Brasileiro Interdisciplinar de Assistência Domiciliar.

Em sua nona edição, o evento é importante espaço de discussão para os atuantes ou futuros atuantes em assistência domiciliar.

Os trabalhos podem ser enviados até o dia 21 de outubro.

O evento acontecerá em São Paulo e outras informações podem ser obtidas pelo site www.ciad.com.br

Acolhimento com Classificação e Avaliação de Risco na Universidade Estadual do Norte do Paraná - campi Bandeirantes

Enviado por José Ap. Belluc..., sex, 04/06/2010 - 22:32 – 13 votos^{CXXXI}

Iniciou-se na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Luiz Meneghel, Bandeirantes-PR um projeto de pesquisa denominado *Urgência e Emergência: Acolhimento com Classificação e Avaliação de Risco*. O projeto, também conhecido como PROJETO ACAR partiu da iniciativa de um Professor do curso de enfermagem da UENP (José Ap. Bellucci Júnior), que através da experiência adquirida pela participação na implantação do ACCR na cidade de Ourinhos-SP, em 2008, achou ser de grande relevância pesquisar o tema entre universitários. O principal objetivo do Projeto ACCR é trazer à população acadêmica a importância do conhecimento sobre o sistema, além de fomentar a produção científica que se desenvolve sobre ACCR, uma vez que ainda é latente a discussão do tema em Universidades.

4º ENCONTRO DO GTH SESAU CAMPO GRANDE/MS

Enviado por LUCIANE APARECI..., qua, 28/07/2010 - 11:54 – 10 votos^{CXXXII}

O 4º Encontro do GTH – SESAU, realizado na Escola de Governo (EGOV) no dia 20 de julho de 2010, iniciou com a Equipe da Coordenação da Política de Humanização do SUS e Gestão Participativa, acolhendo o grupo, apresentando os novos componentes e parabenizando os aniversariantes. Foi apresentada a pauta do dia e o Painel Acontecendo, no qual foi atualizado no anexo 01.

No primeiro Momento os participantes foram separados em grupo e passaram a responder os seguintes questionamentos: O que queremos como Usuários do SUS? O que queremos como Trabalhador da Saúde? O que queremos como gestor? O que queremos como Sociedade? Com este exercício, o grupo foi instigado a se posicionar como usuário, como trabalhador, como gestor e sociedade.

Um dos grupos sentiu necessidade e solicitou a presença dos representantes dos usuários do Conselho Municipal de Saúde, ampliando assim as respostas do que os usuários querem e esperam do SUS.

No decorrer das discussões os componentes do GTH observaram a integralidade das necessidades e o inter relacionamento das falas.

Foi apresentado o vídeo 01 e 02, do Programa Gespública do Ministério do Planejamento, orientado para a Gestão de Excelência do Serviço Público, citando a Pesquisa de Satisfação e Carta de Serviços como elementos essenciais ao processo de Gestão, com foco no resultado que queremos, justificando os questionamentos anteriores.

Apresentamos os desafios da PNH decorrentes da busca da integralidade, a inseparabilidade entre a clínica e política nos processos de produção de saúde e autonomia e protagonismo de sujeitos e coletivos, princípios estes que serão essenciais para a elaboração do Plano de Ação para o GTH.

Os componentes do GTH foram informados a respeito de uma Pesquisa de Satisfação do GTH enviada aos e-mails pessoais. Esta Pesquisa auxiliará na busca dos anseios deste grupo, objetivando uma avaliação dos encontros realizados e nortear ações futuras.

No segundo Momento ainda em grupo, foram discutidas algumas temáticas para serem traçadas, dentre elas: objetivos do GTH, ações a serem realizadas (plano e cronograma), onde queremos chegar (missão e valores) e metodologia (como vamos fazer). Todos os grupos apresentaram sugestões nas quais serão revisadas no próximo encontro do GTH.

EQUIPE HUMANIZASUS SESAU

Frente Nacional Contra as Organizações Sociais

Enviado por Dani Santos, qui, 09/09/2010 - 13:27 – 15 votos^{CXXXIII}

A "Frente Nacional pela procedência da ADI 1.923/98 e Contra as OSs" conseguiu marcar a audiência com o Ministro do Supremo Tribunal Federal Carlos Ayres Britto, relator da ADI 1.923/98 contrária à Lei 9.637/98 que cria as Organizações Sociais (OSs), para o dia 21/09, às 18h30min.

Por isso, pedimos que todos e todas:

1- Assinem e divulguem o Abaixo-assinado e a Carta aos Ministros do STF. Vamos entregar estes documentos a cada Ministro do Supremo. Precisamos demonstrar força com o máximo de assinaturas possível de pessoas e entidades, revelando nossa rejeição às OSs.

Aqui está o abaixo assinado, é só clicar: <http://www.abaixoassinado.org/assinaturas/assinar/6184>

E veja a carta clicando AQUI. Se a sua organização autorizar a assinatura, comunique por e-mail para pelaSaude@gmail.com ou fopspr@yahoo.com.br

2- Estamos elaborando um documento "Contra fatos não há argumentos que sustentem as Organizações Sociais no Brasil" para também ser entregue aos Ministros. Enviem notícias que denunciem os males trazidos à sociedade, aos trabalhadores, aos serviços públicos, além de denúncias sobre irregularidades e ou desvio de recursos públicos com a implantação das OSs. Enviar para: Isabella Moreira berinhamoreira@hotmail.com, Edja Jordan edjajordan@hotmail.com

Lembro que precisamos fortalecer esta Frente junto às entidades progressistas e aos movimentos sociais do país. Este é um momento ímpar para demonstrarmos coletivamente nossa rejeição à Lei 9.637/98 que cria as Organizações Sociais junto ao Supremo Tribunal Federal, já que a votação da referida ADI está prevista para este ano, segundo informações veiculadas na imprensa. Caso esta Lei seja considerada inconstitucional pelo STF, põem-se fim às Organizações Sociais nos Estados e Municípios em que elas já são desenvolvidas, como São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Belém, entre outros. Consideramos esta luta estratégica na defesa dos serviços públicos e dos direitos sociais e contra a precarização do trabalho e desses serviços.

Maiores Informações:

<http://forumsus.blogspot.com>

<http://fopspr.wordpress.com>

<http://www.forumpopularlnd.blogspot.com/>

CATEGORIA 1: *Compartilhar experiências e informações*

TÓPICO 2: Divulgação de publicações: compartilhamento de matérias publicadas na mídia, relatórios de pesquisas, artigos científicos.

Exemplos:

Ranking avalia SUS do estado de São Paulo

Enviado por Mariella, qui, 04/03/2010 - 14:14 – 13votos^{CXXXIV}

A Folha de São Paulo trouxe nesta quinta os resultados do "provão do SUS" paulista. Vale a pena conferir, pois o diretor do Hospital que ficou em segundo lugar relata que o resultado é devido à humanização do hospital. Alguém conhece o hospital pra relatar mais sobre o que há por lá?

Instituto do Câncer é hospital mais bem avaliado da capital

SAÚDE Hospital das Clínicas de São Paulo, referência médica no Brasil e na América Latina, não está entre os dez primeiros Levantamento realizado pela Secretaria de Estado da Saúde pelo segundo ano consecutivo considerou a opinião de 158 mil pacientes FERNANDA BASSETTE DA REPORTAGEM LOCAL Menos de dois anos após entrar em funcionamento, o Icesp (Instituto do Câncer do Estado de São Paulo Octavio Frias de Oliveira) foi considerado o segundo melhor hospital do SUS no Estado, segundo pesquisa da Secretaria da Saúde que avaliou a satisfação dos usuários. Já o Hospital das Clínicas de São Paulo -considerado referência em atendimento no Brasil e na América Latina- mais uma vez não entrou no ranking. O In-Cor (Instituto do Coração), que estava na sétima posição em 2008, não aparece mais.

Esta é a segunda vez que a secretaria realiza o "provão do SUS" - que avalia o grau de satisfação dos usuários por meio de um questionário sobre atendimento, qualidade das acomodações e tempo de espera para exames ou internações.

Desta vez, 158 mil pacientes participaram do levantamento, realizado em 630 estabelecimentos conveniados entre março de 2009 e janeiro de 2010. Os resultados da pesquisa foram divulgados ontem.

O primeiro colocado no ranking foi o Hospital Estadual de Ribeirão Preto, seguido do Icesp e do Hospital do Câncer Pio XII, de Barretos.

O oncologista Paulo Hoff, diretor clínico do Icesp, disse que os resultados refletem o reconhecimento dos pacientes sobre o trabalho realizado pelo hospital.

Para ele, a nota pode ser atribuída ao esforço da equipe para manter um atendimento humanizado. "O paciente com câncer é diferenciado, as consultas são mais longas, há acompanhamento psicológico. Tudo isso se reflete em um tratamento altamente resolutivo. "

Segundo o secretário da Saúde, Luiz Roberto Barradas Barata, o Icesp "foi pensado e planejado" para ser um hospital humanizado. "Isso sem dúvida faz a diferença. Posso afirmar que há hospitais públicos no mesmo nível dos melhores centros privados de saúde do Brasil, como é o caso do Icesp". Apenas dois entre os dez hospitais mais bem avaliados no ano passado continuaram no ranking neste ano -Hospital Amaral Carvalho e Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais (Centrinho).

Outros hospitais de referência, como o Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia e o Hospital do Rim e Hipertensão, que estavam na lista de 2008, não aparecem no ranking atual.

Para o secretário da Saúde, Luiz Roberto Barradas Barata, isso é positivo. "A oscilação significa que os hospitais estão se empenhando em atender com qualidade os pacientes. E este "provão" é um dos instrumentos de incentivo, porque nada melhor do que o hospital ser bem avaliado pelo paciente", afirma.

O superintendente do HC, José Manuel de Camargo Teixeira, foi procurado pela reportagem, mas informou, por meio da assessoria de imprensa, que não tinha conhecimento dos resultados do ranking e, por isso, não iria se manifestar.

Instrumento Padrão de Pesquisa de Satisfação (IPPS)

Enviado por LUCIANE APARECI..., sab, 10/07/2010 - 13:31 – 10votos^{CXXXV}

É uma metodologia de pesquisa de opinião padronizada que investiga o nível de satisfação dos usuários de um serviço público e foi desenvolvida para se adequar a qualquer organização pública

prestadora de serviços direto ao cidadão.

A pesquisa de satisfação deve ter como base a divulgação da Carta de Serviços ao Cidadão e é aplicável a órgãos e entidades públicos com atendimento direto ao cidadão nos três poderes e três esferas de governo.

Instrumento Padrão de Pesquisa de Satisfação - IPPS (Informações em vídeo)

Orientações para pesquisa de satisfação

Software IPPS - Versão 1.0

www.gespublica.gov.br/folder_produtos/pasta.2010-0426.2946656561

Humanização é tema central da revista Saúde em Debate

Enviado por Mariella, qui, 11/11/2010 - 14:32 – 13votos^{CXXXVI}

O coordenador Nacional da PNH, Dário Pasche e o ex- consultor e professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), Eduardo Passos, tratam do tema da humanização do SUS provocando discussões no último número da revista Saúde em Debate.

Os debatedores convidados, Emerson Elias Merhy e Roseni Pinheiro, autores da réplica do artigo de debate, são dois importantes estudiosos do assunto, assim como da questão do cuidado em saúde.

Pela primeira vez, a revista homenageia uma mulher, Cecília Donnangelo, cuja obra se tornou fundamental no estudo da assistência médica, não só por seu pioneirismo, mas também pela riqueza de conceitos.

A revista está disponível em formato on-line, acessível pelo link <http://www.saudeemdebate.org.br/> .

CATEGORIA 1: *Compartilhar experiências e informações*

TÓPICO 3: Relatos de experiências: posts compartilhando práticas e eventos realizados nos serviços de saúde.

Exemplos:

Arraiá do Seu Getúlio: A grande Roda Humanizada

Enviado por Fatima Oliveira..., ter, 29/06/2010 - 11:06 – 10votos^{CXXXVII}

O Arraiá do Seu Getúlio faz parte da programação da Política de Humanização do Hospital Getúlio Vargas e, todos os anos, é um grande evento. Este ano, o Arraiá foi realizada no dia de São João. É um momento que o hospital para e todos se integram numa grande roda de amizade, confraternização, solidariedade e amor para com o próximo.

São sentimentos assim que fazem parte da vida dos quadrilheiros do HGV, como são chamados os funcionários que dançam quadrilha no Hospital. Esses funcionários passam o ano inteiro preparando roupas, mobilizando os outros e confeccionando artefatos para enfeitar o hospital para o grande dia do Arraiá do Seu Getúlio, nome que foi batizada a festa mais tradicional, devido o hospital se chamar Getúlio Vargas.

Nesse dia, todos se integram, médicos, enfermeiras, assistentes sociais, nutricionistas, psicólogos, auxiliares e técnicos de enfermagem, pessoal da limpeza. "No Arraiá, todos somos iguais, aqui ninguém é conhecido pela profissão que exerce dentro do HGV, mas todos somos quadrilheiros", explica a auxiliar de Serviços Gerais, Arlene Marques, a rainha caipira deste ano.

A integração desses "quadrilheiros" é exemplo para todos. Quem é quadrilheiro também faz parte do Grupo de Trabalho de Humanização-GTH e quando é convocado para o serviço, permanece sempre o espírito de solidariedade e compromisso com todo o hospital. "Nós vestimos a camisa da Instituição, somos unidos, o problema de um, é de todos". Fala emocionado o auxiliar de serviços gerais, Edvaldo de Sousa, que há 12 anos dança no Arraiá do Seu Getúlio.

Durante a confecção das bandeirinhas de São João para serem colocadas no terreiro, até os acompanhantes ajudam, os pacientes que podem se locomover assistem a apresentação da quadrilha composta pelos funcionários, que se engajam com afinco durante todo o processo de ensaio até o grande dia.

"Esse é o momento de amenizar o estresse, principalmente para nós que trabalhamos num hospital de alta complexidade como o HGV", explica o médico e diretor, Noé Fortes.

Mulheres visitam a Maternidade antes do parto

Enviado por wagcst, qui, 29/07/2010 - 13:54 – 13votos

O primeiro grupo de grávidas e familiares visitou as dependências do Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth (HMINSN) nesta quarta. A ação chamada de "Enquanto o bebê não chega" visa amenizar a ansiedade das grávidas e também dos pais. O trabalho faz parte do acolhimento, formato criado pela maternidade em parceria com a Assessoria de Humanização, da Secretaria Estadual de Saúde de Roraima (Sesau) e oferece aos casais palestras e conversas visando garantir a tranquilidade na hora do parto.

Eliane Carvalho está grávida de sete meses e ficou sabendo da oportunidade através da imprensa. Ela conta que está fazendo o pré-natal regularmente e que conhecer os processos antes do parto é muito válido. "Sei que assim, não preciso pagar um hospital particular, e posso ter minha filha sem preocupação", afirmou a futura mamãe.

O marido de Eliane, o autônomo Velber da Silva disse que está mais nervoso que a esposa. Ele disse que aguarda ansioso a filha Júlia e que enquanto isso vai fazendo de tudo para ficar calmo. "Pude conhecer a estrutura e fiquei satisfeito. Agora sabemos como funciona o processo", falou.

A dona de casa Natália Veras também relatou a ansiedade para a chegada do primeiro filho. Ela disse que espera as dores e emoções no dia do parto, mas que mesmo assim espera superar com o nascimento do filho Ícaro. "Assim podemos saber da realidade da maternidade. O parto está marcado para meados de agosto e espero que tudo dê certo", explicou.

A médica, residente em obstetrícia, Andréa Pereira disse que a visita antes do nascimento do bebê é muito importante para ajudar às mães. "Tendo este suporte, ela (grávida) chegará orientada e sabendo como tudo acontece. A questão psicológica vale muito neste momento", enfatizou. O assessor de Humanização, Wagner Costa, disse que o apoio emocional é apenas uma, de várias medidas desenvolvidas pela unidade. "Esta ferramenta melhora o processo e nos aproxima das mães e seus acompanhantes", completou.

A idéia é fazer com que mãe e acompanhante aprendam sobre aleitamento materno e várias outras medidas simples que possam fazer com que o parto seja menos traumático. Os presentes recebem folders informativos e visitam ainda todos os setores da unidade. A expectativa é atender, neste primeiro momento, 60 mães por mês, além dos acompanhantes. Os encontros acontecerão às quartas-feiras, sempre de 10h30 às 12h.

De acordo com a diretora de ensino e pesquisa da Maternidade, Bianca Costa, é necessário o agendamento por meio do (95) 4009-4916, para que as pessoas possam participar. "De acordo com os especialistas, com as visitas teremos mães mais calmas e preparadas para o parto. Isso faz parte da humanização feita através de várias iniciativas na unidade", disse Bianca.

CATEGORIA 2: *Posts de reflexão*

TÓPICO 1: SUS e PNH: posts considerando seus princípios e a atenção e gestão da saúde.

Exemplo:

Saúde Mental e a Atenção Básica

Enviado por Ariane Scotti d..., qua, 13/10/2010 - 11:56 – 10 votos^{CXXXVIII}
[...]

A IMPORTÂNCIA DA REALIZAÇÃO DE AÇÕES EM SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO BÁSICA

Os princípios e diretrizes da Saúde Mental na Atenção Básica consideram o ser humano na sua integralidade, e na inclusão social do portador de transtorno mental, vindo ao encontro da proposta para o desenvolvimento, amadurecimento e prática da Reforma Psiquiátrica.

O Sistema Único de Saúde tem como princípios o acesso universal, público e gratuito às ações e aos serviços de saúde, à integralidade das ações, à equidade da oferta de serviços, sem preconceitos ou privilégios de qualquer espécie, à descentralização político-administrativa, com direção única do sistema em cada esfera de governo e ao controle social das ações, exercido pelos Conselhos de Saúde com a participação popular, prestadores de serviço, organizações da sociedade civil e instituições formadoras.

A gestão da Política de Saúde Mental é tarefa complexa, descentralizada, com diversos níveis de decisão e de controle social. A III Conferência Nacional de Saúde Mental forneceu os substratos políticos e teóricos para a Política de Saúde Mental no Brasil.

Com a rede de atenção à saúde mental de base comunitária, para a sua construção é necessário um movimento permanente, direcionado para os outros espaços da cidade, em busca da emancipação das pessoas com transtornos mentais. As equipes da atenção básica por estarem próximas das famílias e comunidades, são estratégicas para o enfrentamento de importantes problemas de saúde pública, como os agravos vinculados ao uso abusivo de álcool, drogas e transtornos mentais.

Para que um dos principais desafios da Reforma Psiquiátrica (o processo amplo de inclusão social e promoção da cidadania das pessoas com transtornos mentais) seja efetivado, é necessária a potencialização do trabalho como instrumento de inclusão social dos usuários dos serviços.

Desse modo, para que o princípio da integralidade seja cumprido, é imprescindível o fortalecimento de uma política efetiva de formação continuada, tendo como uma de suas prioridades o envolvimento das equipes de saúde mental com as de atenção básica.

Entretanto, sabe-se que a atenção básica muitas vezes não apresenta condições para realizar a missão de desenvolver ações em saúde mental. Por este motivo, o Ministério da Saúde vem se dedicando em suas políticas à ativa avaliação da atenção básica, para que as estratégias visem à inclusão dos problemas mais frequentes de saúde mental.

O Ministério da Saúde reconhece que a maioria dos transtornos mentais leves ou moderados está sendo atendida na atenção básica, seja nos grandes e pequenos municípios, principalmente pelas equipes de Saúde da Família. Esta condição determina um grande compromisso e responsabilidade em relação à produção de saúde, à eficácia das práticas, à promoção de equidade, da integralidade e da cidadania por parte dos profissionais envolvidos, especialmente em relação aos pequenos municípios, onde não é implantado o CAPS pelo número de habitantes.

Das propostas aprovadas na III Conferência Nacional de Saúde Mental, considera-se importante ressaltar que as equipes da Estratégia de Saúde da Família devem ser capacitadas para garantir a prática de saúde com integralidade e a incorporação à rede de saúde mental do município. Essa capacitação deve ocorrer através da parceria de universidades e órgãos do Sistema Único de Saúde, sendo financiada pelos gestores.

Considerando-se ainda as propostas da III Conferência Nacional de Saúde Mental, destaca-se a importância de garantir ações de saúde mental na atenção básica. São elas: visita domiciliar, potencialização de recursos comunitários, atendimentos em grupo e individuais, em articulação com os profissionais de saúde mental.

Dentre as ações de prevenção em saúde mental na Atenção Básica estão os grupos de gestantes, de hipertensos e diabéticos, de idosos, de portadores de doenças crônicas, de obesos, de jovens e outros, e entre estes se destaca o de familiares.

Por fim, que a atenção básica inclusa na rede de saúde mental, ajude na construção de um sistema de saúde sólido e eficaz no Brasil.

CATEGORIA 2: *Posts de reflexão*

TÓPICO 2: Vida em sociedade: posts abordando temas relacionados ao contexto social, local, nacional ou internacional.

Exemplos:

Futebol, Arte, Paixão e Dinheiro

Enviado por Erasmo Ruiz, seg, 21/06/2010 - 09:05 – 13votos^{CXXXIX}

Ontem mais uma vez o país parou, e ainda com a obra e graça de ser um domingo. Milhões juntaram-se em torno da televisão ao som de vuvuzelas e a voz de Galvão Bueno competindo em pé de igualdade com elas. Vibramos felizes com gol de mão e braço e nos indignamos irados com a expulsão do belo cristão Kaká, bom moço que inventou a cotovelada defensiva.

Mas passado o momento da catarse do afeto futebolístico, é necessária uma dose de bom senso, nem que homeopática. Desde os meus tempos de menino - a vibrar com os gols de Jairzinho e Pelé na copa de 70, imerso na magia do futebol, elo que "irmanava" militares torturadores e guerrilheiros urbanos do impossível no auge da ditadura - eu não tinha visto uma copa tão chata, repleta da mesmice do futebol feio pontilhada de empates e de "1X0". Diria que é uma copa do "clichê", onde os jogadores vão assumindo cada vez mais a sua preocupação em aparecer diante da tela não para representar uma metáfora chamada "nação" mas principalmente aumentar a cotação do contrato publicitário.

Nós alimentamos com nossa alegria e dinheiro um negócio montado pelos europeus que absorvem nossos recursos humanos a peso de ouro. Os esquemas táticos estão disponíveis no mercado. Os técnicos de jogadores limitados sabem objetivamente o que fazer diante dos talentos, tudo descrito e previsto pela frieza das estatísticas. O futebol pode ser hoje reduzido a uma planilha de cálculo, fenômeno que já aconteceu com o Vôlei e o Basquete

Mas não é só isso. A situação atual lembra a fábula da galinha dos ovos de ouro". A primeira coisa sacrificada diante dos interesses econômicos dos times e empresas que os patrocinam é o esporte, sua beleza enquanto arte e técnica. A copa acontece no final da temporada europeia quando os jogadores estão extenuados. As exigências de campeonatos e patrocinadores impedem tempo ideal para que as seleções possam produzir entrosamento e um jogo mais coordenado. O resultado é este. Times formalmente mais fortes são batidos diante de seleções medíocres, os jogos se arrastam, ficam monótonos.

O Brasil exporta centenas de jogadores para a Europa. Mas os europeus estão inaugurando agora uma nova forma de "trabalho infantil". Ao invés de pagar caro por um jogador já formado na América latina, eles agora o levam ainda menino para a Europa, "livrando" essa pobre criança das agonias do subdesenvolvimento. A globalização do futebol leva a globalização das técnicas de treinamento e preparo físico. Estamos marchando para a mesmice e a chatice onde a artesanian vai cedendo espaço para uma espécie de fordilização do esporte.

Mas vamos seguindo adiante. Essa semana jogaremos com Portugal e na próxima fase enfrentaremos Espanha ou Suíça. O Brasil vai parar para que milhões possam ter seu momento de glória enquanto aprendemos nessa ou naquela mensagem publicitária do cartão de crédito que existem coisas que o dinheiro ainda não pode comprar. Enquanto o SUS se arrasta numa crise de vida e morte que vai se refletindo na saúde da população e por decorrência impactando na vida, teremos muito recurso público para investir decididamente na melhoria da infraestrutura das cidades para a Copa de 2014 e as olimpíadas de 2016. Seria maravilhoso que em meio ao concreto dos estádios, às linhas de metrô em expansão e na ampliação do parque hoteleiro pudéssemos colocar em planejamento a redução da mortalidade infantil e materno-infantil, a eliminação do analfabetismo de adultos e a erradicação do trabalho escravo e infantil. Mas já ganhamos 5 copas com terríveis estatísticas sociais. Podemos ser "hexa" e "hepta" com elas.

Bem vindo ao Deserto do Real, ou, Como Será a Vida depois da Tomada do Alemão?

Enviado por Altair Massaro, qua, 01/12/2010 - 11:21 – 12votos^{CXL}

A classe média carioca, o "asfalto" como se diz por lá, com reflexo em toda sociedade brasileira, vive em meio à violência. Nisso não há nada de novidade. O que tem sido tomado como natural é o senso comum de que a origem desta violência está localizada nas classes pobres, nos favelados. Afinal, são

eles que portam as armas, são donos do tráfico, imprimem o terror. Claro, não se podem excluir as exceções, mas por serem raras, quando ocorrem, ocupam cada centímetro das colunas jornalísticas. A "retomada" do Complexo do Alemão, desalojando o mal que lá se concentrava, pelas forças do aparelho de guerra do Estado, sinaliza, neste sentido, um alento a toda sociedade. É evidente que isso não deve ser desqualificado. Havia - e ainda há - muito sofrimento ali, como em muitos núcleos nas cidades deste país, sendo lógico que as ações, que todos podemos acompanhar confortavelmente instalados em nossos sofás, poderão promover outra maneira de viver da população local. A questão é exatamente o: "e agora?". Será que a ideia do mal encarnado num seguimento social, num certo espaço físico, num demônio tatuado, portando fuzil e com a cara cheia de crack ainda dominará nossas fantasias, ocupando o lugar da realidade? Quem sabe, de outro modo, podemos, em vista de tanto sofrimento, compreender de fato e de direito todo aspecto do modo de vida característico de nossa era, o que se passa com nossa sociedade, a responsabilidade de cada indivíduo no que ocorre ao seu redor. Lembrei-me, a respeito disso, de um texto do filósofo Slavoj Žižek sobre os acontecimentos de 11 de setembro, que reproduzo abaixo, e que, de alguma maneira, nos coloca defronte a um real, do qual, insistentemente, procuramos fugir.

BEM VINDO AO DESERTO DO REAL Slavoj Žižek (Fonte: Jornal "Folha de São Paulo"), extraído de <http://www.cefetsp.br/edu/eso/terrorismousa/Slavojatentado.html> - 23 de setembro 2001 - Queda do World Trade Center ruiu percepção de que EUA poderiam viver em um mundo de especulações desconectadas da esfera da produção material e força país a atravessar tela fantasmática que o separa do exterior A fantasia paranoíca americana máxima é a de um indivíduo vivendo em uma pequena e idílica cidade californiana, um paraíso consumista, indivíduo que de repente começa a suspeitar que o mundo no qual vive seja falso, um espetáculo encenado para convencê-lo de que ele vive em um mundo real, enquanto todas as pessoas à sua volta são efetivamente atores e figurantes em um programa gigante. O exemplo mais recente disso é "The Truman Show" (1998), de Peter Weir, com Jim Carrey no papel de um vendedor de seguros da cidadezinha que gradualmente descobre ser o protagonista de um programa de TV permanente e transmitido 24 horas por dia: sua cidade natal é construída dentro de um gigantesco set de filmagem, com câmeras que o seguem permanentemente. Entre seus predecessores, vale a pena mencionar o livro "Time Out of Joint" (Tempo Fora dos Eixos), de Philip K. Dick, no qual o protagonista, vivendo uma vida cotidiana modesta na mesma idílica cidade californiana no final dos anos 50, gradualmente descobre que a cidade inteira é um embuste encenado de forma a mantê-lo satisfeito... A experiência subjacente de "Time Out of Joint" e "The Truman Show" é que o paraíso consumista californiano do capitalismo tardio é, em sua própria hiper-realidade, de certa forma irreal, insubstancial, privado de inércia material. Então não é apenas Hollywood que encena uma aparência de vida real privada do peso e da inércia da materialidade -na sociedade consumista do capitalismo tardio, a própria "vida social real" de algum modo adquire características de uma sociedade encenada, com nossos vizinhos na vida "real" agindo como atores e figurantes... Novamente a verdade máxima do universo capitalista, utilitário e desespiritualizado, é a desmaterialização da própria "vida real", a inversão desta em um show espectral. Entre outros, Christopher Isherwood deu expressão a essa irrealidade da vida cotidiana norte-americana, exemplificada no quarto de motel: "Motéis norte-americanos são reais! (...) Eles são deliberadamente projetados para serem irrealis. (...) Os europeus nos odeiam porque nós nos retiramos para viver dentro de nossas propagandas, como ermitões entrando em cavernas para se dedicar à contemplação". O conceito de Peter Sloterdijk de "esfera" é aqui literalmente realizado, como a gigantesca esfera de metal que envolve e isola a cidade inteira. Anos atrás, uma série de filmes de ficção científica como "Zardoz" (1974) e "Logan's Run" (1976) prognosticou a condição pós-moderna atual ao estender essa fantasia à própria comunidade: o grupo isolado vivendo uma vida asséptica em uma área isolada ambiciona a experiência de um mundo real de decadência material. "Matrix" (1999), o hit dos irmãos Wachowski, trouxe essa lógica ao seu ápice: a realidade material que todos nós experimentamos e vemos à nossa volta é uma realidade virtual, gerada e coordenada por um gigantesco megacomputador ao qual estamos todos conectados; quando o herói (papel desempenhado por Keanu Reeves) desperta na "realidade real", ele vê uma paisagem arrasada plena de ruínas queimadas -o que restou de Chicago após uma guerra mundial. O líder da resistência Morpheus pronuncia a saudação irônica: "Bem-vindo ao deserto do real". Não foi algo da mesma ordem que ocorreu em Nova York no dia 11 de setembro? Seus cidadãos foram apresentados ao "deserto do real" - para nós, corrompidos por Hollywood, a paisagem e as cenas que vimos das torres arruinadas não puderam deixar de nos lembrar das sequências mais impressionantes dos grandes filmes de catástrofe. Ao ouvir como os ataques foram um choque totalmente imprevisto, como o inimaginável impossível aconteceu, deve ser lembrada outra catástrofe definidora, do começo do século 20: aquela do Titanic. Também foi um choque, mas o espaço para ele já havia sido preparado em fantasias ideológicas, já que o Titanic era o símbolo do poder da civilização industrial do século

19. O mesmo não é verdade para esses ataques? Não apenas a mídia nos bombardeava o tempo todo falando da ameaça terrorista; essa ameaça era também obviamente libidinalmente investida - basta lembrar a série de filmes, de "Fuga de Nova York" a "Independence Day". O impensável que aconteceu era portanto o objeto de fantasia: de certo modo, os EUA receberam aquilo que era o objeto de suas fantasias, e isso foi a surpresa maior. É precisamente agora, quando estamos lidando com o real cru da catástrofe, que devemos ter em mente as coordenadas ideológicas e fantasmáticas que determinam a percepção dela. Se há algum simbolismo no colapso das torres do World Trade Center, ele não é tanto a antiga noção de "centro do capitalismo financeiro", mas, ao contrário, a noção de que as duas torres representavam o centro do capitalismo virtual, de especulações financeiras desconectadas da esfera da produção material. O impacto estilizador dos ataques só pode ser medido contra a fronteira que hoje separa o Primeiro Mundo digitalizado do Terceiro Mundo "deserto do real". É a consciência de que nós vivemos em um universo artificialmente isolado que gera a noção de que um agente ominoso nos ameaça todo o tempo com a destruição total. Foi, conseqüentemente, Osama bin Laden a mente criminoso que surgiu como a principal suspeita dos ataques, e não a contraparte na vida real de Ernst Stavro Blofeld, o mestre criminoso na maioria dos filmes de James Bond, envolvido em atos de destruição global. O que deve ser lembrado aqui é que o único lugar em filmes hollywoodianos em que nós vemos o processo de produção em toda a sua intensidade aparece quando James Bond penetra o domínio secreto do mestre criminoso e localiza ali o lugar de trabalho intenso (destilação e embalagem das drogas, construção do míssil que destruirá Nova York...). Quando o mestre criminoso, após capturar Bond, o leva em um passeio por suas instalações ilegais - não é isso o mais próximo que Hollywood chega de uma orgulhosa apresentação socialista-realista da produção em uma fábrica? E a função da intervenção de Bond, é claro, é explodir em fogos de artifício o local de produção, permitindo a nós o retorno ao aspecto diário de nossa existência em um mundo com a "classe trabalhadora em desaparecimento". Não foi isso que aconteceu na explosão das torres do World Trade Center, essa violência, comumente dirigida ao ameaçador Exterior, voltada contra nós? A esfera segura em que os americanos vivem é experimentada como sob uma ameaça constante do Exterior de ataques terroristas, que são impiedosamente auto-sacrificantes e também covardes, que são afiadamente inteligentes e também bárbaros primitivos. Sempre que encontramos um mal tão puro no Exterior, nós devemos reunir a coragem para apoiar a lição hegeliana: nesse Exterior puro, nós devemos reconhecer a versão destilada de nossa própria essência. Pois nos últimos cinco séculos a prosperidade e paz (relativas) do Ocidente "civilizado" foram compradas pela exportação de impiedosa violência e destruição ao Exterior "bárbaro": a longa história desde a conquista da América ao massacre no Congo. Por mais que soe cruel e indiferente, nós também deveríamos, agora mais do que nunca, ter em mente que o efeito desses ataques é de fato muito mais simbólico do que real. Os EUA apenas provaram o que acontece no resto do mundo diariamente, de Sarajevo a Grozni, de Ruanda e do Congo a Serra Leoa. Se forem adicionados à situação em Nova York atiradores de elite e estupros em massa, é possível ter uma idéia do que era Sarajevo uma década atrás. Foi quando assistimos na tela de TV ao colapso das duas torres do World Trade Center que se tornou possível experimentar a falsidade dos "reality shows" da TV: mesmo se esses shows forem "de verdade", as pessoas ainda atuam neles - elas simplesmente atuam como elas mesmas. O aviso padrão em um romance ("as personagens deste texto são ficcionais, qualquer semelhança com pessoas da vida real é mera coincidência") também é verdade para os participantes dessas novelas "reality": o que vemos lá são personagens ficcionais, mesmo se eles atuam como si próprios "de verdade". É claro, o "retorno ao real" pode receber diferentes desvios: comentaristas de direita, como George Will, quase imediatamente proclamaram o fim das "férias" que os EUA haviam tirado da história - o impacto da realidade tendo estilizado a torre isolada da atitude liberal tolerante e o enfoque dos "estudos culturais" na textualidade. Agora nós somos forçados a revidar, a lidar com inimigos reais no mundo real... Entretanto revidar contra quem? Qualquer que seja a resposta, ela nunca atingirá o alvo exato, trazendo-nos satisfação completa. Há uma verdade parcial na noção de "choque de civilizações" atestada aqui - um testemunho exemplifica a surpresa do americano médio: "Como é possível que eles tenham tanto desapego a suas próprias vidas?". Não é o outro lado dessa surpresa o triste fato de que nós, em países do Primeiro Mundo, achamos cada vez mais difícil até imaginar uma causa pública ou universal pela qual sacrificar a própria vida? Ideologia hegemônica Quando, após os atentados, até mesmo o ministro das Relações Exteriores do Taleban disse que podia "sentir a dor" das crianças americanas, isso não foi uma confirmação do papel ideológico hegemônico dessa "frase registrada" de Bill Clinton? Além disso, a noção dos Estados Unidos como um porto seguro, é claro, é também uma fantasia: quando um nova-iorquino comentou sobre como, após os atentados, não é mais possível andar com segurança pelas ruas da cidade, a ironia disso foi que, bem antes dos ataques, as ruas de Nova York eram famosas pelo perigo de ser atacado ou, no mínimo, assaltado -

se alguma mudança houve, o que esses atentados criaram foi um novo sentimento de solidariedade, com cenas de jovens afro-americanos ajudando um velho senhor judeu a atravessar a rua, cenas inimagináveis há alguns dias. Agora, nos dias imediatamente subsequentes aos ataques, é como se nós estivéssemos em um tempo único entre um evento traumático e o seu impacto simbólico, como naqueles momentos em que nos cortamos profundamente e a dor ainda não nos atingiu por completo -ainda está em aberto o modo como os eventos serão simbolizados, qual será sua eficácia simbólica, que atos eles serão chamados a justificar. Mesmo aqui, nestes momentos de incomparável tensão, essa associação não é automática e sim contingente. Já há os primeiros maus presságios; no dia após os ataques, eu recebi uma mensagem de um jornal que estava prestes a publicar um longo texto meu sobre Lênin, dizendo que haviam decidido adiar a publicação -havam considerado inoportuno publicar um texto sobre Lênin imediatamente após os atentados. Será que isso não aponta para ominosas rearticulações ideológicas que se seguirão? Uma ilha incluída Nós ainda não sabemos que consequências, na economia, na ideologia, na política, na guerra, terá esse evento, mas uma coisa é certa: os EUA, que, até este momento, se acreditavam uma ilha excluída desse tipo de violência, testemunhando acontecimentos como esse pela distância segura da tela de TV, estão agora diretamente envolvidos. Então a alternativa é: vão os americanos decidir fortificar ainda mais sua "esfera" ou vão arriscar-se a sair dela? Ou os Estados Unidos vão persistir nessa atitude de "por que isso deveria acontecer a nós? Coisas assim não acontecem por aqui!", quem sabe até fortalecer essa atitude, levando a mais agressividade contra o Exterior ameaçador, em resumo: a uma atuação paranóica. Ou os Estados Unidos vão finalmente arriscar-se a atravessar a tela fantasmática que os separa do mundo exterior, aceitando a chegada deles ao mundo real, fazendo a passagem já por demais atrasada do "uma coisa assim não deveria acontecer por aqui!" para "uma coisa assim não deveria acontecer em lugar nenhum!". As "férias da história" dos EUA foram um embuste: a paz americana foi comprada por meio de catástrofes que aconteceram em outros lugares. Aí reside a verdadeira lição dos atentados: o único modo de assegurar que não acontecerão novamente é evitar que aconteçam em qualquer lugar. (Slavoj Žižek é filósofo esloveno, professor do Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana, autor de "Eles Não Sabem O que Fazem" e "Um Mapa da Ideologia". Escreve mensalmente na seção "Autores", do Mais!.) -Tradução de Victor Aiello Tsu -

CATEGORIA 2: *Posts de reflexão*

TÓPICO 3: Práticas de saúde: reflexão crítica ou elogiosa sobre alguma prática específica.

Exemplo:

O Convívio Com a Morte No Exercício Profissional

Enviado por Erasmo Ruiz, ter, 12/10/2010 - 13:18 – 13votos^{CXLI}

O texto aqui apresentado é um resumo da exposição feita no 9o Congresso Brasileiro da Dor, realizado em Fortaleza entre 6 e 9 de outubro de 2010, durante o Simpósio Satélite de Cuidados Paliativos. A apresentação no formato "power point" pode ser vista acima.

Começamos nossa exposição convidando os presentes a refletirem sobre os dados da pesquisa da Revista "The Economist" sobre o índice de qualidade de morte onde o Brasil ocupava o 38o lugar entre 40 países investigados, a frente apenas de Uganda e Índia. Concluímos que isso acontecia porque no Brasil se morria mau, principalmente pela forma que os pacientes moribundos eram assistidos em correlação com a ausência de uma rede efetiva de cuidados paliativos. Dados recentes sinalizam que o Brasil teria algo em torno de 355 leitos para cuidados paliativos, número este claramente insuficiente.

Assim, parece que nosso convívio com a morte é caracterizado por comportamentos que afirmam sua negação, o que leva os pacientes a serem cuidados de forma inadequada. A consequência disso é a amplificação do sofrimento de pacientes e familiares bem como o desgaste físico e emocional dos profissionais de saúde. Foi enfatizado que isso não se dá necessariamente porque as pessoas sejam perversas, muito pelo contrário.

Os profissionais aprendem a lidar com a morte apenas a partir da significação da dor de experiências negativas. No início de suas carreiras, ao estabelecerem vínculos afetivos com os pacientes, acabam perdendo muitos deles, um após o outro. Aqui utilizamos a metáfora da adolescente que vai perdendo seus parceiros afetivos. Com o passar do tempo não conseguirá mais estabelecer vinculações emocionais onde haja maior envolvimento por conta do medo da perda que fatalmente ocorrerá novamente.

Há que se buscar então uma nova forma de se lidar com a morte que se afaste de representações negativas de cunho belicista ("luta contra a morte", "enfrentamento da morte", "combate cintra a morte") por outras que vejam a morte como um aspecto da existência humana que devemos entender para produzirmos saúde e vida. As metáforas de "enfrentamento" são altamente frustrantes na medida em que nos coloca num falso jogo competitivo onde sempre perderemos a luta.

Na sua parte final a exposição avança para maneiras como abordar a problemática da morte nos serviços destacando para as necessidades de se mudar a ambiência da morte (necrotérios humanizados que permitam ambiente adequado e a realização de pre-velório), legitimação dos comportamentos de luto (crítica sobre a medicalização da dor e do sofrimento decorrentes das perdas já que estas expressões seriam naturais e não propriamente "doenças") e busca de alternativas para que os "ruídos" no entorno da morte possam ser trabalhados de maneira adequada no espaço institucional (formação de rodas de discussão onde os trabalhadores possam falar sobre o próprio sofrimento decorrente da perda de pacientes bem como buscar soluções para tornar o trabalho no entorno da morte mais humanizado, construindo modificações na forma como é realizado).

Encerrando, buscamos enfatizar que em termos da vulnerabilidade e do sofrimento não existem diferenças entre pacientes e nós no papel de cuidadores. Ao mesmo tempo em que buscamos construir nossa felicidade, somos seres que também temos que aprender a lidar com perdas e com nossas vulnerabilidades. Essa problemática é fundamental para todos os trabalhadores de saúde mas tem sua marca mais evidente no trabalhador médico que pode ser vítima do seu próprio narcisismo ao ser responsabilizado pela manutenção do bem mais importante para qualquer ser humano: a vida! Ainda assim, acreditar ser um "super-herói" não muda a realidade de que os "heróis" sofrem, envelhecem e morrem.

CATEGORIA 2: *Posts de reflexão*

TÓPICO 4: Teóricos: posts que apresentavam e discutiam ideias de outros autores, muitos pertencentes ao âmbito acadêmico.

Exemplo:

A franqueza de Jacques Derrida (ou simplesmente: da palavra “acolhimento”)

Enviado por Pablo Dias Fortes, qua, 17/03/2010 - 09:14 – 10votos^{CXLII}

Filósofo nascido na Argélia, então uma simples colônia francesa, Jacques Derrida (1930-2004) foi uma figura que sempre desafiou o pensamento à experiência de seus próprios limites. Analisando o discurso filosófico dominante sob o que acabou sendo, por esse mesmo motivo, também chamado de “desconstrução”, sua argúcia consistia exatamente em apontar, para o desconforto de muitos, a condição potencialmente equívoca de qualquer significado. Em oposição à ideia de que a linguagem seria, portanto, um território absolutamente seguro, imune a processos de incerteza e instabilidade, Derrida demonstrou justamente que, sem tal característica, era o próprio fenômeno da significação que se tornaria impensável. A condição potencialmente equívoca do significado teria a ver, pois, com essa estrutural abertura (carência?) da linguagem, com esse eterno adiamento do sentido em cujo rastro, porém, será sempre possível alguma prática filosófica... Eis aí a profunda generosidade da chamada “desconstrução”. Já li alguns de seus comentadores dizerem que todo esse “malabarismo” teórico (no fundo, mal sabem o quanto haveria nisso de elogio) se deve a aspectos da própria biografia de Derrida. Nascido, como já foi dito, na então colônia francesa da Argélia, desde cedo experimentou a fugacidade de toda e qualquer classificação, a interdição filosófica de centros e essências. Alfabetizado em francês, língua nativa do colonizador, foi com ela que teve de aprender, por exemplo, a interpretar o episódio de sua própria expulsão da escola (de origem judaica, Derrida também foi alvo, quando criança, da repressão anti-semita que havia reduzido de 14 para 7% as cotas de judeus na escola). Terrivelmente paradoxal essa tarefa: traduzir, no idioma proclamador das Luzes, tamanha fratura nessa mesma história. A seguir, um pouco mais da profunda generosidade desse filósofo franco-argelino (e aqui me remeto imediatamente ao trocadilho do título), lembrando-nos, sempre como alerta, da potencial equivocidade da própria palavra “acolhimento”. Sobretudo agora que o nosso sistema de saúde avança na consolidação de princípios e diretrizes, territorializando valores e formas de vida, não custa lembrar também que toda aposta comporta riscos. Com a palavra, Jacques Derrida: “(...) Para ter a audácia de dizer boas-vindas, insinua-se talvez que se está na própria casa, que se sabe o que isto quer dizer, estar em casa, e que em casa se recebe, convida ou oferece hospitalidade, apropriando-se assim de um lugar para *acolher* o outro, ou pior ainda, *acolhendo* aí o outro para apropriar-se de um lugar e falar então a linguagem da hospitalidade (...)” (DERRIDA, Jacques. A palavra Acolhimento. In: --- Adeus a Emmanuel Lévinas. Ed. Perspectiva: SP. pp. 33-34, 2004)

CATEGORIA 2: *Posts de reflexão*

TÓPICO 5: RHS: reflexões sobre a própria Rede.

Exemplo:

Retornando ao fluxo da correnteza virtual.

Enviado por Rejane Guedes, qui, 19/08/2010 - 11:25 – 11 votos^{CXLIII}

Bom dia humanizadores das correntezas virtuais e das ilhas reais de nossa existência. Passei alguns dias fora do ar , desconectada desse mundo virtual que possui potência e efeitos reais. Ainda estou tentando ajustar a rotina aos novos caminhos sulcados pelo rio da vida... Quando a primavera (setembro) chegar ,tenho certeza que encontrarei os jardins floridos.(pelo menos é isso que nutro em meu canteiro de esperança) Reencontro a rede em intensa atividade. Levarei alguns dias para ler todas as mensagens. Concordo que a reação respeitosa de alguns participantes aos problemas de ordem técnica que têm ocorrido no acesso ao sistema da RHS revelam a valorização e a credibilidade desta rede, além da importância dessa forma de comunicação na vida das pessoas. Encaro como uma demonstração de que a relação em rede promove encontros muito mais fortes do que imaginamos. Quem está por aqui sabe que é fácil e prazeroso cair no vício da conexão. Não queremos nos desplugar. Em rede transpomos espaços além tempo e tempos além de espaços. Estamos juntos em ondulações de frequências variadas que repercutem em nossos modos de pensar, de agir, de ressignificar. O apoio em momentos difíceis, a soma de alegrias, o compartilhamento de descobertas, a degustação de momentos, de risos e de lágrimas, produz efeitos multiplicadores, efeitos polifônicos, efeitos desterritorializantes e reterritorializantes, nessa seara 'geofilosófica' que expandimos para o cotidiano de nossas práticas em saúde e nossos universos familiares. Na rede somos avatares que se confundem com nossos avatares de realidade. Aqui podemos nos desnudar ou nos ocultar, lutar ou fugir, temer ou acreditar. Somos quem somos, quem gostaríamos de ser, quem pensam que somos e quem jamais seremos. Isso me faz lembrar da sabedoria oriental que recomenda 'DEIXAR PASSAR'. Alegria e tristeza, decepções e glórias, vaidades e humildade, homenagens e perseguições também passam. Mas sinto que aquilo ao qual atribuímos algum sentido produz efeitos atemporais em nossas escolhas presentes e futuras. Ressurge em nossos atos , em nossa coragem para jogar tudo para o alto e recomeçar , em nossa coragem de abordar temas polêmicos como a morte, a privatização daquilo que é público, a micropolítica dos desejos, a implantação de novas experiências fora dos padrões pré-estabelecidos e tantas outras Desejo à tod@s aquilo que possa lhes proporcionar bem estar, dentro e fora da rede. Saudações solares. Rejane Guedes- Natal/RN

CATEGORIA 2: *Posts de reflexão*

TÓPICO 6: Crônicas e poesias.

Exemplo:

PELO ECO DA UTOPIA NOSSO SER SE FAZ SENTIREnviado por raylimalima, sex, 19/02/2010 - 23:02 – 16votos^{CXLIV}***Ciranda de bonecas - de Regina Lima***

*Amor, o teu balanço leve, doce e manso
fortalece nustos sueños de latinoamérica
de latinoamérica, de América Latina.*

Pase lo que pase
pelo eco da utopia
Pase lo que pase
me hago en sueño, faço amor;
Pase lo que pase
pelo amor me acho em ti;
Pase lo que pase
nosso ser se faz sentir.

Pase lo que pase
resguardar la vida, vamos!
Pase lo que pase
inicitari la utopia.

*Amor, tu balance leve, dulce y manso
fortalece nustos sueños de latinoamérica
de latinoamérica, de América Latina.*

Pase lo que pase
ao dizer me faço ouvir.
Pase lo que pase
ao sonhar me deixo ver.
pase lo que pase
me dão à vida, algo vô.
Pase lo que pase
além de mim, contigo vou.

Pase lo que pase
resguardar la vida, vamos!
Pase lo que pase
inicitari la utopia.

ANEXO 4

DISTRIBUIÇÃO DOS COMENTÁRIOS POR ASSUNTOS
Exemplos em cada categoria

Exemplos de comentários categorizados como *Incentivo*.

[...] O trabalho interdisciplinar é fundamental para um SUS acolhedor. Aproveito a oportunidade para parabenizar os profissionais de Enfermagem e Serviço Social pela passagem dos dias 12 e 15 de maio (GOMES, 2010^{CXLV}).

[...] Pessoas... foi muito especial este encontro, como comentei, Sampa está observando... absorvendo... aprendendo... para ir em frente... sempre nosso muito obrigado... Beijos... Saudades... (CRESCENZO, 2010^{CXLVI}).

[...] Bacana essa iniciativa de postar seu trabalho aqui. Aos poucos, vamos ampliando a base de inteligência da Rede sobre o diverso e complexo escopo de questões a ela referidas! Valeu! (FORTES, 2010^{CXLVII}).

Exemplos de comentários categorizados como *Efeitos do post*.

[...] Poder entrar em contato com essas outras possibilidades de viver o morrer (nossa!) têm sido prá mim um ganho afectivo. No sentido de permitir-me, deixar passar, entrar num plano de afetação diferente do que sp foi antes. E a tua participação na rede é uma alavanca para isso. O velho e bom contágio!!! (SARDENBERG, 2010^{CXLVIII}).

[...] fiquei emocionada pela sensibilidade, suavidade, e encantamento que o seu relato me proporcionou através da riqueza dos detalhes das histórias e dos sentimentos presentes na Tenda do Conto, pois, mesmo vivendo momentos difíceis, somos encantados e esperançados pelos contos da Tenda...Lendo, comecei a imaginá-la, visualizar as pessoas falando, cantando, rimando, fazendo poesia, fazendo arte... Fui transportada para a Tenda, revivi momentos de prazer, de alegria e de inquietação São os contos que se presentificam, se personalizam, produzem sentidos e se tornam únicos. Falam da vida... Quem não a conhece, ficou conhecendo, sentiu a sua preciosidade e força na densidade das suas palavras... (VALENÇA, 2010^{CXLIX}).

[...] Aqui estamos muito envaidecidas, com tamanha generosidade. A forma como descreveu a nossa Tenda do Conto foi simplesmente maravilhosa, linda! Agradecemos a sua iniciativa de vir viver a nossa realidade, e descrevê-la tão divinamente (BARROS, 2010^{CL}).

Exemplos de comentários categorizados como *Continuidade à Reflexão*.

[...] Olha... Sem querer ser chato, mas preciso dizer que é o oposto, ou seja: não é a Redução de Danos que é contrária às diretrizes de trabalho em CAPSad, mas sim a exigência de abstinência. Ou seja: na verdade, o "problema" não está com a RD, mas com o CAPSad em que você trabalha. Agora, é preciso problematizar as próprias noções de RD, na hora de adaptá-las ao trabalho em CAPSad. Há uma ética do cuidado inerente à RD, e é esta ética que precisa ser observada em um CAPSad. Não dá pra deixar de acolher às pessoas que não conseguem parar de usar, por exemplo. Além disto, também se deve acolher os casos em que os usuários relatam ter melhorias quando substituem crack por maconha (o que não significa oferecer ou recomendar maconha). Enfim... É preciso rever conceitos... (PETUCO, 2010^{CLI}).

[...] E por falar em vida e trabalho, sua experiência nos diz sobre como a vida acontece no trabalho, onde há trabalho há vida... É isto, estou nesses dias agarrada com a produção de um texto sobre processo de trabalho e ergologia. Interessante que o conceito ergológico de trabalho como atividade humana nos diz das "dramáticas do uso de si" na realização do trabalho. Nesta concepção não há pura execução, como prega o taylorismo, mas uso de si 'pelo outro' e 'por si', e que sempre alguma coisa acontece no trabalho, como um drama, daí a noção de dramáticas do uso de si. Ao trabalhar fazemos escolhas, nos implicamos com nosso corpo, nossos valores, desejos, experiências, saberes, história. Enfim, por mais invisível que seja, sempre fazemos escolhas e nestas escolhas nos envolvemos com todo o corpo, daí a noção de 'corpo-si'. Vc nos mostra através de suas vivências no

trabalho, na concretude de seu relato, como seu corpo inteiro está implicado com o que faz. Obrigada por esta crônica da atividade! Beijo grande, e vamos sim esquentar esta nossa rede!! (TRAJANO, 2011^{CLII}).

[...] Bem importante a explicitação que você faz deste movimento (inevitável) de capturas e deslocamentos de posições, movimento de construção de outras entradas para continuarmos potentes em nossas grupalidades.

Falei "inevitável" porque penso que não tem outro jeito, este é o movimento da vida, do vivo: inventar e ser capturado, criar e repetir, colocar a experiência em análise e produzir desvios, mapear o que é mais potente e apostar novamente.....sempre!!

De uma brecha (demanda da secretaria do estado) vocês criaram um espaço "de escuta das demandas dos serviços de saúde, através de oficinas e atividades de dispersão". Em poucos meses o grupo passa a ser pautado por "demandas externas" e podemos inferir daí que ele vai ficando uma espécie de correia de transmissão de interesses de outras instâncias

Conforme vc vai narrando, vamos vendo "diagnósticos" e modos **compartilhados** de pensar e escapar das armadilhas. Isso é muito rico! (PAVAN, 2010^{CLIII}).

Referências da RHS:

- ^I SOUSA, E.A. Com, entre... 02 out. 2011. Comentário. In: TEIXEIRA, R. Produção de comum... 22 mai. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/6361-producao-de-comum>>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- ^{II} REDE HUMANIZASUS. Disponível em: <<http://redehumanizadasus.net/rede-hs>>. Acesso em: 05 abr. 2010.
- ^{III} REDE HUMANIZASUS. Disponível em: <<http://redehumanizadasus.net/rede-hs>>. Acesso em: 20 fev. 2012.
- ^{IV} REDE HUMANIZASUS. Disponível em: <<http://redehumanizadasus.net/node/1612>>. Acesso em: 20 fev. 2012.
- ^V REDE HUMANIZASUS. Disponível em: <<http://redehumanizadasus.net/node/1612>>. Acesso em: 20 fev. 2012.
- ^{VI} REDE HUMANIZASUS. Disponível em: <<http://redehumanizadasus.net/node/1612>>. Acesso em: 20 fev. 2012.
- ^{VII} REDE HUMANIZASUS. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/node/1612>>. Acesso em: 20 fev. 2012.
- ^{VIII} REDE HUMANIZASUS. Disponível em: <<http://redehumanizadasus.net/participantes>>. Acesso em: 26 fev. 2012.
- ^{IX} REDE HUMANIZASUS. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/node/1580>>. Acesso em: 20 fev. 2012.
- ^X TEIXEIRA, R. Rede HumanizaSUS: uma experiência de rede colaborativa como dispositivo de uma política pública. 13 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/11763-rede-humanizadasus-uma-experiencia-de-rede-colaborativa-como-dispositivo-de-uma-politica-publica>>. Acesso em 20 mar. 2012.
- ^{XI} MONTEIRO, S. Rede HumanizaSUS: Conhecendo a Rede no tempo. 10 set. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/11320-rede-humanizadasus-conhecendo-a-rede-no-tempo>>. Acesso em 20 mar. 2012.
- ^{XII} TEIXEIRA, R. Centralidade por interposição. 15 set. 2010. Comentário. In: MONTEIRO, S. Rede HumanizaSUS: Conhecendo a Rede no tempo. 10 set. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/11320-rede-humanizadasus-conhecendo-a-rede-no-tempo>>. Acesso em 20 mar. 2012.
- ^{XIII} SOUSA, E. A. Compromisso ético-político. 01 jul. 2010. Comentário. In: ANDUEZA, F. Oficina de inclusão digital – e a rede, como vai? 28 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/10624-oficina-de-inclusao-digital-e-a-rede-como-vai>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{XIV} TEIXEIRA, R. O destino do SUS e a formação em Saúde Coletiva. 16 nov. 2009. Comentário. In: CAMILO, C. Desafios e perspectivas das residências em saúde. 12 nov. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/8623-desafios-e-perspectivas-das-residencias-em-saude>>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- ^{XV} PIRES, M. Núvens de ideias e física teórica. 08 out. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/11449-nuvens-de-ideias-e-fisica-teorica>>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- ^{XVI} TEIXEIRA, R. Rede HumanizaSUS: uma experiência de rede colaborativa como dispositivo de uma política pública. 13 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/11763-rede-humanizadasus-uma-experiencia-de-rede-colaborativa-como-dispositivo-de-uma-politica-publica>>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- ^{XVII} TEIXEIRA, R. Uma outra visão cristã. 20 mar. 2009. Comentário. In: RUIZ, E. Quando termina o sentimento religioso e começa o obscurantismo. 05 mar. 2009. Disponível em:

<<http://www.redehumanizausus.net/4819-quando-termina-o-sentimento-religioso-e-comeca-o-obscurantismo>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

^{xviii} GUEDES, R. Sobre os conceitos. 30 nov. 2010. Comentário. In: PIRES, M. Notas sobre Biopoder – Parte I. 28 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11568-notas-sobre-biopoder-parte-i>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

^{xix} PIRES, M. Harry Potter e as Relíquias da Morte. 07 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11624-harry-potter-e-as-reliquias-da-morte>>. Acesso em: 27 mar. 2012.

^{xx} GUEDES, R. (Re)inventando mundos. 08 jan. 2011. Comentário. In: PIRES, M. Harry Potter e as Relíquias da Morte. 07 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11624-harry-potter-e-as-reliquias-da-morte>>. Acesso em: 27 fev. 2012.

^{xxi} ANDRADE, T. Obrigada pelo apoio. 09 ago. 2009. Comentário. In: _____. Artur Nogueira inicia classificação de risco. 09 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/7367-artur-nogueira-inicia-classificacao-de-risco>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

^{xxii} CONCY, M.C. O poder de encantar com as palavras. 07 fev. 2010. Comentário. In: GADELHA, J.A. Colegiado gestor da quinta região no RN: construindo novos caminhos. 04 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/9265-colegiado-gestor-da-quinta-regiao-no-rn-construindo-novos-caminhos>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

^{xxiii} ROSA, P. Um belo jardim. 03 mai. 2011. Comentário. In: _____. Era uma vez um grupo que sonhava. 02 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11783-era-uma-vez-um-grupo-que-sonhava>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

^{xxiv} GADELHA, J. A. A tenda do conto: Um espaço aberto para a sua história nas unidades de saúde de Natal-RN. 14 set. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/1931-a-tenda-do-conto-um-espaco-aberto-para-a-sua-historia-nas-unidades-de-saude-de-natal-rn>>. Acesso em 20 mar. 2012.

^{xxv} MARTINS, T. Re-encantamento... 14 set. 2008. Comentário. In: GADELHA, J.A. A tenda do conto: um espaço aberto para a sua história nas unidades de saúde de Natal-RN. 14 set. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/1931-a-tenda-do-conto-um-espaco-aberto-para-a-sua-historia-nas-unidades-de-saude-de-natal-rn>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

^{xxvi} GADELHA, J.A. Amigos muito queridos. 08 out. 2009. Comentário. In: _____. Uma orquídea no espelho. 04 out. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/8214-uma-orquidea-no-espelho>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

^{xxvii} GUEDES, R. Intensidades presentes. 20 mai. 2011. Comentário. In: PIRES, M. Um “fundamento” para a iniquidade. 17 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11805-um-fundamento-para-a-iniquidade>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

^{xxviii} OLIVEIRA, G.N. [sem título] Comentário. In: _____. A tentativa de apedrejamento da fitoterapia nas últimas semanas. 28 set. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11417-a-tentativa-de-apedrejamento-da-fitoterapia-nas-ultimas-semanas>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

^{xxix} PIRES, M. Debatendo ideias: realizando a construção de sentido. 31/05/2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/10349-debatendo-ideias-realizando-a-construcao-de-sentido>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

^{xxx} COSTA, S. Central do kit de medicamentos. 26 set. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/8137-central-do-kit-de-medicamentos>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

^{xxxi} MATTHES, C. Epidemia de. 01 jul. 2009. Comentário. In: GOMES, A.M.A. Seminário sobre redes de produção de saúde, avaliação e monitoramento mobilizam o coletivo do PI. 26 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/6871-seminarios-sobre-rede-de-producao-de-saude-avaliacao-e-monitoramento-mobilizam-o-coletivo-do-pi>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

^{xxxii} TEIXEIRA, R. Prezado Dr. Auler. 16 nov. 2009. Comentário. In: AULER. Ato médico: tanto faz. 10 nov. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/8595-ato-medico-tanto-faz>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

-
- ^{XXXIII} VOLZ, A.P.L. O uso de drogas como fenômeno cultural. 12 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11859-o-uso-de-drogas-como-fenomeno-cultural>>. Acesso em: 24 mar. 2012.
- ^{XXXIV} DUTRA, M.M. Repensando os modelos assistenciais no SUS. 14 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11870-repensando-os-modelos-assistenciais-no-sus>>. Acesso em: 24 mar. 2012.
- ^{XXXV} BORGES, D.T. Diferentes sujeitos construindo redes. 28 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/5368-diferentes-sujeitos-construindo-redes>>. Acesso em: 24 mar. 2012.
- ^{XXXVI} NASCIMENTO, D. Refletindo sobre a importância da tecnologia das relações na perspectiva do atendimento humanizado no cotidiano do PSF. 20 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/9654-refletindo-sobre-a-importancia-da-tecnologia-das-relacoes-na-perspectiva-do-atendimento-humanizado-no-cotidiano-do-psf>>. Acesso em: 24 mar. 2012.
- ^{XXXVII} TEIXEIRA, R. Quero saber mais. 24 mar. 2009. Comentário. In: ABRANTES, J.A.: “Rodas de conversas sobre a Política Nacional de Humanização disparam movimentos nas unidades de saúde de Natal-RN”. 23 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/5287-rodas-de-conversas-sobre-a-politica-nacional-de-humanizacao-disparam-movimentos-nas-unidades-de-saude-de-natal-rn>>. Acesso em: 24 mar. 2012.
- ^{XXXVIII} GADELHA, J. A. Longa história. 25 mar. 2009. Comentário. In: _____. Rodas de conversas sobre a Política Nacional de Humanização disparam movimentos nas unidades de saúde de Natal-RN. 23 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/5287-rodas-de-conversas-sobre-a-politica-nacional-de-humanizacao-disparam-movimentos-nas-unidades-de-saude-de-natal-rn>>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- ^{XXXIX} PENA, R. Magda... 23 nov. 2009. Comentário. In: _____. Ato médico??? Por que médico??? 12 nov. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/8630-ato-medico-por-que-medico>>. Acesso em: 24 mar. 2012.
- ^{XL} TRAJANO, A.R. Afinal, o que é mesmo Humanizar? 14 set. 2008. Comentário. In: RUIZ, E. A festa da humanização e a humanização de festa. 09 set. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/1894-a-festa-da-humanizacao-e-a-humanizacao-de-festa>>. Acesso em: 24 mar. 2012.
- ^{XLI} MATTHES, C. Teu post reuniu a família. 25 nov. 2009. Comentário. In: TEIXEIRA, R. “Levante sua voz” pelo direito humano à comunicação. 25 nov. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/8755-levante-sua-voz-pelo-direito-humano-a-comunicacao>>. Acesso em 24 mar. 2012.
- ^{XLII} GOMES, A.M.A. Prazer em novas invenções. 06 jul. 2009. Comentário. In: _____. Seminários de produção de saúde, avaliação e monitoramento mobilizam o coletivo do PI. 26 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/6871-seminarios-sobre-rede-de-producao-de-saude-avaliacao-e-monitoramento-mobilizam-o-coletivo-do-pi>>. Acesso em: 24 mar. 2012.
- ^{XLIII} MONTEIRO, S. Singularidades na vida & na morte. 22 ago. 2010. Comentário. In: TEIXEIRA, R. A janela. 20 ago. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11092-a-janela>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- ^{XLIV} RUIZ, E. Grande Marcos. 28 mai. 2010. Comentário. In: PIRES, M. Sobre a cobrança por fora aprovada no STF. 25 mai. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/10282-sobre-a-cobranca-por-fora-aprovada-no-stf>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- ^{XLV} PIRES, M. Fenômenos complexos. 28 mai. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/10317-fenomenos-complexos>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- ^{XLVI} TRAJANO, A.R. Salve Vera! Vamos conversando mais sobre o FSM.... 10 fev. 2009. Comentário. In: _____. Fórum Social Mundial/2009, o SUS e a PNH. 04 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/4574-forum-social-mundial-2009-o-sus-e-a-pnh>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- ^{XLVII} GUEDES, R. Tentativa de comentário (versão 1). 24 mar. 2011. Comentário. In: RUIZ, E. A EXIT e o suicídio assistido: você ajudaria alguém a se matar? 18 mar. 2011. Disponível em:

<<http://www.redehumanizausus.net/11714-a-exit-e-o-suicidio-assistido-voce-ajudaria-alguem-a-se-matar>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

^{XLVIII} RUIZ, E. Estou preocupado... 05 set. 2008. Comentário. In: PASCHE, D.F. Aprovada resolução que enfermeiros não podem diagnosticar nem prescrever. 03 set. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/1827-aprovada-resolucao-que-enfermeiros-nao-podem-diagnosticar-nem-prescrever>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

^{XLIX} MATTHES, C. Colocando para pensar. 26 ago. 2008. Comentário. In: RUIZ, E. Machado de Assis e a Humanização. 26 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/1780-machado-de-assis-e-humanizacao>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

^L ADEMARINA. O Michael Jackson está bombando na rede. 30 jun. 2009. Comentário. In: RUIZ, E. Os mitos também morrem. 26 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/6877-os-mitos-tambem-morrem>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

^{LI} GUEDES, R. Não encontro as palavras... 24 mar. 2011. Comentário. RUIZ, E. Nada é imutável. 18 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11715-nada-e-imutavel>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

^{LII} SILVA, E. Densidade. 30 jan. 2009. Comentário. In: _____. O fim da era Bush? 19 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/4455-o-fim-da-era-bush>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

^{LIII} GUEDES, R. Um aprendente em processo educativo. 18 jul. 2011. Comentário. In: PIRES, M. Mulheres e homens na RHS. 16 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11940-mulheres-e-homens-na-rhs>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

^{LIV} MARTINS, L.R. uHU!!! 14 jun. 2010. Comentário. In: PATRINUTRI. Torcer pelo Brasil no futebol e na saúde. 13 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/10481-torcer-pelo-brasil-no-futebol-e-na-saude>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

^{LV} MATIELO, D. Relendo e comentando. 04 ago. 2011. Comentário. In: PIRES, M. Mulheres e homens na RHS. 16 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11940-mulheres-e-homens-na-rhs>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

^{LVI} ELINIMAR. Orquídeas. 01 abr. 2011. Comentário. In: GADELHA, J.A. Uma orquídea no espelho. 04 out. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/8214-uma-orquidea-no-espelho>>. Acesso em 24 fev. 2012.

^{LVII} PIRES, M. Obrigado! 19 mai. 2011. Comentário. In: _____. Um “fundamento” para a iniquidade. 17 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11805-um-fundamento-para-a-iniquidade>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

^{LVIII} PIRES, M. Obrigado, Eliana. 09 fev. 2011. Comentário. In: _____. O cartão do SUS e o financiamento da saúde. 09 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11660-o-cartao-sus-e-o-financiamento-da-saude>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

^{LIX} GUEDES, R. Degustação. 08 jun. 2011. Comentário. In: PIRES, M. Utopia intermitente. 03 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11841-utopia-intermitente>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

^{LX} OLIVEIRA, G.N. Ressonâncias na rede. 06 nov. 2009. Comentário. In: _____. Lula e o ato médico! 04 nov. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/8516-lula-e-o-ato-medico>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

^{LXI} PATRINUTRI. Sem conseguir sair, estou voltando... 28 out. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/2668-sem-conseguir-sair-estou-voltando>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

^{LXII} SARDENBERG, M.L.C. Ainda estou lendo... 09 abr. 2010. Comentário. In: PETUCO, D. Saúde mental, álcool e outras drogas – contribuição à IV Conferência Nacional de Saúde Mental-Intersetorial. 04 abr. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/9808-saude-mental-alcool-e-outras-drogas-contribuicao-a-iv-conferencia-nacional-de-saude-mental-intersectorial>>. Acesso em 24 fev. 2012.

-
- LXIII PIRES, M. Pressuposto. 18 jul. 2011. Comentário. In: _____. Mulheres e homens na RHS. 16 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11940-mulheres-e-homens-na-rhs>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXIV RUIZ, E. Responder. 08 mar. 2010. Comentário. In: _____. Entre grades e leitos: dilemas da classificação sem acolhimento. 02 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/9515-entre-grades-e-leitos-dilemas-da-classificacao-de-risco-sem-acolhimento>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXV PATRINUTRI. Rede tecitura coletiva! 31 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/1364-rede-tecitura-coletiva>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXVI TEIXEIRA, R. Rede HumanizaSUS: uma experiência de rede colaborativa como dispositivo de uma política pública. 13 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11763-rede-humanizausus-uma-experiencia-de-rede-colaborativa-como-dispositivo-de-uma-politica-publica>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXVII ADEMARINA. Realidade saúde pública. 10 ago. 2008. Comentário. In: GADELHA, J.A. Cantando baião. 09 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/1572-cantando-baiao>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXVIII LIMA, R. Comentário em seu post: Videofonia de apagão ou o ser na escuridão. 30 dez. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/4333-videofonia-de-apagao-ou-o-ser-na-escuridao>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXIX PENA, R. Muito bem, Allan! 13 nov. 2009. Comentário. In: _____. Ato médico??? Por que médico???. 12 nov. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/8630-ato-medico-por-que-medico>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXX RUIZ, E. Reavivando Drummond. 13 dez. 2009. Comentário. In: OLIVEIRA, G.N. Agradecimentos ao Sr. Tech. 13 dez. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/8901-gradecimentos-ao-sr-tech>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXXI PASSOS, E. No sul aquecemos as rodas. 15 jan. 2009. Comentário. In: SILVA, C.S. Rodas em 2009. 12 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/4403-rodas-em-2009>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXXII RUIZ, E. A festa DA humanização e a Humanização DE festa. 09 set. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/1894-a-festa-da-humanizacao-e-a-humanizacao-de-festa>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXXIII CAVALCANTI, J. Jackeline e sua arte de ver a beleza no caos. 26 out. 2008. Comentário. In: GADELHA, J.A. Pelos caminhos de Adélia. 22 out. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/2622-pelos-caminhos-de-adelia>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXXIV GADELHA, J.A. Raio. 01 jan. 2009. Comentário. In: LIMA, R. Videofonia de apagão ou o ser na escuridão. 30 dez. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/4333-videofonia-de-apagao-ou-o-ser-na-escuridao>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXXV MONTEIRO, S. Amigos para sempre!!!!!! 21 jul. 2011. Comentário. In: MATTHES, C. Feliz dia do amigo. 19 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11949-feliz-dia-do-amigo>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXXVI ABRANTES, M. Pequenos botões, margaridas tímidas... 24 fev. 2010. Comentário. In: GADELHA, J.A. Pra não dizer que não falei das flores. 19 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/9381-pra-nao-dizer-que-nao-falei-das-flores>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXXVII GADELHA, J.A. A rede é um dispositivo. 09 out. 2008. Comentário. In: _____. A história do SUS na Tenda do Conto. 03 out. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/2392-a-historia-do-sus-na-tenda-do-conto>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXXVIII GUEDES, R. Um SUS abrangente. 25 abr. 2011. Comentário. In: ALMEIDA, R. O SUS que não se vê. 21 abr. 2011. Disponível em: <<<http://www.redehumanizausus.net/11770-o-sus-que-nao-se-ve>>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

-
- LXXIX GUEDES, R. Dá gosto de ler. 31 jan. 2011. Comentário. In: GADELHA, J.A. Reinventando o cotidiano. 30 jan. 2011. Disponível em: <<<http://www.redehumanizausus.net/11642-reinventando-o-cotidiano>>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- LXXX MATTHES, C. Material de trabalho. 12 abr. 2011. Comentário. In: RUIZ, E. Cibele Dorsa: quando o suicídio é uma mercadoria da grande imprensa. 06 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11745-cibele-dorsa-quando-o-suicidio-e-uma-mercadoria-na-grande-imprensa>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXXXI MATIAS, C. Tb. lembrei do Ilha... 24 ago. 2008. Comentário. In: TEIXEIRA, R. A história das coisas. 23 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/1765-a-historia-das-coisas>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXXXII SARDENBERG, M.L.C. Huxley teve um sonho premonitório. 03 fev. 2011. Comentário. In: GUEDES, R. Ficção ou realidade? 02 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11647-ficcao-ou-realidade>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXXXIII TEIXEIRA, R. É com esses cuidados... 29 out. 2008. Comentário. In: _____. Ainda nem completou nove meses... 27 out. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/2660-ainda-nem-completou-nove-meses>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXXXIV RUIZ, E. Jacqueline!!!!!!!!!!!!!! 09 nov. 2008. Comentário. In: GADELHA, J.A. Histórias que a TV não contou... 05 nov. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/2802-historias-que-a-tv-nao-contou>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXXXV SARDENBERG, M.L.C. Expansão e contágio pelo afecto. 13 fev. 2011. Comentário. In: TEIXEIRA, R. Basta de etiquetas psiquiátricas nas crianças. 12 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11662-basta-de-etiquetas-psiquiatricas-nas-criancas>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXXXVI GUEDES, R. Pensamentos sem palavras. 12 mar. 2011. Comentário. In: TEIXEIRA, R. Rizoma. 12 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11704-rizoma>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXXXVII PATRINUTRI. Apenas uma editora... 13 jun. 2010. Comentário. In: SARDENBERG, M.L.C. Godard e Ferenczi – guias da clínica com crianças. 12 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/10473-godard-e-ferenczi-guias-da-clinica-com-criancas>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- LXXXVIII SILVA, E. “Com e junto” na dimensão do cuidado. 16 mai. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/6110-com-e-junto-na-dimensao-do-cuidado>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- LXXXIX HEINDERICH, N. Momentos inesquecíveis. 17 mar. 2010. Comentário. In: RUIZ, E. E a orquestra tocou o baião! 14 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/9602-e-a-orquestra-tocou-baiao>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- XC RUIZ, E. A festa DA humanização e a humanização DE festa. 09 set. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/1894-a-festa-da-humanizacao-e-a-humanizacao-de-festa>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- XCI GUSTAVO T. Desafios. 02 ago. 2009. Comentário. In: _____. Conversando com grupos de trabalhadores I. 29 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/7147-conversando-com-grupos-de-trabalhadores-i>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- XCII GOMES, A.M.A. Respeito, afecividade e participação. 01 jul. 2010. Comentário. In: ANDUEZA, F. Oficina de inclusão digital – e a rede, como vai? 28 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/10624-oficina-de-inclusao-digital-e-a-rede-como-vai>>. Acesso em: 24 fev. 2012.
- XCIII MARTINS, L.R. Desafiando fronteiras! 17 jun. 2009. Comentário. In: TEIXEIRA, R. Políticas de humanização e saúde mental: evento será transmitido pela RHS! 16 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/6750-politica-de-humanizacao-e-saude-mental-evento-sera-transmitido-pela-rhs>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

-
- ^{XCIV} CASAROTTO, D. Rede Humaniza e formação acadêmica: experimentando... 09 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/11849-rede-humaniza-e-formacao-academica-experimentando>>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- ^{XCv} SILVA, E. Música e poesia nas rodas da participação popular, da educação em saúde e no movimento da moradia. 26 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/6875-musica-e-poesia-nas-rodas-da-participacao-popular-da-educacao-em-saude-e-no-movimento-da-moradia>>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- ^{XCvI} FORTES, P.D. Olá, Ariane! 16 out. 2010. Comentário. In: ALMEIDA, A.S. Saúde mental e atenção básica. 13 out. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/11460-saude-mental-e-a-atencao-basica>>. Acesso em: 24 mar. 2012.
- ^{XCvII} BALTAZAR, M.L.F. Formação apoiadores. 21 set. 2009. Comentário. In: PATRINUTRI. Formação de apoiadores 4 encontro em Florianópolis SC. 20 set. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/7986-formacao-de-apoiadores-4-encontro-em-florianopolis-sc>>. Acesso em: 24 mar. 2012.
- ^{XCvIII} OLIVEIRA, G. Há outros caminhos para trazer visibilidade às experiências no SUS? 08 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/7364-ha-outros-caminhos-para-trazer-visibilidade-as-experiencias-no-sus>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{XCIX} QUADROS, D. As poesias que promovem educação... Salve Elias. 17 nov. 2008. Comentário. In: SILVA, E. Beber nas águas da educação permanente. 16 nov. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/3059-beber-nas-aguas-da-educacao-permanente>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^C BERNARDI, S. Um pouco atrasada, li hoje... 13 set. 2008. Comentário. In: RUIZ, E. Machado de Assis e humanização. 26 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/1780-machado-de-assis-e-humanizacao>>. Acesso em: 24 mar. 2012.
- ^{CI} SILVA, E. “Com e junto” na dimensão do cuidado. 16 mai. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/6110-com-e-junto-na-dimensao-do-cuidado>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CII} BARROS, B. Cartilha redes. 10 mai. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/445-cartilha-redes>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CIII} TEIXEIRA, R. Rede-metáfora ou rede-acontecimento? 24 mar. 2009. Comentário. In: PAULON, S. M. Conversando sobre redes de produção de saúde com Liane Righi. 20 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/5265-conversando-sobre-redes-de-producao-de-saude-com-liane-righi>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CIV} SUREKE, E. Minha universidade do coração! 05 mai. 2009. Comentário. In: PATRINUTRI. Humanização na imprensa em Maringá/PR! 03 mai. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/5906-humanizacao-na-imprensa-em-maringa-pr>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CV} ANDUEZA, F. Oficina de inclusão digital: e a rede, como vai? 28 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/10624-oficina-de-inclusao-digital-e-a-rede-como-vai>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CVI} GADELHA, J.A. Fórum de avaliação da PNH no RN e perspectivas para 2009 – tempo de mandacaru florir. 15 dez. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/4270-forum-de-avaliacao-da-pnh-no-rn-e-perspectivas-para-2009-tempo-de-mandacaru-florir>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CVII} PATRINUTRI. Pontos de conexão! 03 ago. 2008. Comentário. In: _____. Rede tecitura coletiva! 31 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/1364-rede-tecitura-coletiva>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CVIII} GADELHA, J.A. O lixo não fala. 11 ago. 2008. Comentário. In: RUIZ, E. O lixo não fala. 07 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizadasus.net/1521-o-lixo-nao-fala>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

-
- ^{CIX} PAIVA, J. Beleza... 14 mar. 2009. Comentário. In: GADELHA, J.A. Pelos caminhos de Adélia. 22 out. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/2622-pelos-caminhos-de-adelia>>. Acesso em: 24 mar. 2012.
- ^{CX} MARTINS, T. Novas possibilidades. 10 nov. 2008. Comentário. In: LIMA, R. Construindo cirandas com a promoção da vida. 09 nov. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/2852-construindo-cirandas-com-a-promocao-da-vida>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CXI} PASCHE, D.F. Inclusão da diferença: humanização é diversidade. 22 mar. 2009. Comentário. In: RUIZ, E. Humanizar é incluir: incluir é humanizar! 19 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/5261-humanizar-e-incluir-incluir-e-humanizar>>. Acesso em: 24 mar. 2012.
- ^{CXII} GUEDES, R. Retornando ao fluxo da correnteza virtual. 19 ago. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/11081-retornando-ao-fluxo-da-correnteza-virtual>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CXIII} SARDENBERG, M. L. C. Post pura intensidade! 13 mar. 2011. Comentário. In: TEIXEIRA, R. Rizoma. 12 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/11704-rizoma>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CXIV} PAIVA, U. Direito à comunicação. 28 nov. 2009. Comentário. In: TEIXEIRA, R. “Levante sua voz” pelo direito à comunicação. 25 nov. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/8755-levante-sua-voz-pelo-direito-humano-a-comunicacao>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CXV} MONTEIRO, S. Jacque, muita beleza aqui!! 30 jan. 2011. Comentário. In: GADELHA, J.A. Reinventando o cotidiano. 30 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/11642-reinventando-o-cotidiano>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CXVI} GUEDES, R. Me disseram que esse escrito daria um post. [Será???]. 27 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/11606-me-disseram-que-esse-escrito-daria-um-post-sera>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CXVII} GUEDES, R. Visitando uma imagem que eu teimava querer esquecer. 20 mai. 2011. Comentário. In: RUIZ, E. Morte e pintura: alguns quadros de Edvard Munch. 11 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/11798-morte-e-pintura-alguns-quadros-de-edvard-munch>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CXVIII} ALMEIDA, R. C. Bullying e judicialização das relações pessoais. 05 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/11788-bullying-e-judicializacao-das-relacoes-pessoais>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CXIX} SARDENBERG, M. L. C. Todas as cidades numa só. 05 abr. 2009. Comentário. In: PIRES, M. Uma idéia, um texto, um post. 29 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/5375-uma-ideia-um-texto-um-post>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CXX} CASSEB, J. Nutrindo minha essência. 12 nov. 2008. Comentário. In: GADELHA, J.A. Histórias que a TV não contou. 05 nov. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/2802-historias-que-a-tv-nao-contou>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CXXI} HECKERT, A. Direitos humanos. 16 set. 2009. Comentário. In: HEINDERICH, N. Direitos Humanos. 13 set. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/7790-direitos-humanos>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CXXII} MARIA, S. A construção dos Colegiados de Gestão Regional da Saúde do Estado do Rio Grande do Norte: mais um passo à frente. 26 abr. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/5849-a-construcao-dos-colegiados-de-gestao-regional-da-saude-do-estado-do-rio-grande-do-norte-mais-um-passo-a-frente>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CXXIII} MATTHES, C. Resistir as trincheiras. 24 ago. 2009. Comentário. In: GADELHA, J.A. Soledade I e Panatis realizam a primeira Tenda do Conto depois do seminário Nacional. 22 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/7565-soledade-i-e-panatis-realizam-a-primeira-tenda-do-conto-depois-do-seminario-nacional>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ^{CXXIV} PATRINUTRI. Análise do trabalho coletivo. 03 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/1372-analise-do-trabalho-coletivo>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

-
- CXXV LIMA, R. Feira do Soma Sempre e a produção do comum. 10 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/7391-feira-do-soma-sempre-e-a-producao-do-comum>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- CXXVI MONTEIRO, S. Este post tr@ns porta o futuro... 18 jul. 2011. Comentário. In: PIRES, M.: Mulheres e homens na RHS. 16 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11940-mulheres-e-homens-na-rhs>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- CXXVII GOMES, A.M.A. Reflexão e convite! 29 mar. 2011. Comentário. In: SOUSA, E. A. Alguém tem o direito de chamar o Piauí de C...??? 28 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11727-alguem-tem-o-direito-de-chamar-o-piaui-de-c>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- CXXVIII BERNARDI, S. Equipe rede e grupo. 18 mai. 2008. Comentário. In: BARROS, B. Cartilha redes. 10 mai. 2008. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/445-cartilha-redes>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- CXXIX GUEDES, R. Me disseram que este escrito daria um post. [Será???] 27 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11606-me-disseram-que-esse-escrito-daria-um-post-sera>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- CXXX MARIELLA. Congresso Brasileiro Interdisciplinar de Atenção Domiciliar está com inscrições abertas. 06 out. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11435-congresso-brasileiro-interdisciplinar-de-atencao-domiciliar-esta-com-inscricoes-abertas>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- CXXXI BELLUCCI JUNIOR, J.A. Acolhimento com Classificação e Avaliação de Risco na Universidade Estadual do Norte do Paraná - campi Bandeirantes. 04 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/10404-acolhimento-com-classificacao-e-avaliacao-de-risco-na-universidade-estadual-do-norte-do-parana-campi-bandeirantes>>. 22 mar. 2012.
- CXXXII LIMA, L.A.P. 4o. Encontro do GTH Sesau Campo Grande/MS. 28 jul. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/10874-4-encontro-do-gth-sesau-campo-grandems>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- CXXXIII SANTOS, D. Frente Nacional Contra as Organizações Sociais. 09 set. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11305-frente-nacional-contras-as-organizacoes-sociais>>. Acesso em 22 mar. 2012.
- CXXXIV MARIELLA. Ranking avalia SUS do estado de São Paulo. 04 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/9529-ranking-avalia-sus-do-estado-de-sao-paulo>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- CXXXV LIMA, L.A.P. Instrumento Padrão de Pesquisa de Satisfação (IPPS). 10 jul. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/10716-instrumento-padrao-de-pesquisa-de-satisfacao-ipps>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- CXXXVI MARIELLA. Humanização é tema central da revista Saúde em Debate. 11 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11533-humanizacao-e-tema-central-da-revista-saude-em-debate>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- CXXXVII OLIVEIRA, F. Arraiá do Seu Getúlio: a grande roda humanizada. 29 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/10637-arraia-do-seu-getulio-a-grande-roda-humanizada>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- CXXXVIII ALMEIDA, A.S. Saúde mental e atenção básica. 13 out. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11460-saude-mental-e-a-atencao-basica>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- CXXXIX RUIZ, E. Futebol, Arte, Paixão e Dinheiro. 21 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/10549-futebol-arte-paixao-e-dinheiro>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- CXL MASSARO, A. Bem vindo ao deserto do real, ou, como será a vida depois da tomada do Alemão? 01 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11573-bem-vindo-ao-deserto-do-real-ou-como-sera-a-vida-depois-da-tomada-do-alemao>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- CXLI RUIZ, E. O Convívio Com a Morte No Exercício Profissional. 12 out. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizausus.net/11457-o-convivio-com-a-morte-no-exercicio-profissional>>. Acesso

em: 22 mar. 2012.

^{CXLII} FORTES, P.D. A franqueza de Jacques Derrida (ou simplesmente: da palavra “acolhimento”). 17 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/9625-a-franqueza-de-jacques-derrida-ou-simplesmente-da-palavra-acolhimento>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

^{CXLIII} GUEDES, R. Retornando ao fluxo da correnteza virtual. 19 ago. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/11081-retornando-ao-fluxo-da-correnteza-virtual>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

^{CXLIV} LIMA, R. PELO ECO DA UTOPIA NOSSO SER SE FAZ SENTIR. 19 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/9384-pelo-eco-da-utopia-nosso-ser-se-faz-sentir>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

^{CXLV} GOMES, C. C. A. Acolhendo em equipe. 28 mai. 2010. Comentário. In: OLIVEIRA, F. HGV homenageia Profissional AcolheDor. 18 mai. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/10218-hgv-homenageia-profissional-acolhedor>>. Acesso em 22 mar. 2012.

^{CXLVI} DE CRESCENZO, C. Dez com louvor. 23 ago. 2010. Comentário. In: TRAJANO, A. R. Encontro Macro Regional Sudeste da PNH. 21 ago. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/11094-encontro-macro-regional-sudeste-da-pnh>>. Acesso em 22 mar. 2012.

^{CXLVII} FORTES, P. D. Olá, Ariane! 16 out. 2010. Comentário. In: ALMEIDA, A.S. Saúde Mental e Atenção Básica. 13 out. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/11460-saude-mental-e-a-atencao-basica>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

^{CXLVIII} SARDENBERG. M. L.C. Proliferação por contágio. 17 jul. 2010. Comentário. In: RUIZ, E. O Brasil é o Terceiro Pior Lugar do Mundo para Morrer. 17 jul. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/10774-o-brasil-e-o-terceiro-pior-lugar-do-mundo-para-morrer>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

^{CXLIX} VALENÇA, M. C. A. Encantamento da Tenda... 02 ago. 2010. Comentário. In: ARAGÃO, B. E a escuta mudou o olhar. 30 jul. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/10895-e-a-escuta-mudou-o-olhar>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

^{CL} BARROS, J. Agradecimento!!!!!!!!!!!!!! 05 ago. 2010. Comentário. In: ARAGÃO, B. E a escuta mudou o olhar. 30 jul. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/10895-e-a-escuta-mudou-o-olhar>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

^{CLI} PETUCO, D. É o contrário. 27 ago. 2010. Comentário. In: KARLEC, C. L. Redução de danos x abstinência. 21 ago. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/11119-reducao-de-danos-x-abstinencia>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

^{CLII} TRAJANO, A.R. Ouso acreditar que outro mundo é possível. 01 fev. 2011. Comentário. In: GADELHA, J. A. Reinventando o cotidiano. 30 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/11642-reinventando-o-cotidiano>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

^{CLIII} PAVAN, C. Oi, Andréia. 25 abr. 2010. Comentário. In: GARCIA, A. Educação permanente e grupalidade: a experiência do NEPER. 24 abr. 2010. Disponível em: <<http://www.redehumanizassus.net/9986-educacao-permanente-e-grupalidade-a-experiencia-do-neper>>. Acesso em: 22 mar. 2012.